



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

**O Diário de uma Travesti/Artista – A busca pela raiz do ódio e
memórias performáticas**



MARINA SILVÉRIO DA SILVA

UBERLÂNDIA - MG
2020

MARINA SILVÉRIO DA SILVA

**O Diário de uma Travesti Artista – A busca pela raiz do ódio e
memórias performáticas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestra em Artes Cênicas.

Área de concentração: Artes Cênicas

Linha de Pesquisa: Estudos em Artes Cênicas - Conhecimentos e Interfaces da Cena

Orientador: Alexandre José Molina

UBERLÂNDIA - MG

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586d
2020

Silva, Marina Silvério da, 1994-

O diário de uma travesti artista [recurso eletrônico] : a busca pela raiz do ódio e memórias performáticas / Marina Silvério da Silva. - 2020.

Orientador: Alexandre José Molina.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.6012>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Teatro. 2. Artes Cênicas. I. Molina, Alexandre José, 1978-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em
Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	16 de julho de 2020	Hora de início:	10:25	Hora de encerramento:	13:40
Matrícula do Discente:	11812ARC009				
Nome do Discente:	Marina Silvério da Silva				
Título do Trabalho:	O Diário de uma Travesti/Artista – A busca pela raiz do ódio e memórias performáticas				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e Interfaces da Cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Gestão e Política Cultural na Contemporaneidade: desafios e perspectivas				

Reuniu-se de forma remota, por meio da plataforma Mconf - RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professoras Doutoras Mara Lúcia Leal (IARTE/PPGAC/UFU); Dodi Tavares Borges Leal (PPGER/UFSB); pela Artista convidada (Mestra do Saber) Caz Ångela

Além Alma Apolinário Arruda Rodrigues (UFSB); e pelo Professor Doutor Alexandre José Molina (IARTE/PPGAC/UFU), orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Alexandre José Molina, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Artes Cênicas.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Molina, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/07/2020, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **DODI TAVARES BORGES LEAL, Usuário Externo**, em 16/07/2020, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Mara Lucia Leal, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/07/2020, às 13:55,



conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Cassiano Apolinário Rodrigues, Usuário Externo**, em 25/08/2020, às 23:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2084260** e o código CRC **78D90846**.

DEDICATÓRIA

Dedico essa investigação à minha família: meus pais Sandra e Tarley e meu irmão Vinícius, por todo o apoio e amor incondicional que sentem por mim e eu por eles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e a todos os professores do programa que estiveram presentes nessa experiência: Yaska Antunes, Renata Meira, Juliana Bontempo, Maria do Socorro, Jarbas Siqueira, Luís Humberto Arantes, Daniela Aguiar e Paulina Caon.

Ao meu querido orientador Alexandre Molina, pela paciência, por não ter desistido de mim e pelos “puxões de orelha” para que eu não desistisse da pesquisa. Por me motivar, mostrando que minha escrita pode incentivar outras pessoas a escrever também. Por ter me apresentado referências textuais incríveis e por ter abraçado a mim e a esse projeto com unhas e dentes.

Ao colega de turma da graduação e do mestrado, Marcelo Camargo, por também me apresentar inúmeras referências textuais e visuais. E principalmente por enxergar a beleza das minhas ilustrações feitas no Paint e me incentivar a continuar desenhando, pois é outra forma de escrita, tão importante e esclarecedora, quanto um texto cheio de palavras.

À minha família: Sandra, Tarley, Vinícius, Mozar e Vênus, por existirem e por serem talvez, as únicas pessoas que verdadeiramente me amam e se preocupam comigo.

O seu olhar é fogo.

*Por que quando você me olha, seu olhar revela espanto?
Por que quando você me encontra, sua boca segura gargalhadas?*

*Por que quando você me nota, você nota (meu pau) e me encara
sem pudor? E por que quando eu te olho em resposta
a esse olhar insistente, você disfarça e mostra desamor?*

*O seu olhar é fogo que me bate e faz doer, em cada esquina que me
esbarra, me estreçalha, me esmaga. É mais motivo pra sofrer!*

*O seu olhar é fogo, que me mata e faz sentir!
Parece até que nunca cruzou com uma travesti.*

Marina Silvério.

RESUMO

Esta dissertação fala das trocas e relações interpessoais da artista/travesti Marina Silvério com a sociedade e como essas experiências são expressas através da arte e da narrativa de memórias, sobre o assunto Transgeneridade. Um memorial em forma de Diário relata algumas histórias que conectam o Teatro, a Música e as Artes visuais, com a transição de gênero de Marina, de acordo com o seu ponto de vista individual, experiências e cultura. A confirmação e validação do que é relatado na dissertação, ocorre através de citações, no texto, escritas principalmente por pessoas trans, como Dodi Leal, Sayonara Nogueira, Jaqueline Gomes de Jesus, Viviane Vergueiro, Amara Moira, Renata Carvalho, Jota Mombaça e Pêdra Costa. São transmitidas informações sobre a construção do gênero feminino, a construção de um novo/outro/mesmo EU, informações e relatos sobre a Hormonização de mulheres transexuais/travestis e como a sociedade reage e lida diariamente quando se depara e se relaciona com uma travesti. É feito um estudo que busca possíveis origens e causas do ódio e da não-aceitação de pessoas trans/travestis pela sociedade. O estudo ocorre através de pesquisas e entrevistas com pessoas trans e travestis e pretende esclarecer os motivos e possíveis causas da violência contra pessoas trans/travestis, da transfobia estrutural e porque a sociedade reserva à pessoas trans/travestis sentimentos de ódio, nojo e ridicularização, ditando/pregando a *CisHeteroNormatividadeCristã* e condenando aqueles que não a seguem. Por fim, são feitas desmontagens escritas de quatro performances/cenas de teatro que se referem aos assassinatos de pessoas trans/travestis por transfobia, aos ideais femininos de beleza, fragilidade e fertilidade inalcançáveis (pensamentos preconceituosos guiados por conceitos religiosos, capitalistas e patriarcais) e sobre o nojo, o ódio e a ridicularização dessas pessoas pela sociedade.

Palavras-chave: Transgeneridade, Arte/Teatro, Transfobia, Desmontagem Escrita, Autobiografia.

ABSTRACT

This Master's dissertation speaks about the exchanges and interpersonal relations of the artist / transvestite Marina Silvério with society and how these experiences are expressed through art and the narrative of memories, on the subject Transgender. A diary-shaped memorial recounts some stories that connect Theater and Art (music) with Marina's gender transition, according to her individual point of view, experiences and culture. Confirmation and validation of what is reported in the dissertation occurs through direct and indirect citations in the text, written only by trans people: Dodi Leal, Sayonara Nogueira, Jaqueline Gomes de Jesus, Viviane Vergueiro, Amara Moira, Renata Carvalho, Jota Mombaça and Pêdra Costa. Information on femaleconstruction, the construction of a new US, information and reports on the hormonal treatment of transgender / transvestite women and how society reacts and deals daily when confronted with a transvestite is transmitted. A study is done that seeks possibleorigins and causes of hatred and non-acceptance of trans / transvestites by society. The study takes place through research and interviews with trans and transvestite people and aims to clarify the reasons and possible causes of violence against trans /transvestites, structural transphobia and why society reserves to trans / transvestites people feelings of hatred, disgust and ridicule, dictating / preaching Christian CisHeteroNormativity and condemning those who do not follow it. Finally, threetheatrical performances / scenes are disassembled that refer to the murders of trans /transvestite people for transphobia, the feminine ideals of unreachable beauty, fragilityand fertility (prejudiced thoughts guided by religious, capitalist and patriarchal concepts) and disgust, hate and ridicule these people for society.

Keywords: Transgender, Art / Theater, Transphobia, Disassembly
Autobiography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 (CAPA) – MÁSCARA TRAVESTI DOUBLE PROTECTION	01
FIGURA 2 (O OLHO DO CU) – BRISA.....	11
FIGURA 3 (O OLHO DO CU) – SOPA DE LETRINHAS CAMPBELL OU MISANTROPIA	14
FIGURA 4 (GLOSSÁRIO) – ROUGE E BATOM	17
FIGURA 5 (GLOSSÁRIO) – A ABOMINÁVEL MULHER DAS NEVES	27
FIGURA 6 (CAP. 1) DRAMA QUEEN.....	29
FIGURA 7 (CAP. 1) CACHORRA TRAVESTI.	32
FIGURA 8 (CAP. 1) SOL, CACHORRA, MAROCA.....	34
FIGURA 9 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) MARINA CARRIE, A TRAVA ESTRANHA	40
FIGURA 10 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) MAR.....	48
FIGURA 11 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) O BEIJO DA TRAVESTI VOLUME I	53
FIGURA 12 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) CRUCIFICAÇÃO DA MENINA JESUS OU CRISTO INVERTIDO	58
FIGURA 13 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) O HIEROFANTE	60
FIGURA 14 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) MARINA, deus E O diabo NA TERRA DO SOL.....	65
FIGURA 15 (1.1 TRÊS TRAVESTIS) INFERNO.....	68
FIGURA 16 (1.2 TRANSVIADAS) TRANSVIADAS	72
FIGURA 17 (1.2 TRANSVIADAS) MARINA SER HABITANTE DA SELVA DA SELVA	75

FIGURA 18 (1.2 TRANSVIADAS) CUMPRIMENTOS E FORMALIDADES URBANAS / RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM A SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....	81
FIGURA 19 (1.2 TRANSVIADAS) É HOMI OU MUIÉ? – RESPOSTA: MENINA! ...	85
FIGURA 20 (1.2 TRANSVIADAS) INVISIBILIDADE TRANS	89
FIGURA 21 (1.2 TRANSVIADAS) LEVE COMO LEVE PLUMA MUITO LEVE, LEVE POUSA	92
FIGURA 22 (1.2 TRANSVIADAS) O BEIJO DA TRAVESTI VOLUME II	94
FIGURA 23 (1.2 TRANSVIADAS) DAMA DE PAU(S) E SACO	99
FIGURA 24 (1.2 TRANSVIADAS) PROSTITUIÇÃO DA ARTE.....	105
FIGURA 25 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) CHUVA DE DRÁGEAS.....	109
FIGURA 26 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) O DIA EM QUE O ID MATOU O SUPEREGO	115
FIGURA 27 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) A SENHORA PÊNIS E O SENHOR VAGINA SAÍRAM PARA PASSEAR	123
FIGURA 28 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) TODOS OS OLHOS / PASSABILIDADE.....	126
FIGURA 29 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) MARINA ADAMS CROWLEY LAVEY KLEPOTH.....	133
FIGURA 30 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) O OLHAR DE UM HOMEM CIS HÉTERO SOBRE UM CORPO TRANSVESTI.....	138
FIGURA 31 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) O OLHAR DE UMA MULHER CIS SOBRE UM CORPO TRAVESTI	139

FIGURA 32 (1.3 HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS) O OLHAR DE UM HOMEM CIS GAY SOBRE UM CORPO TRAVESTI	140
.....
FIGURA 33 (CAP. 2) BLA BLA BLA.....	147
.....
FIGURA 34 (CAP. 2) DEUSA É UMA TRAVESTI, TRAVESTI É UMA DEUSA.....	148
.....
FIGURA 35 (CAP. 2) CRIANÇA TRANS EM BUSCA DE RESPEITO, SINCE 1994	151
.....
FIGURA 36 (CAP. 2) DEUSA KALI MARINA DA SELVA.....	153
.....
FIGURA 37 (2.1 O SACO) MARINA MAGRITTE	155
.....
FIGURA 38 (2.2 O PAU) CARA DE PAU	159
.....
FIGURA 39 (2.2 O PAU) CONTRAMÃO	162
.....
FIGURA 40 (2.3 A PORRA) SANTA SANGRE	164
.....
FIGURA 41 (2.3 A PORRA) REZA	167
.....
FIGURA 42 (CAP. 3) MARI.NA.METRÓPOLE	172
.....
FIGURA 43 (CAP. 3) DRAGOA	175
.....
FIGURA 44 (3.1 CACTUS) OFÉLIA DE BRUÇOS, OFÉLIA INVERTIDA.....	178
.....
FIGURA 45 (3.1 CACTUS) O GUIA DA MOCHILEIRA DAS GALÁXIAS OU TROCAS URBANAS E RELAÇÕES AFETIVAS	188
.....
FIGURA 46 (3.2 BALÉ DE LIXO) BALÉ DE LIXO	194
.....
FIGURA 47 (3.2 BALÉ DE LIXO) ÁGUA POTÁVEL	198
.....
FIGURA 48 (3.2 BALÉ DE LIXO) MARINA MEDUSA.....	203
.....
FIGURA 49 (3.2 BALÉ DE LIXO) CHUVA DETOX OU CHUVA INTERIOR	208
.....
FIGURA 50 (3.3 STAND UP) PALHAÇA TRAVESTI.....	210
.....
FIGURA 51 (3.3 STAND UP) HAHAHA / EVERY FUCKIN' DAY.....	214
.....

FIGURA 52 (3.3 STAND UP) UNICÓRNIA..... 223

FIGURA 53 (3.3 STAND UP) CAMARÃOSUTRA VOL.1,2,3 e 4..... 229

SUMÁRIO

O OLHO DO CU.....	11
GLOSSÁRIO.....	17
CAPÍTULO 1 - eu MARINA, tu MARINAs, ela MARINA, nós MARINAmos	29
1.1 – TRÊS TRAVESTIS.....	40
1.2 – TRANSVIADAS.....	72
1.3 – HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS / TROCAS URBANAS....	109
CAPÍTULO 2 – O MANIFESTO TRANSGÊNERO	147
2.1 – O SACO.....	155
2.2 – O PAU	159
2.3 – A PORRA.....	164
CAPÍTULO 3 – PERFORMANCES DE COMBATE.....	172
3.1 – CACTUS.....	178
3.2 – BALÉ DE LIXO	194
3.3 – STAND UP.....	210
CONSIDERAÇÕES FINAIS	231
REFERÊNCIAS.....	236
APÊNDICES	244
ANEXOS	253

O OLHO DO CU



Figura 2 – Brisa (2019) – Ilustração Digital (Técnica Mista) / Marina Silvério.

Pessoa que está lendo, Legente, encabeço meus rabiscos parafraseando Tom Zé¹, em sua canção Todos os Olhos:

Querido Diário:

*de vez em sempre todos os olhos se voltam para mim de lá de dentro da escuridão
esperando e querendo que eu seja um herói, um galã, um rapaz latino-americano.*

Para a sociedade, eu não sou inocente.

Eu sou indecente.

Sou incoerente.

Não sei de nada.

Não tenho chicote.

EU SOU LINDA, LIVRE, SOU A HEROÍNA E A DEUSA DA MINHA VIDA!

¹ Tom Zé é um cantor cisgênero, compositor, arranjador, jardineiro, librano e brasileiro.

E todos esses olhares que se voltam sempre para mim, querendo que eu seja “normal” e “homem”, me motivaram a escrever sobre essas relações interpessoais e a maneira como internamente, processo e lido com cada um desses encontros e trocas visuais.

O texto que você está prestes a ler, são fragmentos de histórias que aconteceram na minha vida enquanto mulher transgênera/travesti/transvestigênera. Sob um âmbito pessoal, narrando minhas experiências individuais, volto meu olhar para questões amplas e sociais que envolvem outras mulheres trans/travestis que certamente enfrentam os mesmos conflitos internos, externos e gozam de conquistas que poderiam ser mais grandiosas, caso a sociedade cisgênera abraçasse e aceitasse nossa existência.

A marginalização compulsória em que nós, pessoas trans/travestis, estamos inseridas, nos afasta da sociedade e espanta o interesse do CISdadão em se atentar mais sobre o nosso universo e sobre todo o léxico e vocabulário presente nele. Por isso, sacio vossa curiosidade e lanço em primeira mão um (Gloss)ário recheado de palavras trans, que talvez possam ser desconhecidas.

A dissertação está dividida em três capítulos que falam das minhas experiências pessoais enquanto mulher trans, das relações interpessoais com pessoas cisgêneras, a causa dessas relações interpessoais gerarem conflitos e a resposta a esses ataques violentos e conflituosos, através da arte e seu potencial de educar e informar essas pessoas cisgêneras ignorantes e/ou transfóbicas.

O primeiro capítulo, Eu MARINA, Tu MARINAs, Ela MARINA, Nós MARINAmos, brinca no título com o fato do meu nome Marina, ser muito semelhante e ter relações com o verbo MARINAr, referente à MARINAda, uma técnica culinária para temperar alimentos (geralmente carnes) que consiste em deixá-los num molho à base de sal, limão e temperos, que podem realçar, adicionar, retirar o sabor do alimento, amaciá-lo, umedecê-lo, entre outros fins, dependendo da mistura de especiarias utilizadas. A ação de MARINAr algo, descreve exatamente a forma como acontece a construção do meu EU. A construção de quem sou hoje e como serei amanhã. Eu, um “pedaço” de carne suculenta, hormonizada e ferida, acrescento e modifico meus sabores, texturas e temperamentos, diariamente, a cada nova relação conflituosa de dissabores que envolvem pessoas azedas, apimentadas e insossas. Todo conflito que vivencio com a sociedade, por ser trans, seja quando sou tratada no masculino (ele), quando recebo olhares coercitivos e opressores ou quando sou alvo de relacionamentos

fetichistas e rejeições transfóbicas, todas essas violências aumentam à minha carne, assim como na MARINAda, temperos diferentes, que modificam o meu gosto e me tornam quem sou.

Essa compreensão do corpo segundo a Teoria Corpomídia (Katz & Greiner, 2004) nos diz de um intenso trânsito de trocas, no qual os processos perceptivos não cessam de ser atualizados por novas relações que redefinem contextualmente o próprio corpo. Temos, aí, uma teoria do corpo em mutação, corpo que vive “na plasticidade do sempre-presente”, sendo atravessado, compondo com o ambiente. E por que não dizer corpo monstruoso, retomando J. J. Cohen: híbrido, disruptivo, resistente a toda tentativa de inclusão em estruturações sistemáticas. Daí a proposta de “abolição da moldura disciplinar” em prol de uma abordagem contextual e transitória que force a produção de conhecimento a assumir a precariedade que a constitui, abrindo-a à multiplicidade de estratégias e procedimentos metodológicos requerida por esse corpo indisciplinar. (MOMBAÇA, 2016. P. 344).

RECEITA – Picadinho de Rabada da Travesti

- ❖ 2 colheres de sopa de ódio (vão deixar minha carne com gostinho de repulsa e tristeza).
- ❖ Três xícaras de chá de nojo e tesão no sigilo (deixam minha carne com um sabor predominante de raiva da sociedade e um leve aroma de depressão).
- ❖ Bata os ingredientes em um liquidificador.
- ❖ Pique a rabada crua da Travesti e despeje a mistura do liquidificador na carne.
- ❖ Deixe MARINAr por alguns minutos.
- ❖ Bom apetite!



Figura 3–Sopa de Letrinhas Campbell ou Misantropia (2019) – Ilustração Digital /Marina Silvério

O primeiro capítulo descreve quem eu sou, de onde venho e para onde pretendo ir. Narra pedaços da minha infância, histórias sobre minhas raízes (família) e experiências na minha formação escolar e na graduação. O capítulo possui outros três subcapítulos:

1.1 – Três Travestis: que se refere à uma desmontagem escrita, ou seja, narra sobre o processo de criação, construção e apresentação da peça teatral Três Travestis, dirigida por mim e que envolve atrizes trans/travestis.

1.2 - Transviadas: fala do processo de criação, da produção e inserção no meio musical da banda que participo, Transviadas.

1.3 – Hormonização e as Relações Afetivas / Trocas Urbanas: que relata detalhes sobre Hormonização e os seus efeitos físicos e psicológicos. Fala das relações interpessoais que vivencio com a sociedade cis e trans, das trocas urbanas afetivas e virtuais e das relações preconceituosas e violentas, guiadas por fundamentos religiosos, machistas, transfóbicos e capitalistas.

O segundo capítulo, O Manifesto Transgênero, é resultante de um artigo escrito por mim, na fase inicial da pesquisa. Fala da violência e da marginalização de pessoas trans e travestis e o adensei com outras informações. Desmonto a peça teatral

Transgênica, que desconstrói a imagem da Travesti na posição de vítima indefesa, que é assassinada e suicidada pela cisgenerideade e dá a ela o poder de matar e vingar as mortes das outras travestis que são constantemente assassinadas e suicidadas. E por fim, faço uma entrevista com mulheres trans binárias universitárias e artistas, com o intuito de identificar as possíveis razões para que a sociedade reserve a nós sentimentos e tratamentos regados à ódio, intolerância, nojo e ridicularização.

O terceiro capítulo, Performances de Combate, é dividido em três subcapítulos e desmonta de forma escrita, três performances teatrais:

1.1 – Cactus: que fala sobre os assassinatos de travestis e transexuais no Brasil.

1.2 - Balé de Lixo: que fala sobre a busca pela feminilidade (fragilidade e fertilidade) e a visão da sociedade sob um corpo travesti.

1.3 - Stand Up: que fala sobre o nojo, a raiva e a vontade de rir, que algumas pessoas sentem quando *cruzam* com uma travesti.

Todas as Ilustrações Digitais presentes no texto, são autobiografias e autorretratos que acrescentam através de outras linguagens e leituras, ainda mais informações a respeito do meu transuniverso. As ilustrações são traduções da minha vida travesti.

Nas considerações finais, é reforçada a ideia que a pesquisa tenta transmitir. Através da autobiografia e das relações interpessoais com a sociedade, crio experimentos cênicos que abordam diferentes problemas sociais envolvendo pessoastrans/travestis e os desmonto através da escrita, discorrendo sobre a alteridade ignorada pela sociedade e sobre o seu ódio e deslegitimização em relação à Transgenerideade.

Boa Leitura! Espero que meus relatos sejam fulgidos, instrutivos e instigantes!

GLOSSÁRIO²



Figura 4 – Rouge e Batom (2018) – Ilustração Digital (Técnica Mista) / Marina Silvério

Legente, apresento-lhe este Glossário que tenta traduzir e dar significado à algumas das palavras presentes no universo transvesti. Geralmente, o Glossário localiza-se ao fim do texto acadêmico, mas propositalmente o coloquei no início do meu texto, para que você já comece a leitura submergindo e se emaranhando nesse universo. Absorvendo nosso dialeto com o intuito de desmistificá-lo e aproximando nossa cultura transvestigênere a qualquer que seja a sua cultura.

- ◆ **ANDROGINIA** – Refere-se à mistura de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma de descrever algo que não é nem masculino (Android) e nem feminino (Gyne).
- ◆ **AQUENDAR / TRUCAR A NECA** – Expressão popular na linguagem Pajubá, que significa esconder/ocultar o pênis, para que seu volume não apareça em roupas

² As informações contidas no Glossário, foram escritas por mim, retiradas do Manual de Comunicação LGBT - organizado pela ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis) e também retiradas do site Brasil Escola e da polêmica Wikipédia, que é uma rede de compartilhamento popular de informações. Nenhuma definição das palavras presentes no Glossário foi retirada integralmente dos sites e manual que aqui citei. Todas foram parafraseadas e/ou alteradas de acordo com o modelo da minha escrita, minha sensibilidade e daí que eu acredito que se trata realmente cada termo, comuns no universo *transvesti*.

justas. É uma ação comum entre Travestis e Transexuais que não fizeram a Cirurgia de Redesignação Sexual e também comum entre Drag Queens.

- ◆ **ATRAÇÃO / ORIENTAÇÃO SEXUAL** - É um termo que está relacionado com as diferentes formas de atração afetiva e sexual de cada um. Esse conceito veio substituir o de “opção sexual” visto que as pessoas não escolhem sua orientação, elas desenvolvem sua sexualidade ao longo da vida. Ex: Heterossexual, Homossexual, Pansexual, Bissexual, etc.
- ◆ **BISSEXUAL (Bi)** - É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os gêneros (masculino e feminino). Bi é uma forma reduzida de falar de pessoas Bissexuais.
- ◆ **CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL** - É o procedimento cirúrgico pelo qual as características sexuais/genitais de nascença de um indivíduo são mudadas para aquelas socialmente associadas ao gênero que ele se reconhece. Redesignação ou readequação de gênero são palavras que substituem o termo antiquado “mudança de sexo”. A cirurgia pode fazer parte, ou não, da transição física de transexuais e transgêneros. Ex: Vaginoplastia e Faloplastia.
- ◆ **CISGENERIDADE:** *categoria identitária, que se refere a pessoas cuja referencial do “próprio” sexo coincide com aquele assignado pelos discursos médico e jurídico ao nascer. Distingue binariamente homens ou mulheres, sem abrir margem para outras identificações.* (CABRAL, 2015).
- ◆ **CISGÊNERO (CIS)** - É o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Por exemplo, uma pessoa que nasce com pênis (órgão sexual masculino, de acordo com a visão da cisgeneridade) se expressa socialmente conforme dita o papel de gênero masculino e se reconhece como um homem, é considerado um homem cisgênero. A palavra cis significa “do mesmo lado” ou “ao lado de”, em latim, ou seja, este prefixo faz referência à concordância da identidade de gênero do indivíduo com a sua configuração hormonal e genital de nascença.

- ◆ **DEAD NAME** – Nome morto ou nome de nascimento (birth name) é o nome que foi dado a uma pessoa transgênero, no momento do seu nascimento e que já não é mais usado, porque foi substituído pelo nome verdadeiro que condiz com o gênero ao qual a pessoa trans, pertence.
- ◆ **DISFORIA DE GÊNERO** - É uma condição caracterizada pelo desconforto persistente em relação às características que remetam ao gênero atribuído ao nascer. São geralmente características físicas que geram por exemplo, em uma mulher trans, certo incômodo: a altura elevada, pés grandes, ombros largos, pelos faciais, gogó ou pomo-de-adão, voz grave, músculos nos braços. O objetivo da hormonização, que pode incluir acompanhamento endócrino, psicológico e cirúrgico, está em levar o indivíduo trans a se sentir mais confortável com sua identidade de gênero, com o seu corpo, aumentar seu bem-estar psicológico e atingir sua auto realização. Lembrando que, a hormonização não é obrigatória para que uma pessoa se torne trans, ela é opcional.
- ◆ **DRAG QUEEN** – São personagens femininas criadas por pessoas que se fantasiam cômica ou exageradamente, com o intuito geralmente profissional artístico. Essas pessoas podem ter qualquer gênero e orientação sexual, mas geralmente, Drag Queens são homens gays cis que se vestem com roupas exageradas femininas: peruca, enchimentos nos seios, quadris e bumbum. Utilizam muitos acessórios e muita maquiagem para transformar e feminilizar seu rosto (cobrir a barba, tapar a sobrancelha, afinar traços “grosseiros”, colar unha postiça). Ex: Pabllo Vittar, RuPaul, Rita Von Hunty, Glória Groove, etc.
- ◆ **EXPRESSÃO / APRESENTAÇÃO DE GÊNERO** - É como uma pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais e da forma como interage com as demais pessoas. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu gênero.

◆ **GAY** - É o homem cis ou trans que se sente atraído sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo gênero que o seu, outros homens cis ou trans. São pessoas que sentem atração sexual pela masculinidade. Ser gay não é necessariamente gostar de pessoas que possuem pênis. Essa é uma visão excludente, genitalista, transfóbica e objetificadora. Gays não precisam ter experiências sexuais com mulheres e nem homens, para se identificarem como gays. Lembrando que, não existem mulheres gays, o termo correto é lésbica.

◆ **GÊNERO** - Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há pessoas que possuem pênis, pessoas que possuem vagina e ainda pessoas intersexuais na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não da decorrência da anatomia de seus corpos.

◆ **GÊNERO BINÁRIO** – Também conhecido como binarismo ou binariedade de gênero, é a classificação do sexo e do gênero em duas formas distintas, opostas e desconectadas: o masculino e o feminino. É um dos tipos gerais de sistemas de gênero, no qual a sociedade cis e trans divide as pessoas entre homem e mulher e determina para elas, papéis sociais de gênero, identidades de gênero e atributos. Papéis de gênero são um dos aspectos de um sistema de gêneros binários. Várias sociedades utilizam o binarismo de gênero para dividir e organizar as pessoas da comunidade. Ex: A mulher cuida dos afazeres da casa e da educação das crianças (filhos); O homem sustenta, protege e abastece a casa. Transgêneros binários dividem-se em: Mulheres Transexuais, Homens Transexuais e Travestis.

◆ **GÊNERO NÃO-BINÁRIO** - Não-binariedade de gênero ou identidade não-binária é um termo que abrange várias identidades de gênero diferentes dentro de si, que não sejam integral e exclusivamente representadas por homem ou mulher, estando portanto fora do binarismo de gênero e da normatividade vigente. Transgêneros não-binários, são pessoas que podem ter variadas identidades de gênero, que se diferem da tradicional normatividade binária e que divide os gêneros

em apenas masculino e feminino. Ex: Agênero, Aliagênero, Bigênero, Demigênero, Gênero Fluido, Pangênero, Trigênero, etc.

- ◆ **HERMAFRODITA** – A palavra tem sua origem na Grécia Antiga. Os gregos possuíam um deus chamado Hermafrodita, que era o patrono da união sexual. Filho de Hermes e Afrodite, possuía mamas e pênis. O termo hoje em dia é antiquado e foi substituído pela palavra INTERSEXUAL e se refere a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino.
- ◆ **HETERONORMATIVIDADE** - Expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Esse padrão de comportamento é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade. Esse conceito é a base de argumentos discriminatórios e preconceituosos contra LGBQs e a comunidade Transvestigênero, principalmente aos relacionados à formação de família e expressão pública. Para CABRAL (2015) é *uma rede difusa e heterogênea de discursos, práticas e tecnologias que patologizam e punem todos os relacionamentos sexo-afetivos que funcionam fora da diferenciação entre “homens” e “mulheres”*.
- ◆ **HETEROSEXUAL (HÉTERO)** - É o homem ou mulher cis ou trans que se sente atraído sexual, emocional ou afetivamente por pessoas cis ou trans do gênero oposto ao seu. Heterossexuais não precisam ter experiências sexuais com pessoas do outro gênero para se identificarem como tal.
- ◆ **HOMEM TRANS** – Podem também ser chamados: Homem transexual ou transgênero, é a pessoa que nasceu com uma vagina, caso não seja intersexual e lhe foi atribuído um gênero que não corresponde ao que ele se identifica, pois se identifica como homem, do gênero masculino. Podem sentir disforias e optar por fazer a transição de gênero. Um processo que pode incluir hormonização e às vezes cirurgia de redesignação sexual, oferecendo bem-estar e melhorando a auto estima dessas pessoas. Homens trans podem ser heterossexuais, bissexuais, gays, assexuais ou

identificar-se com outros termos. Homens trans enfrentam uma vasta quantidade de discriminação: a transfobia no emprego (a maioria das empresas formais não contrata pessoas trans), no acesso à moradia e nas relações diárias com a sociedade. Enfrentam violência física, sexual e crimes de ódio envolvendo até mesmo parceiros amorosos. Homens trans devem ser tratados no masculino (ele, o, dele, nele). Ex: Thammy Miranda, João W. Nery, Paul Preciado, Tarso Brant, etc.

- ◆ **HOMOSSEXUAL** - É a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo gênero. Ex: Lésbicas e Gays.
- ◆ **IDENTIDADE DE GÊNERO** – É o gênero com o qual uma pessoa se identifica (masculino, feminino, outro) que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento, independente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem, portanto, pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais ou pansexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. É a constituição do sentimento individual de identidade de cada pessoa.
- ◆ **LÉSBICA** - É a mulher cis ou trans que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo gênero que o seu, outras mulheres cis ou trans. São pessoas que sentem atração sexual pela feminilidade. Ser lésbica não é necessariamente gostar de pessoas que possuem vagina. Essa é uma visão excludente, genitalista, transfóbica e objetificadora. Lésbicas não precisam ter experiências sexuais com outras mulheres e nem com homens, para se identificarem como lésbicas.
- ◆ **LGBTQIA+** - LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. Para reconhecer essa inclusão, uma variante popular, adiciona a letra Q para aqueles que se identificam como Queer. LGBTQ foi registrado em 1996. Posteriormente, um sinal de + passou a ser adicionado ao final para representar qualquer outra pessoa que não esteja incluída na sigla. Em 2018, a sigla incorporou mais letras, tornando-se LGBTQICAPF2K+. Algumas questões que lanço ao universo: Por que Heterossexuais não estão inclusos na sigla LGBTQIA+, já

que ela se refere à orientação sexual? Por que pessoas trans estão inclusas na sigla LGBTQIA+, se transgênero é uma identidade de gênero e não orientação sexual? Eu, Marina, não me considero uma pessoa LGBTQIA+.

[...] as letrinhas da sigla LGBT. LGB são pessoas não heterossexuais, dizem respeito às orientações sexuais, e o T são pessoas trans*, diz respeito às identidades de gênero. Percebiam, contudo, que essa definição, a priori, “correta”, mobiliza certas evidências, pré-construídas. Por que, ao falar sobre pessoas não-heterossexuais, sempre referenciamos pessoas cisgêneras? Quem são os (cisgêneros) gays, lésbicas e bissexuais afinal de contas? Por que o tema da identidade de gênero é sempre secundarizado (e como isso se dá historicamente, na materialização dos discursos?)? Os LGB são sempre os homens e mulheres (cisgêneros) que se atraem por homens e mulheres (cisgêneros); enquanto que o T apenas atrapalha essa cadeia de significações. Essa é uma das evidências de sentido sobre a sigla LGBT: a tensão/contradição entre a reunião entre orientações sexuais desviantes e identidades de gêneros desviantes não é “resolvida” (ou é para mim, enquanto transfeminista, a materialização de um discurso cissexista) de forma satisfatória pela posição de sujeito cisgênera, na medida em que apaga possibilidade de (existência do) sujeito trans*, e também apaga a própria possibilidade do sujeito trans* de ter uma sexualidade (!). Não somos destituídxs “apenas” da família, do acesso à educação e empregos, mas também da ordem significante que simboliza a sexualidade. Não temos também o direito de termos desejos! A sexualidade de uma mulher trans* em especial é vista de forma abjeta pelo discurso médico. Somos obrigadas a realizar o impossível em busca do laudo: ora performando uma identidade heterossexual legitimada socialmente, ora performando uma identidade assexual na qual nunca é suficiente, já que sempre somos passíveis de sermos desqualificadas enquanto mulher e enquanto ser humano por qualquer sinal (ou ausência) de sexualidade/gênero. (BAGAGLI, 2014. P. 2).

- ◆ **MAPOA** – Expressão popular na linguagem Pajubá, que significa Mulher. Indivíduo do sexo feminino. Existem variantes da palavra, que possuem a mesma definição: Amapô, Mapô, Mapoua.
- ◆ **MARICONA** – Homens gays ou bi, de idade avançada. Geralmente a maricona é representada por um homem mais velho, cisgênero, casado com mulher cisgênero, que gosta de outros homens e mantém essas relações homoafetivas em segredo da sua família.
- ◆ **MULHER TRANS** - Podem também ser chamadas: Mulher transexual ou transgênera, é a pessoa que nasceu com um pênis, caso não seja intersexual e lhe foi atribuído um gênero que não corresponde ao que ela se identifica, pois se identifica como mulher, do gênero feminino. Podem sentir disforias e optar por fazer a transição de gênero. Um processo que pode incluir hormonização e às vezes cirurgia de redesignação sexual, oferecendo alívio e melhorando a auto estima dessas pessoas. Mulheres trans podem ser heterossexuais, bissexuais, lésbicas, assexuais ou

identificar-se com outros termos. Mulheres trans enfrentam uma vasta quantidade de discriminação: a transfobia no emprego (a maioria das empresas formais não contrata pessoas trans) no acesso à moradia e nas relações diárias com a sociedade. Enfrentam violência física, sexual e crimes de ódio envolvendo até mesmo parceiros amorosos. A discriminação é particularmente severa com mulheres trans, principalmente quando representam também uma minoria racial, e passam a enfrentar transfobia e racismo. Mulheres trans devem ser tratadas no feminino (ela, a, dela, nela). Ex: Marina Silvério (eu), Dodi Leal, Caz Ângela, Roberta Close, Jaqueline Gomes de Jesus, Sayonara Nogueira, etc.

- ◆ **NOME SOCIAL** - Nome social é o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis ou qualquer outro gênero preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado, que não reflete sua identidade de gênero. A identidade do nome social é vinculada com a identidade civil original. O nome social só é usado quando a pessoa ainda não retificou seus documentos originais.
- ◆ **PAJUBÁ** - É o nome de um dialeto da linguagem popular, constituído da inserção em língua portuguesa de numerosas palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais e europeias, muito usado por praticantes de religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda) e principalmente pela comunidade Transvestigênere. Ex: Dar a Elza (roubar), Ocó (homem), Edí (ânus), Alibã (polícia).
- ◆ **PANSEXUAL (PAN)** - É a atração sexual, romântica ou emocional em relação às pessoas, independentemente de seu órgão genital ou identidade de gênero. Pessoas pansexuais podem se referir a si mesmas como cegas a gênero, afirmando que gênero e sexo não são fatores determinantes em sua atração sexual ou romântica por outros.
- ◆ **PASSABILIDADE** – Refere-se ao quanto um homem ou uma mulher trans "passam por" um homem ou mulher cisgênero. É quando a pessoa trans é lida pela

sociedade como se fosse cis por possuir características físicas (altura, voz, barba, músculos) semelhantes à de pessoas cis normativas ou não. É passar despercebido e não atrair todas as atenções pelo fato de ser trans/travesti.

- ◆ **QUEER** – São pessoas que não seguem o modelo de cismatrizividade ou do binarismo de gênero ou mesmo da heteronormatividade. O termo é usado para representar gays, lésbicas, bissexuais e pansexuais (cis e não-héteros) e também as pessoas Transgêneras: não-binárias e transexuais (trans, héteros e não-héteros) ou seja, todos os que não se identificam como heterossexuais e/ou cismatizadores e/ou binários, de forma análoga à sigla LGBTQ+. A palavra é uma gíria inglesa, que significa "estranho, ridículo, excêntrico, raro, extraordinário."
- ◆ **SEXO BIOLÓGICO** – São os órgãos genitais, um conjunto de informações cromossômicas, com capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias. Ex: pênis e vagina.
- ◆ **SEXUALIDADE** - Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evolucionando e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.
- ◆ **TRANSEXUAL** – É a pessoa cuja identidade de gênero difere do gênero designado no seu nascimento. Uma pessoa transexual geralmente procura fazer a transição social para outro gênero, através da retificação de documentos, acompanhamento médico e psicológico, hormonização e cirurgia de redesignação sexual. É um termo que já está ultrapassado e caindo em desuso, sendo substituído por Transgênero e Transgeneridade.

- ◆ **TRANSFOBIA** – São diversas atitudes negativas, sentimentos ou ações contra pessoas transexuais e transgêneros, ou em direção à transgeridez. Pode ser expressada como repulsa emocional, medo, violência, raiva ou desconforto em relação a pessoas que não correspondem com a normatividade cisgênera, exigida pela sociedade. É um tipo de preconceito e discriminação, frequentemente expressa ao lado de visões homofóbicas e sexistas.
- ◆ **TRANSGÊNERO** – Refere-se à pessoa cuja identidade de gênero difere do gênero designado ou imposto no momento de seu nascimento. É o oposto de Cisgênero. A palavra Trans no latim significa "do outro lado", "através de", é um termo (guarda-chuva) que abarca todas as identidades que não são cisgêneras. Ex: Transgêneros binários: Transexuais (homem trans e mulher trans) e Travestis; Transgêneros Não-binários: Agênero, Bigênero, etc.
- ◆ **TRANSIÇÃO DE GÊNERO** - É o período pelo qual uma pessoa transgênero passa, para readequar suas características físicas e psicológicas, nas do gênero com o qual se identifica. Inicia-se no momento em que a pessoa se entende como uma pessoa transgênero e começa a performar e construir esse gênero, através de vestimentas características do gênero (femininas, masculinas, fofas, andróginas) e através de hormonização e procedimentos cirúrgicos.
- ◆ **TRAVESTI** – São pessoas cuja identidade de gênero difere da que foi designada no momento de seu nascimento, assumindo, portanto, um gênero diferente daquele que é aceito pela sociedade. A palavra Travesti tem sido ressignificada e não representa algo negativo ou pejorativo. É um termo mais antigo que a palavra transexual, por isso é mais utilizada pela sociedade, porém de maneira errônea, pois a maioria das pessoas se referem às Travestis no masculino e elas devem ser tratadas no feminino. Ex: As Travestis, da travesti, uma travesti. Travestis são pessoas que nasceram com pênis (sexo biológico), caso não sejam intersexuais, mas que vivenciam papéis de gênero feminino e que podem ou não se reconhecer como Transgêneras binárias ou Mulheres transexuais.



Figura 5 – A ABOMINÁVEL MULHER DAS NEVES (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

❖ CAPÍTULO 1

eu MARINA, tu MARINAs, ela MARINA, nós MARINAmos



Figura 6 – Drama Queen (2019) – Ilustração Digital e Colagens (Técnica Mista) / Marina Silvério

Meu nome é Marina Silvério da Silva, sou atriz, cantora, pesquisadora em artes e travesti. Nasci na primavera, dia 16 de outubro de 1994, no momento que o sol se localizava na constelação de libra, o signo ascendente na constelação de gêmeos e a lua em peixes. Esse também, era o dia do aniversário da Fernanda Montenegro! Essas informações me levam a crer que durante minha existência, tenho me portado como alguém que busca incessantemente o equilíbrio, a harmonia, a beleza e a paz de espírito. Por conta do signo ascendente, possuo fortes habilidades de adaptação a ambientes desconhecidos, situações inesperadas e um ótimo “jogo de cintura” para me comunicar com todas as faixas etárias de pessoas sobre assuntos diversos. A lua no meu mapa astral representa o universo psíquico e esotérico, a interiorização e o interesse por conhecimentos ocultos e TRANScendentais.

Há quem não acredite nessa pseudociêncie que é a Astrologia e de fato, até eu mesma, me questiono às vezes se ajo de tal forma por impulso sobrenatural ou se é simplesmente porque já conheço as características do meu signo e portanto,

subentende-se que eu deva agir de determinada forma. Gosto de pensar que essa é uma ótima forma de se autoconhecer e gosto sempre de saber o signo de pessoas que acabo de conhecer, pois para uma amante da astrologia, poucas informações como essas: Libra (indecisão), Gêmeos (bipolaridade) e Peixes (inconstância) são um prato cheio de conhecimento bruto sobre a personalidade e características do outro.

Eu sempre soube que era uma travesti, uma mulher trans. Ambos os termos estão corretos e podem ser usados. Travesti é um termo mais antigo, que já foi pejorativo, mas atualmente tem sido ressignificado. Transexual é um termo mais atual, surge em meados da Segunda Guerra Mundial, no intuito de esclarecer que o movimento não se baseava apenas em vestimentas, mas em uma sexualidade que transcendia, o que a meu ver, ainda não é um termo totalmente representativo, que me contemple, pois minha sexualidade independe da minha identidade.

O termo “travesti” é antigo, muito anterior ao conceito de “transexual”, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo, como sinônimo de “imitação”, “engano” ou de “fingir ser o que não se é”. A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo, em grande parte, excluídas das escolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo. Entretanto, é fundamental reforçar que nem toda travesti é profissional do sexo. (JESUS, 2012. P. 16-17).

Talvez o termo que mais se aproximaria do meu movimento, seria a Transidentidade ou mesmo Transgênero, embora eu também não acredite que minha identidade de gênero TRANScenda, TRANSgrida. É só mais uma identidade em meio a tantas outras, nesse mundo que prega o binarismo e a cisgeneridez a todo custo. Tudo o que foge da normalidade moralista e canônica, torna-se incongruente, torna-se TRANS.

Nasci em Uberaba, Minas Gerais, uma cidade do interior pouco menos desenvolvida que Uberlândia, também em Minas, onde moro atualmente. Em termos políticos, são iguais, ambas regidas por coronéis e suas famílias, “fundadores das cidades”. Mas na verdade, quem fundou essas cidades, foram as comunidades de trabalhadores das fazendas próximas que surgiam e iam ocupando e povoando esses lugares, em torno de rios, riachos e córregos. Foi nesse solo e cultura de “levar tudo na esportiva”, ser conformado e aceitar calado as injustiças sociais provocadas pelo patrão, o lugar onde fui parida pra ganhar o mundo!

Sou extremamente pobre, o que é raro de se ver nas Universidades Federais e por isso, desde muito cedo, eu e meu irmão mais velho ficávamos sozinhos em casa, pois meus pais tinham que trabalhar pra gente sobreviver. Ele por volta dos 7 anos e eu por volta dos 4 anos e assim permanecemos, sozinhos no horário comercial, até a maioridade. Tivemos uma infância bem rígida, fruto da educação que minha mãe recebeu quando criança. Seu pai, meu avô, era militar, pai de 4 filhas, extremamente conservador e autoritário. Um típico “bolsominion³” embora esse termo ainda não existisse, as ideias fascistas eram as mesmas.

Ficávamos sozinhos em casa, brincando de escolinha, de boneca e isolados de boa parte do mundo. Nas vésperas das férias, quase sempre fazíamos algo de errado, um deslize qualquer que toda criança comete, uma mentirinha aqui, uma “má resposta” ali e era o suficiente pra que ganhássemos um castigo de 30 dias, proibidos até mesmo de ir na casa da avó (a esposa do militar) pra brincar com as primas. O castigo era péssimo, pois a casa da avó era o único lugar que quando não estávamos de castigo, íamos pra nos divertir. Mas não culpo minha mãe, foi a melhor maneira que ela pôde desenvolver pra nos proteger, levando em conta a época, as circunstâncias, a selva de pedra que vivíamos, onde tudo é perigoso e principalmente, considerando o que ela viveu e a maneira como foi educada.

Quando eu tinha 8 anos, tenho uma forte lembrança de estar sentada em uma penteadeira da minha mãe, me olhando no espelho e de repente crio coragem e peço aos meus pais que me deixassem ter o cabelo grande. Dali em diante, não queria mais cortá-lo, queria deixá-lo crescer. Eles permitiram! Faz 18 anos esse episódio e eu era muito criança, portanto a lembrança que tenho é muito vaga e se compõe de imagens embaçadas e frases que talvez eu tenha criado de tanto relembrar esse momento. Dizem que cada vez que pensamos em uma lembrança, ela se modifica um pouco mais do que na verdade foi. Apesar de muito pequena, lembro de sentir certo receio da reação que meus pais poderiam ter, porque certamente já percebia e entendia que segundo a normalidade CIS moralista e canônica vigente, cabelo grande era coisa de menina, era TRANSGredir.

³ Bolsominion é um termo pejorativo utilizado para designar pessoas que apoiam politicamente os ideais de Jair Bolsonaro.

Isso aconteceu também, quando um pouco mais velha, quis muito entrar no balé. Em Uberaba haviam Centros Esportivos (CEMEA⁴) criados pela prefeitura, gratuitos, que ensinavam esportes e artes para todas as faixas etárias. Mas dessa vez tive muito medo e vergonha por meus pais, uma filha, lida como homem, fazendo balé?! Outra coisa de menina. E então me calei. Entrei no conservatório com o intuito de aprender canto lírico, mas acabei me matriculando nas aulas de violão.

De repente tudo mudou, minha vida tomou outros rumos quando eu passei a estudar em um Colégio Militar, o Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais⁵.



Figura 7 – Cachorra Travesti (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Eu tinha 10 anos e meus cabelos já cobriam as escápulas, nas ruas, constantemente as pessoas achavam que eu era menina e isso me causava um certo estranhamento, mas não incômodo e me vi obrigada a cortar minhas madeixas por conta do colégio.

⁴ Centro Municipal de Educação Avançada (CEMEA).

⁵ Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais (CTPM/MG) é uma instituição militar de ensino, pública, localizada em várias cidades do estado de Minas Gerais e também existem colégios nos estados do Rio Grande do Sul e Rondônia. São escolas estaduais mantidas pela Polícia Militar e não pela Secretaria de Educação.

Lá era obrigatório o uso do uniforme impecável, atualmente os alunos usam farda, mas na minha época era uma roupa de muito mal gosto, parecida com um pijama cinza e verde acinzentado, cor de **vômito**. Tênis totalmente preto, sem nenhum desenho ou marca, meias totalmente brancas, nada de colares, brincos, piercings, nada de maquiagem, nem cabelo pintado. Os meninos deveriam manter o cabelo cortado bem curtinho, estilo militar. E claro, nada de viadagem!

Apesar do ambiente repressor, foi nesse Colégio Militar onde tive os primeiros e talvez mais marcantes contatos com o Teatro e a arte em si. A polícia é extremamente rica, então a escola possuía uma excelente estrutura, com professores bem competentes e incentivo à cultura e arte. Tínhamos professores desconstruídos, na medida do possível, e aulas de (pasme) axé e funk, aulas de natação, teatro, fanfarra, aulas de vôlei, basquete, futebol, handebol, peteca, tudo, porém, sob o olhar de censura da PM. Nada passava despercebido. A escola era estadual, então não tinha custos e o ensino era semelhante ao de escolas privadas, que infelizmente são totalmente diferentes das escolas públicas, onde o aluno se encontra a mercê de uma educação insuficiente e que não é preparatória - tanto quanto as particulares - para que esse aluno pobre ocupe uma vaga nas Universidades Federais.

Vivi por 7 anos nesse Colégio Militar, dos 10 aos 17 anos, praticamente toda a minha adolescência e final da infância. Lá dei meu primeiro beijo em um garoto e também em garotas. Lá entendi que eu era atriz. Lá entendi que eu era mulher, embora ainda não soubesse disso. Lá entendi que eu amava música, assim como amo o Teatro. Lá entendi que odeio burgueses filhos da polícia! Entendi também que odeio a polícia. Mas sou grata ao ensino, com censuras, que ela me proporcionou.



Figura 8 – Sol, Cachorra, Maroca (2019) – Ilustração Digital e Colagens / Marina Silvério

Pouco antes de me formar no Ensino Médio, passei a trabalhar no McDonald's⁶, numa franquia localizada no Shopping Center da cidade de Uberaba. Era um ambiente muito diferente de tudo o que já havia vivido. Era quase como uma escola – a maioria dos funcionários eram bem jovens – que preparava aqueles “alunos” para a escravidão e a robotização do mercado de trabalho. Os serviços que fazíamos variavam entre se expor a uma chapa muito quente e fritar todos os hambúrgueres que seriam consumidos por horas a fio e fogo, ou se expor em uma fritadeira, fritando batatas e carnes gordurentas, ou em um freezer gigantesco estocando alimentos congelados, ou limpando privadas, telhados, lixos e tudo isso, em pé, sem escorar em paredes, sem sentar, sem comer, sem ficar parada. Não tem o que fazer? Limpe! Estoqe! Organize!

Novamente estava totalmente imersa em um universo de repressão, descaracterização e perda de identidade. Na escola e no trabalho eu era só mais uma uniformizada, trabalhando em prol do funcionamento das engrenagens do sistema. Seguindo regras, normas, condutas e mandamentos. Sendo a aluna nota 10 e a funcionária nota 1000 em produtividade.

Os funcionários eram jovens, periféricos, que muitas vezes tinham abandonado os estudos e em sua maioria LGBQ+. Fiz muitas amizades nesse período, onde eu beirava 16/17 anos de idade e esses amigos me levavam pra boates “GLS”. Lá

⁶ Mc Donalds é a maior cadeia mundial de restaurantes de fast food de hambúrgueres do mundo.

bebíamos, fumávamos, aprendíamos sobre a vida urbana e o Teatro já “gritava” em mim. Depois da experiência das aulas de Teatro que fiz no Colégio Militar, também fiz aulas de Teatro no SESI⁷ de Uberaba e participei por cerca de 3 anos de um grupo de Teatro Espírita chamado Divina Luz. Fazíamos peças amadoras e gratuitas para a comunidade, com o intuito de difundir o Espiritismo. Eu nunca fui Espírita, mas estava em contato com esse teatro porque necessitava de fazer teatro. Não consigo imaginar minha vida sem arte.

Assim que me formei no Colégio, me inscrevi no Vestibular em Teatro na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que era o lugar mais próximo de Uberaba e passei! Ingressei na Universidade com 18 anos, sem saber quase nada da vida. E ainda não sei. 18 anos presa em casa/caverna por medo dos dinossauros que habitavam a selva de pedra, 7 anos presa em um colégio/cadeia militar, tendo o conhecimento censurado e nenhum controle sobre o meu corpo, cabelo, roupa – e isso afetou até mesmo outras coisas, eu deixei de viver uma adolescência rebelde, por exemplo, pois eu estudava em um colégio/cadeia. Eu gostaria de ter sido uma adolescente roqueira ou funkeira ou maconheira. E tudo me foi podado. 2 anos vivendo em uma multinacional de *fast food*, correndo, obedecendo, sorrindo forçadamente e atentando contra a própria saúde.

A Universidade foi um lugar de descobertas, de encontros, de amadurecimento, de experiências inesquecíveis, oportunidades e muito aprendizado. Nos primeiros anos, me aliei com pessoas específicas e tentava absorver e aprender com eles tudo o que eu podia, participei de um grupo de pesquisas, que culminou em apresentações da peça teatral *A Mandrágora*⁸, de Nicolau Maquiavel, com a professora Dra. Yaska Antunes. Também fui atriz na Cia. Acazô de Teatro e Dança, com Waquilla Corrêa, onde criamos Movimentos Culturais na cidade de Uberlândia e circulamos por meio de projetos contemplados no Programa Municipal de Incentivo à Cultura com a peça teatral *Clarissa*. Posteriormente firmei uma parceria com a atriz Lívia Chumbinho e o professor e percussionista Dr. Eduardo Túlio e também circulamos com

⁷ SESI - Serviço Social da Indústria.

⁸ A *Mandrágora* é uma peça teatral de comédia, escrita por Nicolau Maquiavel em 1524.

apresentações de peças teatrais que tratavam dos resquícios da ditadura civil militar de 1964.

Ao fim da graduação, quando eu já tinha me entendido enquanto mulher trans e dado início à minha transição de gênero, busquei, após todas as vivências com essas pessoas e todo o universo que abarcavam, trilhar meus caminhos sozinha e passei a criar monólogos e personagens que retratavam meu lugar enquanto mulher e travesti e transvestigênera e pobre.

Atualmente, tenho várias cenas performáticas onde tento retratar minhas experiências e trocas com a sociedade no meu dia-a-dia. As cenas falam de desemprego, transfobia, solidão amorosa e acadêmica, sexualização e objetificação do feminino, prostituição, religião, política e vários outros temas. São algumas delas: *Transgênica*, *Transgênica (só para baixinhos!)* – uma adaptação que criei voltada às crianças, para que possam saber que existem travestis e discutir as condições sociais a que são submetidas, *Stand Up*, *Maroca*, *Cactus*, *Balé de Lixo*, etc. Nesta dissertação de mestrado, optei por *desmontar* de forma escrita cinco performances ou cenas teatrais, que compõem minhas memórias performáticas e tentam retratar minhas vivências como mulher trans. As pesquisadoras cis Mara Leal e Ileana Diéguez, são algumas das referências especialistas no conceito da Desmontagem Teatral:

[...] A desmontagem não é nem uma análise, nem uma crítica, ela não é um método e não deve ser transformada em método, mas atua como um mecanismo, um aparato que colabora para dar a ver os caminhos por vezes tortuosos de cada processo de criação em sua singularidade. Compreendo a desmontagem como uma estratégia artístico-pedagógica tanto para o(a) artista como para o(a) espectador(a). Para quem a desenvolve é uma ação autorreflexiva, e pode vir a ser um processo de autoconhecimento em relação a temas, procedimentos, modos de fazer que são recorrentes em seu trabalho, mas que talvez não fossem conscientes, colaborando para a reflexão sobre seu processo criativo. E também, como bem diz Ileana Diéguez, é uma “poética da experiência” porque ao reconstruir os passos do percurso criativo a/o artista gera uma outra criação poética. (LEAL. M. 2018. P. 20)

A palavra desmontagem é depositária de múltiplas ressonâncias teóricas e práticas. Tem como antecedente as demonstrações de trabalho desenvolvidas na prática cênica desde final dos anos setenta. Implica também uma aproximação dos discursos teóricos que nas margens do teatro e desde outras disciplinas – como a filosofia ou a teoria literária – proporcionam outros dispositivos para refletir em torno das teatralidades atuais. (DIÉGUEZ, 2018. P. 11).

É importante ressaltar que as pesquisas de Ileana Diéguez e Mara Leal são baseadas no conceito de Desmontagem Teatral e a desmontagem que utilizei na escrita performática do meu texto, para narrar minhas performances e cenas teatrais que denunciam a transfobia, é a Desmontagem Escrita - um termo/conceito teatral cunhado e criado por mim, como forma de hackear pensamentos cisgêneros já existentes e desdobrar possibilidades sobre eles. Eu transacionei a desmontagem.

Assim que me formei, já sabia que tentaria continuar na Universidade fazendo a pós-graduação, o Mestrado, e em resposta a todas essas formas de repressão em que estive exposta, e ainda estou, tentei voltar meus olhares para uma pesquisa que se relacionasse com o que vivi. Portanto, criei um diário de memórias, para reunir algumas das minhas experiências diárias de transfobia, que sofro quando tento minimamente socializar com a sociedade e escancarar essas péssimas experiências em um texto acadêmico. Farei despretensiosamente uma análise sobre as possíveis origens e causas do preconceito, com o intuito de tentar entender o porquê os seres humanos possuem grande dificuldade para aceitar as diferenças e preferem ignorar a alteridade que existe entre todos nós. Sou uma pesquisadora trans e tento reunir na minha pesquisa uma quantidade significativa de pesquisadores e autores trans, embora pareça que citações trans não possuem o mesmo valor acadêmico, do que citações cis / *cistações*. Mas sigo levando adiante minha opinião de que não há ninguém mais habilitado para compor uma pesquisa sobre transgeneridade, do que as próprias pessoas trans, como comenta a pessoa trans pesquisadora não-binária Jota Mombaça, a partir de algumas reflexões da pesquisadora mulher trans Viviane Vergueiro:

“Há pessoas trans* fazendo teoria mundo afora, apesar de aqui no Brasil, por todos condicionantes sociais excluidentes que conhecemos, estas presenças ainda serem muito pontuais e com pouco poder de decisão: ainda assim, onde estão elas nos referenciais bibliográficos quando se abordam questões trans*? Por sua vez, algumas pessoas se gabam de suas habilidades em línguas coloniais+imperialistas, como o francês e o inglês: onde estão as traduções das produções de pessoas trans* mundo afora? [...] E quando apontamos estas insuficiências, e quando apontamos estas falhas, e quando apontamos as exotificações de pessoas trans* e gênero inconformes nos mais diversos meios (especialmente o acadêmico, em meu caso), e quando procuramos utilizar a cisgenerideade como categoria analítica para pensar a normatividade de identidades de gênero (similarmente a como utilizamos heterossexualidade), e quando reclamamos de pronomes mal utilizados, nossas críticas parecem se revestir de um ‘ou tudo ou nada’, de ‘muita agressividade’, de ‘emotividade’, de ‘estarmos elegendo os inimigos errados’.”⁶ Percebe-se, a partir tanto do comentário de viviane v. via facebook quanto de seu ensaio supracitado, o modo como essa disputa em torno do uso de conceitos é um dos muitos espaços de tensão onde, apesar dos crescentes esforços num sentido contrário, a ausência de pessoas trans* nos espaços acadêmicos é reiteradamente produzida: afinal, a opção conceitual da travesti mestrandona, enunciada através de um canal informal (o facebook, mas também o academia.edu, fonte desqualificada, sem Qualis), não tem

valor científico e, portanto, é incapaz de produzir consistência por si mesma no interior de um debate acadêmico, sendo envolvida num efeito de subalternidade que a silencia no âmbito mesmo dos estudos acerca das experiências trans*. (VERGUEIRO, 2013 apud MOMBAÇA, 2015. Publicação online).

E em resposta ao ódio que recebo (nas ruas, estabelecimentos, na porta de casa) crio performances, músicas, peças teatrais e roteiros dramatúrgicos para os shows da minha banda Transviadas, com uma grande pitada de sarcasmo e crítica ao "cistema" transfóbico. Todas essas atividades artísticas serão desmontadas e esmiuçarei as principais ideias que elas tentam transmitir. Espero, sinceramente, que tais palavras possam servir de carapuça para muitos transfóbicos (homens e mulheres) e/ou leigos sobre transgeneridade. Espero que minhas palavras trans, baseadas e fundamentadas nas citações de outras palavras ditas por pessoas trans cheguem em quem seja interessante e preciso chegar. Espero que minhas palavras trans e periféricas pulem e metam o pé nos muros burgueses e meritocráticos da academia. E se a carapuça servir, Legente, por gentileza: pegue-a e amarre!

39

1.1 | TRÊS TRAVESTIS



Figura 9 – *Marina Carrie, a Trava Estranha* (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Estávamos em meados de abril de 2018, era uma época de muita produção artística na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e também em alguns pontos de cultura próximos à UFU, como o Apiá - Coletivo de Acompanhantes Terapêuticos - que regularmente cede o espaço da associação para eventos artísticos, shows, performances, etc.

A universidade estava em greve, mas pulsava arte, pois um antigo prédio desativado que antigamente funcionava como o Restaurante Universitário, estava sendo ocupado por estudantes da UFU e servindo de palco para muitas festas com palco livre, onde várias pessoas podiam se expressar, cantar músicas, recitar poemas, aconteciam rodas de slam/resistência/abaeté, artistas visuais expunham suas artes visuais, tatuadores tatuavam, enfim... pessoas se expressavam artisticamente. Aconteceram eventos com incentivos culturais estaduais e municipais, como o Transarte, o Maio da

Diversidade, e também o PIAC⁹, e o fato que se sucedeu é que eu estava circulando com a performance Transgênica pelas feiras da cidade, na UFU (em auditórios, nas filas do Restaurante Universitário, em espaços abertos do Campus, etc.) e também no Apiá, em eventos como a "Noite Literária", que através de incentivos públicos, em parceria com a Editora Subsolo, lança livros de autores überlandenses, evidenciando a escrita de poetas e escritores regionais/lokais. Tive o prazer de ter como público em uma dessas apresentações, duas mulheres trans/travestis, que assistiram a performance e me deram muitos retornos positivos sobre as temáticas abordadas, me falaram sobre as semelhanças de situações que eram retratadas e que elas já tinham vivido e muito emocionadas - as três - elas me convidaram para dirigir e criarmos em um processo colaborativo uma performance teatral, onde elas também poderiam falar sobre o que pensam dessa vida e **vomitar** suas angústias, conquistas e delírios.

ÓTIMO VÔMITO

OTIMOVOMITO

OTIMOVOMITO AO CONTRÁRIO É OTIMOVOMITO¹⁰

Um dia vi um vídeo da entrevista de uma cantora libriana, que a propósito gosto muito, a Tulipa Ruiz, e lá ela dizia que muitas das suas inspirações pra músicas, looks, shows e parcerias musicais acontecem primeiramente em sonho, no seu subconsciente (uma fábrica de artes) e quando ela acorda, anota o que sonhou pra se lembrar daquelas loucuras oníricas surreais. Filtra o que é viável e possível de se construir e bota a mão na massa! Comigo acontece algo muito parecido, as vezes tenho esclarecimentos estarrecedores sobre a vida e sobre o que é o melhor a se fazer, as vezes crio canções memoráveis, mas acordo e não consigo guardar na memória nem mesmo a melodia. Outras vezes me acontece de ouvir uma canção qualquer por acaso, e no momento certo descubro que ela é perfeita para ser usada em uma cena. E foi mais ou menos assim que nasceu a performance que as duas *manas* haviam me convidado para dirigir e também a banda Transviadas. De uma única semente, que foi lançada na terra, ervas foram brotando, crescendo e tornou-se uma SELVA.

⁹ PIAC - Programa de Apoio à Cultura da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁰ Palíndromo em referência ao hino popular entre os estudantes da UFU - "UFU ao contrário é UFU".

Estava eu estudando vozes e canto na internet, quando me deparo com a ópera que tem a nota mais aguda que o ser humano é capaz de emitir. A nota mais fina, mais alta de todas, pertence à ópera "Popoli de Tessaglia" e é cantada por uma cantora lírica cis. Após ter sido convidada para dirigir a performance, só consegui pensar que essa ópera teria que ser a sonoplastia das nossas cenas. Era um som muito intenso, com variações entre o suave e o caótico e ao ouvir a música e perceber cada sequência auditiva, minimamente iam surgindo pequenas imagens, que posteriormente precisariam ser muito mais exploradas, a respeito da temática que trabalhariámos, a transgeneridade.

Entrei em contato com as meninas trans, que se chamam Fernanda e Camila (nomes fictícios) e lhes disse que tinha acordado com muitas ideias e inspirações para a cena e que seria legal se nos reuníssemos o quanto antes, para colocarmos em prática essas primeiras imagens que eu já visualizava e para que também pudesse ouvir suas contribuições. Marcamos um primeiro ensaio/bate-papo e quando chegaram, lá estavam não só duas, mas três mulheres trans incríveis (quatro comigo) que a partir daí passei a conhecer melhor. A terceira pessoa trans era Naessa, a quem dedico uma carta no início do próximo subcapítulo, ela é estudante da graduação em biologia na UFU e mora em Araguari-MG, as três estavam fazendo uma sessão de fotografias em Araguari para serem expostas nesses eventos que aconteciam a toda vapor. A Camila também é natural de Araguari e se formou em Direito, mas atualmente está cursando arquitetura. O fato é que as três estavam reunidas lá e decidiram vir juntas pra cá (Uberlândia) a fim de fazer arte, trocar figurinhas trans - que inclui falar sobre boys, rejeições, hormonização, transfobias e claro, se possível, as conquistas – e ainda me apresentarem a uma pessoa única e maravilhosa como é Naessa.

É muito comum quando conheço outras mulheres trans e travestis, nos sentarmos e conversamos sobre situações que todas já vivemos. Dentro desse monte de vivências, as questões amorosas sempre parecem ser onde mais estamos em concordância umas com as outras. "Sim, também foi assim comigo.", "Antes era "oi, princesa", daí eu disse que era trans e já mudou e chamou pro motel.", "Nunca namorei.", "Queria ir com alguém ao shopping de mãos dadas" e por aí vai. Embora possamos ser de raças ou classes sociais diferentes, nossas experiências, ainda assim, soam muito similares. [...] Mulheres que fogem do que é lido a partir de normas sociais como "ideal", frequentemente, são sujeitadas a vivenciar no campo amoroso não só uma exclusão, mas frequente uma desvalorização e desrespeito, quando somos

divididas em castas das que “são pra comer” e as que “são pra casar”. Sendo as para comer negras, gordas, trans e outras que fujam do padrão e as para casar, as que mais se aproximem de um modelo normativo. (ARAÚJO, *ibid.*) (ARAÚJO, 2015 apud BAGAGLI, 2017. P. 150-151).

Assim que fomos apresentadas, mencionei que já a conhecia virtualmente nas redes sociais e que já havia visto ela cantando no saraú da UFU, ela também deve ter falado que já me conhecia de vista e então fomos para os finalmentes!! O primeiro ensaio, a criação. Naessa ficou na sonoplastia desse ensaio e capturando alguns registros das movimentações. Esse foi o primeiro e único ensaio que ela esteve presente, mas a partir daí, mantivemos contato e pouco tempo depois demos início a um grande sonho: Montamos uma banda, as TRANSVIADAS! Mas logo, logo me delongarei mais sobre esse assunto.

Continuarei a contar sobre a performance, que intitulamos TRÊS TRAVESTIS. Como dito, as integrantes eram Camila, Fernanda e eu. Fernanda, era formada em Biologia e era uma acrobata nata, com um corpo musculoso fruto de anos de trabalho corporal. Creio eu que ela tenha feito capoeira e/ou ginástica artística na infância, mesclados com uma predisposição natural para atividades físicas. Durante os ensaios, eu percebia suas capacidades de plantar bananeira, virar estrelinhas complexas, cambalhotas, piruetas e sugeri que ela usasse todas aquelas movimentações na cena.

Fernanda é particularmente bem parecida comigo fisicamente, ambas somos brancas da pele bronzeada e cabelos longos e castanhos, altas, magras e bumbum empinado. Ela possui silicone industrial¹¹, uma prática bem comum no universo travesti e pensando nesses corpos, suas alterações fenotípicas ou não, a androginia presente neles, o masculino e feminino latentes, se chocando e criando algo único, vislumbrei a necessidade de estarmos nuas em algum momento da performance.

A música (uma ópera medieval), o cenário político que estávamos inseridas (Fora TEMER), os lugares onde nos apresentaríamos (UFU e espaços ligados à UFU) e as pessoas para quem nos apresentaríamos (artistas pobres e muuuuitos artistas

¹¹ Silicone industrial, segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), tem como finalidade a limpeza de carros, peças de avião, impermeabilização de azulejos, vedação de vidros, entre outras utilidades. Não deve nunca ser utilizado no corpo humano, porém, o desvio de sua correta utilização, servindo como material para cirurgia plástica, por exemplo, é considerado crime e pode causar sérios riscos à saúde.

burgueses desconstruídos e pessoas burguesas apreciadoras de artes com envolvimento com a UFU) nos levavam a crer nessa necessidade da nudez. Uma nudez poética que não se atém ao mundo erótico da indústria pornográfica, onde facilmente é possível visualizar corpos trans transando pelados e onde o Brasil é recorde em acesso à sites pornôs que objetificam e hipersexualizam mulheres trans.

O Brasil é campeão mundial de crimes homofóbicos e transfóbicos. Em 2013, foram documentadas 326 mortes de gays, travestis e lésbicas brasileiras com motivação de ódio, incluindo nove suicídios. Equivale a um assassinato a cada 27 horas (GRUPO GAY DA BAHIA, 2014). O Brasil também é o país que mais mata travestis e transexuais, quatro vezes mais que o segundo colocado, o México (TRANSGENDER EUROPE, 2016). Ao mesmo tempo, o Brasil é o maior consumidor mundial de pornografia com travestis, assistindo a tal conteúdo 89% a mais do que a média mundial (REDTUBE, 2016). Shemale – termo pejorativo e comumente usado em sites pornôs para a busca de vídeos com pessoas travestis e transexuais (em português, equivaleria a traveco) – é o 4º tópico mais buscado pelos brasileiros. No ranking mundial, a mesma pesquisa ocupa o nono lugar. Esses dois dados brasileiros — o país que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundo e o que mais consome pornografia do tipo do mundo — revelam peculiaridades a respeito da vivência das transvestilidades no Brasil. A partir disso, perguntamo-nos: que semiose envolve transvestilidades à brasileira? [...] Como afirma Peirce (1877, s.p.), “as nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações”. De tal forma, a crença é uma regra de ação, enquanto o hábito é sua concretização em atos. A preservação da crença, ou seja, a reprodução dos mesmos interpretantes, reduz o risco de insegurança (BORTOLOTTI, 2014). As pessoas travestis e transexuais provocariam uma confusão na homeostase e crença de gênero E sexualidade, daí a importância de negar, dominar, excluir ou extinguí-las: o desequilíbrio seria amenizado. Ancorados em experiências colaterais pouco porosas e atravessados por questões ideológicas, sociais e culturais, os processos semióticos ligados às transvestilidades à brasileira continuariam a fluir em um sentido mesmo, de modo que não houvesse espaço para mudança de ideias de gênero, para aprimoramento semiótico e, por consequência, para a quebra do preconceito (COLAPIETRO, 2016). Assim, de modo dual e inflexível, uma criança com pênis só poderia ser homem heterossexual e, uma criança com vagina, uma mulher heterossexual. [...] O assassinato e o sexo utilizado primordialmente como forma de dominação são modos de reforçar a subjugação travesti e transexual e os hábitos de gênero. Tal percepção, entretanto, não modifica nosso entendimento (e anseio) de que uma mudança de hábitos faz-se necessária, com vistas a reconhecer que não existem vidas que não importam. É, pois, necessário mudar as condições de precariedade, de modo que intolerância converta-se em reconhecimento. E este reconhecimento passa pela consciência de que todos nós, independentemente de gênero e orientação, compartilhamos de vulnerabilidade (BUTLER, 2015). (MEDEIROS; PINHEIRO; MACEDO. 2017. P. 3-6)

Buscávamos uma nudez que fizesse com que o outro presenciasse os diferentes femininos, feminismos e transfeminismos que existem, de uma forma artística, política, crítica e que compreendesse que esses femininos não são menores, específicos, anormais e nem incongruentes:

Ativismos autodeclarados transfeministas têm se apresentado, no geral, como associados a perspectivas de feminismos interseccionais, e em diálogo com estas dimensões feministas históricas têm procurado, particularmente, propor redefinições e complexificações dos escopos de lutas feministas (ampliando-os para considerar, por exemplo, questões relativas a identidades de gênero e diversidades corporais, o que implica em uma reconfiguração em torno do sujeito ‘mulher’ tido como central em feminismos), simultaneamente aos aprendizados e solidariedades feministas que contribuem para a transformação de pensamentos e práticas em movimentos ligados a identidades de gênero, em especial movimentos trans*, travestis, transexuais. Considero que estes dois caminhos sumarizam bem minha compreensão sobre o que me parecem ser as principais potências críticas transfeministas. (VERGUEIRO, 2016. P. 37)

Fernanda é pobre, se denomina travesti e não mulher trans, natural de Catalão-GO, começou a transição com 16 anos, fugiu de casa, morou com outras travestis, se prostituiu nas ruas durante muitos anos e tomou todos os hormônios imagináveis. Quando injetou silicone industrial no bumbum, nos seus relatos dizia que o silicone tinha a textura de gel e que o corpo humano não o rejeitava, dizia que a expectativa de vida de uma travesti no Brasil, era de 35 anos e que por isso era pouco provável comprovar se em algum momento o silicone seria expulso do corpo e traria complicações à saúde, já que a maioria daquelas que o experimentavam, tinham suas vidas interrompidas por assassinatos, fruto de transfobia ou se matavam por rejeição e incompreensão da sociedade.

O aburguesamento da luta por direitos sexuais se expressou durante as últimas décadas pela prevalência do casamento monogâmico com divisão de bens enquanto centralidade de pauta política. Simultaneamente pouca atenção se deu ao contínuo genocídio da população trans, que culmina, ainda em 2018, em alcançar a expectativa de vida de 36 anos. Muito mais do que debater o método estatístico ou a linearidade científica desse dado, interessa-nos perceber como os atravessamentos entre os assuntos de sexualidade e de gênero ainda são pouco explorados do ponto de vista crítico e estético.(LEAL. D. 2018, p. 30).

Ela contava que foi necessário permanecer 30 dias ou mais numa posição desconfortável que mantinha as nádegas e as pernas para o alto, de modo que o silicone gelatinoso não escorresse corpo a fora, ou melhor, corpo adentro. Mas era praticamente impossível se manter nessa posição por vários dias, por isso ela sempre mostrava seus pés e canelas que possuíam pequenas bolsas de gel, que haviam escorrido das nádegas para as pernas e que causava um inchaço permanente, uma certa deformidade corporal, um mal necessário para tornar aquele corpo (sexualizado, objetificado e fetichizado) mais atrativo para as mariconas casados com mulheres cis que pagam por programas com travestis, pois querem que elas os penetrem. Sayonara Nogueira, professora trans e Euclides Cabral, escreveram *um Dossiê: A*

carne mais barata em 2018 e entrevistaram mulheres trans que colocaram silicone industrial:

Em relação ao uso de silicone industrial (silicone líquido) no corpo obtivemos os seguintes resultados, dos 1911 questionários respondidos, 216 pessoas afirmaram terem colocado silicone industrial no corpo, e destes 216 respondentes, 68 pessoas disseram que tiveram problemas de saúde por causa do silicone industrial, entre os problemas mais citados, nesta ordem temos: inflamação após a introdução do líquido, manchas avermelhadas ou arroxeadas na área aplicada, deformidades no corpo devido o silicone ter descido para os pés, inchaço devido à má circulação, abcessos, dores nas pernas, infecção com presença de pus, varizes, dores constantes na área aplicada, necrose, alergia, amputação de perna, displasia mamária, dores musculares, câimbras constantes, queimaduras na área aplicada e flebite. Segundo Porcino (s/d) o silicone industrial na sua forma líquida, é o recurso mais utilizado para fazer o corpo pela grande parte das travestis, com o objetivo de proporcionar aumento dos lábios, seios, coxas, pernas e panturrilhas. O produto nessa forma de apresentação não possui autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), bem como não é reconhecido pelo Ministério da Saúde para uso envolvendo seres humanos. As aplicações são feitas por “bombadeiras”. Elas utilizam seringas de 5ml e agulhas de calibre 40x12, tendo em vista, o seu grosso calibre, são utilizadas no contexto da saúde para preparo de soluções e medicamentos, e não para administração de medicações por via intramuscular (PORCINO s/d). Durante o processo de aplicação do silicone industrial, o organismo pode desenvolver uma resposta imediata através de reação alérgica que pode evoluir para uma forma mais grave ocasionando o choque anafilático e que se a vítima não for socorrida rápida e de forma adequada, pode haver complicações e consequentemente poderá evoluir para o óbito. Pode ocorrer também uma resposta imunológica tardia, onde o organismo reconhecerá como um corpo estranho e a embolia pulmonar (PORCINO, s/d). Outras situações também põem em risco a saúde da travesti que se submete ao uso do silicone industrial, como por exemplo, à medida que as agulhas adentram a pele, podem a depender da localização, atingir um vaso calibroso, assim como a inobservância da presença de bolhas de ar na seringa, a duração do procedimento, o tabagismo, o uso de hormônios, entre outras como: câncer, hipertensão, processos infecciosos, etc. (PORCINO s/d apud NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 38-39).

Outro fato interessante sobre Fernanda, é que ela gostava de contar que antigamente, quando morava em repúblicas com outras travestis e se prostituíam, a hormonização delas era feita em conjunto e de forma incomum. Elas compravam algumas cartelas de anticoncepcional, batiam no liquidificador com fígado bovino e outras vísceras animais e bebiam todo esse líquido intragável, crentes que estavam dando um *up* nos níveis estrogênicos e vitamínicos dos seus corpos.

Fernanda representava para mim o estereótipo da travesti. Agora estava inserida na academia, mas durante muito tempo esteve na periferia marginalizada pela sociedade, usava o dialeto travesti (pajubá) com frases características e humorísticas presentes no universo transvestigênero e dizia não ter problemas com seu pênis.

No sexo era ativa e passiva e não se sentia menos mulher por “comer” um boy e nem sentia que ele era menos homem ou menos hétero, por sentir “tesão no cu”. Era uma troca, ele se atraía por ela, pelo seu feminino e seu pênis, uma das características físicas que mulheres cis não poderiam oferecer a ele e ela buscava não ignorar o fato de possuir um pênis e o utilizava com o boy que lhe apetecia.

A outra atriz da performance, como já havia mencionado, era Camila. Uma menina do Direito que tinha um passado com o teatro, quando fez algumas apresentações de peças de teatro com o grupo Artimanha – grupo de Teatro sediado e fundado na UFU pelos alunos do curso de Graduação em Direito. Camila é extremamente passável e possui traços físicos muito femininos. Ela possui voz aguda muito natural, seios grandes que se desenvolveram com a hormonização e é baixinha, o que destoava um pouco dos corpos mais agressivos e andróginos, como o meu e de Fernanda.

Camila é branca, rica, possuía um carro rico, havia feito aulas de piano na infância, conhecia outros países, seus pais aceitavam e apoiavam de todas as formas sua transição, há pouco tempo fez a cirurgia de redesignação sexual e sempre estava acompanhada de namorados cis que aparentemente não se envergonhavam com o fato dela ser trans, talvez por ela ser muito passável. Nós somos da mesma geração, ela também nasceu em 1994, mas entre nós existia um abismo financeiro e por vezes me sentia menor em relação à sua beleza, passabilidade e experiências trans. Minha transição se iniciou por volta dos 20 anos.

Tanto ela quanto Fernanda estavam vivendo e performando nesse universo trans há muito mais tempo que eu. Tudo isso me fazia cultivar sentimentos ruins, tristes e autodestrutivos que hoje já não carrego mais. Posso dizer que superei. Creio que a causa/culpada desses pensamentos de inferioridade era a sociedade em si com toda sua CIS HÉTERO NORMATIVIDADE escancarada e exigida como manual de sobrevivência. Caso você não se pareça com uma *mujer de verdade* – odeio essas palavras! – você sofrerá todos os males.

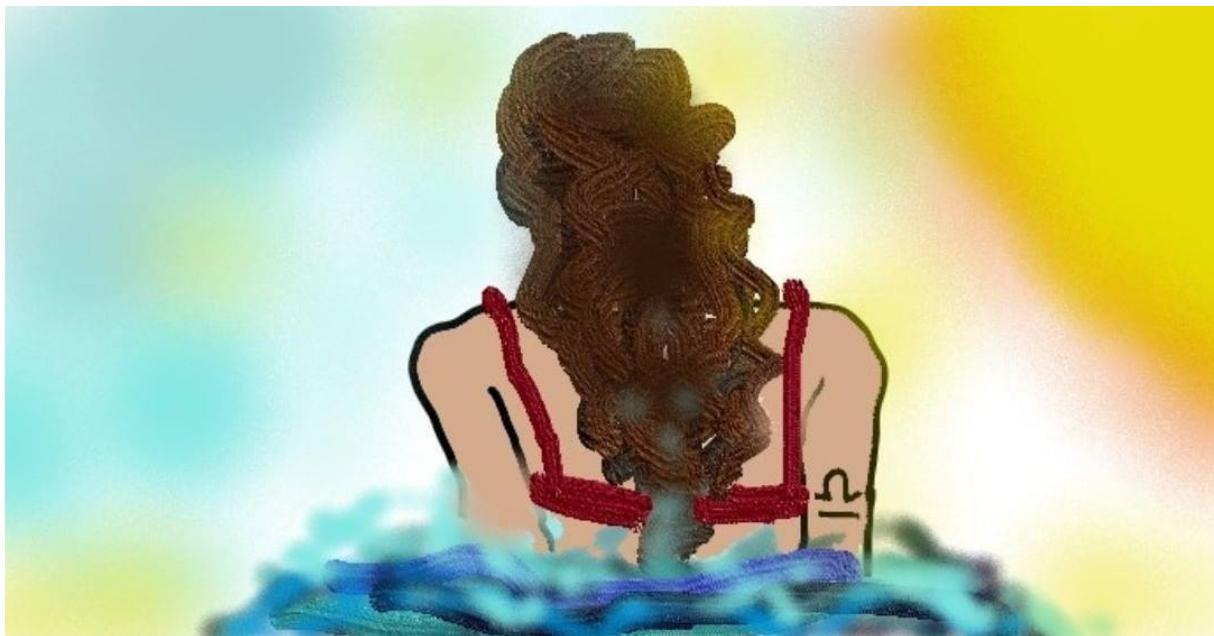


Figura 10 – MAR (2018) – Ilustração Digital / Marina Silvério

OS DEZ MANDAMENTOS MALES, da lei dos homens.

- I. **Receberás olhares maldosos e de ódio.**
- II. **Serás chamada de ELE, DELE, RAPAZ. Poderás até mesmo ser chamada pelo seu antigo nome.**
- III. **Serás agredida (fisicamente, verbalmente, psicologicamente) nas ruas, esquinas, vielas, travessas e avenidas.**
- IV. **Ouvirás gargalhadas quando te virem.**
- V. **Verás caras de espanto e nojo quando ouvirem o grave da tua voz.**
- VI. **Teu corpo passará a ser fetichizado e sexualizado por homens ricos e pobres, casados e solteiros, evangélicos ou não.**
- VII. **Despertarás a fúria das esposas desses homens. Vivemos em uma sociedade misógina¹², o que torna comum o ódio entre mulheres.**

¹² Misoginia é ódio ou aversão às mulheres.

- VIII. Tentarás educar as pessoas que cruzarem teu caminho. Serás didática. Explicarás a definição da tua Transgeneridade, mas desistirás.
- IX. Sentirás vontade de socar a cara de cada uma dessas pessoas que lhe maltratarão gratuitamente, diariamente.
- X. Terás vontade de sumir da face da Terra, perceberás que aqui, ao lado de escrotos cisgêneros, não é teu lugar.

Os ensaios para a performance TRÊS TRAVESTIS aconteciam no espaço do antigo Restaurante Universitário (RU), que nessa época já não estava ocupado pelos estudantes da UFU. Seguia desativado e trancado com cadeados *até os dentes*, mas existia uma janelinha lateral que estava com a TRAVA estragada/quebrada. Em segundos abríamos a janela, nos contorcíamos e pulávamos pra dentro da cantina, que aos nossos olhos se tornava um galpão de dança grandioso, com chão liso e escorregadio, eco sonoro e muitas vezes, com plateias nos observando. O espaço é todo rodeado de portas e janelinhas de vidro, como a que pulamos, o que tornava tudo aquilo como uma casa de vidro, um globo de neve trancado, com três travestis dançando e fazendo teatro enquanto escutam uma ópera estarrecedora.

Algumas vezes éramos pegas pelos seguranças da UFU, enquanto tentávamos entrar pela janelinha. Chamávamos muita atenção visualmente e com a universidade de férias, ficava muito mais fácil para os “guardinhas” perceberem as pessoas que adentravam no campus e suas intenções. Quando nos viam, já sabiam que queríamos entrar no antigo RU e ficavam cercando o lugar por horas. Nos divertíamos com aquelas cenas, apesar de serem cenas tristíssimas, pois éramos três travestis, três mulheres, três alunas (três furos no bloqueio social meritocrático) sendo impedidas de estar num lugar público e abandonado, para fazer Teatro. Teatro e música, são tudo de mais importante pra mim. Sentia tanto nojo daquilo. *Gritávamos que se não fossemos nós ali, eles continuariam sem nada pra fazer o dia todo. Deviam nos agradecer por darmos algum sentido àquele serviço desnecessário e a todo o dinheiro público que era gasto com o salário deles.* Eram tentativas frustradas de agredir nossos agressores, que nem eram nossos verdadeiros agressores. *Eram pau mandados de sabe-se lá quem ou o quê, conservador, burguês e autoritário.*

Lembro-me que nossos prazos para ensaiar e criar toda a cena eram curtos. Tivemos cerca de 10 ensaios, sendo a maioria no espaço do antigo RU e quando éramos impedidas de usá-lo, íamos para os gramados da Universidade ou pra saguões de blocos abertos e vazios. Estávamos próximas do mês de maio¹³, quando aconteceriam eventos que cabiam perfeitamente nossas apresentações. As apresentações aconteceriam na UFU, atrás do antigo RU - onde ensaiávamos e também no Apiá, o Coletivo de Acompanhantes Terapêuticos que tem parceria com os alunos da UFU e sempre cede seu espaço para sediar eventos artísticos.

Foi um processo de criação coletiva, onde tive a oportunidade de criar e pensar em toda a concepção da cena, sem ignorar o que Camila e Fernanda contribuíam, limpando e lapidando o que não me agradava e investindo naquilo que imaginávamos ser muito TRANSgressor. Tentamos aproximar a cena o máximo que pudemos, das nossas vivências.

A cena começava com as Três Travestis na porta de dois banheiros (masculino e feminino) cantarolando a música Três Travestis¹⁴ de Caetano Veloso e as três iniciavam uma sequência rápida de movimentos que definiam cada uma. Uma apresentação pessoal. Camila engatinhava no chão e fazia movimentações eróticas que lembravam animes (hentais) japoneses, onde existem personagens que representam transexuais de maneira transfóbica, as chamadas Trap¹⁵. Embora essas personagens tenham um teor pejorativo, achávamos interessante expor esses diferentes femininos, sempre objetificados, deslegitimados e fetichizados. Fernanda em seguida iniciava movimentos de boxe e golpes de outras lutas agressivas, quebrando totalmente a inocência erótica que Camila havia instaurado e em seguida eu fazia alguns movimentos leves e glamourosos, quase como uma bailarina burlesca, fazendo referência à década de 70/80, o requinte, o luxo daquelas que conseguiam morar na Europa, colocavam suas próteses, casavam-se com um gringo que as

¹³ 17 de maio é o Dia Internacional de Luta contra a LGBTFOBIA.

¹⁴ Três Travestis, música de Caetano Veloso, famosa na voz de Zézé Mota.

¹⁵ Trap, do inglês “armadilha”, “cilada”. É um termo utilizado para descrever personagens de animes (desenhos asiáticos) que se vestem e agem conforme o gênero oposto, pensando em um sistema binário. Nos desenhos as Traps não são transexuais e nem sempre homossexuais ou crossdressers, mas acredito que seja uma representação transfóbica.

tratava bem em contrapartida com as travestis que aqui ficavam e enfrentavam a Ditadura Civil Militar, como Rogéria, Brenda Lee, que apanhavam nas ruas e eram presas por se travestirem. Eram presas por serem quem são. E resistiam.

As vidas trans existem desde que a humanidade existe. A nossa luta pelo direito de existir, contra o ódio, o sexism, o apartheid de gênero, a cisnatividade e a transfobia estruturais é secular! Muitas foram apagadas, esquecidas, mortas, invisibilizadas, violentadas. Sempre resistiram! Como as Hijras, há 5000 anos e ainda uma Cultura Viva na Índia; Como as Fa'afafine em Samoa e na Nova Zelândia; Como a travesti Vitória, do Reino do Benin, condenada pela Inquisição de Portugal em 1551; como Xica Manicongo, dos Quimbanda, julgada na primeira visitação da Inquisição no Brasil em 1591, e tantas outras, outros e outras em todas as civilizações! Guerreiras, Guerreiros e Guerreires até hoje, também produzimos conhecimento, criamos Culturas próprias e, no Brasil, uma linguagem própria, o Pajubá! Em 15 de maio de 1992, na Cidade do Rio de Janeiro, foi fundada ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados, que se tornou a primeira ONG exclusivamente de Travestis e Transexuais registrada no mundo! Jovanna Baby, Jossy Silva, Elza Lobão, Beatriz Senegal, Raquel Barbosa e Munique do Bavier são os nomes das seis travestis fundadoras da ASTRAL, que não esqueceremos, que abriram caminhos e organizaram essa luta! Foram e continuam havendo vários nomes que defenderam o direito de ser quem somos! Viva o Povo Transvestigênere! Muito Obrigada à Ancestralidade! Nossos Passos Vêm de Longe! Seguimos a Luta! (JESUS, 2020. Texto publicado no Instagram).

Em seguida, eu começava a tocar em um violão, a música que havíamos cantarolado, Três Travestis. Cantávamos e ao fim, dávamos (play) início ao som da ópera Popoli de Tessaglia. Nesses momentos começávamos uma partitura de dança com fortes inspirações no balé contemporâneo de Pina Bausch¹⁶, em A Sagrada Primavera e Barbe Bleue. A criação dessas movimentações foi individual, lembro-me que escrevíamos, cada uma, três ou mais palavras que traduziam nossas relações com a sociedade, nossa relação com o amor (relacionamentos amorosos), nossas disforias/aquilo em nós que nos causava incômodo, nossos medos, nossos ódios, enfim. E a partir dessas palavras, ex: NOJO, BURGUESES, GOGÓ, criávamos movimentos que representassem cada uma. Minha tarefa como diretora era mínima, pois Camila e Fernanda tinham muito a contribuir, eu basicamente cuidava para que alguns movimentos fossem mais amplos, menos acelerados, tudo em prol de que o público tivesse uma experiência única e incrível e que conseguisse identificar a que se referiam cada movimentação, que deveriam ser limpas, com tônus e objetivas.

O balé que dançávamos enquanto tocava a ópera tinha gargalhadas, piruetas de

¹⁶ Pina Bausch foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã. Conhecida principalmente por contar histórias enquanto dança, suas coreografias eram baseadas nas experiências de vida dos bailarinos e feitas conjuntamente.

capoeira e ânsia de **vômito**. Eram movimentações agressivas, que descreviam nossas experiências, nossas relações e certamente despertava diferentes leituras no público. Utilizávamos os planos alto, baixo e médio, de forma que enquanto duas atrizes estavam no chão se debatendo, rolando, outra estava no alto, pulando e criando esses desequilíbrios, que eram quase uma briga por atenção: *Olhe pra mim! Olhe esse movimento que eu sei fazer!* A meu ver, esses desequilíbrios, equilibravam a cena sem deixá-la monótona e previsível.

Em certo momento, ainda na partitura de movimentos, deixávamos de lado a individualidade, a competição por atenção e começávamos a nos observar, percebíamos que não estávamos sozinhas, existiam outras como nós, ali dançando, com ódios, disforias e medos parecidos. Então, por inúmeros fatores, ao invés de nos reconhecermos umas nas outras e nos acolhermos, um súbito de misoginia tomava conta de nossos corpos e passávamos a reproduzir o ódio entre as mulheres.

Era um balé com movimentos objetivos, duas atrizes se juntavam rapidamente, apontavam para a terceira e iam atrás dela prontas para um confronto. A terceira lutava, resistia, se juntava com outra atriz e ambas se voltavam contra uma outra terceira e assim por diante esses movimentos se tornavam um ciclo, até que em determinado momento, Fernanda, a travesti mais experiente, com um gesto de PARE, tira sua roupa, uma camisola de tecido leve e começa a dançar nua no meio do público.

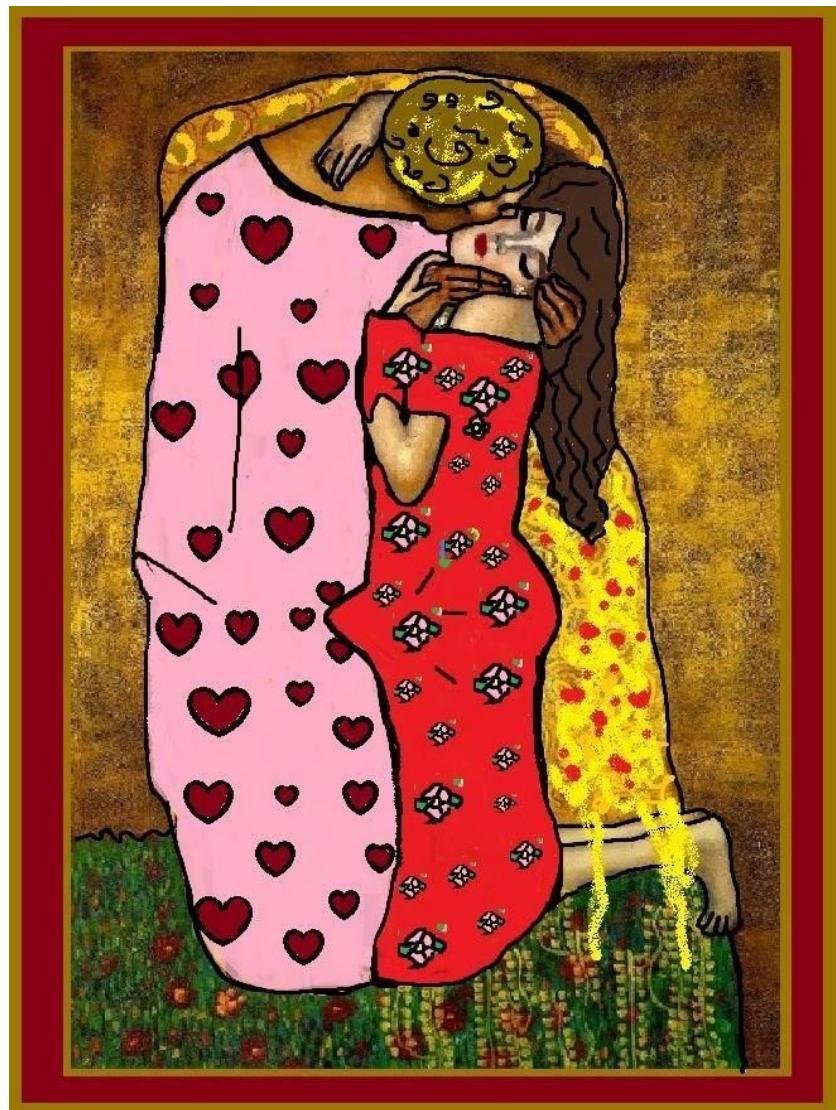


Figura 11 – O beijo da Travesti Vol. I (2019) – Ilustração Digital sobre a Pintura de Gustav Klimt / Marina Silvério

Esse gesto dela era uma referência ao sagrado feminino, à bruxaria e à liberdade do corpo que é cerceada pela Igreja, patriarcado e o capitalismo – falarei mais sobre isso no Capítulo 2. Numa tentativa de refazer os laços de sororidade¹⁷ que são interrompidos novamente pela Igreja, o patriarcado, o capitalismo e a mídia, Fernanda convida as outras travestis (eu e Camila) para nos juntarmos a ela naquela ação e como confirmação do seu pedido, também nos despíamos e passávamos a dançar um balé em conjunto, de mãos dadas, formando uma imagem semelhante ao quadro *A Dança*, de Henri Matisse e com algumas referências ao quadro de Picasso – *Les*

¹⁷ Sororidade é um termo que está fortemente ligado ao feminismo. É a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.

Demoiselles d'Avignon. Agora na cena, existíamos, nos reconhecíamos, nos apoiávamos e brilhávamos. Éramos seres únicos, que sabiam da existência de outras semelhantes a nós, muitas, inclusive, passaram por coisas terríveis (pois o preconceito é atemporal para que pudéssemos brilhar ali naquele momento. Muitas enfrentaram polícia, família e sociedade em um tempo não muito distante, onde ser quem somos, era errado, imoral, desvio de conduta.

As forças policiais, durante a Ditadura Militar, atuaram objetivamente com vistas ao extermínio das travestis. Não aceitavam a existência das travestis à luz do dia, mesmo que estivessem em trabalhos formais. Recomendo a todos que busquem conhecer as histórias das nossas mais velhas, sobreviventes do regime de terror, que eram vistas como inimigas da sociedade e atentados violentos ao pudor, simplesmente por serem quem eram. Viva as que nos antecederam e muito lutaram para que hoje vivêssemos em uma Democracia, a qual trabalhamos diariamente para que garanta direitos fundamentais à população inteira! Muito obrigada pela resistência, queridas Jovanna Cardoso da Silva, Keila Simpson, Sissy Kelly Lopez, Anyky Lima, Aloma Divina, JaneDi Castro e tantas outras, como a nossa saudosa Fernanda Benvenutty! (JESUS, 2020. Texto publicado no Instagram).

E seguíamos brilhando! Nos exibíamos ao público, girávamos, gargalhávamos, brincávamos e buscávamos nos gestos uma inocência juvenil, despreocupada, livre e leve, sem defeitos, nada de alma feminina presa num corpo masculino. Éramos corpos femininos com essências femininas - não sei se alma existe - performando nossos femininos. Saudávamos nossos corpos trans / travestis, nossos corpos de mulheres com pau de mulheres.

Onde está escrito que mulheres só são mulheres se tiverem vagina? Ou ainda pior, só são *mujeres de verdade* se tiverem nascido com vagina? O poder de deus todo poderoso + barro = vagina?

Se a sua resposta, Legente, for: *Gibíbia Sagrada*¹⁸, sinto muito, mas seu argumento é inconsistente, inconsciente, fantasioso e ignorante. A Bíblia é uma coletânea de livros escritos em épocas remotas e certamente com suas escritas alteradas, manipuladas a favor de quem tinha o poder de escrever. Muitos livros, por exemplo Eclesiastes, que foi escrito pelo Rei Salomão, eram escritos por homens poderosos, reis e imperadores que tinham objetivos de dominar povos com suas histórias fajutas

¹⁸ Gibíbia Sagrada – Referência à Bíblia Sagrada, é uma forma de dizer que os dizeres da bíblia são falsos. As histórias contadas, narram a vida de seres vivos com super poderes, imortais, que renascem, uma escrita imaginativa que lembra gibis e histórias em quadrinhos.

e que beneficiavam a si próprios. São livros de escrita tendenciosa, não necessariamente verdadeira, que nos dominam até hoje. Estamos presos em um sistema cristão antigo que tem objetivos apenas capitalistas. Há inúmeros relatos de quem nem mesmo Jesus Cristo, existiu¹⁹.

De repente todos esses pesares, a prisão cristã baseada em mentiras, as inúmeras ofensas gratuitas e diárias que recebemos e a ilegitimidade de nossos gêneros perante a religião, a ciência e a medicina transfóbicas, todos esses pesos iam se aglomerando nas nossas costas, TRANSparecendo para os nossos corpos cansados e nosso brilho ia sumindo. Iniciávamos uma sequência de movimentos baseados em uma cena específica do balé de Pina Bausch, a Sagrada Família, onde as bailarinas em um coro movimentam-se com grande exaustão, e é possível perceber que seus corpos tonificados, trabalham o peso, existem pesos invisíveis nas pernas, braços, cabeça e costas e existe uma necessidade de superar esse peso quase insuportável.

Os movimentos de peso se repetem e são interrompidos por um vídeo que surge em um paredão branco, projetado por um data show. A cena que o vídeo mostra, é a da morte da travesti Dandara²⁰, que foi brutalmente assassinada por homens cis, aparentemente pobres, “cidadãos de bem”, em plena luz do dia, sem linchamento dos assassinos ou qualquer forma de impedimento do assassinato, por parte da população.

O Ceará foi o Estado que mais matou Travestis e Transexuais do Brasil em 2017 (único estado que aparece nas listas de dados absolutos e em dados proporcionais da ANTRA e do IBTE), que Matou Dandara, Herika e tantas outras travestis e transexuais de formas brutais e abomináveis. E é quem em 2018, aparece em quarto lugar no ranking dos assassinatos de Travestis e Mulheres transexuais, em dados absolutos. O governo do estado NÃO CONSIDERA A MORTE DE DANDARA (e tantas outras) COMO TRANSFOBIA. É o que demonstra o levantamento feito da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Ceará, onde nem mesmo o caso Dandara foi visto (institucionalmente) como Transfobia, apesar de a Transfobia ter sido reconhecida como qualificadora pelo Tribunal do Júri e os criminosos condenados e presos. E mesmo diante da crueldade com que o

¹⁹ Documentário Zeitgeist (2007) / Direção: Peter Joseph. Apresenta uma possível explicação sobre a história do nascimento e morte de Jesus Cristo se referir ao Sol e ao seu ciclo para a colheita.

²⁰ Dandara Kettley dos Santos, foi uma travesti assassinada em 15 de fevereiro de 2017. Espancada e executada a tiros no Ceará. O crime teve grande repercussão quando as imagens do espancamento foram divulgadas nas redes sociais. Atualmente os vídeos, extremamente violentos, ainda são encontrados no Youtube.

assassinato aconteceu, foi filmado e vinculado nas redes sociais. “Para a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Ceará, entretanto, Dandara foi morta por motivos alheios à condição de travesti. Nos procedimentos formalizados nos inquéritos policiais da Capital e Região Metropolitana, no ano de 2017 não houve a identificação de nenhum crime ligado à homofobia. O 0% (ZERO PORCENTO) que aparece no relatório ao lado da motivação “homofobia” impressiona quem convive com a realidade de agressões e violações contra a população LGBT (Jáder Santana/Thiago Paiva - Jornal O POVO. 2018)”. Mesmo hoje, quase dois anos depois de sua morte, ainda não existe a possibilidade de constar a Transfobia como motivo presumido ou qualificador destes assassinatos. A exemplo de outros estados, não existe a possibilidade de enquadramento como Transfobia como motivo presumido nos Registros de Ocorrência e nem reconhece esses assassinatos como Feminicídio, escancarando a Transfobia institucional e o não reconhecimento de nossa cidadania, mesmo depois de mortas. Este é o reflexo do Brasil, que invisibiliza e nega nossas identidades até na hora de nossas mortes. Que nos trata no masculino depois de mortas, inclusive durante todo julgamento. Que solta assassinos confessos (Teresina-PI.2017). Que tem nos caçado desde a ditadura militar. Que vem se omitindo de olhar para essa violência contra a nossa população e nega a possibilidade de qualificar esses crimes que são específicos com nuances e motivações específicas, para continuar calado frente ao apagamento de nossas vidas que vem sendo perpetrado pelo próprio estado. (BENEVIDES; NOGUEIRA,2018. P. 13 e 14)

Enquanto o vídeo era projetado, Fernanda e Camila continuavam com a repetição de movimentos exaustivos e eu me libertava desse ciclo. Vestia uma saia roxa de pomba-gira²¹ e plantava bananeira (ficava de cabeça para baixo, me apoioando nas mãos e braços) apoioando meus pés no paredão branco onde o vídeo era transmitido. Automaticamente ao jogar as pernas pra cima, a saia descia, ou subia, depende do ponto de vista, tampando meu rosto e deixando meu pênis à mostra, causando a sensação de que minhas pernas eram meus braços, meu pênis era minha cabeça e meus braços e rosto tampados pela saia eram como se fossem minhas pernas. Uma espécie de Marilyn Monroe de cabeça para baixo.

Essa imagem surgiu na minha cabeça enquanto refletia sobre o porquê de olhares tão maldosos, por parte da sociedade. Eram olhares de desaprovação e espanto, como se as pessoas vissem um pinto no meio da minha cara, ao invés dos meus lindos e delicados traços faciais. A imagem - que eu já havia utilizado em outra performance, intitulada “Transgênica” - começou a se assemelhar à posição em que Jesus Cristo, existindo ou não, permaneceu na sua crucificação. Braços abertos, estendidos, pregados/plantados em uma estrutura vertical. Um corpo vulnerável e nu, refletindo cenas de um assassinato cruel com aprovação da população. A higienização da

²¹ A saia havia sido ganhada de uma amiga que frequentava terreiros de Umbanda e Candomblé.

sociedade que tenta corrigir e/ou exterminar o que foge de sua compreensão limitada. O que foge da sua conduta e desafia sua moral e seus bons costumes. A imagem é forte e permanece intacta, na cena, cerca de 30 segundos, que é o tempo de Camila e Fernanda se libertarem do ciclo de exaustão com referências do balé de Pina Bausch e se juntarem a mim, no paredão com seus corpos também sendo atingidos pela luz do refletor e refletindo a cena da *crucificação de Dandara*, mas ao invés de assumirem a mesma posição que eu, elas assumem e exibem essa coincidência/referência da imagem que criei, com a imagem clássica de Jesus na cruz que está no pensamento coletivo, elas simulavam, cada uma de um lado, uma crucificação.

Duas *Meninas Jesus*²² em pé, braços abertos, corpos condoídos escorrendo pela parede de uma forma melodramática. E de repente, saímos as três correndo em direção a um espaço com chão de terra, nos ajoelhávamos e começávamos a cavar essa terra, como cachorras que procuram ossos, assumíamos uma posição animalesca, de quatro, mostrávamos nossos cus, nos sujávamos, nos machucávamos de verdade e nem sentíamos, pois era tanta energia emanando de nossos corpos e ao final, criávamos três covas - cada uma havia cavado a sua.

²² Menina Jesus é uma canção do cantor Tom Zé.



Figura 12 – Crucificação da Menina Jesus (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Toda a cena era guiada pela ópera Popoli de Tessaglia e sabíamos quais eram nossas ações através da sonoridade da música, quando se tornava mais calma deveríamos agir de determinada forma, os momentos de agitação e gritos representavam outras movimentações, tudo era muito bem definido e nesse momento já nos aproximávamos do fim da cena e da ópera. Após cavarmos nossas covas, em uma tentativa desesperada de fugir dessa sociedade cisgênera, insana, que não está preparada para lidar com nossa existência, iniciávamos movimentos sexuais, como se estivéssemos sendo *comidas* por alguém imaginário, ficávamos na posição de quatro e simulávamos estocadas de pênis vigorosos em nossos cums e cavalgávamos apoiadas na terra, num misto de suor e barro, galhos e folhas secas nos cabelos, sangue nos dedos, terra na boca e nos olhos.

Tentávamos (de)sexualizar aquela cena, que era extremamente sexual. Três travestis nuas, simulando um sexo selvagem em cima das próprias covas. Era uma tentativa,

com uma pitada de referências aos filmes de *Lars Von Trier*, de retirar a sexualização desses corpos e voltar o olhar e o imaginário do público para a contradição da objetificação e sexualização do feminino desses corpos, com a deslegitimização do gênero feminino e a marginalidade de pessoas trans/travestis. Ou seja, a sociedade: o homem casado que paga por sexo, a esposa que é traída, o padre... todos identificam o feminino de pessoas trans/travestis, mas reproduzindo um discurso infundável - fruto da lavagem cerebral que é feita em nós desde o berço, e que envolve as histórias contadas na Bíblia e as consequências pra quem transvia suas ações – boicotam seus pensamentos. Essa pessoa (cidadão de bem) que acredita que seu gênero é correto, normal e universal, aponta a travesti, que também é correta, normal e universal, como específica, errada, anormal e pecadora. A partir daí, os corpos travestis passam a servir especificamente para o coito sigiloso, sem outras oportunidades, sem educação de qualidade, sem privilégios básicos, não nos resta alternativa senão a prostituição, a depressão, o suicídio ou assassinato.

“O assassinato é a última das violências. Maior parte das travestis é colocada na marginalidade muito cedo, não tem acesso aos direitos básicos. Não conseguem arrumar emprego e nem estudar por conta da violência. São pessoas que encaram a rejeição muito cedo, enfrentam todo tipo de violência durante a vida”. [...] Segundo Starosta (2016), as mulheres trans e travestis morrem por significar mais que só uma transgressão de gênero, mas um corpo representando o tão odiado feminino. E um feminino que não “nasce inferior” como a mulher cis, mas “torna-se inferior” por “vontade própria” (na cabeça das pessoas. É claro que nenhuma dessas descrições representa a verdade da experiência trans: pessoas trans tem tanta escolha no seu gênero, quanto pessoas cis. Apenas mostra visões sobre pessoas trans que são a base para os níveis de violência. Pessoas trans às vezes são usadas como símbolos, além de objeto. São mortas como símbolos também: corpos expostos em lugares públicos, nuas mutiladas quase que ritualisticamente, torturadas como quase que para mandar uma mensagem: “Que ninguém ouse abdicar do ser masculino e sua superioridade”. [...] No decorrer deste dossiê será possível observar que as mulheres e travestis mortas [...] não eram só trans, eram seres humanos. Muitas profissionais do sexo, negras e periféricas. Suas mortes não são “só mortes trans”, elas nos informam que estamos vivendo num país transfóbico, e devemos lembrar disso, mas também que este é um país feminicídio, do genocídio da juventude negra e do racismo. E é essa onda conservadora, política e religiosa que quer mandar nossos corpos, para a cozinha, para a senzala, para a esquina e por fim, para o cemitério. (NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 60-61).

Não há possibilidade de viver com essa gente.

Nem com nenhuma gente.

Nem com nenhuma gente.

A desconfiança te cercará como um escudo²³.

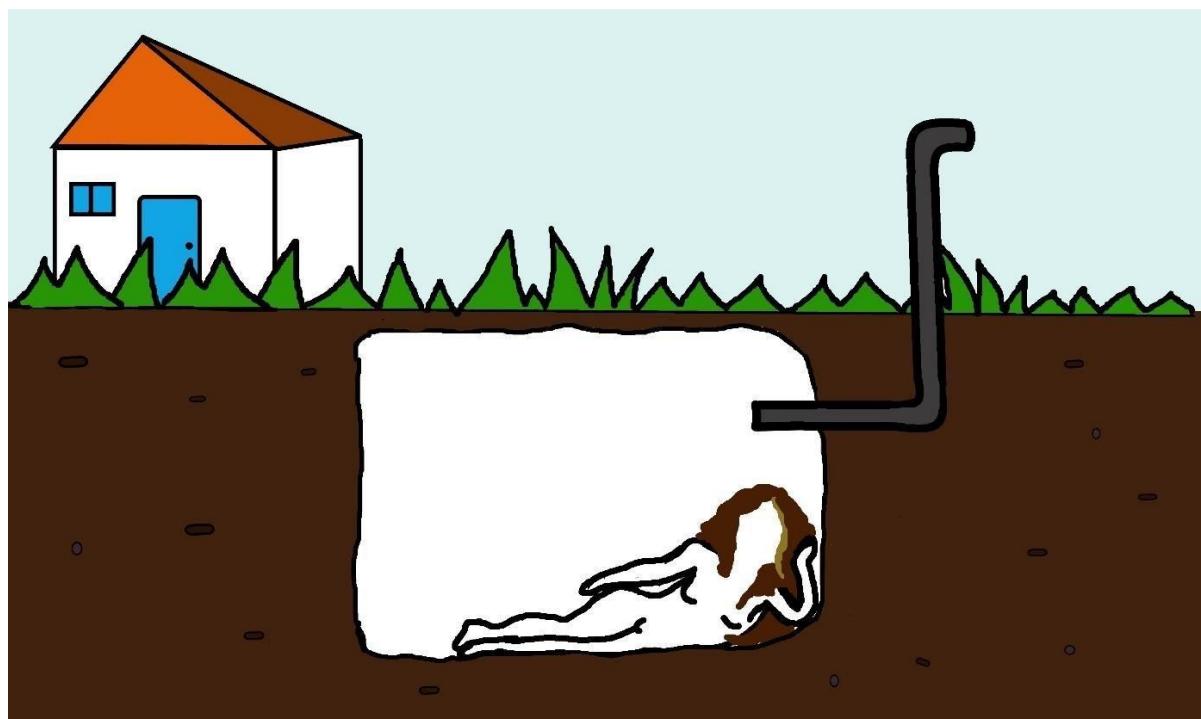


Figura 13 – O HIEROFANTE (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Quando terminávamos as movimentações de simulação de sexo, outros movimentos grotescos iam surgindo e começávamos a parir nossos ódios, nossos cansaços, nossa insatisfação nessa jornada de pesos e pesadelos, numa posição semelhante à de mulheres indígenas parindo. Já que estávamos em ritmo de despedida, cavando nossas covas, como avestruzes se enfiando de baixo da terra, para ignorarmos a triste

²³ O hierofante - Canção do grupo musical Secos & Molhados.

realidade que estamos fadadas a viver, buscávamos parir algo que germinasse, brotasse, criasse raízes naquela terra das nossas covas e permanecesse aqui, para que nossas essências não se perdessem completamente.

Paríamos em uníssono e íamos uma a uma caindo em nossas covas, conforme a cantora da ópera entoava a nota mais aguda que o ser humano pode emitir. Era um grito estridente de curta duração e nos jogávamos pontualmente no momento exato da nota. Nos lançávamos pra nossa morte e sentíamos o acolhimento frio e duro da terra, que era pré-cavada por nós, antes das apresentações. Nos apresentamos apenas duas vezes, na UFU, próximo ao antigo RU e no Apiá, então no dia anterior de cada apresentação, pegávamos carona no carro da Camila, passávamos na casa de Luan (amigx trans não-binárie) pegávamos duas enxadas e uma pá, que era o que Luan tinha pra nos emprestar e zarpávamos rumo aos nossos palcos para cavar as três covas.

Na UFU, tem inúmeros espaços com terra e muitas árvores, não tivemos dificuldades em escolher o lugar que nos apresentaríamos e no Apiá, que é um galpão nos arredores do Bairro Santa Mônica/Carajás, existe um terreno baldio, bem ao lado, sem muros e muito acessível, então deslocávamos a cena com facilidade, pois nos apresentamos dentro e fora do galpão e depois conduzíamos o público para esse terreno ao lado. Pré-cavávamos a terra, pois se começássemos do zero, na terra virgem, sem a ajuda de ferramentas, seria extremamente trabalhoso, nos machucaríamos mais ainda, certamente não ficariam covas profundas e seríamos lentas, então, cavávamos covas pouco profundas e depois as tapávamos com a terra que havíamos acabado de retirar. Com isso, a terra não se integrava mais como antes, ficava macia, fofa, fácil de manusear.

Eram trabalhos dobrados de cavar e devolver a terra/enterrar, fazíamos antes da apresentação, com ferramentas e depois em cena, cavávamos com as mãos e nos enterrávamos utilizando o corpo todo, deitadas em nossas covas rasas. Abraçávamos a maior quantidade de terra, jogávamos em nossos peitos, barriga, puxávamos a terra em nossa direção até mesmo com os pés e só parávamos de nos mover, quando acabava a ópera. Nossas pernas e braços ficavam para fora, deformados, voltados para diferentes direções. Nossos olhos estalados, cabelo na cara, pernas e braços tortos, sujos, corpos de três travestis enterradas vivas, pulsando, respiração movendo

a terra, que respira junto com os corpos. Silêncio.

[...] um corpo se define pela sua potência relacional, ou seja, por sua capacidade de afetar e de ser afetado num mundo que não nos é necessariamente externo, haja vista que participamos na sua composição. Assim, os estados de alegria ou tristeza são desencadeados pela qualidade das afecções com o meio. [...] podemos entender o *corpo* como uma composição de diferentes partes, de outros corpos que estabelecem relação entre si em algum espaço-tempo. Este eu-corpo existe enquanto potência relacional, de formação molecular e transitória: eu sou este corpo enquanto as partes que o estão compondo e as relações por elas produzidas permanecerem as mesmas. A qualquer alteração nessa configuração, a geografia deste eu-corpo se altera, podendo sugerir uma reconfiguração (mesmo que mínima ou temporária) de sua estrutura. [...] Ora, se um corpo se forma pela potência relacional que ele apresenta, jamais saberemos até onde ele pode chegar se não o experimentarmos. (Francelino, 2017. P. 138 apud LEAL D. 2018. P. 52).

O público atônito observa enquanto digere a quantidade de informações sensoriais que presenciou, sem saber se a cena acabou, se deve aplaudir ou não. Cochichos. Abafados por um som carnavalesco estridente da música Três Travestis - na voz de Zezé Mota, que cantamos e cantarolamos no início da cena.

Havíamos combinado com o técnico do som, que assim que a ópera acabasse, morreríamos em cena, instauraríamos um clima fúnebre, silencioso e depois quando ele sentisse que já era o bastante de silêncio, cerca de 1 minuto depois do fim da ópera, poderia soltar a música Três Travestis. Combinamos também com parte da plateia, um grupo de 5 a 7 pessoas, que quando iniciasse a música, eles iriam pular carnaval em cima das nossas covas, pisando cenicamente em nossos corpos, de modo que quebrassem totalmente a imagem deprimente de nossas mortes. Queríamos que eles demonstrassem o descaso, o desinteresse pelas vidas e mortes de pessoas trans/travestis. Quase todo dia uma pessoa trans/travesti morre, assassinada ou se mata, suicidada, e isso nunca é noticiado na tv ou jornais. São dados alarmantes, mas ninguém se importa. O povo, que também pode ser o vilão da história, se contenta com migalhas, é manipulável e esquece todas as mágoas no Carnaval, quando cai no samba. O povo (cis) só se importa com ele mesmo e segue com seu individualismo capitalista. O povo cis não quer conviver com mulheres trans e travestis e o povo cis, em sua grande maioria, sempre irá classificar uma mulher trans, como homem.

Em relação aos posicionamentos trans-excludentes no interior do movimento feminista, Serrano (2007, p. 81) escreve que: *Muitos argumentam que as mulheres trans deveriam ser barradas dos espaços femininos porque supostamente ainda temos uma “energia masculina”. Mas sugerir que*

mulheres trans possuem alguma “energia masculina” mística como resultado de terem nascido e sido criadas como homens, essas mulheres [feministas] estão essencialmente assumindo que os homens tenham habilidades e aptidões das quais as mulheres não são capazes. Outra desculpa popular para a nossa exclusão é o fato de que algumas mulheres trans terem órgãos genitais masculinos (já que muitas de nós ou não podem pagar ou optam por não fazer a cirurgia de redesignação sexual). Esse argumento do “pênis” não apenas objetifica as mulheres trans ao nos reduzir aos nossos genitais, mas também propaga o mito masculino de que o poder e a dominação dos homens de alguma forma surgem do falo. A verdade é que nossos pênis são feitos de carne e sangue, nada mais. (SERRANO, 2007 apud BAGAGLI, 2019. P. 24-25).

Na apresentação que fizemos na UFU, fincávamos na cabeceira de nossas covas, uma placa feita de graveto e papelão, escrita com tinta guache vermelha: ELE. A forma como TODA A SOCIEDADE nos enxerga, com um pinto nas nossas caras. A forma como tenta buscar em nós, o máximo de informações genéticas e fenotípicas masculinas. Tentando achar o masculino inexistente que habita nossos corpos e nos tratando como homens, de maneira nojenta, higienista e com fundamentos religiosos.

A transexual Jennifer Gable morreu em Twin Falls, Idaho, nos Estados Unidos, e sua família cortou os seus cabelos, a vestiu com um terno, divulgou um comunicado de óbito com seu nome masculino e a enterrou como homem. [...] "Tenho uma amiga que durante a vida toda sempre falava: 'Quando eu morrer, vocês me enterrarem de minissaia'", diz a transexual Márcia Rocha . "Quando ela morreu a família não quis nem que fôssemos ao velório". [...] Não é exagero dramático o roteiro do curta "Os Sapatos de Aristeu" (2007), de René Guerra, vencedor do Grande Prêmio do Canal Brasil. Quando uma transexual morre em uma cidadezinha do interior, sua mãe e sua irmã seguem exatamente o mesmo roteiro da família americana de Jennifer Gable: vestem aquele corpo feminino com um terno, cortam o cabelo longo, abotoam a camisa branca por cima da prótese de seios, mantêm as amigas à distância. E a irmã ainda se revolta: "Você é a vergonha da nossa família! Foi embora e nos deixou sozinha para virar 'isso'. Comentando o caso da americana Jennifer Gable, René lembra que nos Estados Unidos a funerária é a responsável por preparar o corpo. No caso de Jennifer, como declarou o funcionário da funerária Magic Valley, a certidão de nascimento que apresentaram para ele era masculina e a indicação que ele teve foi de preparar o corpo como um homem. René cita uma frase do poeta mexicano Octavio Paz que o guiou durante a concepção do filme: "É por não dizermos o que temos a dizer, é por não fecharmos os nossos ciclos, que a morte para nós ocidentais é algo tão sem sentido." "A geografia de uma transexual é ser barrada na rua, jogada fora da família, renegada na escola, abusada, violentada, surrada. O momento da morte poderia ser de reparação, de amor, de reencontro, e é o contrário. Enterrar uma trans como homem é não reconhecer a liberdade do outro nem nesse momento." Quem traz uma boa notícia é Dimitri Sales, advogado especializado em causas LGBT. Ele diz que há sim uma maneira legal de garantir que o enterro seja feito conforme a vontade da transexual. "Tem que ser feito um documento registrado que estabelece tal situação. O Condicilo, antigo artigo 1881 do Código Civil, estabelece que 'Mediante escrito particular seu, datado e assinado, pode fazer disposições acerca de seu enterro... como deseja ser enterrado, quem vai cuidar do corpo, um ato de vontade'", explica ele. Trocando em miúdos: é preciso escrever uma carta, que pode ser de próprio punho ou digitada, datar, assinar e registrar no cartório. Nela pode estar indicado quem vai cuidar do corpo, que a vontade expressa é ser enterrada como mulher, com

maquiagem, que não gostaria da presença de alguém no enterro e até quem vai ficar com as coisas de menor valor, que não entram no inventário, como roupas, móveis, livros e bijuterias. "As pessoas não costumam usar o Condicílio, não se socorrem desse direito", diz Dimitri. "Mas é um instrumento de garantia." (RIBEIRO, 2014. Site Igay).

O que me enche de raiva é que na maioria das vezes que não consigo suportar o desaforo e acabo respondendo essas pessoas escrotas, que me tratam como homem, elas se fazem de desentendidas, dizem não ter percebido que me trataram no masculino ou as vezes demonstram não entender o porque estou exigindo aquilo delas, como se fosse uma obrigação, como se tivessem que deixar para trás suas crenças, cultura e brincar de mentirinha junto comigo. *Vou ter que fingir que ele é uma menina, se não vai ficar me enchendo o saco!*

A invalidação da identidade trans é correlata [...] à naturalização da cisgeneridez que produz os sentidos evidentes em relação a homens e mulheres. O reconhecimento da identidade trans por sua vez é assumido como resultado do ato de *obrigar* [os homens e] as mulheres a aceitarem transexuais MTF [male to female] como mulheres. (BAGAGLI, 2019. P. 27).

Marina Reidel, professora da rede pública, mestra em Arte e Educação e mulher trans, relata a fala da diretora da escola em que trabalhava, no início de sua transição, em uma entrevista sobre as TRANSformações que professoras transexuais promovem nas escolas.

'A gente vai fazer um esforço, porque é muito complicado te chamar de Marina agora, porque a vida inteira eu te conheci como... [nome civil]. [...] Mas assim , a gente não tem nenhuma discriminação, nós não tivemos nenhum pai que veio questionar, nós não tivemos nenhum problema quando tu te transformaste, só que a gente, nós, como te conhecemos,nós somos amigos, a gente tem relações fora daqui, a vida inteira a gente te conheceu, então ainda é difícil nós conseguirmos assimilar que tu hoje és a Marina'. Isso foi a fala da diretora, eu disse pra ela 'eu já sabia desse parecer porque eu sempre estou engajada nesses movimentos e eu sabia desse parecer'; 'ah, então tá, só pra dizer que nós não temos nada, nenhuma preconceito, mas é difícil a gente te chamar ainda com o nome Marina'

- Entrevista concedida a Marco Antonio Torres em 02/2010 por Marina Reidel. (TORRES, 2012. P. 55).

As vezes, corrojo essas pessoas, dizendo: *ELE NÃO, ELA!* Você estava se referindo a mim e me tratou no masculino e eu sou mulher. É ELA! As vezes questiono, tento fazer a pessoa sair de sua zona de conforto de alienamento e falta de leitura de mundo, dizendo: *Como você consegue olhar para mim e me tratar no masculino? Acabamos de nos ver* (muitas vezes acontece em bares, estabelecimentos) você não me conhece. *Onde está enxergando masculino em mim, se minha aparência é totalmente feminina?* Com que direito você acha que pode me tratar assim? E se eu

também te tratasse no gênero oposto ao seu? (gênero oposto é uma fala que deve ser evitada, pois exclui pessoas trans não-binárias, que possuem, muitas vezes, gêneros além da binariedade masculina e feminina). Mas percebo que esses conflitos só geram um desgaste emocional gigantesco para mim. Fico irritada, triste, remoendo a situação por horas e com vontade de tirar uma “gillete” de baixo da língua e passar na garganta do(a) maldito(a). Para meu agressor, aquele que me trata no masculino, fica mais uma vez a impressão de que **“os travestis, esses viados, gostam de barraco, gostam de chamar a atenção. Tem tudo que morrer!”** Sinto que é um movimento que não colabora com a educação e conscientização das pessoas, ninguém gosta de ser corrigido e se a pessoa já não tem o mínimo de sensibilidade para me tratar no feminino, certamente não terá sensibilidade para se atentar ao novo que lhe é apresentado e aprender.



Figura 14 – Marina, deus e o diabo na Terra do Sol (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

Na apresentação que fizemos no Apiá, retiramos as placas escritas ELE, quando nos enterrávamos e incluímos uma nova cena, que não fizemos na UFU. Nos levantávamos das covas, depois de termos sido pisoteadas e nos encaminhávamos novamente para o espaço do lado de fora do galpão, onde estavam três baldes cheios de água e alguns copos descartáveis. Nos posicionávamos perto dos baldes, entregávamos os copos ao público que rapidamente entendia o que estávamos propondo, sem ser necessárias palavras.

Enchiam os copos com a água do balde e banhavam nossos corpos cansados, sujos, suados, pelados e machucados pela cena e pela vida.

Eu sentia várias mãos me tocando a pele, ao mesmo tempo que pequenas e suaves cascatas de água quase morna me lambiam e me limpavam.

O público se dividia em três grupos, cada um banhando uma travesti e se deslocavam de um grupo para outro, fazendo com que nos relacionássemos com todos. A água, o barulho que ela fazia caindo no chão, o silêncio do público - que agora parecia querer nos acolher e se desculpar por sua cisgêneridade e como ela nos afeta - todos esses estímulos eram extremamente relaxantes. Era a forma que encontramos de inserir o público na cena e era uma excelente maneira, até mesmo terapêutica, de finalizá-la. Eram trocas muito íntimas.

O que me entristecia era ter de trocar com pessoas que a meu ver, não mereciam essa troca. O público para quem nos apresentávamos era composto em sua grande maioria (95%) de pessoas com algum tipo de relação com a UFU, pessoas que tiveram educação de qualidade, muitos privilégios e os pensamentos voltados para o fazer artístico. O público que na maioria das vezes está presente é o jovem universitário alternativo, o chamado Hippie Rico, que já sabe o que são travestis, embora muitas vezes não as respeite. Lembrando que o termo hippie rico não se refere a todos os universitários, seria interessante se nos apresentássemos para os alunos transfóbicos das engenharias, da medicina ou da veterinária, mas o hippie rico abrange apenas o jovem universitário com ligações e interesses artísticos acadêmicos.

O público que nos assiste não se choca com a nudez, já viu ela outras vezes, em cenas. Eles não são nosso público-alvo. É um público cisgênero heterossexual normativo que decide pesquisar sobre transgeneridade e acredita ter propriedade para

falar sobre nós. São branquelas dos olhos azuis, da Zona Sul do Rio, pesquisando sobre negros e índios, com o aval da universidade. É um público com energia pesada, que te encara com olhar de inveja nas apresentações e na primeira oportunidade copia/imita toda sua cena e se apropria dela. É um público quase hipocondríaco, que ao invés de acumular doenças imaginárias, busca alguma forma de se encaixar em algum grupo de minorizados²⁴, para que tenha alguma temática interessante sobre o que pesquisar. Já que teve uma vida sem preconceitos, cheia de privilégios, conforto e nada do que reclamar, busca se ingressar no meio LGBQ+ e na comunidade Transvestigênero se dizendo bissexual - talvez essas pessoas sejam a razão da bissexualidade ser tantas vezes desacreditada - ou se considerando negra porque possui o cabelo cacheado e o bisavô era negro.

Nosso público-alvo é a comunidade. É a parte da sociedade que não possui vínculo com a universidade. Nosso público-alvo é a periferia, são os funcionários dos bares que me tratam no masculino, são as tias crentes, que possuem 1 metro e 40 centímetros de altura, saias que vão até os dedos dos pés e adoram me encarar como se encarassem a Anticristo.

²⁴ Minorizados é um termo mais consciente que substitui o termo “minorias”, afinal, as pessoas minorizadas e marginalizadas não são minorias, representam um número significativo da população.

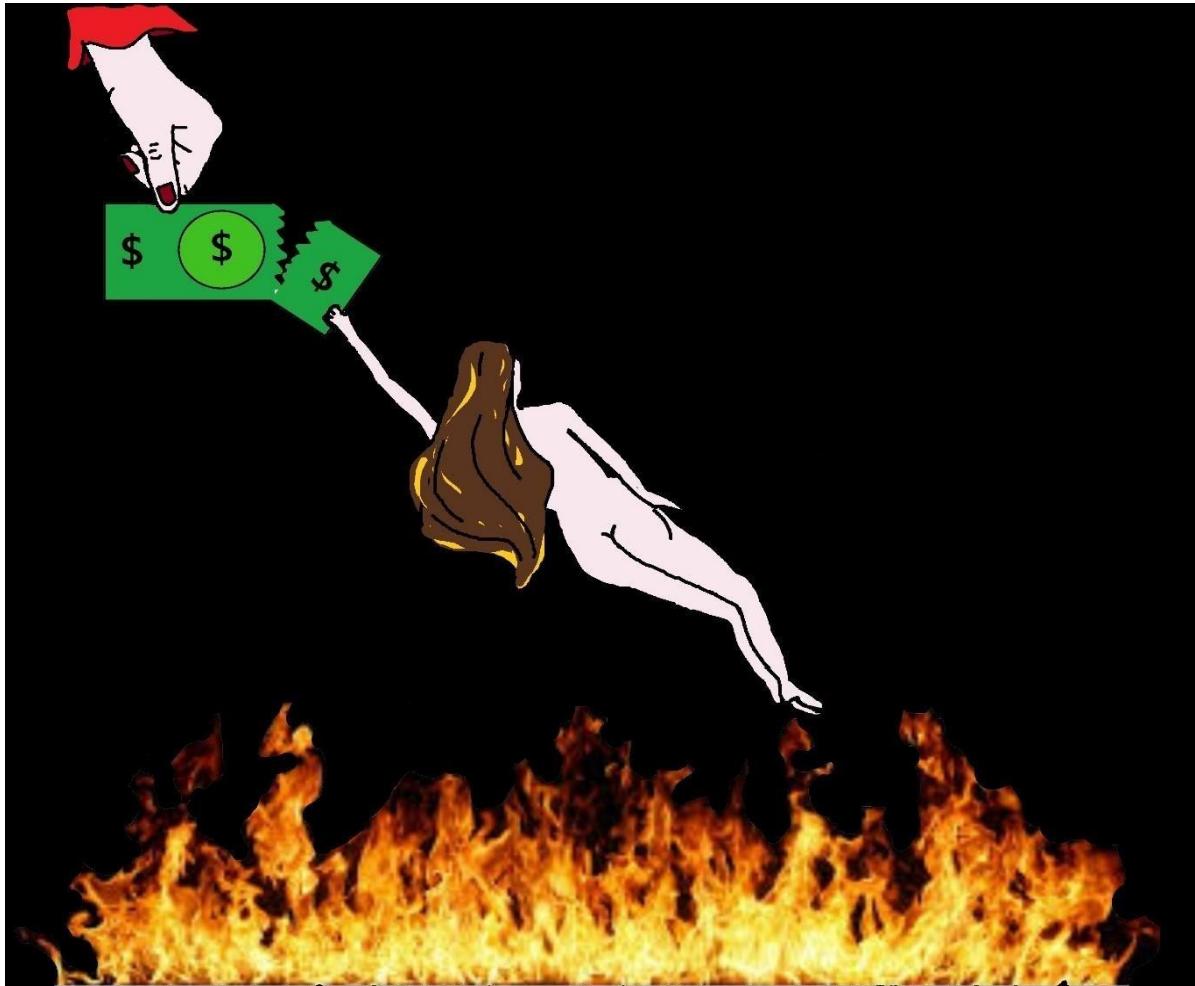


Figura 15 – INFERNO (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

Nosso público são os boyzinhos chavosos²⁵ que empinam bicicleta, andam em grupo e zombam de mim quando enxergam meu gogó, como uma matilha de cães que sozinhos são covardes. Nosso público é a família tradicional, que não dorme bem, se não se iludir com uma historinha de alienação amor (novela, futebol, programas de fofoca). Nosso público é aquele que aceita calado o que a mídia dita e arrota *Boa Noite!* toda noite ao William Bonner, “o detentor da informação”.

Mas infelizmente é mais fácil, mais cômodo e mais seguro estar nos arredores da Universidade, nos apresentando para o público composto por hippies ricos malvados. Afinal, são eles que geralmente nos convidam para apresentações, nos eventos que eles mesmos organizam, seus lançamentos de livros, seus eventos artísticos e suas

²⁵ Boys chavosos são jovens periféricos que se vestem com roupas características: correntes, relógios, óculos, bermuda e boné, que “ostentam” seus looks e geralmente possuem algum envolvimento com o universo das drogas, são traficantes ou usuários.

noites poéticas. E por falar nesses diferentes públicos, a expectativa x realidade, o público para quem desejamos nos apresentar e o público para quem nos apresentamos, tivemos uma cena um tanto quanto peculiar - quase um embate entre esses dois tipos de público - na apresentação que fizemos no Apiá.

Como eu havia dito, o espaço do Apiá é semelhante ao de um galpão com área coberta e área externa descoberta, de frente para a rua – na apresentação, utilizamos também o terreno baldio ao lado, sem muros, também de frente para a rua. Quando nos deslocávamos para essas áreas externas, a cena passava a ser quase um teatro de rua, pois todos os carros, pedestres e funcionários de estabelecimentos ao redor passavam a observar a movimentação que estava acontecendo naquele espaço. E a situação peculiar começou, quando tiramos nossas roupas, cerca de 1 metro do asfalto, a rua estava movimentada e dançávamos como bruxas livres e conscientes, já devíamos estar próximas de fazer os movimentos de exaustão inspirados na Pina Bausch, quando escuto gargalhadas, gritos, buzinas e zombaria.

O barulho, que a essa altura já tinha atraído a atenção de todos, inclusive a nossa, vinha de um carro que passava pela avenida, se deparou com a “chocante” cena de três travestis felizes e nuas fazendo arte e começou a buzinar, rir e gritar mais alto que o som da ópera e numa movimentação de deboche/escárnio que atraía a atenção do público mais para eles, do que para nós. Instaurou-se um clima de tensão, o público-alvo (sem educação) para quem tanto almejava me apresentar, se infiltrou no evento burguês e se inseriu na cena de tal forma, que se tivéssemos combinado, não teria sido tão bom.

Os passageiros do carro, que deviam ser boys chavosos, tias crentes e alienados *xucros* que “pagam pau” pro “Bolsobosta” eram a confirmação de que aquele assunto em que estávamos tocando era necessário, era a prova viva de que a comunidade reage com violência quando se depara com a alteridade, por isso é mais cômodo e seguro se apresentar nos ambientes burgueses, apesar dos pesares. Nosso cobiçado público-alvo agora agia como personagens coadjuvantes e faziam exatamente o que o povo faz quando nos vê nas ruas, faziam ao vivo a releitura do vídeo da morte de Dandara, enquanto o vídeo era transmitido. Tentaram estragar a cena e tentaram mostrar para dezenas de pessoas, escancaradamente, que eles (os passageiros do carro) eram um grupo de pessoas escrotas, maldosas e corajosas apenas quando

estão em bando, mas mal sabiam que somos extremamente gratas por essa ação, pois o inesperado, que é sempre esperado no teatro, torna tudo mais verossímil.

O nível mais acentuado de manifestação coletiva de desvalorização do outro é o ódio. Crimes de ódio são motivados por preconceito contra características que identifiquem alguém como parte de um grupo discriminado e se expressam da forma mais brutal e covarde: a agressão em grupo, incluindo linchamentos. (JESUS, 2016. P. 196).

E no fim, o público burguês que agora a pouco tanto critiquei, teve uma atitude honrosa que foi uma resposta inteligente a essas ações do grupo de pessoas no carro. Depois de desfrutarem visualmente das cenas de transfobia e intolerância artística, passaram a criar com seus corpos um paredão bem em frente ao carro, na tentativa de nos proteger dos ruídos externos e tapar a visão dos nossos agressores. Estávamos agora cercadas de pessoas que se aproximavam e fechavam, quase de mãos dadas, um grande círculo, impedindo que transeuntes da rua identificassem o que acontecia dentro daquele círculo/muro. Outras pessoas que passeavam pela rua, também pararam para ver o que acontecia. Lembro-me que escutávamos, quase ao fim da cena, quando já estávamos sendo banhadas, a voz de um homem que questionava: *O que é isso? Manifestação artística? E se eu quiser tirar minha roupa também? Isso é atentado ao pudor..* Mas seus gritos foram abafados por palmas apoteóticas do público artista-burguês que encerrava o espetáculo e nos agradecia por ter lhes apresentado tantas referências potentes para suas pesquisas e artigos futuros e nos acolhia condoídos com nossa “anormalidade” e o poder que ela tinha de causar tretas. Mas como diria Itamar Assumpção, na música Tristes Trópicos: A TRETA FRUTIFICA!

Com essa frase, finalizo a história das Três Travestis e dou início à história das Transviadas. Pegue a pipoca e se prepare, Legente, pois das tretas que vem por aí, nasceram tantos frutos, que até hoje não consegui colher todos e já estão apodrecendo no pé.

*** Após as apresentações, Camila se mudou para o Rio de Janeiro, desistiu por ora do direito e começou uma nova graduação, arquitetura. Fernanda tentou prestar o mestrado na biologia, não conseguiu, perdeu as vagas para professora municipal/estadual e decidiu voltar para a casa de seus pais, no interior de Goiás, mas sempre vem visitar a cidade de Uberlândia. Em 2020, finalmente conseguiu iniciar o mestrado em Biologia em Uberlândia.

1.2 | TRANSVIADAS



Figura 16 – TRANSVIADAS (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

- Ato de TRANSviar, TRANSgredir.
- Meretriz, prostituta.
- Mulher que pratica o meretrício.
- Desviada; aquela que se TRANSviou; que se afastou dos bons costumes.
- Desencaminhada; que se perdeu do caminho; que se TRANSviou; que está perdida.
- Que se opõe aos padrões comportamentais preestabelecidos ou vigentes.
- O mesmo que: perdida, vagabunda, desnorteada, erradia, extraviada, tresmalhada²⁶.

²⁶ Significados da palavra Transviadas, no Dicionário.

Uberlândia, abril de 2018.

Querida Naessa,

Não me lembro ao certo quando foi a primeira vez que te vi, se foi nas redes sociais (te stalkeando loucamente) ou se foi naquele show do saraú na época da ocupação. Prefiro pensar que tenha sido no saraú. Aquele foi um dia mágico! Sua voz de Nae Mato Grosso do Sul é tão parecida com a do Ney. Tem sido muito bom cantar com você! <3 <3

Como havia comentado acima, no subcapítulo anterior, conheci Naessa, que é uma mulher trans, no primeiro ensaio da performance Três Travestis. Ela nos auxiliou nesse dia no som, com o registro de alguns vídeos do ensaio e depois, passou-se um bom tempo até que nos encontrássemos de novo. A responsável por promover esse encontro era uma amiga que tínhamos em comum, a Andressa, que assim como eu e Naessa, compartilhava do mesmo sonho: criar uma BANDA! Nós três sonhávamos em cantar, brilhar, ganhar dinheiro e tocar músicas que nos emocionam. Um sonho juvenil de ter aquelas bandas de rock, na garagem de casa ou no porão, retratadas em cenas clássicas de filmes norte-americanos que estão grudadas na cabeça de todo brasileiro, que desde sempre/cedo é bombardeado por todo esse montante de filmes e séries hollywoodianos. Na prática, ter uma banda de rock é muito mais difícil do que o cinema retrata, ainda mais se você é pobre e sua arte é TRANSgressora.

As minorias sociais têm ocupado cada vez mais espaço no âmbito das transformações nas relações interpessoais, grupais, de massa e globais na sociedade informacional (Castells, 1996), devido à interação entre a estrutura social e as novas tecnologias da comunicação que permitem a troca eficaz e rápida de informações entre diferentes culturas, grupos ou pessoas com objetivos em comum. A reflexão sobre os direitos desses grupos ultrapassa as barreiras jurídicas e envolve as epistemologias e práticas que estruturam a ciência psicológica, em seus diversos âmbitos de atuação. A dificuldade para o reconhecimento efetivo dos direitos de um segmento da população costuma se relacionar a preconceitos, mitos ou estereótipos culturalmente estabelecidos, mas cuja naturalização tem sido cada vez mais criticada na atualidade. (JESUS, 2013. P. 363).

Eu e Andressa somos amigas há muito tempo, quando estávamos na graduação, ela, que é pianista, cisgênera, cantora e compositora, participou de algumas apresentações de teatro comigo, onde tocava teclado. Desde então nos tornamos

mais próximas e sempre vislumbrávamos apresentações artísticas com canções autorais, críticas e com humor ácido, mas nunca de fato executávamos essas ideias, elas não saíam do papel e nem das nossas cabeças. Lembro-me que na época, eu estava circulando pela cidade de Uberlândia, com apresentações de uma personagem, A Cachorra, que simbolizava a polícia e retratava sua repressão. Me sentia instigada em criar um canal no Youtube com performances audiovisuais, que envolviam nossas vozes, meu (corpão) violão e o piano dela, mas nunca agíamos para que isso acontecesse, precisávamos da energia do fogo, do calor, a proatividade, a atitude e encontramos isso na sagitariana com ascendente em leão (fogo duas vezes²⁷) Naessa.

Já mencionei que sou uma confusão astrológica, meus signos são regidos pelos elementos ar e água. Tenho muita racionalidade, pouca proatividade, sentimentos aflorados, as vezes me falta motivação para agir na vida e costumo procrastinar o que tenho que fazer, durante os meus dias.

Andressa é virginiana e não me lembro seu ascendente, acho que é escorpião, o que também não ajuda muito numa relação que exige a atitude e disposição de um signo regido pelo elemento fogo. Segundo a Astrologia, Virgem está ligado com a perfeição e com a busca incessante por coisas perfeitas na medida do possível. Acredito que essa busca pela perfeição, pode estar intimamente ligada com frustrações por não atingir esse ideal, também com a falta de segurança, falta de confiança em si, entre outras problemáticas. Conclusão: nós duas sozinhas não conseguíamos produzir nada e não saímos do lugar.

Então, certo dia, Andressa criou um grupo no whatsapp e adicionou Naessa e eu. Nos comunicou que aquele era um lugar para discutirmos projetos artísticos futuros e que dali poderia nascer para o mundo, a nossa banda. Naessa, que é de Araguari, havia sido convidada, naquela mesma época, para cantar em um evento sobre a comunidade LGBQ+ e a comunidade Transvestigênero na UFU. No percurso, teve algum problema com a pessoa que tocaria violão - pois ela apenas canta, ainda não toca instrumentos – e antes que desistisse da apresentação, Andressa se prontificou a tocar seu teclado no evento e ainda convidou um amigo que toca violão e que possuía uma caixa de som com microfones potentes para tocar com elas.

²⁷ Na astrologia, os signos leão e sagitário são regidos pelo elemento Fogo.

Combinaram algumas músicas clássicas do Ney Matogrosso e ensaiaram minutos antes da apresentação. Eu estava presente nesse dia, assisti o show, fiquei extasiada com o som que elas produziram e tive a certeza que queria merelacionar com aquelas pessoas, para que pudéssemos botar em prática o nosso sonho de construir uma banda de músicas que nos representassem.

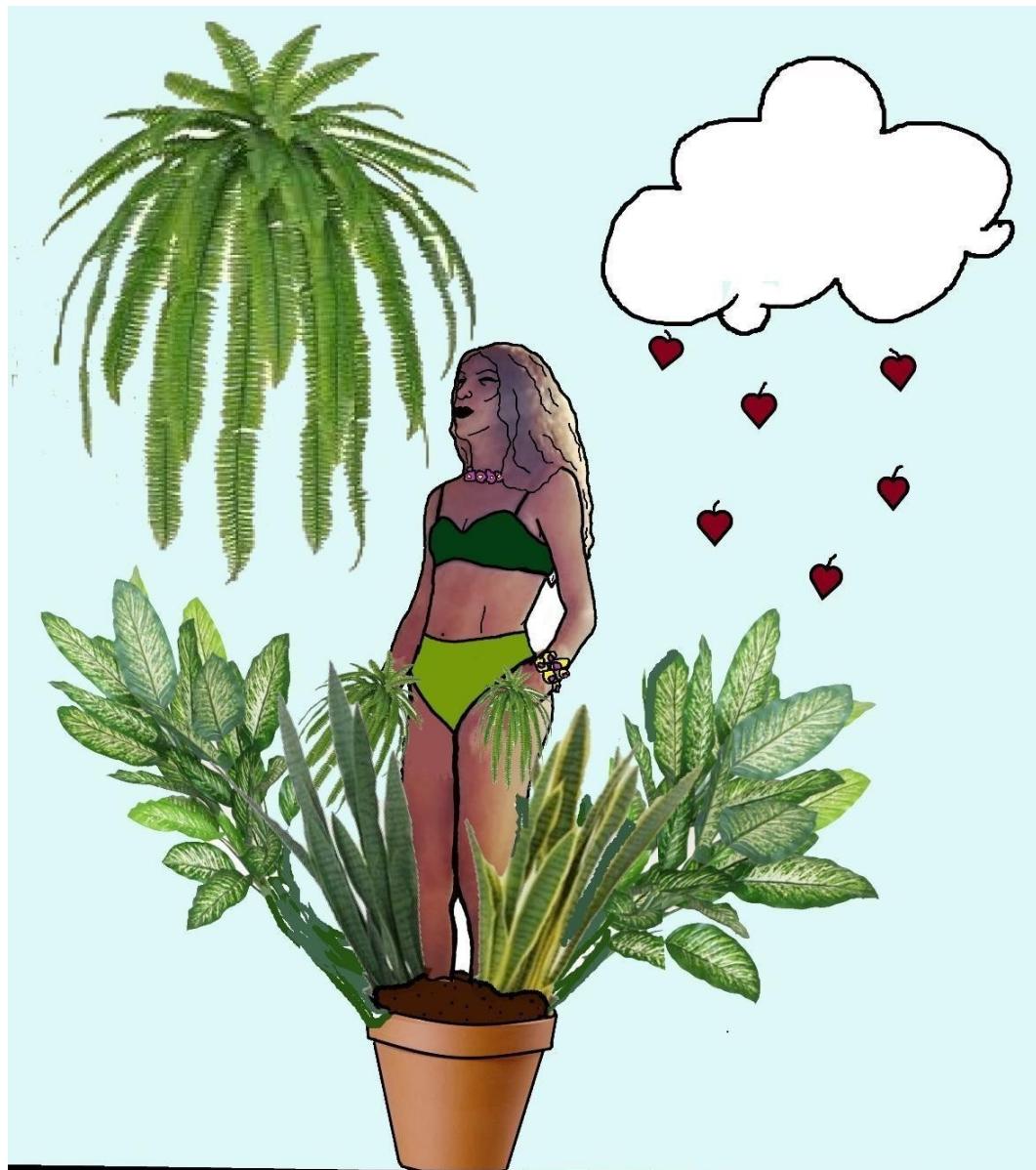


Figura 17 – Marina Ser Habitante da Selva da Selva (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

Tudo se encaminhava muito bem, Andressa coordenava o grupo do whatsapp enviando mensagens para marcar encontros e ensaios, eu e Naessa nos manifestávamos em relação às músicas que queríamos cantar e quais dias na

semana tínhamos disponíveis para nos reunir, mas eram encontros sempre digitais.

Por morar na casa dos pais, em Araguari, Naessa tinha dificuldades para se encontrar conosco. Ela tinha aulas em tempo integral no curso de biologia na UFU, o que limitava seus possíveis dias disponíveis e quando estava aqui na cidade, tinha que gastar dinheiro com comida, o transporte de ida e volta entre as cidades, muitas vezes tinha que dormir na casa de alguém e todas essas condições, geravam um custo financeiro, que a impedia e limitava nossos encontros.

No grupo do whatsapp estava também adicionado por Andressa, o Rodrigo, que era o amigo dela que havia tocado na apresentação com Naessa na UFU e emprestado o equipamento de som potente. Rodrigo quase nunca se manifestava no grupo, trabalhava o dia todo no almoxarifado de um hospital, era cis hétero, casado e dificilmente tinha dias disponíveis ou animava ensaiar depois do horário do seu trabalho, por volta das 21hs.

Ninguém estava tendo a atitude (o fogo) que precisávamos, então me prontifiquei a ensaiar com Andressa para que a banda e as ideias não se dissolvessem e para desmistificar essa teoria de que não conseguiríamos fazer o fogo interior que existe em nós, queimar! Tiramos as ideias do papel, juntas agimos e decidimos lutar. Nossos encontros aconteciam na casa de Andressa, que também é rica, não tanto quanto Camila, mas possuía uma boa casa com hortas, caminhonetes e um quartinho com dois pianos, um de madeira e um digital. Combinamos de nos dedicar nesses ensaios às minhas músicas autorais.

Eu também sou compositora e já criei dezenas de canções, mas não tenho a base musical necessária para fazer nem “um terço” do que Andressa fazia no seu piano. As músicas que componho surgem na minha cabeça em qualquer ocasião, as vezes inesperadamente andando nas ruas, subitamente depois de sofrer alguma transfobia e as vezes propositalmente atiço meus pensamentos para a criação de uma canção. Entro num TRANSe musical e tento escutar a melodia, que sempre é única, mas também sempre familiar, sempre a música parece derivar de algo que já conheço, mesmo que eu nem me lembre qual é esse som original que gerou minha música. Mas a única pessoa que escuta a música sou eu, então antes que eu me esqueça da melodia e as vezes da melodia e da letra, pois elas não necessariamente surgem juntas, começo a cantar a música em voz alta e gravo num aplicativo de gravação de

som do meu celular. As vezes só cantarolo e posteriormente penso em uma letra, as vezes a música já surge praticamente pronta, mas é necessário que alguém escute essa gravação simples de um pensamento musical e TRANSforme/TRANSpasse essa linguagem em uma linguagem musical, alguém que coloque cifras e determine as notas exatas daquele tom que eu imaginei. E esse alguém era a pianista Andressa.

Sentávamo-nos de frente para o piano, eu cantava a música e ela automaticamente decorava e digitava no piano um som exato que imitava todas as tonalidades de cada frase musical que eu lhe apresentava. Era um processo trabalhoso, as vezes eram sons muito destoantes e ela como uma virginiana nata, suavizava e aperfeiçoava o som, mas sem que ele perdesse minha identidade. Cantávamos meus devaneios e os transformávamos em música. Era emocionante ver suas anotações (ré bemol, sol sustenido, lá com a sétima) sobre as minhas anotações, era uma tradução universal de algo íntimo que criei. Qualquer um que entendesse minimamente de notas, cifras e música, conseguia tocar minha música.

Já que Andressa não era a compositora das canções, mas estava participando de um processo importante da composição, inclusive com sugestões construtivas para aperfeiçoar as músicas, eu lhe questionava qual era o nome da sua função na nossa parceria. E ela sem saber ao certo o que me responder, dizia que “musicava” as minhas canções, mas o significado desse termo é muito amplo, não especifica exatamente o que ela fazia. Eu criava uma canção sem saber que ela tinha as cifras dó bemol e si sustenido e Andressa descobria/decifrava para mim que nessa canção cabiam essas cifras. Foram cerca de 10 encontros na sua casa, no quartinho dos pianos e lá passávamos tardes, inícios de noites e cantávamos alto as minhas músicas, que em sua maioria, continham palavras não tão convencionais (buceta é palavrão?) referentes ao universo trans, sexualidade e preconceito. Temíamos a repressão dos seus pais, que vez ou outra abriam abruptamente a porta do quartinho, interrompiam o ensaio por frivolidades, ou porque necessitavam de algum tipo de ajuda de Andressa e isso era extremamente desgastante. Mas juntas, tivemos a iniciativa de criar algo e criamos. Musicamos 4 músicas: O seu olhar é fogo²⁸, Kasado Ker, Relax e Mais Uma Rejeição. Abaixo, vou expor duas dessas canções, que falam

²⁸ O seu olhar é fogo é uma canção de Marina Silvério (eu) e a letra dela está presente na Epígrafe dessa dissertação.

sobre relacionamentos e descrevem situações corriqueiras na vida de pessoas LGBQ+ e principalmente pessoas Transvestigêneres. As músicas passaram a fazer parte do repertório musical da banda.

KASADO KER

Eu falava assim: *Olá, tudo bem?* - (cantada com a voz bem aguda)

Eu sorria assim: *HAHAHAHA*

Eu só tinha amigas mulheres e o meu melhor amigo era gay

Os moleques da escola sempre souberam até antes de mim

Me zoavam e gozavam por causa da minha bunda

Mas depois de tanta bordoada, eu comecei a falar assim! - (cantada com voz grave)

Peguei uma mulher e enganei ela até o fim

Falei: - *Ei, você quer casar comigo?*

- *Ei, você quer ter dois filhos comigo?*

- *Ei, então se quer, vai ter que me respeitar pra poder viver debaixo do meu lar!*

Hoje em dia eu passo na rua e se vejo dois “viadinhos”

Eu METO o chute, eu DOU porrada, eu ENFIO uma lâmpada²⁹ bem na cara!

Mas de vez em sempre, quando não consigo aguentar

Eu entro no bate papo uol³⁰ e saio do meu armário para VIADAAAAARRR!

Kasado Ker; Hétero Sigilo; Casado com M quer H; H versus H na broderagem³¹

²⁹ Nesse trecho, a música está se referindo à agressão a um casal gay que sofreu golpes com lâmpadas tubulares fluorescentes, na Avenida Paulista, em 2010.

³⁰ Bate papo uol é um chat, uma ferramenta de bate papo, onde pessoas desconhecidas se conectam no mesmo site e conversam ao vivo.

³¹ Broderagem são relações sexuais entre homens (amigos ou não, bro, brother) em que ambos ou apenas um deles não se consideram homossexuais.

Só na Broderagem!

 **MAIS UMA REJEIÇÃO**

Hoje eu tive mais uma rejeição no amor

Hoje mais um me disse: *Não vem não! Não quero HOMEM não!*

Eu gosto é de MULHER, eu gosto é de VAGINA, de BUCETA, PERERECA

Se você não tem pra me oferecer, METE o pé e não me estressa.

Hoje eu tive mais uma decepção no amor

Hoje mais um me disse: *Véi, eu sou hétero!*

Mais um carinha que me machucou

só pra massagear o seu ego e se sentir desejado.

**Depois foi embora e deve ter batido UMA punheta pensando em mim... DUAS,
TRÊS, QUATRO, CINCO...**

Hoje eu tive mais uma indisposição com o amor

Hoje mais um me disse: (silêncio!)... CRI CRI CRI (som de grilos)

Mais um boyzinho que pediu pra eu comer seu cuzinho,

Me viu na rua e fingiu não ver, só porque estava com seu grupinho

De amigos ricos e transfóbicos.

Ricos e Transfóbicos.

Não quero ser pesquisa de ninguém pra saber se gosta ou se desgosta

Como é fazer um sexo com alguém tão “diferente” como eu?

Como você, como eu, como você.

[...]

Criei a canção *Kasado Ker* há muitos anos, quando ainda estava no início da minha transição e ainda não era fisicamente e psicologicamente como sou hoje. Eu me surpreendia com a quantidade de homens cis “héteros” que se interessavam sexualmente e sigilosamente por mim, *uma gay afeminada*, na época. Mentalizei, escutei e tratei de gravá-la no meu celular e logo percebi que a melodia tinha uma pequena semelhança com a famosa música *Jesus Cristo*³² de Roberto Carlos.

O nome *Kasado Ker* (casado quer) se refere ao *nickname* (apelido) de um usuário do bate papo uol. O bate papo uol é possível ser acessado no site da UOL, são salas de bate-papo com pessoas de todo o Brasil interessadas em conhecer outras pessoas e você pode escolher com qual cidade quer *teclar* (conversar). A música narra a história de uma *maricona*, um homem cisgênero, casado com uma mulher cisgênera, pai de dois filhos e que engana toda a família, pois na verdade é gay ou bi. Sente atração sexual por homens e gosta de transar com eles, por isso, acessa o bate papo e marca sigilosamente encontros amorosos. A música também conta como esse sujeito casado, de orientação sexual confusa, lida com esses sentimentos: o desejo sexual pelo mesmo gênero e o ódio desse desejo, fazendo referência ao episódio do ataque homofóbico a um casal gay, na Av. Paulista em São Paulo, com lâmpadas fluorescentes tubulares. LGBQfóbicos possuem algum tipo de problema mal resolvido dentro deles mesmos, talvez pessoas homofóbicas, assim como é dito na música, sejam pessoas que não conseguem assumir, nem para si, que são gays, questão diferentes da heteronormatividade vigente. Talvez transfóbicos sintam o desejo sexual por transexuais e travestis e ao mesmo tempo ódio, ojeriza, necessidade de calar esses sentimentos e calar a vida de pessoas trans.

Por uma lógica hegemônica, as pessoas travestis e transexuais não estariam adequadas aos hábitos de gênero, pois seu sexo biológico e sua identidade de gênero não estariam confluentes. Esse pensamento-signo de não adequação geraria diferentes interpretantes emocionais e energéticos: raiva, ojeriza, preconceito, confusão, fetichização – todos ancorados em uma relação de superioridade e de poder –; e culminaria em interpretantes lógicos: violência, estupro, inferiorização, desejo pela submissão desse grupo, ações sempre com potencial de serem repetidas por se ligarem diretamente ao hábito (BORTOLOTTI, 2014). [...] Subalternizadas em diversas esferas da sociedade, pessoas travestis e transexuais estariam ainda mais vulneráveis ao tornarem-se visíveis somente quando erotizadas e

³² Jesus Cristo é uma canção de Roberto Carlos.

fetichizadas. Esse olhar desumanizador – impregnado de parâmetros heterocentrados e sexistas – muitas vezes recai sobre elas, de maneira que corpos travestis e transexuais são focalizados unicamente em sua dimensão sexual (V, 2014). A intensa busca brasileira pelo termo shemale no site Redtube – não à toa, um termo extremamente pejorativo e violento – tem como semiose possível tal contexto, em que prazer e vontade de dominar/inferiorizar são facetas de práticas transfóbicas. [...] Refletimos, assim, que não há exatamente contradições ou ambivalência na semiose que envolve transvestilidades brasileiras. A semiose, como processo fluido e complexo, não separa o que é vontade sexual do que é vontade de matar, tampouco contém interpretantes bem delimitados e fixos, cujas fronteiras são formalmente desenhadas entre emocional, energético e lógico. Tanto o índice alarmante de assassinatos de pessoas travestis e transexuais quanto a consumo acentuado de pornografia shemale são faces da mesma semiose que envolve transvestilidades à brasileira. (MEDEIROS; PINHEIRO; MACEDO. 2017. P. 4-5)

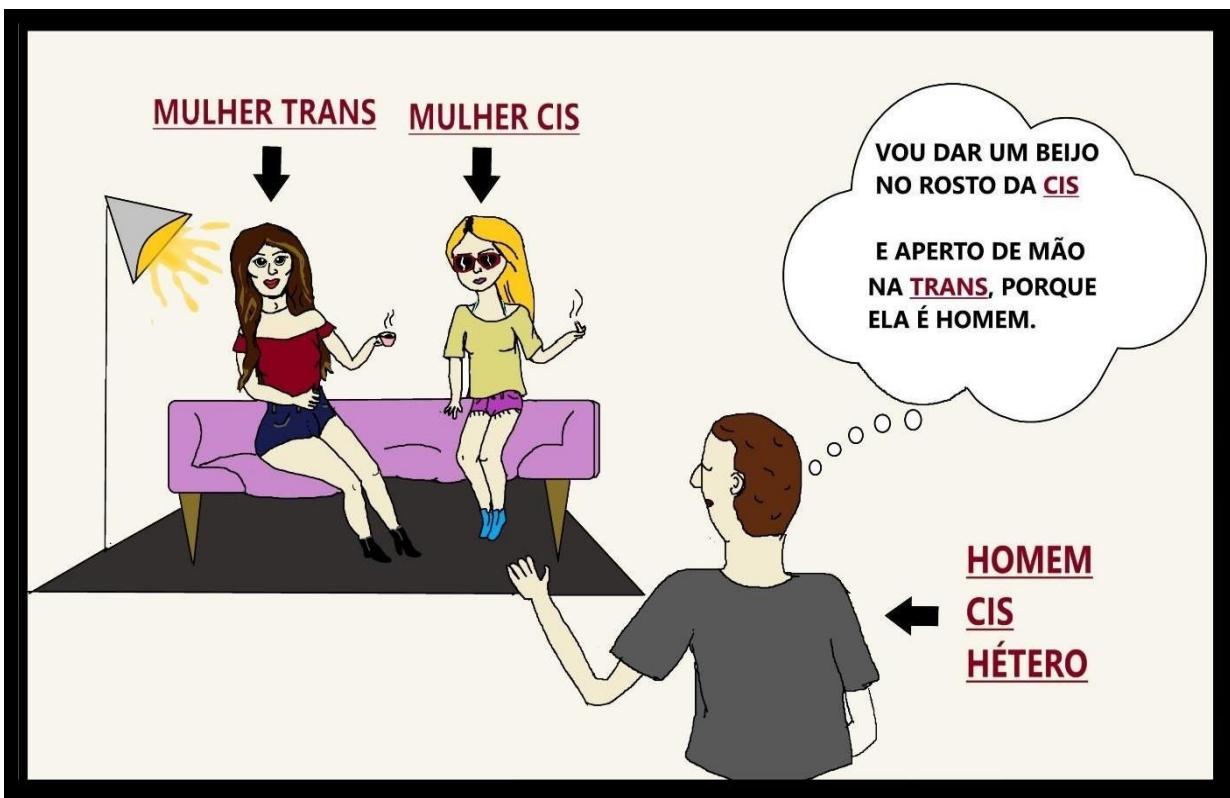


Figura 18 – CUMPRIMENTOS E FORMALIDADES URBANAS / RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM A SOCIEDADE PÓS-MODERNA (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

A outra canção, *Mais uma rejeição*, foi escrita quando eu já estava na minha transição. Meu nome já era Marina e eu já tentava sobreviver nessa selva de pedras, chamada cidade. A música narra três experiências afetivas e emocionais que envolvem rejeição, decepção e indisposição em relação ao amor, ou seja, um relacionamento amoroso. A primeira estrofe, foi criada logo depois que sofri uma rejeição de um garoto que

conheci em um aplicativo de relacionamentos, o Tinder³³ e dediquei a primeira estrofe a ele. Essa decepção foi o que me motivou a criar a canção, pois sempre que me sinto mal e sinto que fui lesada, tento responder essas inconveniências, fazendo arte.

O rapaz (babaca) que me rejeitou tinha esse pensamento *vaginocêntrico* de que mulheres reais eram apenas as que tinham vagina, acompanhado do pensamento clássico machista patriarcal de que mulheres (cis e trans) são entediantes e só servem para o coito. O atrativo e interesse de mulheres cis para os homens é, na maioria das vezes, somente sexual. E para as mulheres trans, os homens reservam as orgias pecaminosas, os encontros às escondidas na madrugada - pois acreditam que trans e travestis estão sempre dispostas a transar, não importa a hora - e o medo do vexame de ser flagrado com uma trans, que para o senso comum, sempre será um HOMEM. Para a psicologia, psiquiatria, para a medicina em geral, o homem cis hétero que se relaciona com uma mulher transgênera ou travesti, é considerado doente, assim como as mulheres trans e travestis também são consideradas doentes. Todos esses estigmas e visões deturpadas sobre relações entre seres humanos normais como qualquer outro, contribuem para a solidão amorosa de mulheres trans, que quando muito, só servem para o ato sexual sigiloso.

As relações afetivas que envolvem pessoas transexuais foram historicamente patologizadas pelos saberes da psiquiatria, o que se exemplifica na criação de termos com teor diagnóstico como “folie à deux” e “ginandromorfofilia”. O primeiro termo associa o fato do parceiro/a da pessoa transexual assumir a identidade de gênero do seu parceiro/a como legítima a uma espécie de “delírio compartilhado”; já o segundo assume que toda forma de desejo por mulheres transexuais se constituiria como uma espécie de parafilia. A autora afirma que homens que buscam relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres transexuais sentem “angústias, medos, estigmas por não se engendrarem no binômio heteroerótico-homoerótico”. Neste sentido, sensações de ansiedade e angústia podem emergir pela dificuldade dos parceiros das mulheres transexuais em compreenderem suas orientações sexuais para além de modelos hegemônicos de feminilidade e masculinidade binários (SOARES, ibid.). Pelúcio (2006) menciona que travestis têm a percepção de que estão em constante risco de serem abandonadas por seus parceiros. A situação de clandestinidade e estigma são os principais motivos para que as próprias travestis se vejam em uma posição de preterimento afetivo (em uma relação de competição com as mulheres cisgêneras), fazendo com que muitas vezes se sintam coagidas a terem que relevar situações a princípio inaceitáveis, como a da traição do cônjuge, para manterem o relacionamento. A autora também afirma que o estigma que pesa sobre as travestis “contamina” os seus parceiros homens (cisgêneros) e também que as relações entre travestis e homens não estão isentas de reproduzirem os aspectos normativos do modelo heterossexual (como os

³³ Tinder é um aplicativo multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos online, cruzando informações do Facebook e do Spotify e localizando as pessoas geograficamente próximas.

papéis esperados de uma esposa e marido heterossexuais). (SOARES, 2012; PELÚCIO, 2006 apud BAGAGLI, 2017. P. 147 e 148).

Certo dia, abri o aplicativo de relacionamentos Tinder, despretensiosamente e me deparei com um SUPER LIKE³⁴ que um rapaz jovem, muito bonito e que eu conhecia superficialmente, tinha me dado. Foi um acontecimento muito inesperado. Minha autoestima nem sempre é alta, então, inicialmente fiquei surpresa e depois passei a suspeitar que a situação poderia ser um engano, afinal de contas na minha mente moldada por inúmeras ofensas (diárias) depreciativas e que me influenciam (infelizmente) na maneira como me vejo, eu concluía que o garoto bonito era *muita areia para o meu fusquinha com capô protuberante*³⁵. Receber o super like dele, que representava o estereótipo **jovem roqueiro rebelde anarquista apreciador de arte heterossexual “inconformado com as injustiças sociais” branco classe média esquerda alto e magro** soava para mim quase como uma vitória diante da minha transição. Eu era uma bela mulher e tinha conseguido despertar o interesse de alguém que estava totalmente dentro da cis heteronormatividade e que possuía as qualidades e características ideais para o cargo de *amor da vida da Marina*, naquela época. Hoje em dia tenho nojo da cisheteronormatividade e sinto preguiça em me relacionar com pessoas que não sejam pobres.

Começamos a conversar no aplicativo, trocamos números de telefone e passamos a nos comunicar diariamente no whatsapp. Falávamos sobre nossas vidas, nossos anseios para o futuro. Ele se lembrou que já tínhamos nos visto brevemente em algum evento, disse que **eu estava muito diferente** e aceitou se encontrar comigo, uma noite na UFU, para depois bebermos uma cerveja em algum boteco próximo da Universidade. Assim que nos encontramos, ele de imediato disse que **tinha que me confessar uma coisa: O super like que era tão significativo para minha autoestima se tratava de um engano. Ele confessou que estava navegando no aplicativo, também despretensiosamente, visualizou meu perfil, mostrou para uma amiga que estava próxima dele** (certamente os dois zombaram de mim e fizeram alguma chacota) **e accidentalmente um deles tocou o botão de Super Like!**

³⁴ Super Like é uma opção do app Tinder, que serve para quando usuários querem demonstrar um interesse acima do normal na pessoa que apareceu na tela.

³⁵ Expressão “muita areia para o meu caminhãozinho” parafraseada por mim, fazendo referência à expressão capô ou capot de fusca (vagina) com protuberância (meu pênis).

E depois que um Super Like é enviado, não pode mais ser desfeito, então tudo o que restou a ele foi esperar que eu o chamassem para conversarmos e na melhor oportunidade ele me comunicaria sobre o mal-entendido, certamente para evitar que eu nutrisse qualquer sentimento por ele, já que não haveria possibilidades de nos relacionarmos, devido à sua transfobia.

Me senti, como diria Ângela RoRô, na sua música Balada da Arrasada: *arrasada, acabada, maltratada, torturada, desprezada, liquidada, sem estrada pra fugir. Tenho pena da Marina, que no amor foi se iludir*³⁶. Mas não deixei esses sentimentos devastadores TRANSparecerem na minha fisionomia, disse para o *idiota* que estava tudo bem, que já suspeitava do possível engano e fomos ao bar. Bebemos uma ou duas cervejas e questionei o porquê do toque acidental que ele deu no botão do Super Like, ter toda aquela necessidade de justificativas e cuidados. Se eu fosse uma menina cis, padrão, dentro da normalidade, o toque acidental não teria sido um problema, poderia até ser a oportunidade de uma nova paquera dentro das normas exigidas e aceitas. Mas como não sou uma menina cis, não represento o estereótipo de características e atributos necessários para atraí-lo, tive que me contentar com a resposta fria, preconceituosa e vaga de que **ele me enxergava e me respeitava como mulher, mas que gostava mesmo era de mulher com vagina, mulher de verdade... é diferente, cê bota fé?**

- **Não, não boto fé!** (respondi enquanto dava alguns goles na cerveja e encarava com raiva sua sobrancelha preta, com fios brancos de nascença. Seu rosto me lembrava um cachorro border collie preto e branco)

De repente algumas amigas cis dele nos viram juntos, nos cumprimentaram e alguns minutos depois ele foi embora. Nunca mais o vi.

A segunda estrofe, refere-se ao momento em que vivi um amor platônico, que durou quase (PASME) 3 anos. E nesses 3 anos a única aproximação sexual que tive desse rapaz foram alguns selinhos/bitucas (beijinhos rápidos) que ele me dava depois de muita insistência minha, bem no início da nossa relação, que nunca passou de amizade. Nos conhecemos na rede social facebook. Eu estava no início da minha transição, já o tinha visto na rua passeando com uma cachorrinha e sua aparência

³⁶ Balada da Arrasada é uma canção de Angela Rorô.

carregada de mistério e seu semelhante de pisciano aéreo me fizeram prestar atenção nele enquanto passava por mim.



Figura 19 – É homi ou muié? – Resposta: Menina! (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

Um dia, eu estava navegando no facebook, despretensiosamente, e me deparo com o seu perfil que coincidentemente tinha uma foto onde ele estava com a mesma roupa que eu o vi, a primeira vez. Uma camiseta gola polo azul escura. Sem pestanejar, adicionei ele, que me aceitou rapidamente e passamos a conversar. Quando me apresentei e disse que era atriz, ele me contou que era ator. Tínhamos vários colegas em comum, artistas, estudantes da UFU, moradores do bairro Santa Mônica, então afinidade e assunto, nunca nos faltou. Passamos algumas semanas trocando mensagens diárias pelo facebook e finalmente decidimos nos encontrar uma noite na UFU, assim como aconteceu com o babaca do Tinder, que contei anteriormente. Eu o esperaria na porta do bloco 3M (bloco do Teatro e da Música) com uma garrafa de vinho e muito amor para dar. Nas conversas que trocávamos, sempre deixei claro que minhas intenções eram sexuais e que gostaria de me relacionar afetivamente com ele, caso as condições fossem favoráveis a isso, mas ele sempre se esquivava desse assunto. Dizia ter muitos amigos gays e que aceitava todos as pessoas transvestígêneres e também LGBQ+, o típico discurso teórico do cis hétero esquerdomacho pseudoamigo e defensor da comunidade, mas que na prática, só se

relaciona com meninas cis padronizadas (magras, brancas e nanicas com 1,50 m de altura).

Quando ele chegou na porta do bloco, foi amor à primeira vista, me apaixonei. Naquele momento ele representava todo o ideal de beleza, intelectualidade e virilidade masculinas que eu desejava para aquele que viesse a ocupar o cargo de *amor da vida da Marina*. Eu o achei tão lindo, o semblante misterioso ainda pairava no ar e agora percebia no seu rosto, traços que denunciavam uma vida cheia de tristezas. Ele era triste e muito inteligente. Tinha aquela curiosidade, que eu também tenho, por aprender coisas novas, que quase ninguém sabe ou se atenta e depois falar sobre essas coisas para outras pessoas. E sentir uma espécie de expansão mental de conhecimento. Conversávamos sobre religião, sobre a morte, sobre extraterrestres, sobre alquimia e bruxaria, sobre o sistema de escravidão e manipulação em que vivemos, sobre reis e rainhas, sobre as estrelas no céu, sobre a minha transgenerideade e brigávamos muito quando tocávamos nesse assunto. Pois apesar de ele ser um pisciano bixo grilo que gostava de pensar que sabia um pouco sobre tudo e que era o homem mais inteligente do mundo, ele sempre se mostrava com ideias preconceituosas e vaginocêntricas, quando se referia a mim. Ele era mais um ser humano que tinha um modo de enxergar as coisas através de pensamentos religiosos, fundamentados nos escritos bíblicos. Para ele, **mulheres cis eram seres sagrados, únicos e eu enquanto trans, biologicamente vista como macho e portadora de pênis, jamais seria igual uma mulher cisgênera, ou sequer poderia ser considerada um tipo diferente de mulher, pois na sua (de)mente binária e cristã existiam apenas mulheres cis e homens cis. Deus criou o homem e a mulher e nada mais.** GRRRRRRR AAAAAHHHHH SOCORROOOO!

E no meio dessas brigas, ele adorava dizer os termos: Mulher de verdade e Homem de verdade, quando o correto é dizer Homem cis e Mulher Cis. Como explica Viviane Vergueiro, mulher trans e Mestra em Cultura e Sociedade, o uso do termo cis (cisgênero) e cisgenerideade para pessoas que são cis e que estão dentro da normalidade é político, assim como reafirmar o uso da palavra trans para transexuais, pois deixa de instaurar uma hierarquia de normalidade predominante cis, versus, a incongruência/anormalidade trans, em busca de uma equidade dessas identidades de gênero.

Cisgeneridade eu entendo como um conceito analítico que eu posso utilizar assim como se usa heterossexualidade para as orientações sexuais, ou como branquitude para questões raciais. Penso a cisgeneridade como um posicionamento, uma perspectiva subjetiva que é tida como natural, como essencial, como padrão. A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgêneros, pode significar uma virada decolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgeneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgeneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans, por exemplo. (RAMÍREZ; VERGUEIRO. 2014. P. 16).

Para o pisciano, o feminino por completo baseava-se em características específicas e inatingíveis para quem não tivesse sido presenteada com a graça de nascer com uma vagina: Os feromônios, o sagrado feminino, o sangue da menstruação, a vagina cis biológica natural, a capacidade de gerar filhos, a alma feminina, a TPM, a dor “insuportável” do parto, a delicadeza, a intuição, e também o tédio, a infidelidade, o interesse por homens ricos, o feminismo e suas “feminazis” malucas, entre outros conceitos extremamente preconceituosos e asquerosos que ele cultivava. Hoje, enquanto escrevo esse texto reflito sobre essas situações e me pergunto: como consegui conviver com essa pessoa ignorante por tanto tempo?

Embora cultivasse esses pensamentos, ele me tratava muito bem, diferente de todos os outros rapazes que eu já tinha conhecido. Nos víamos todos os dias, bebíamos, fumávamos, víamos filmes interessantes, cozinhávamos lanches gostosas e batíamos papo até três da madrugada. Nos reuníamos na minha casa e também no apartamento dele. Eu nunca deixei de me relacionar com outras pessoas por causa dele, mas sempre mantinha a esperança de que em algum momento, a convivência e a maneira como eu o tratava (como um príncipe) o fariam se apaixonar por mim, afinal, como eu disse, nos víamos todos os dias (duas ou três vezes no mesmo dia) passávamos horas juntos conversando. Durante as conversas, ele falava muito mais do que eu e quando eu falava, era sempre interrompida e corrigida por ele. ***Não, Marina! Isso não é assim...*** Eu sonhava em viver um relacionamento amoroso, mas na verdade, vivia um relacionamento abusivo, recheado de **Mansplaining, Manterrumping, Bropriating e Gaslighting.**

MANSPLAINING³⁷: Mansplaining é um termo criado da junção das palavras em inglês *man* (homem) e *explain* (explicar). Ele é usado para descrever quando um homem tenta explicar algo para uma mulher, assumindo que ela não entenda sobre o assunto. Essa explicação é dada sem que a mulher tenha pedido, e muitas vezes se refere à assuntos óbvios, ou que a mulher tenha domínio. Deste modo, mesmo que implicitamente, o homem está subestimando a inteligência da mulher em questão. Por exemplo, se um padeiro tentasse explicar para sua filha jornalista como ela deveria escrever sua matéria, isso poderia ser considerado mansplaining. O termo mansplaining foi inspirado pelo ensaio da escritora Rebecca Solnit, chamado “Os Homens Explicam Tudo Para Mim”, de 2008. No mesmo ano, o termo apareceu pela primeira vez na rede social Live Journal, se popularizando entre blogueiras feministas. Em 2010, o termo foi nomeado como uma das “Palavras do Ano” pelo jornal New York Times e em 2014 foi acrescentado no dicionário online de Oxford.

MANTERRUPTING³⁸: Mistura “man” (homem) com “interrupting” (interrompendo). É um hábito em que um homem interrompe a fala de uma mulher com frequência — muitas vezes a ponto de ela não conseguir concluir seu raciocínio. Alguns exemplos visíveis na mídia são os debates presidenciais, como ocorria quando Donald Trump interrompia Hillary Clinton, mesmo não sendo sua vez de falar. Além disso, muitas vezes as mulheres têm dificuldade de se expressar em reuniões no ambiente de trabalho, porque são interrompidas pelos colegas homens. Para as mulheres, a conversa é um campo de batalha em que é preciso lutar por cada segundo de fala. Um estudo realizado pela Universidade George Washington, nos Estados Unidos, mostra uma coisa interessante: o gênero da pessoa que faz a interrupção importa menos do que o gênero da pessoa que é interrompida. Ao analisar conversas entre mulheres e homens, os pesquisadores notaram que as mulheres, em geral, tendem a ser mais interrompidas do que os homens. E que embora as mulheres sejam menos propensas a interromper no geral, quando o fazem, é mais provável que elas interfiram nas falas de outras mulheres, mais do que na fala de homens.

³⁷ A definição do termo Mansplaining foi retirada do site Dicionário Popular. O link do site e a citação seguindo as normas da ABNT estão nas Referências Bibliográficas.

³⁸ A definição do termo Manterrupting foi retirada dos sites EngajaMundo e Azmina. Os links dos sites e as citações seguindo as normas da ABNT estão nas Referências Bibliográficas.

BROPRIATING³⁹: É um neologismo em língua inglesa formado pela junção do prefixo *bro* (de *brother*, aqui no sentido de “cara”, como na gíria) e *propriating* (da palavra *appropriating*, apropriação). Criado no âmbito do feminismo, Bropriating se refere a situações, em sua maioria profissionais, em que homens tomam para si o crédito de ideias expressadas por mulheres. Uma forma clássica de Bropriating vem precedida da interrupção da fala de uma mulher por um homem (Manterrapping) que, em seguida, a repete como se fosse sua. É comum que use artifícios como postura de propriedade, variações no tom de voz, na escolha de palavras etc. Outra forma usual de Bropriating é o silêncio após uma mulher propor algo (em uma reunião, por exemplo) e, pouco tempo depois, o mesmo ser proposto por um homem e, então, ser recebido como uma ótima ideia. Há poucos meses, um outro neologismo em língua inglesa, Hepeating, foi criado no mesmo contexto. Vem de *he* (pronome ele, em inglês) + *peating* (de *repeating*, ou repetir) e apesar da especificidade de sentido, é utilizado como sinônimo de Bropriating.



Figura 20 – INVISIBILIDADE TRANS (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

³⁹ A definição do termo Bropriating foi retirada do site Projeto Draft. O link do site e as citações seguindo as normas da ABNT estão nas Referências Bibliográficas.

GASLIGHTING⁴⁰: É uma forma de abuso psicológico na qual um manipulador faz com que a vítima comece a questionar sua própria realidade. Ela começa a duvidar da própria memória ou até mesmo da sanidade. Esse comportamento pode afetar homens e mulheres, em qualquer tipo de relação, mas é mais comum que as mulheres sejam vítimas. Um dos principais sinais desse tipo de violência é o uso constante de frases como “você está louca!” e “deve estar de TPM!”. A mulher passa a ficar envergonhada de si mesma, por causa de um comportamento considerado “exagerado”, quando na verdade não é. Outro caso é quando o abusador nega que tenha feito alguma coisa e convence a vítima disso, mesmo que ela tenha provas. É uma manipulação da credibilidade da vítima em si mesma. O nome desse tipo de violência vem do filme *Gaslight*, de 1944, que é um retrato da violência machista psicológica. No filme, o marido manipula sua mulher com sutileza até convencê-la de que ela imagina coisas, lembra mal as discussões e até a faz duvidar de sua cordura. Nisso basicamente consiste esse tipo de abuso psicológico. O abusador altera a percepção da realidade da vítima fazendo com que não seja consciente que padece de um abuso ou de uma situação que deve denunciar.

[...]

As vezes discutíamos e ele me ofendia, me falava coisas pesadíssimas e até me chamava pelo meu antigo nome – ele havia descoberto o nome e mesmo sabendo que eu não gostava que fosse mencionado, ele desrespeitava essa vontade. Logo depois dessas brigas, eu tinha um surto de consciência e prometia a mim mesma que não mais o procuraria. Eu não precisava viver aquela vida e aceitar que ele me maltratassem. Então, sumia por dois ou três dias, não respondia mensagens e nem me deslocava até a casa dele. Dias depois ele aparecia arrependido pelas coisas que havia dito, me presenteava com plantas (espada de São Jorge, suculentas, cebolinhas), consertava o estrado da minha cama quebrada, trocava a resistência do meu chuveiro queimado, me fazia massagens e deixava que eu fizesse nele, e enquanto eu massageava sua nuca, costas, pernas, sempre notava um volume crescente na sua calça. Ele ficava excitado quando eu o tocava, ajeitava a calça, de modo a disfarçar o volume e boicotava internamente seus sentimentos. Era

⁴⁰ A definição do termo Gaslighting foi retirada dos sites El País Brasil e EngajaMundo. Os links dos sites e as citações seguindo as normas da ABNT estão nas Referências Bibliográficas.

tipicamente um relacionamento abusivo, cheio de desejo e luxúria, porém, sem sexo. Eu representava uma espécie de psicóloga, uma droga ilegal (MarinaJuana) que massageava não só o corpo mas também o ego dele, que vivia uma vida deprimente e solitária e encontrou na travesti apaixonada e que dava atenção para as besteiras que saiam da boca dele, a oportunidade de se sentir bem consigo mesmo enquanto maltratava alguém. Ele também já tinha sido rejeitado e maltratado por muitas garotas cis, e como já dizia Paulo Freire: o sonho do oprimido é ser o opressor (quando a educação não é libertadora), e eu representava a realização desse sonho satisfatório. É um ciclo vicioso de rejeições, massagem no ego e luta de classes: A patricinha cis normativa “mulher de verdade” rejeita o jovem artista roqueiro pobre “homem de verdade”, que rejeita a travesti artista pobre pouco passável “mulher de mentira”, que rejeita o morador de rua “indigente”, ou não o rejeita.

A passabilidade, ou a falta dela, assim, não se trata de um operador conclusivo. Não é o caso de dizer se uma mulher transgênera, por exemplo, poderá ou não ser verdadeiramente uma mulher; ao dizê-lo, já estamos aceitando uma noção que concebe o gênero como coordenada definitiva. Ao contrário, se dissermos que isso não é possível, é apenas na medida em que uma mulher cisgênera também jamais pode ser verdadeiramente uma mulher, se considerarmos o impasse constitutivo da identidade de gênero “mulher”, no real. Ao mesmo tempo, no simbólico, a leitura de gênero que supõe a verdade sobre a identidade “mulher” pode legitimar socialmente uma mulher cisgênera. Tal como argumentamos aqui, a passabilidade diz respeito à expressão de gênero. Se a performance de gênero (cis ou trans) é o impasse da identidade de gênero (homem ou mulher), a expressão de gênero (com mais ou menos passabilidade de homens ou mulheres, de pessoas cis ou de pessoas trans) é o conteúdo explícito no qual matérias subjetivo-sociais são tensionadas. A expressão de gênero, que se dá tanto em ação gestual como em ação discursiva é simultaneamente o campo de luta por reconhecimento e receptáculo final das realizações de violência de gênero. A violência contra pessoas trans, então, ocorre no real (contra a performance de gênero trans), sobre o impasse simbólico (identidade de gênero homem ou mulher) que se concretiza, pela opressão, em sua expressão de gênero. (LEAL, D.; MOSTAZO, 2017. P. 3.).

Sumi, novamente, e dessa vez jurei não mais procurá-lo e não mais recebê-lo, caso ele viesse atrás de mim. Ele me mandava mensagens, implorava pra que eu aparecesse e eu o ignorava. No Natal, pelo facebook, ele me desejou felicidades e pediu que eu dissesse qualquer coisa, poderia até mesmo xingá-lo, ele só não queria que eu continuasse em silêncio e o evitando.

Dizia que pra mim as coisas não tinham se concretizado, pois eu queria um relacionamento e ele queria apenas amizade, mas para ele, as coisas tinham dado certo, pois ele tinha encontrado em mim, uma grande amiga. Segundo ele, eu era a prova-viva de que pessoas trans podem ser legais. Só não são legais o suficiente para

serem assumidas em um relacionamento para a família e a sociedade – eu concluí. Ele nunca soube me responder por qual motivo não queria transar comigo ou porque não queria tentar um relacionamento amoroso e quando eu o pressionava, ele gritava um estúpido: Porque não!

[...] é pela existência da transfobia que muitos homens deixam de assumir relacionamentos tidos como “sérios” com travestis e transexuais de forma a restringir às formas de relacionamento ao “sexo casual ou relacionamentos às escondidas”. É a transfobia social e a produção de efeitos de estigmas, segundo Araújo (*ibid.*), que transforma um possível relacionamento entre homens cisgêneros e mulheres transgêneras em uma “situação vexatória” que deve, a todo custo, ser ou evitado ou mantido em segredo. A autora conclui que o fato da população trans não ser vista como passível de receber afeto se imbrica com a produção de desumanização desta população e de precarização de vidas tidas como abjetas. (ARAÚJO, 2015 apud BAGAGLI. 2017. P. 151).



Figura 21 – LEVE COMO LEVE PLUMA MUITO LEVE LEVE POUSA (2019) – Ilustração digital / Marina Silvério

A terceira parte da música refere-se à uma relação bem passageira, mas que também foi significativa, a ponto de me motivar a falar sobre ela na canção. Um dia, em um boteco nas redondezas da UFU, um rapaz rico e muito excêntrico, de cabelos loiros cacheados e que cursava filosofia, começou a conversar comigo e aos poucos percebi que ele estava interessado sexualmente em mim. Bebemos mais algumas cervejas e fomos para a minha casa. Nos beijamos, nos chupamos e ele pediu que eu o penetrasse. Ele queria que eu “comesse o cuzinho dele” e eu nunca tinha tentado aquilo. Era uma experiência que eu não cogitava ter.

- Eu sempre fui passiva, nunca fui ativa... acho que não vou conseguir. Não quero! – eu dizia.
- Por favor, vai! Tenta! Só um pouquinho.

Depois de muita insistência, resolvi tentar, afinal eu precisava ter aquela experiência. Meu pênis é bem pequeno e praticamente só o utilizo para urinar. Sinto dores quando o manipulo de alguma forma incomum e não gosto muito de sexo oral, no pênis, prefiro nos testículos e principalmente abaixo deles, na região onde vai se localizar minha futura vagina (períneo). Quero muito fazer a cirurgia de redesignação sexual!

Estava escuro, localizei com dificuldades o ânus dele e tentei introduzir meu pênis, mas notei que não conseguia prosseguir. Me faltavam pensamentos que me motivassem a querer transar com ele, daquela forma. Eu me sentia masculina, como um cachorro no cio, sem coordenação motora suficiente para executar aquela movimentação pélvica de vai e vem, que mais parece uma dança. Eu não queria dançar daquela forma. Preferia muito mais ser penetrada e encher minha mente de pensamentos que me agradassem e me excitasse: um homem está dentro de mim, me preenchendo, ele está em cima de mim, se fartando do meu corpo e nesse momento, tudo o que ele quer sou eu.

- Não consigo! Não quero mais tentar - disse para o rapaz, enquanto acendia as luzes.
- Tudo bem, eu entendo. Mas posso dormir aqui essa noite?

Eu concordei, apaguei as luzes novamente e tive uma noite péssima, pois ele roncava muito alto e minha cama com o estrado remendado pelo pisciano, era pequena, de solteira. Passaram-se alguns dias e eu o encontrei na rua acompanhado de várias pessoas, homens e mulheres cis. Fui cumprimentá-lo e quando ele me viu, olhou nos meus olhos e imediatamente olhou para o lado e fingiu que não me conhecia. Sentiu vergonha de conversar comigo na frente dos seus amigos héteros cis ricos e transfóbicos, afinal, pessoas ricas e transfóbicas, não conversam com travestis pobres e isso poderia levantar suspeitas de que há algumas noites anteriores estávamos transando e ele desejava ser penetrado por mim, uma travesti pobre! Não há problemas no fato dele desejar ser penetrado por mim, ele não é menos hétero e nem menos cis, por isso. Mas o fato dele esconder isso e se envergonhar das pessoas com

quem se relaciona, por medo de reprovação da sociedade, é vergonhoso.

Segundo Soares (2012, p.118), *É muito comum as pessoas entenderem a vivência de um homem parceiro de uma transexual como se esse homem fosse um homossexual “enrustido”, sem coragem para assumir perante a sociedade sua orientação sexual. Isso o expõe a um estigma ainda mais degradante e que o distancia ainda mais dos padrões de masculinidade exigidos, uma vez que soma homossexualidade e covardia.* A questão da “coragem” aparece aparentemente como um paradoxo, na medida em que homens são vistos como covardes por supostamente não assumirem a sua “verdadeira” orientação sexual ao mesmo tempo em que são profundamente estigmatizados se ousam assumi-la, como relata Roxy (2017), abaixo. A ideia de que parceiros de pessoas transexuais e travestis estariam se “enganando” ou tentando enganar os outros e a própria sociedade no que se refere a sua orientação sexual é reflexo de como as identidades das pessoas trans são socialmente percebidas (igualmente como uma espécie de mascaramento da verdade, resultado de um engodo em relação ao próprio gênero). É neste ponto de cruzamento entre sexualidade e gênero que podemos observar relações de poder na discursivização da orientação sexual dos/as parceiros/as de travestis e transexuais. (SOARES, 2012 apud BAGAGLI, 2017. P. 152-153).

E assim encerro as análises que fiz sobre as canções que escrevi. Ambas falam sobre relações frustrantes e comuns na vida de pessoas trans, que muitas vezes se encontram a mercê dessas situações e péssimas companhias, por carência, baixa autoestima, medo da solidão e depositam nessas pessoas (o homem casado e os jovens esquerdomachos ricos, que prezam por sigilo e vaginas cis) a possibilidade de encontrar o príncipe encantado, que só existe nos contos de fadas cisgêneros.



Figura 22 – O Beijo da TRAVESTI. Vol. II (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

[...]

Quando eu e Andressa paramos de nos encontrar na sua casa para “musicar” as minhas canções autorais, já estávamos próximas da data do nosso primeiro show. Novamente tentamos agendar um dia para o ensaio, precisávamos estar todas juntas e dessa vez, Naessa finalmente apareceu e aconteceu nosso primeiro ensaio! Combinamos de nos encontrar na casa onde eu morava. A casa na verdade era uma quitinete, um espaço de três metros quadrados, incluindo um banheiro. Na quitinete cabia cama, guarda-roupas, uma geladeira e eu ainda entulhava o espaço com uma mesa velha e outro guarda-roupas com portas quebradas (que não eram meus e já estavam na quitinete quando a aluguei), roupas, figurinos, livros, violão, colchão velho, arte, e nos ensaios, ainda acolhia nessa minha casinha, o piano digital de Andressa, o corpo dela, o de Naessa, o meu e a música que produzímos. Tivemos dois ensaios antes da apresentação. As meninas chegavam na minha casa por volta de sete/oito horas da noite e o último ônibus que levava Naessa de Uberlândia a Araguari, partia por volta das 22:30, então tínhamos muito pouco tempo para ensaiar.

Naessa contava que era bem jovem quando ouviu uma canção do cantor Ney Matogrosso pela primeira vez e se atentou para a semelhança entre as suas vozes. Ela, assim como Ney, tinha a capacidade de cantar músicas no falsete com uma voz extremamente aguda e natural/orgânica, uma voz semelhante à de uma mulher cis (uma tia) de quarenta e poucos anos, fumante. Por conta da semelhança na voz, da semelhança nos dentes – ela também possui um espaço entre os dois dentes da frente - por causa da afinidade por Ney ser assumidamente gay e manifestar sua crítica ao sistema LGBQfóbico de maneira visual e performática e por causa da afinidade musical que possuem – gostam das mesmas canções – Naessa desenvolveu uma espécie de fixação por Ney Matogrosso. Ela se interessava e escutava somente as músicas que ele canta e desejava cantar apenas músicas que foram regravadas por ele, reproduzindo o tom e a forma de cantar exatamente iguais à dele.

Andressa tinha uma formação musical erudita, então possuía no seu canto características do canto lírico. Ela era soprano e tinha a voz extremamente aguda, gostava de gritar nas canções de uma forma que chegava a me desconcentrar, pois eram gritos desnecessários e as vezes desafinados. E mesmo que eu e Naessa tentássemos lhe informar que os gritos não nos agradavam, de uma forma que não

Ihe magoasse, ela deixava de gritar em um momento específico e passava a gritar em outros. Ela queria cantar, também. E desejava declamar um poema, no início do show, que ela mesma havia escrito. Naessa e eu, ficamos acanhadas de impedir que ela declamasse, afinal era um manifesto artístico, oriundo de uma mulher, mas era muito mal expressado. Sua dicção não era muito boa e não despertava o interesse do público no texto, pois haviam partes que eles nem sequer entendiam e era um texto grande, que ela recitava em pé, enquanto se movimentava pra lá e pra cá, num barco imaginário.

Nos dois únicos ensaios, eu elegi algumas músicas que desejava cantar, as quatro músicas autorais e um trecho de uma música de Karina Buhr, já Naessa, com seu repertório embasado apenas em músicas que Ney já regravou – ele não é compositor, é intérprete – sugeriu um acervo de autores variados, porém todas as canções deveriam fazer jus à releitura exata de Matogrosso. Naessa havia escolhido algumas músicas para cantar sozinha, incluindo uma canção autoral, que posteriormente não quis mais cantar, pois dizia ter preferência em ser intérprete, não se imaginava cantando suas próprias músicas. E sugeriu que cantássemos juntas outras músicas também famosas na voz de Ney, Balada da Arrasada – Ângela Rorô, Tem gente com fome – Solano Trindade, O patrão nosso de cada dia – Secos e Molhados, entre outras, foram cerca de vinte canções. Rodrigo não compareceu em nenhum ensaio, mas apareceu no dia da apresentação, disposto a tocar seu violão e uma gaita com suporte daqueles que se encaixam na nuca.

A apresentação era novamente no Apiá, a Associação que outras vezes já havia me abrigado artisticamente. Estávamos eu, Andressa, Rodrigo e esperávamos ansiosamente por Naessa, mas ela não chegava nunca. Não tínhamos notícias desde que ela havia saído de Araguari, não sabíamos se ela já estava na cidade (Uberlândia), e caso já estivesse, não sabíamos o porquê não chegava logo no Apiá, que é relativamente próximo à UFU. A apresentação era por volta de 22:00, mas ela só chegou por volta das 23:00, quando já estávamos prestes a desistir e ao mesmo tempo éramos incentivadas por Rodrigo a nos apresentarmos sem ela. Se nos apresentássemos sem ela, o que ensaiamos ficaria incompleto, não perderia a essência, pois continuava sendo um manifesto transgênero e feminino, onde mulheres tocavam sua voz e o piano, mas a meu ver, o show perderia a potência, perderia a força e o fogo que tanto buscamos e que é tão difícil, mas não impossível de produzir.

Quando ela chegou, me senti tão feliz, pois finalmente o sonho se concretizaria e realizariamos ali, nosso primeiro show como artistas cantantes, profissionais, buscando o aperfeiçoamento e sempre abertas para o novo. Até me esqueci que ela estava atrasada, só lhe abracei e desejei MERDA, enquanto já nos encaminhávamos para o palco. Ela havia se atrasado, pois estava num outro bairro da cidade, bem distante, se maquiando e montando um figurino gótico, andrógino, roqueiro, com segundas peles e meias arrastão e não havia se atentado ao horário do show.

Meu figurino era um vestido azul claro, estilo dama de casamento dos anos 90, com alças finas, bordados de miçangas, fendas e babados nas fendas. Aguardamos Andressa declamar o poema, que merecia um treinamento teatral-vocal, mas como tivemos poucos encontros não me atentei a isso e também era uma situação desagradável para mim, dizer à virginiana perfeccionista, que o texto que ela estava dizendo era mal-dito. Preferi deixar que ela seguisse sua intuição natural de como as coisas deveriam ser, mas hoje me arrependo disso, deveria ter lhe dado um toque, alguma dica, talvez ela não se chateasse, talvez estivesse aberta à críticas construtivas. Éramos um grupo, um todo e tudo o que era feito nesse grupo, seja lá por quem fosse feito, bem feito ou mal feito, era de certa forma, feito por todos e vinculado a todos. A ação de um, espelhava a ação de todos. O texto de Andressa que não “atravessou” o público, foi também mal-dito por mim, por Naessa e até mesmo por Rodrigo. Éramos uma banda, ou ao menos, tentávamos ser.

Enquanto Andressa declamava seu poema, notei que ela parecia pálida, claramente demonstrava nervosismo e suas mãos trêmulas faziam o papel que ela segurava, tremer, enquanto dava pequenas olhadelas nele, para evitar se esquecer do texto. O rosto abatido e a feição triste, ficaram ainda mais evidentes quando se sentou ao piano e pôs-se a tocar.

Ela era o ritmo, a harmonia e a melodia das músicas, através do seu piano. Naessa e eu, temos vozes estarrecedoras que abafam instrumentos, mas nesse show, onde todas nós exalávamos insegurança e nervosismo, necessitávamos que ela nos ajudasse com o tom correto, que havíamos combinado para as canções, o tempo exato e que não se esquecesse de nenhuma nota, já que ela não era adepta de imprimir e utilizar cifras, gostava de memorizá-las. Mas infelizmente não foi isso o que aconteceu. A crise de ansiedade que ela possivelmente estava tendo, afetou suas

mãos trêmulas, que erravam as notas, esqueciam-se de determinadas instruções que tinham sido ensaiadas e isso acabou afetando toda a banda, que errava junto e afetou o show, num efeito dominó de erros. Nos intervalos entre uma música e outra, perguntávamos se ela se sentia bem e tentávamos reanimá-la, mas nada adiantava.

O atraso de mais de uma hora para começarmos a tocar, havia desencadeado aquela situação, ela pensava que o show não mais aconteceria, entristeceu-se, conformou-se e desistiu de se apresentar, quando de repente é surpreendida com a chegada de Naessa e mesmo que isso representasse coisas positivas, já era tarde para que ela conseguisse processar aquelas novas informações, ignorar outras e se concentrar novamente no show que dependia tanto dela e das suas habilidades musicais no piano.

Quando faltavam três músicas para encerrarmos, ela se levantou e disse que não conseguia mais tocar, ficamos incrédulas com a situação. Rodrigo que tocava violão, não sabia as cifras de nenhuma música que cantávamos, então participou tocando gaita e dedilhando no violão algumas notas que se encaixavam na sequência que Andressa tocava, mas isso não era o suficiente para que ele a substituisse. Diante daquela atitude de deixar o palco e o rosto e a postura evidentes de quem não se sentia bem, restou a mim e Naessa cantarmos uma última música à capela, sem a gaita de Rodrigo e sem o piano e finalizamos o nosso primeiro show. Cheio de turbulência, situações conflituosas, integrantes com pontos de vistas bem diferentes do meu e disponibilidade quase impossível para encontros e ensaios.

Pouco tempo depois do primeiro show, Andressa decidiu mudar-se para São Tomé das Letras-MG, uma cidade mística, de essência hippie. Raspou seus cabelos, levou o piano digital consigo, começou a tocar harpa e escalaeta em bares e numa banda exotérica, com dançarinhas de dança do ventre e músicos excêntricos da cidade, que tocavam instrumentos com sons reconectantes e espiritualistas nas montanhas e cachoeiras da cidade.

Com a estreia desastrosa da banda e a partida de Andressa, as integrantes passaram a ser eu e Naessa, apenas. Elegemos para a banda o nome TRANSVIADAS e juntas carregávamos esse nome, seu significado e nosso sonho. Remoemos a decadência que havia sido o primeiro show, por pouco tempo, pois nos aproximávamos de um evento anual, que ocorre na UFU, em prol das questões LGBQ+ e transvestigêneros e fomos convidadas para tocar nesse evento, que aconteceria no Centro de

Convivências da UFU (CC). O CC é um espaço semelhante a um galpão/ginásio, que já sediou muitas festas e shows marcantes durante minha graduação na universidade. Por ser um espaço maior, com um público, certamente, composto por muito mais pessoas do que no primeiro show, tratamos de procurar outros músicos que substituíssem Andressa.

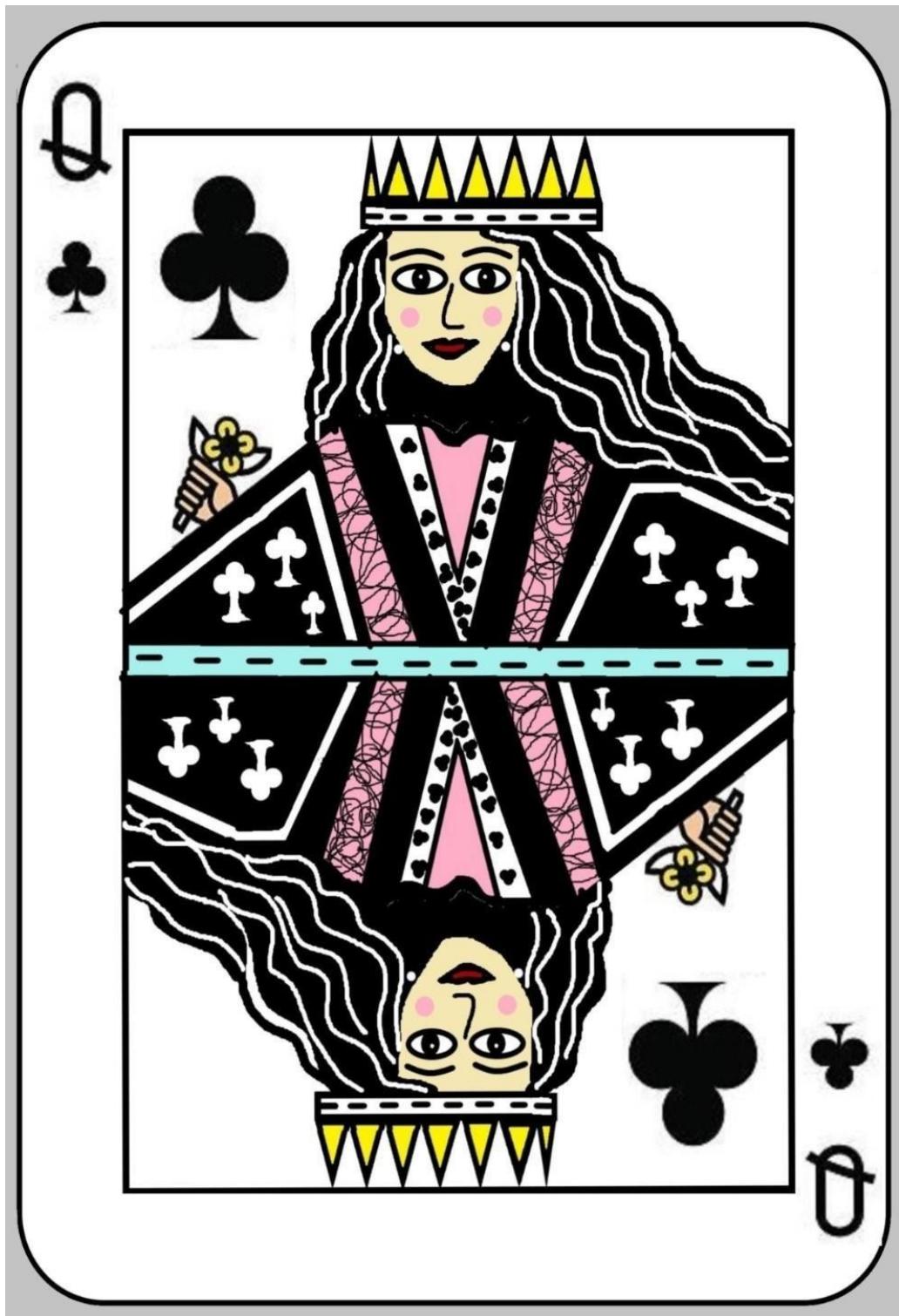


Figura 23 – DAMA DE PAU(S) E SACO (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Inicialmente, não desistimos do Rodrigo, afinal ele praticamente nem tinha tocado na apresentação no Apiá, então combinamos que ele tocaria violão e gaita. Naessa convidou a Larissa, que cursa geografia na UFU e toca percussão. Elas se conheceram coincidentemente nas festas que acontecem no curso da biologia e da geografia. Já eu, convidei a Nati (Pipa), uma menina de 19/20 anos, que conheço desde a época da minha graduação e que soube, por intermédio de uma outra amiga, a Jéssica, que ela tocava piano. Nati é uma artista visual, desenha mulheres negras lésbicas e vende roupas num brechó sem lugar físico/fixo. A banda estava completa, tínhamos Rodrigo no violão e gaita, Larissa tocando cajón e bateria eletrônica, Nati no piano e Naessa e Marina tocando suas vozes, cantando. Tivemos novamente dois ensaios na quitinete apertada onde eu morava e dessa vez fizemos caber ainda outras duas pessoas e seus respectivos instrumentos. O piano digital de Nati ficava provisoriamente na casa de uma amiga, mas passou a ficar sob minha responsabilidade a partir desse dia. Hoje, enquanto releio e corrojo esse texto (maio de 2020) o piano ainda mora comigo.

Não tenho uma formação musical concreta, mas me considero autodidata no canto. Tenho lembranças de quando tinha em torno de quatro anos de idade e cantava durante uma viagem em família, o clássico: *Amanheceu, peguei a viola* de Sérgio Reis e Renato Teixeira. Desde pequena, sempre cantei e as músicas que me cativavam tinham relações com o teatro e as artes visuais. Fiz aulas de violão no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, em Uberaba, durante três anos, como mencionei no início do capítulo 1. Minha intenção era ser uma cantora lírica, abrir a boca e soltar sons TRANScendentais e alucinantes. Mas o conservatório não tinha uma disciplina que ensinasse o instrumento canto, então, me conformei com o violão que é um acompanhamento clássico para o canto, é fácil de transportar e também porque eu já tinha um violão em casa, que meu pai havia comprado para meu irmão, mas ele desistiu de aprender. Ele estava parado em casa e eu passei a estudá-lo. As disciplinas eram semestrais e entediantes, porque as aulas práticas com o instrumento eram poucas e as teóricas, muitas, onde horas sentada, eu aprendia a ler partituras e entendia o mínimo sobre mínimas, semínimas, fusas e semifusas confusas. As aulas que eu mais gostava eram coincidentemente Canto Coral e Prática de Conjunto, ambas eram com alunos de diferentes idades, diferentes turmas e que estudavam instrumentos diversos. Nessas aulas, nos uníamos e como uma banda de jovens desconhecidos e produzímos um som erudito, com a orientação de um professor.

Mesmo gostando dessas aulas específicas, desisti do Conservatório e passei a me dedicar exclusivamente ao Teatro, mas a música, a fala prolongada e ritmada, continuou presente na arte que eu crio.

Na adolescência, descobri que tinha a capacidade de cantar com a voz muito grave, gostava de imitar a voz do jornalista Cid Moreira e aquelas vozes graves modificadas por computador em entrevistas na tv, para proteger a identidade do entrevistado. Brincava de ser imitadora e quando ouvi Itamar Assumpção, pela primeira vez, entendi o que realmente era a voz grave, uma voz não comercial e que quebra a padronização predominante atual, de cantores de quaisquer gêneros musicais, geralmente utilizarem em suas canções, a voz aguda e anasalada. A voz grave preenche e impacta uma canção e é um ato político, um manifesto, a meu ver, uma mulher trans cantar seminua, exalando sexualidade, feminilidade e transfeminismo com uma voz de peito que treme as paredes, um misto de Noriel Vilela, Nina Simone e Arnaldo Antunes. Por conta própria passei a pesquisar mais sobre canto e técnicas vocais (Yodel, Vibrato, Melismas) e Andressa, quando ainda morava aqui, me ajudou a descobrir qual era o tipo da minha voz. Na classificação universal de vozes, desejava ser voz Baixa, e pessoas que se encaixam nessa categoria, conseguem emitir notas muito graves. Mas infelizmente, segundo ela, eu sou Barítona grave, uma classificação intermediária que migra pelo agudo e pelo grave e TRANSgride quando une e brinca com as duas vozes.

Sou uma artista que atua, canta, desenha e que até então, tentava mesclar teatro com a música que produzo, que me toca e também com meus desenhos, que refletem minhas experiências e delírios. E de repente, me torno uma cantora, minha função passa a ser emitir sons ensaiados e sou remunerada nesse ofício. Mas a música não se separa do teatro, assim como a dança está impregnada nessa combinação e a visualidade instaurada através de figurinos, elementos cênicos e iluminação. As Transviadas era a oportunidade que eu tinha de transitar por outra área da arte, a música, mas sem perder a essência e as experiências no teatro, de uma vida toda. Então, decidi que o show que faríamos no CC deveria ser um show performático e combinariámos momentos e músicas específicos para fazermos determinadas ações, determinados movimentos corporais, descer do palco e interagir com público, entre outros manifestos cênicos e performáticos.

Naessa queria cantar em algum momento do show, o clássico Explode Coração de Gonzaguinha, o pedido para cantar a canção havia sido tardio, as cifras da música eram complicadas demais, então ficou decidido que a música seria cantada a capela e dessa vez, utilizaríamos nesse momento intimista, movimentos violentos que simulassesem uma agressão contra mim. Combinei com o Rodrigo que quando a música começasse, ele iniciaria uma discussão crescente comigo, que se TRANSformaria em agressão física. Ele tocava minha cabeça com as mãos e a empurrava até o chão e depois pisava nela, eu me levantava e repetíamos a partitura de movimentos. Um balé contemporâneo teatral, estrelado por duas mulheres trans seminuas (calcinha, sutiã e meia-calça), retratando a transfobia em um show para universitários, na Universidade, ao som de Gonzaguinha à capela.

Esse show que fizemos no Centro de Convivência da UFU, foi o nosso show mais marcante. Tínhamos uma banda completa, com vários instrumentos, tocamos para um público gigantesco, com diversos alunos de cursos diferentes e que não estavam acostumados com a linguagem musical e artística que propúnhamos. As festas universitárias geralmente se resumem em muita cerveja, paquera e Dj's tocando funk e músicas populares dançantes. Quebramos toda a estrutura que normalmente era instaurada e tocamos Caetano Veloso, Cartola, Gal Costa, Novos Baianos, Tom Zé e o público que assistiu o show atônitos com as travestis que cantavam mpb, tropicália e lira paulistana, rapidamente se acostumou com nosso som e se entregou à dança e à harmonia. Tivemos uma troca muito positiva e gosto de pensar que aquele foi o melhor show que já fizemos em todos os nossos 2 anos de carreira.

A partir daí, infelizmente não conseguimos manter toda a estrutura instrumental da banda. Rodrigo saiu definitivamente e nos restou Nati e Larissa, que fizeram mais alguns shows esporádicos conosco e depois também nos deixaram, por dificuldades nas suas agendas em manter encontros e ensaios, porque nem sempre nossos shows eram remunerados e principalmente Larissa, que tentava viver e sobreviver exclusivamente de música, decidiu deixar as Transviadas.

Tratamos de arranjar um violonista e definimos que daí em diante, seríamos um trio de duas vozes e um violão. Encontramos o João, um violonista autodidata com técnica musical extraordinária. Ele conseguia tocar qualquer música com uma perfeição divina. Mas João sempre tinha compromissos na universidade, ele cursava Economia,

e dava preferência aos compromissos, que nem eram tão importantes assim. Isso dificultava nossos encontros e ensaios. Eu e Naessa também notávamos que ele tinha uma certa dificuldade em se relacionar conosco. Não gostava muito de contato físico – com nós duas, mulheres trans, pois já havíamos presenciado ele na companhia de mulheres cis e ele se mostrava completamente diferente, as abraçava, beijava no rosto, sorria, era espontâneo – era extremamente sério, não se mostrava aberto para performances nos shows e não usava figurinos extravagantes, performáticos ou sexys, que combinavam com a linguagem da nossa banda. João não publicava nas redes sociais sobre os shows que fazíamos e não postava fotos conosco. Ele parecia ter vergonha de nós, parecia que estava preso na banda, tocando contra sua vontade, mas sem saber como dizer a nós que já não queria mais tocar. Ele era extremamente apático, tinha o semblante fechado e tenho minhas desconfianças de que era transfóbico. E me pergunto até hoje: Por que ele topou tocar conosco, já que era uma pessoa tão problemática? Por que não tentava se divertir e aproveitar a benção divina que é fazer música, se apresentar e ganhar dinheiro com shows performáticos e musicais? Por que evitava o contato físico e evitava que as pessoas próximas a ele, soubessem da nossa parceria?

Por esses e outros motivos, como por exemplo sua indisponibilidade para ensaiar e até mesmo para se apresentar, decidimos que ele não mais tocaria conosco e novamente nos encontramos sozinhas. Duas travestis, melhores amigas, com desejos insaciáveis de cantar e tocar corações com músicas críticas, ácidas, ações performáticas, figurinos/looks *babadeiros* e invejáveis e vozes extraordinariamente afinadas e harmônicas. Precisávamos levar adiante nosso sonho, precisávamos continuar falando sobre Transgeneridade nos nossos shows, precisávamos continuar educando cada um dos que nos assistiam. Precisávamos que duas travestis ocupassem lugares de poder, de fala e tivessem a oportunidade de se colocar como oradoras que cospem e vomitam verdades nuas e cruas na cara da cisgenerideade transfóbica. Precisávamos continuar cantando músicas nada convencionais que traduziam nossas experiências trans.

Então, com muita dificuldade, encontramos o Lucas, um virginiano que não tocava tão bem quanto João, mas era muito gentil conosco. Não era transfóbico, topava participar de ações performáticas durante os shows, mas sentíamos que ele não era um instrumentista, ele era um cantor e queria seguir sua carreira cantando músicas autorais e se mobilizava para que seus objetivos enquanto cantor e compositor, se realizassem. Em relação à nossa banda, ele nunca propôs nada, nunca nos ajudou a

gravar algum som, nunca se propôs a nos ensinar quais os trâmites necessários para que a nossa música e as nossas propostas fossem difundidas. Ele agia como se fosse um funcionário e não como se fosse parte da banda. O tempo passou e ele decidiu também nos abandonar e seguir sua carreira solo, investindo nas suas músicas.

Sozinhas novamente, encontrávamos alguém, fazíamos um show ou dois e éramos abandonadas, dias depois encontrávamos outro violonista e na primeira oportunidade, ele desmarcava os ensaios e dizia estar ocupado e indisponível para seguir conosco no nosso sonho. Não somos pessoas difíceis de lidar. Somos legais, educadas, divertidas, damos um lugar de destaque para quem nos acompanha, quando somos remuneradas, dividimos o cachê de forma justa e honesta. Não entendíamos e ainda não entendemos o porque de tanta solidão e abandono. Talvez seja porque somos trans e pessoas trans estruturalmente são constantemente abandonadas e estão constantemente sozinhas.

A solidão da mulher trans e travesti, portanto, não decorre de um pretenso preterimento afetivo no nível de escolhas individuais, mas, sim, de uma estrutura que institui normas, o que impacta na forma como os indivíduos se relacionam afetivamente. (BAGAGLI, 2017. P. 151).

Talvez nenhuma daquelas pessoas estivesse de fato disponível a seguir profissionalmente no universo da música. Talvez cobrásssemos demais delas. Não sei. Mas sei que não tínhamos culpa de nada. Éramos corretas, justas, sinceras e apenas queríamos fazer nossa arte. Tudo o que importava era a nossa arte. Passamos a ser a banda que a cada show tinha uma nova formação musical. Todos os shows que fazíamos, tinham violonistas novos, que já não estavam presentes no próximo show.

Atualmente estamos com um novo violonista, o Gabriel, um aquariano aéreo, que até então já demonstrou também algumas dificuldades em relação à disponibilidade para ensaios, por morar em um bairro de Uberlândia muito distante, mas que tem sido um bom companheiro na nossa parceria. Todos os participantes que já estiveram na banda são pessoas cis. Nunca conseguimos encontrar uma mulher ou homem trans que tocasse algum instrumento, de preferência, violão. Seguimos nessa busca, pois nosso sonho é ter uma banda totalmente trans.

Durante os dois anos de parceria e trocas (iniciamos em 2018) fizemos pouco mais de 40 shows. Tocávamos em eventos para a comunidade Transvestigênero e LGBQ+; em datas comemorativas, como o Dia da Mulher; na Parada “Gay”; tocávamos frequentemente em uma Tapiocaria na cidade de Araguari, que é onde Naessa mora; tocávamos em festas particulares; em eventos da UFU e em outras ocasiões onde conhecidos tentavam nos contratar e nos pagavam com várias remunerações, exceto dinheiro. Artistas locais dificilmente são bem valorizados e artistas locais mulheres trans, dificilmente são contratadas e valorizadas. As pessoas costumam pensar que apenas o fato de dar visibilidade a nós, permitindo que façamos shows em seus eventos, já é uma ajuda gigantesca a nós, mas na verdade não é. Precisamos de dinheiro nesse mundo capitalista, porque trabalhamos, ensaiamos, nos deslocamos, nos preparamos e como qualquer outra profissão, merecemos ser recompensadas financeiramente.



Figura 24 – Prostituição da Arte – Ilustração Digital / Marina Silvério

Durante esses dois anos, foram tantas experiências gostosas que eu e Naessa pudemos desfrutar. Eu que até então, só tinha vivenciado o universo do teatro e minimamente, das artes visuais, me delicioi imensamente com a oportunidade de poder subir em um palco e simplesmente cantar. Distrair e descontrair o público preenchendo suas mentes com mensagens realmente importantes e urgentes. Cantar abertamente sobre nossos sofrimentos e nossas alegrias. Emocionar o público e a nós mesmas. Apontar nossos agressores. Dançar, cantar junto com o público e com Naessa e estar em cena brilhando. Performamos ações. Inovamos ações e gritamos todo nosso ódio e desejo de justiça. Sou tão grata ao universo por meus caminhos artísticos e universitários e periféricos terem cruzado com os caminhos universitários e artísticos e periféricos de Naessa. Sou tão grata por termos parido a banda Transviadas! O *cistema* não foi feito para que nos encontrássemos no contexto universitário, a roda viva da vida deveria girar e determinar que nossos caminhos seriam de extrema marginalização. Tudo conspirava para que nos prostituíssemos para sobreviver. Conspirava para que não tivéssemos o privilégio de usufruir e se deleitar com o prazer e liberdade do fazer artístico. Não deveríamos estar no ensino superior e mesmo assim estávamos e estamos, graças a um governo de esquerda com políticas públicas voltadas às pessoas marginalizadas e minorizadas. E antes que esse governo sofresse um golpe de estado, furamos o bloqueio social meritocrático, transfóbico, conservador e religioso, de direita, burguês, desumano, capitalista.

O cenário do ensino superior no Brasil mudou radicalmente desde o início dos anos 2000, em consonância e sobretudo por razão das intervenções da política educacional dos governos federais de Lula e Dilma. As principais marcas da atuação do Ministro da Educação Fernando Haddad foram, por um lado, a criação do ProUni, que confere acessibilidade a estudantes de baixa renda em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas e, por outro, o SiSU (Sistema de Seleção Unificada) que além de considerar o desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como fator de corte para entrada nas universidades públicas federais contém um sistema de cotas que estabelece a reserva de metade das vagas para quem estudou em escola pública ou tem sua formação em ensino médio proveniente de programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A expansão do acesso ao ensino superior privado, no entanto, não garante um ensino crítico automático, assim como as cotas no sistema público não garantem, em si, a mudança social. É preciso haver debate, é preciso intervir, criar. (LEAL, D., 2019. P. 24-25).

Enfrentamos ao longo de todo esse tempo as inúmeras dificuldades que se enfrenta para conseguir fazer shows quando não se é cis, corremos atrás de bares e de locais transfóbicos e recebemos vários NÃOS! E muitas vezes nem resposta obtivemos.

Brigamos com produtores que nos enchiam de promessas falsas e teóricas, mas na prática, não arcavam com as promessas e nos sentíamos desprezadas e desvalorizadas. Fizemos vários shows precários e alguns shows com todo o requinte possível.

Essas tem sido algumas das tantas experiências, enquanto fundadora e membra da banda Transviadas. Espero que nossa parceria dure para sempre. Que sempre voltemos a cantar e sentir a energia alucinante que é fazer um show de música, cantar ao som de guitarras e baterias e me sentir uma *rockstar*. As dificuldades são maiores, por sermos trans, por morarmos em cidades diferentes e por optarmos tocar sons não-convencionais, que agradam públicos específicos. Mas seguimos na luta! Seguimos nos dedicando a produzir arte de qualidade, que trata de temas relevantes e que expõe as realidades cruéis que travestis e mulheres trans enfrentam no dia-a-dia. Nossos shows são utilidade pública ao universo e todas as pessoas deveriam nos assistir.

Com amor e revolução,

TRANSVIADAS. <3

1.3 | HORMONIZAÇÃO E AS RELAÇÕES AFETIVAS /TROCAS URBANAS



Figura 25 – Chuva de Drágeas (2019) – Ilustração Digital e Collagens / Marina Silvério

Ser travesti, ser uma pessoa trans, não requer necessariamente, o uso de hormônios e muito menos interferências corporais através de cirurgias plásticas. Quando me entendi/assumi pra mim mesma e pra sociedade que eu sou uma mulher trans, demorei cerca de 1 ano para dar início à minha hormonização e finalmente desfrutar da *viagem*, quase psicodélica e esquizofrênica, que é se hormonizar e harmonizar meu corpo de acordo com o gênero ao qual pertenço.

Hormonização consiste na manipulação e administração de medicamentos (hormônios) que possuem a finalidade de feminilizar ou masculinizar o corpo de uma pessoa trans. Eu Marina, sou uma pessoa transgênera binária, uma mulher transexual e, portanto, minha hormonização baseia-se na feminilização do meu corpo.

Por que optei por feminilizar meu corpo e readequá-lo com características pertencentes ao gênero feminino?

Resposta: Porque naturalmente e biologicamente, meu corpo, que possui pênis e testículos, produz a famigerada testosterona – o hormônio sexual masculino.

A testosterona⁴¹ (esteróide) é responsável por promover no corpo, as características sexuais primárias: a formação dos tecidos reprodutores - próstata, testículos e pênis; e secundárias: o tom de voz grave, crescimento de pelos na face, peito, axilas e púbis, desenvolvimento muscular e ósseo, e uma controversa agressividade (que a meu ver está mais ligada com a masculinidade tóxica, do que com produção hormonal).

Um dos comentários que fiz em minha apresentação foi o de que ser trans não necessariamente está vinculado com a hormonização ou demais requerimentos do processo transexualizador. Qual não foi a minha surpresa quando fui abordada por essa pessoa do público que me disse: “Dodi, você fala que quem é trans não precisa se hormonizar, mas você só não se harmoniza porque você é bonita sem se hormonizar; mas e quem não é bonita como você? Precisará de hormônios.” Bem, esta interpelação me fez perceber completamente a lacuna deste empreendimento de pesquisa com o próprio vocabulário disposto pela sociedade: enquanto estamos aqui equacionando poeticamente os efeitos estéticos das transgeneridades no social, para esta pessoa o efeito estético das transgeneridades no social é a beleza da pessoa trans. E, apesar de não podermos auferir com precisão, sabemos tacitamente que grande parte da sociedade julga o efeito estético de pessoas trans não apenas em terceira pessoa (pouquíssimos em primeira pessoa), mas também levando em conta a beleza como critério de discernimento sobre o resultado de impacto corporal da pessoa trans aos seus olhos. (LEAL, D., 2018. P. 32-33).

Sou uma mulher e meu corpo produz testosterona - e não há nada errado nisso. Não “nasci em um corpo errado e posso a alma/essência de mulher” - essa é uma afirmação errônea, estereotipada e preconceituosa.

Como aponta Bettcher (2013a, p. 233-234), uma das visões mais recorrentes sobre a transexualidade mobiliza a ideia de um “desalinhamento entre identidade de gênero e corpo”. Esta perspectiva expressa o modelo do “corpo errado”, pois utiliza a noção de “mulheres presas em corpos de homem” e “homens presos em corpos de mulher” para designar, respectivamente, mulheres trans e homens trans. Esta perspectiva, contudo, frequentemente naturaliza gênero e sexo de uma maneira potencialmente problemática (BETTCHER, ibid., p. 234). Bettcher (2014, p. 386) entende que o modelo do corpo-errado “falha em garantir a validade das reivindicações trans em pertencerem a um determinado sexo”, o que acaba sendo irônico, já que isto seria, segundo a autora, precisamente o que o modelo pretendia proteger. Serano (2007, p. 76) entende que a expressão “mulher presa em um corpo de homem” ou as noções que transexuais nasceram em “corpos errados” acabam sendo mais usados como uma paródia ou uma imagem que pessoas cisgêneras fazem de pessoas trans do que efetivamente para descrever as experiências das próprias pessoas transexuais. Estas considerações

⁴¹ As informações biológicas específicas sobre Testosterona e as características sexuais primárias e secundárias, foram retiradas dos sites: BiologiaNet e InfoEscola e parafraseadas por mim. Os sites também se encontram nas referências bibliográficas dessa dissertação de mestrado.

questionam precisamente o quanto pessoas transexuais “reproduziram acriticamente” um discurso médico pretensamente normativo ou essencialista em relação ao gênero. Estas expressões clichês, argumenta a autora, dificilmente dão conta das intrincadas nuances das experiências de pessoas trans, acabando por funcionar, ao contrário, como uma simplificação das narrativas transgêneras para a compreensão do grande público e até mesmo como estratégia para a negação do reconhecimento identitário (*ibid.*). Connell (2012, p. 867) por outro lado atenua as críticas à metáfora da transexualidade como “prisão no corpo errado”, pois ela teve, mesmo assim, o “mérito de apontar para a agência do corpo”. Como aponta Gherovici (2017, p. 552), o que a princípio pode ser visto como uma falha letal decorrente de estar “preso no corpo errado” pode ser reparado como um sintoma/suplemento que garante o acesso a uma nova forma de ser. (BAGAGLI, 2019. P. 37-38)

Meu corpo é perfeito e apenas optei por readequá-lo à características físicas que se aproximam de características femininas, pois vivemos em uma sociedade que dita padrões estéticos e capitalistas de beleza e quis seguir esses padrões. Optei por readequar meu corpo de mulher, com **pau de mulher** e transformá-lo em um corpo mais feminino ainda, para evitar desgastes, sofrimentos e confusões com a sociedade, em relação ao meu gênero. Optei por modificá-lo para que me sentisse bem comigo mesma e mais próxima do gênero ao qual pertenço.

Antes de prosseguir com minha escrita, gostaria que você, Legente que me acompanha até aqui, tivesse acesso à alguns trechos da escritura sagrada/mantra cantado, proferido e escrito pela deusa cantora e travesti canceriana Linn da Quebrada⁴²:

Mulher – canção de Linn da Quebrada

[...]

Não tem deus, nem pátria amada. Nem marido, nem patrão.

O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário.

Ela é tão singular, só se contenta com plurais. Ela não quer pau. Ela quer paz!

Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho. Mulher.

[...]

⁴² Linna Pereira, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma atriz, cantora e compositora brasileira. Também é ativista social pelos direitos civis da comunidade Trans e da população negra.

Ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher,

Ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o **pau de mulher!**

Ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher,

Ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o **pau de mulher!**

[...]

Então eu, eu

Bato palmas para as travestis que lutam para existir

E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar.

Batam palmas para as travestis que lutam para existir

E a cada dia batalhando, conquistar o seu direito de viver e brilhar, e arrasar!

É amapô de carne e osso, silicone industrial,

Navalha na boca, calcinha de fio dental.

Tô correndo de homem

Eu tô correndo de homem

Homem que consome, só come e some

Homem que consome, só come, fudeu e some.

Some!

Graças à *deusa Travaca*⁴³, nasci com uma produção mediana de Testosterona e minhas características sexuais secundárias não são tão dominantes e evidentes.

[Momento Aceitação e XÔ Disforia de Gênero] Tive um bom desenvolvimento ósseo e um bom funcionamento do hormônio do crescimento (GH), por isso, sou alta (1,80m de altura), meu tom de voz é grave (Nina Simone), não sou esquelética, mas

⁴³ Deusa Travaca é um termo que conheci através da fabulosa Drª. Profª. e travesti Dodi Leal. É uma ressignificação da palavra pejorativa “traveco”. Já que o deus branco e europeu é impiedoso em relação às vivências travestis, criaremos nossa própria Deusa Travesti - a Deusa Travaca, que nos ama, nos ajuda, nos amamenta, nos aceita e habita nossas corpos desobedientes.

relativamente magra, sempre tive muito poucos pelos corporais - não sei qual a sensação de ter muitos pelos faciais no rosto (barba), também nunca tive o peito peludo – tenho um pomo de adão bem desenvolvido, calço 41, posso um rosto comprido e cabelos invejáveis. **[Momento Autoestima Elevada]** Embora pareça estar descrevendo a *top model* Gisele Bündchen ou alguma amazona latina e guerreira, essas características corporais pertencem à mim, antes mesmo da hormonização. Sou feliz com o meu corpo! Minha corpa de travesti é a revolução em carne e osso. É uma obra de arte esculpida pela Deusa Travaca. Abaixo exponho um poema escrito por mim, que enaltece a beleza, força e singularidade de corpos transvestigêneres. O poema parafraseia trechos de cinco canções: *Mistério do Planeta* do conjunto musical cis Novos Baianos, *Lilith* da cantora cis Ava Rocha (filha do saudoso cineasta cis Glauber Rocha), *Sujeito de Sorte* do cantor cis Belchior, *Nuvem Negra* do cantor cis Chico Buarque e *Menina Jesus* do cantor cis libriano Tom Zé.

DEUSA É UMA TRAVESTI / TRAVESTI É UMA DEUSA

Meu corpo de mulher é sagrado. Meu corpo de deusa é monumental, celestial. É sagrado e profano e profanado. Meu corpo desobediente é revolucionário. É uma experiência que deu certo. Meu corpo travesti é uma das 7 maravilhas do mundo. Meu corpo é redentor, é livre e liberta. Meu corpo turístico é constantemente admirado pela sociedade atenta com seus olhos nus ou vestidos de luneta. Meu corpo com 1,80m (um metro e oitenta) de altura quando sai nas ruas, anda com extrema cautela e cuidado para não pisotear na sociedade cisgênera mal acabada e com má formação no nascimento com seus 1,50/1,60m (um metro e cinquenta/um metro e sessenta) de altura. Um corpo cis baixo desses, nunca saberá a maravilhosa sensação que é sentir beijada pelo sol e acolhida pelos céus. Nunca saberá como é fungar o cheiro úmido das nuvens e vez em quando dar com a testa nas estrelas, cometas e planetas. Meu corpo de Gisele Bündchen, de Naomi Campbell, de atleta do basquete ou do vôlei é o corpo que a moda/fashion tanto busca. Meu corpo é o padrão da alta costura universal. Ao menos uma vez estou dentro de uma caixinha aprovada e almejada pela sociedade. Ao menos uma vez eu ganho. Estou cansada de perder todos os dias. Meu corpo de bruxa e deusa travesti não mais será silenciado, estuprado, apedrejado e assassinado em sigilo. Meu corpo de boneca, bruxa e deusa travesti quando for assassinado, será noticiado no noticiário e meu corpo hormonizado de boneca, bruxa e deusa travesti não mais será ligado ao meu dead name quando for noticiado no

noticiário. Meu corpo a partir de hoje não morre mais e sim, MATA. Meu corpo de transvesti sanguinária e justiceira mata em nome das que já morreram. Eu sou amor e ódio da cabeça aos pés e a única lei que me rege é a Lei de Talião: olho por olho, dente por dente. Se Jesus é o sol, o filho de deus. Eu sou o sol e a noite, a filha, a mãe e a irmã da Deusa Travaca. Nasce uma noite com sol na escuridão quente, o coração da minha mãe, irmã e filha derrama muito leite, choro e sangue. Presentemente eu posso me considerar uma mulher de sorte, porque apesar de muito moça, me sinto sã e salva e forte e tenho comigo pensado DEUSA É UMA TRAVESTI e anda do meu lado, assim já não posso sofrer, no ano passado. Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro, ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro, eu mato. Mato a ignorância, mato a ignorância da alteridade. Esse ano eu mato a marginalização compulsória em que nossos corpos travestis estão atolados. Mato a desinformação, mato a alienação religiosa, mato falsas ideologias, mato conceitos, mato ideias erradas. Tá difícil ser eu, sem reclamar de tudo. Passa nuvem sombria e vê se larga o mal que me arrasou pra que não faça sofrer mais nenhuma de nós corpas transgêneras. Meu corpo transgressor quer ser Cinderela, cantar na televisão, botar filho no colégio, dar picolé na merenda, viver bem civilizado, pagar imposto de renda, ser eleitora registrada, ter geladeira e tv, carteira do ministério, ter CIC, ter RG. Bença mãe, deusa travesti te faça feliz minha menina Jesus e te leve pra casa em paz. Eu fico aqui carregando o peso da minha cruz, nas esquinas, no meio dos automóveis com mariconas casados loucos pra dar e comer cus cedentes. Não mais serei vítima. Terei aliados e serei dona do meu próprio destino hedonista. Serei a Rainha do Céu. Serei dura na queda. Serei resistente, firme feito pedra, feito estátua inabalável e inatingível. Serei a puta mordendo a maçã, molhada na lama de Nanã.



Figura 26 – O DIA EM QUE O ID MATOU O SUPEREGO – Ilustração Digital / Marina Silvério

[...]

Em Uberlândia-MG, cidade onde moro desde 2012, temos um ambulatório com atendimento exclusivo à pessoas trans. O programa chama-se *Em cima do salto: Saúde, Educação e Cidadania* sob orientação da professora, médica e antropóloga Flávia Bonsucesso Teixeira, desde 2006⁴⁴, foi desenvolvido por alunos da disciplina Medicina Preventiva e Comunitária, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Hospital de Clínicas (HC) da UFU e também fez parte do programa *Formação Continuada em Educação Popular* da Pró-Reitoria de Extensão da UFU (PROEX), que desde 2017 alterou o seu nome para Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC). O programa esteve cadastrado como projeto de

⁴⁴ Informações retiradas do site no ano de 2009 da Diretoria de Comunicação Social da UFU (DIRCO) – historicodirco.ufu.br. Embora o texto seja informativo e comente sobre os avanços na luta por direitos iguais, saúde e reconhecimento de pessoas trans, logo no início do texto, existe um erro gritante na escrita, que achei necessário denunciar nessa dissertação de mestrado. O texto diz: “Um trabalho desenvolvido pela Faculdade de Medicina da UFU tem levado aos travestis, qualidade de vida”. O texto foi escrito por algum representante da Diretoria de Comunicação Social (Jornalismo) da UFU com um erro transfóbico e extremamente nauseante, pois trata AS TRAVESTIS no masculino. Isso me faz pensar que ataques transfóbicos e a desinformação está presente em todos os núcleos e níveis sociais, dentro e fora das universidades. A transfobia ronda professores, alunos, profissionais, “cidadãos de bem” e por isso é necessário que nós, pessoas trans e travestis não nos calemos! É necessário que sejamos didáticas, que sejamos agressivas e que não percamos a esperança de que dias melhores e menos sombrios, virão.

extensão até o ano de 2018. De acordo com o SIEX (Sistema de Registro de Projetos de Extensão da UFU), há registros do projeto *Em Cima do Salto* desde 2011, sendo a última versão cadastrada em 2015, com validade até dezembro de 2018.

Embora o texto que descreve o programa *Em cima do Salto*, tenha sido escrito por algum transfóbico que acha que travestis são homens e merecem ser tratadas no masculino, o programa em si, o ambulatório e os profissionais da saúde são extremamente acolhedores. Para mais informações, é possível acessar o blog do projeto: <http://programaemcimadosalto.blogspot.com/>. No blog, e em demais registros sobre o projeto, a forma de tratamento às travestis e mulheres trans é no feminino.

É necessário ressaltar que o programa foi o primeiro centro (gratuito em parceria com o SUS⁴⁵) de serviços, acolhimento e atenção à saúde de transgêneros, transexuais e travestis no Brasil. Tive algumas experiências, enquanto paciente do ambulatório trans, mas posteriormente, passei a fazer minha hormonização por conta própria, sem acompanhamento e orientação médica e ciente dos riscos que essa atitude pode causar à minha saúde. A automedicação de hormônios é uma das práticas mais comuns entre a comunidade transgênera, devido à falta de ambulatórios com o preparo necessário para orientar essas pessoas e devida à marginalização compulsória em que estão inseridas, como diz o estudo de Sayonara Nogueira, professora trans de Uberlândia e Euclides Cabral (cis), que entrevistaram pessoas trans e criaram o *Dossiê: A carne mais barata do Mercado* em 2018.

Das 1227 pessoas que disseram usar hormônios, 421 respondentes afirmaram ter problemas decorrentes do uso de hormônios e 982 pessoas disseram que fazem a hormonoterapia sem tratamento adequado com médicos. (NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 36).

O ambulatório *Em cima do Salto* conta com uma equipe de médicos clínicos gerais e endocrinologistas, que auxiliam os pacientes trans na busca pela medicação hormonal que melhor condiz com suas particularidades e limitações fisiológicas e endocrinológicas, através de exames de sangue que medem os níveis hormonais no corpo humano. Eu particularmente, se estou com os níveis de testosterona altos, necessito de medicamentos que bloqueiem a produção natural dela, automaticamente

⁴⁵ SUS – Sistema Único de Saúde é o sistema público de saúde do Brasil, que está ameaçado de deixar de existir e consultas gratuitas em postos de saúde passarão a ser cobradas, de acordo com propostas desumanas e que beneficiam apenas interesses individuais do despresidente do Brasil e do desgoverno ao qual estamos submetidos.

abaixem esses níveis elevados e que substituam a testosterona pelo hormônio “feminino” o estrogênio. O ambulatório trans conta também com uma equipe de psicólogos e psiquiatras que amparam os pacientes através de terapias presenciais e se necessário, receitam e manipulam medicamentos psicotrópicos (ansiolíticos, antidepressores, antipsicóticos) para garantir a sanidade mental e sobrevivência da paciente, já que os hormônios e os bloqueadores de hormônios costumam desenvolver e agravar quadros/casos de depressão, ansiedade, transtornos de personalidade, bipolaridade e outras doenças da mente.

Atualmente o projeto *Em cima do Salto* conta com outro ambulatório trans, também localizado no Hospital de Clínicas da UFU, com atendimento odontológico exclusivo para transgêneros (binários e não-binários), transexuais e travestis. E soube, em uma conversa que tive com a coordenadora do programa, a antropóloga Flávia Teixeira – que é uma pessoa cisgênera extremamente agradável e que verdadeiramente luta e defende os ideais e necessidades básicas de pessoas trans - que futuramente o programa passará a realizar implantes de silicone nos seios de mulheres trans e travestis, através do SUS, o que é um avanço extraordinário e memorável, tendo em vista que esse procedimento cirúrgico em uma clínica particular segura e confiável, custa em torno de R\$ 8.000,00.

Os ambulatórios (médico e odontológico) com o atendimento exclusivo às pessoas trans, funcionam semanalmente, às sextas-feiras, no período da manhã. Por ser um projeto que se destaca no atendimento de qualidade e também por ser um dos únicos ambulatórios trans de Minas Gerais, o programa acolhe inúmeros pacientes de diversas cidades e estados, o que infelizmente torna o atendimento lento e os retornos das consultas são marcados com datas muito distantes umas das outras. Por exemplo: quando comecei o acompanhamento psicológico, tive minha primeira consulta/terapia no dia 10 de janeiro e a segunda consulta foi marcada apenas 3 meses depois, no mês de abril. São muitos pacientes que não residem apenas em Uberlândia e dessa forma, o atendimento que é extremamente hospitaleiro, acolhedor, para que consiga dar atenção a todos, acaba tornando-se um atendimento sem continuidade, com pouca convivência e estreiteza de relações. Passados os três meses, quando retornei para a consulta/terapia com a psicóloga, soube que quem me atenderia dessa vez era outra psicóloga, porque a primeira, já não fazia mais parte do projeto. Toda essa problemática, me fez optar pela automedicação e passei a tomar

os hormônios me guiando por sites e pesquisas, escutando meu corpo e entendendo suas necessidades e também passei a seguir conselhos de um grupo da rede social *facebook*, composto apenas por pessoas trans e que serve para trocas de informações e trocas de experiências sobre hormonização e sobre as vivências trans.

Mas antes de falar um pouco mais sobre o grupo de pessoas trans do *facebook*: *Transgêneros e os Hormônios*, narrarei um pouco das minhas experiências a partir do momento em que passei a hormonizar e harmonizar meu corpo com o hormônio sexual estrogênio.

Estrogênio⁴⁶, Estrógeno ou Estradiol são encontrados em diversos medicamentos hormonais, e cada um possui efeitos e reações diversas no corpo, alguns feminizam mais determinadas partes do corpo e outros feminizam menos, mas são mais seguros à saúde. Mas tudo é relativo e depende do organismo de cada pessoa e do tempo de hormonização. Os efeitos são percebidos não pela quantidade de hormônios ingeridos de uma só vez, mas sim pela qualidade dos medicamentos e pelo tempo de transição. Quanto mais tempo de hormonização, maiores os efeitos no corpo. Abaixo exponho algumas dessas fórmulas do Estrogênio e os nomes dos medicamentos, facilmente encontrados em farmácias, sem prescrição ou receita médica:

- **Estradiol** - Oestrogel, Natifa, Sandrena, Estrell;
- **Etinilestradiol** – Selene, Diane 35; Repopil, Ciclo 21, Level, Evra;
- **Valerato de Estradiol** – Climene, Primogyna, Elamax, Cicloprimogyna;
- **Enantato de Estradiol** – Perlutan, Pregnolan;
- **Cipionato de Estradiol (uso veterinário)** – E.C.P, Cipiotec;
- **Benzoato de Estradiol (uso veterinário)** - Bioestrogen, Sincrodiol, Estrogin;
- **Progesterona** – Utrogestan, Provera;

Os nomes dos medicamentos e suas fórmulas “milagrosas” fazem lembrar as aulas de Química no Ensino Médio e são esses os fármacos responsáveis por

⁴⁶ As informações referentes aos medicamentos à base de Estrogênio foram retiradas do grupo do *facebook Transgêneros e os Hormônios* e através de pesquisas no Google imagens: Medicamentos com Etinilestradiol, medicamentos com Estradiol, etc. Algumas informações também foram retiradas do site: Consulta Remédios.

feminizar/feminilizar o corpo de uma mulher trans.

Adentrando na questão da saúde, questionou-se sobre o uso de hormônios pela população trans, de todos os respondentes, 1227 disseram que fazem uso de hormônios e 684 responderam que não. [...] Os hormônios circulam na forma de cápsulas, soluções injetáveis, emplastos e gel. Com baixo custo, são facilmente adquiridos nas farmácias. Inclui-se aí o público trans que os utiliza para a produção de corpos que mesclam elementos numa complexidade que não se reduz ao binômio masculino/feminino, apesar de o reafirmarem vide a participação entre as comunidades com base nas transformações físicas almejadas [...] Entre os hormônios mais consumidos temos, nesta ordem: Perlutan, Androcur, Elamax, Diane 35, Acetato de Ciproterona (Androcur manipulado), Aldactone, Finasterida, Gestadinona, Estrofem, Cicloprimogyna, Ciprostat, Espironolactona, Depo Provera, Ciclo 21, Premarin, Climene, Andelux, Acetato de medroxiprogesterona (progesterona), Repopil (GALINDO, et al. 2013). (GALINDO, 2013 apud NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 37).

Muitos deles atuam como anticoncepcionais, que para mulheres cis são usados no controle da natalidade. Alguns também são usados por mulheres cis que estão na menopausa ou com desequilíbrios hormonais, mas quando estão em contato com o corpo de uma mulher trans são uma *bomba hormonal* responsável por desenvolver várias características físicas e psicológicas nessa corpora em TRANSformação.

Ora, os fluxos de mudança corporal, por sua vez, são infinitesimais e se dão para muito além da intervenção médica. E se dão com ela também! Mas o que aconteceria se o saber médico deixasse de ser um privilégio da medicina? O mesmo texto da Linn afirma isso: “Ser trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra”. As pessoas trans da geração atual, do início do século XXI estamos reciclando os saberes médicos sobre os nossos próprios corpos. Não à toa, no roteiro do programa da performance *Tetagrafias*, apresentada no próximo capítulo ‘Digitalidades e contrasexualidades’, desenhei-me enquanto uma espécie de médica lírica. Pensei durante muito tempo (cheguei até a fazer enquete em rede social): seria esta uma configuração de TRAVESTI DOUTORA ou DOUTORA TRAVESTI? O que importa aqui é demonstrar que nós pessoas trans estamos tomando de assalto o saber científico sobre os nossos corpos e, ainda, estamos produzindo novas teorias, a partir de nossas vivências, com representatividade, tendo o intuito não de sofisticar o controle do corpo trans, mas romper com as diretrizes institucionais sobre nossos corpos, revelando que há mais transgeneridades entre os corpos do que se supõe! É preciso pôr em prática processos mediátivos no sentido de facilitar as múltiplas formas de desobedecer gênero (Oliveira, 2017b). Desobedecer gênero constituído pela cismodernidade, inventar gênero baseando-se na complexidade dos processos psicossociais de cada corporalidade no espaço. (LEAL, D. 2018. P. 33-34).

Algumas das características físicas que se desenvolvem e modificam o corpo de uma mulher trans, geralmente, são:

- Redistribuição⁴⁷ de gorduras nos quadris, braços, nádegas e coxas;
- Leve redução no tamanho do pênis, dos testículos e possivelmente esterilidade com o uso contínuo dos hormônios;
- Redução da libido sexual, dificuldade em manter a ereção do pênis e em alcançar o orgasmo;
- Redução da massa muscular, que é transformada em gordura nos braços, coxas, abdômen e nádegas;
- Aumento modesto da sensibilidade dos seios e do tamanho deles, podendo desenvolver-se em tamanhos irregulares.
- Pele mais fina, sensível e ressecada;
- Afinamento do rosto com traços mais delicados, aparecimento de curvas na cintura e coxas mais roliças e menos musculosas;
- Aparecimento de celulites, estrias e flacidez;
- Crescimento de pelos faciais e corporais podem tornar-se mais fracos, o que facilita os processos de depilação (laser, eletrólise, entre outras)
- Calvície pode ser reduzida ou interrompida;
- Inchaços e retenção de líquido principalmente no abdômen.

Para uma Hormonização efetiva com bons resultados nas mudanças corporais, é necessário também, o bloqueio da Testosterona (além do uso de hormônios à base de Estradiol) para que ela e o Estrogênio não *briguem* entre si no corpo. A forma correta de se fazer a hormonização é: Bloqueia-se a produção de testosterona, que é produzida na hipófise e nos testículos, e injeta-se ou ingere-se nesse corpo com produção hormonal bloqueada, o hormônio estradiol (ou qualquer um dos seus componentes etinil, valerato, enantato, etc) que passará a ser o hormônio dominante no corpo de uma mulher trans. Os principais medicamentos bloqueadores de

⁴⁷ As informações sobre as mudanças corporais em pessoas trans, à partir do uso de hormônios, foram retiradas do site: Medium.com/Guia da Terapia Hormonal para pessoas Trans. As informações foram parafraseadas por mim e também contribuí com o texto acrescentando mudanças físicas particulares, que ocorreram no meu corpo, a partir das minhas vivências, enquanto mulher trans.

testosterona são: Androcur, Acetato de Ciproterona (genérico do Androcur), Finasterida, Espironolactona, Zoladex (Acetato de Gosserrelina), Lupron (Acetato de Leuprolida), entre outros.

Muitos dos medicamentos que citei anteriormente, são considerados extremamente perigosos à saúde, caso não sejam bem administrados. A maioria desses hormônios não combinam com o tabagismo, o uso de bebidas alcóolicas, ou de drogas ilícitas. E alguns medicamentos específicos não podem ser misturados com outros, por exemplo: *não se pode misturar Etinilestradiol com Estradiol, pois as consequências podem ser gravíssimas e fatais.*

Alguns dos sintomas físicos, doenças e reações adversas que o uso indevido de hormônios e a falta de acompanhamento médico, podem causar são **[informações retiradas da bula do medicamento Natifa (Estradiol)]:**

- ❖ Trombose; Trombose Venosa Profunda (TVP); Embolia Pulmonar; Câncer de Mama; Alteração da função hepática; Doença Cardíaca; Acidente Vascular Cerebral; Depressão; Dor de cabeça; Dor abdominal; Náuseas; Cãibras nas pernas; Dor, aumento ou inchaço das mamas; Edema; Ganho de peso; Distúrbios visuais; Coágulo nas veias (embolia venosa); Azia; **Vômito**; Cálculos biliares; Insônia; Epilepsia; Alteração no desejo sexual; Asma; Tontura; Doença da vesícula biliar; Perda de memória e Doenças de Pele.

Os problemas mais decorrentes são, nesta ordem: depressão, problemas circulatórios, varizes, retenção de líquidos, trombose venosa, hepatite medicamentosa, obesidade, enjoos, problemas respiratórios, prolactina alta, cefaleia, estresse, hipertensão, problemas nos rins, câimbras, problemas no fígado, hipotrofia ovariana, ulcera no estomago, alergias na pele, indisposição, aparecimento de tumores, dores nas pernas, cisto nos seios, gastrite, problemas na articulação, disfunção na tireoide, pré-diabetes, diarreia, intoxicação, anemia, inicio de AVC, taquicardia, gastrite, tontura constante, convulsões e embolia pulmonar. (NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 37).

Obviamente, muitas dessas reações adversas e doenças não ocorrem em todas as pacientes que utilizam esses medicamentos. Algumas afetam apenas mulheres cis e portadoras de útero, outras ocorrem entre 0,1 e 1% da população, outras em 10% da população, mas achei necessário informar aqui, nesta pesquisa, os riscos que nós mulheres trans nos submetemos, ao usar essas drogas lícitas e facilmente adquiridas, em nome da passabilidade, da beleza e da readequação das nossas corpos ao padrões de beleza capitalistas impostos ao gênero feminino.

Durante os meus anos de Hormonização, já usei os hormônios: Perlutan, Climene, Evra, Oestrogel, Sandrena e atualmente uso o Natifa, e quanto aos bloqueadores de Testosterona, usei apenas o Acetato de Ciproterona. Posso afirmar por experiência própria, que muitos desses medicamentos são extremamente prejudiciais, não só à saúde física, mas principalmente à saúde mental. Com o uso contínuo e as várias trocas de marcas de remédio e fórmulas de Estradiol, passei a desenvolver depressão, crises de ansiedade, irritabilidade extrema (desejo de matar outros seres humanos quando me afetam e o desejo de me vingar e ser vitoriosa nessa vida de perdas, tristezas e injustiças), hipersensibilidade, emoções afloradas (choros repentinos, tristeza, crises depressivas) e brigas e confusões por motivos que poderiam ser relevados.

Percebo que com o uso dos hormônios, passei a ficar excessivamente parecida com a minha mãe, Sandra, estando na TPM ou não. Minha mãe é aquela típica pessoa que *não leva desaforo para casa*. Minha mãe é *baraqueira*, quando necessário, e eu também passei a ser. Quando ela percebe alguma injustiça ou sente a necessidade de reparar alguma questão mal resolvida, sente *comichões* no corpo todo, a resposta fica *entalada na garganta* e nela habita uma necessidade sobre-humana de discutir com os envolvidos na confusão, para pôr os *pingos nos is* e esclarecer, ou melhor, escurecer os fatos. Minha mãe pode ter desfrutado de um dia maravilhoso e estar contente, mas se alguém *pisar no seu calo*, ela se irrita de tal forma, que mais parece que o diabo incorporou no seu corpo. E comigo isso também tem acontecido.

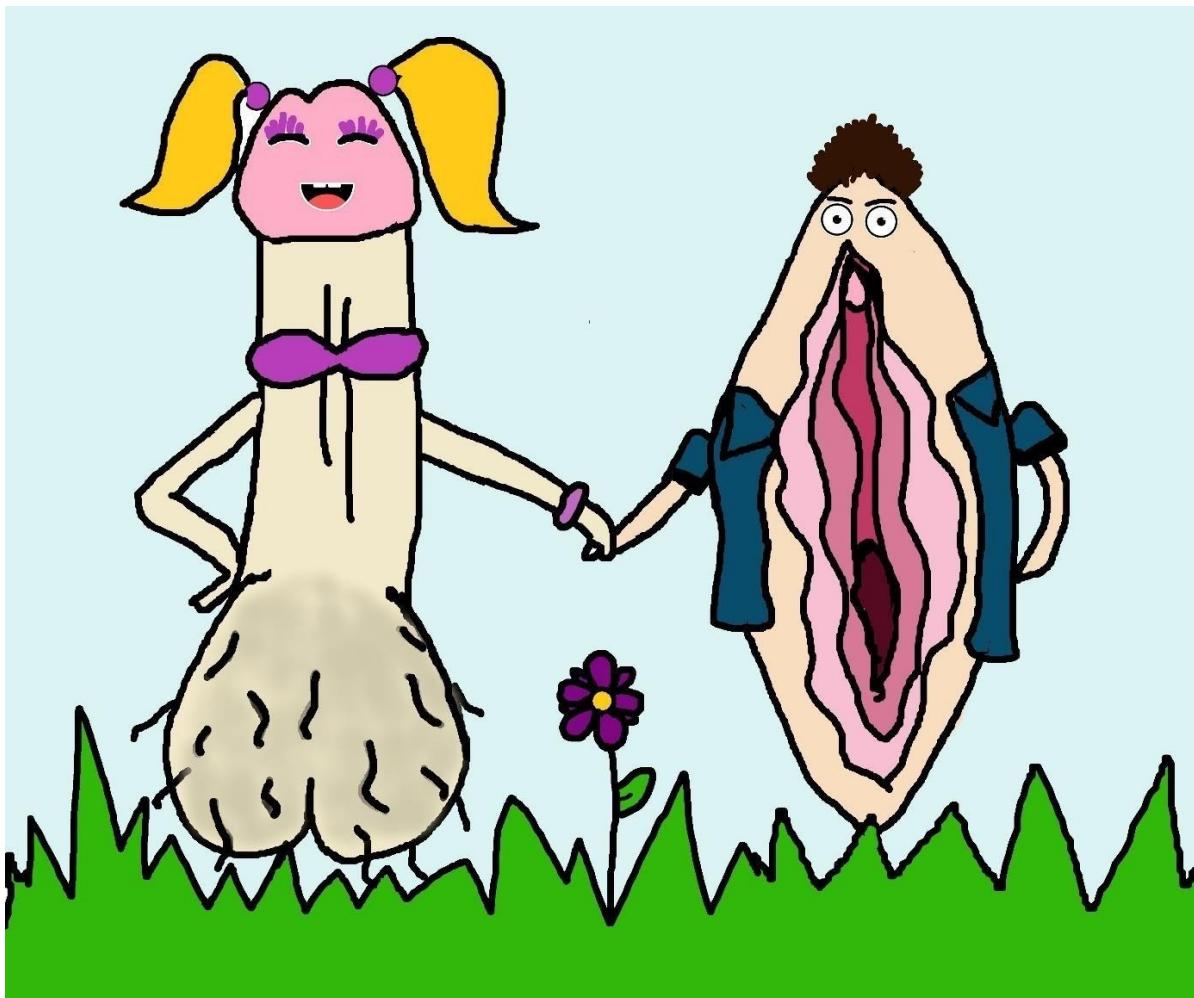


Figura 27 – A Senhora Pênis e o Senhor Vagina saíram para passear (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Fico tão louca e surtada, com tanto ódio e desejo de me vingar e ganhar, ao menos uma vez, as constantes lutas da vida, que não consigo pensar em mais nada, apenas na justiça. Não consigo me distrair e focar minhas emoções em coisas mais importantes, só consigo pensar nas injustiças. Minha mãe não tem medo de brigar com ninguém, mesmo que isso possa gerar consequências drásticas. Ela xinga, grita e bate até no papa, se for necessário. Eu também tenho agido assim e tenho pensado que se eu entrar em uma briga com alguém que me aponte uma arma e que porventura me mate, morro com todo o prazer do mundo, por ter feito aquilo que achei necessário. Morro com a consciência tranquila e feliz por ter desabafado e colocado para fora aquilo que estava me matando, aquilo que estava entalado no meu pescoço. Minha mãe quando chora, se chora, chora de verdade, chora de soluçar, chora de molhar o travesseiro e eu também tenho chorado assim, quase sempre. Lembro que quando era criança, eu e meu irmão a desobedecíamos e as vezes ela chorava na

nossa frente no meio dos sermões intermináveis, ou das surras (merecidas) que ela nos dava. E era tão traumático presenciar e ver minha mãe chorando, por minha causa. **Não estou aqui para julgar a forma que ela me educou, mesmo levando algumas palmadas e chineladas, aquela foi a melhor forma que ela encontrou para que eu me tornasse uma pessoa digna, educada e respeitosa.

Antes dos hormônios, eu não era assim tão emotiva e tão raivosa. Eu era tímida, tinha medo de dizer NÃO às pessoas e levava muitos desafetos para casa. Constantemente as pessoas me enganavam, ludibriavam e me passavam a perna. Eu era boba, tinha consciência que era boba e nada me fazia mudar de atitude. Eu sorria, quando por dentro tinha vontade de gritar de raiva. Eu me calava, quando deveria gritar de raiva e não chorava com a mesma frequência e pelos mesmos motivos, que hoje choro. Eu era pacífica, tinha medo de tudo e de todos. Pouco conversava e pouco expunha minha opinião. Eu era quase invisível e a prova disso é que estudo na UFU desde 2012 e muitos professores e alunos só passaram a me conhecer depois que iniciei minha hormonização, em meados de 2016/2017. Os hormônios transformam o meu corpo em um corpo mais feminino do que ele já era. Os hormônios me deixam com ódio. Os hormônios me fazem querer chorar toda vez que eu respiro. Os hormônios me deixam em um estado de anomia e de isolamento social constante. Os hormônios me fazem ser misógina e misândrica, ou seja, misântropa. Mas mesmo assim continuarei tomando os hormônios até o dia em que eu morrer. Não quero perder as características físicas que já alcancei, pois quando interrompo a hormonização, meu corpo naturalmente volta a produzir testosterona e a única forma de evitar o uso dos bloqueadores da *maldita* testosterona, seria com algum procedimento cirúrgico que retira os testículos: a *Orquiectomia Ingnal* ou mesmo, a cirurgia de *Redesignação Sexual*. E por falar em cirurgias, gostaria também, futuramente, de retirar o pomo de adão: *Redução da Proeminência Laríngea*, sinto muita vontade de fazer a cirurgia de *Redesignação Sexual*, sonho em colocar *Próteses de Silicone* nos seios, tenho curiosidade em saber como são os resultados da cirurgia que afina a voz: *Tireoplastia* e da cirurgia de *Feminização Facial*. Sou feliz com o meu corpo e com as minhas características físicas, como disse anteriormente, mas as vezes tenho a impressão que quanto maior a passabilidade de uma mulher ou homem trans, maiores os privilégios e menores os desprazeres, violências e ataques transfóbicos. No artigo *Entre o Cisplay e a Passabilidade: Transfobia e Regulação dos Corpos Trans no*

Mercado de Trabalho (2018) os autores trans Fernanda Martinelli, Taya Queiroz, Maria Léo Araruna e Bernardo Mota, entrevistam DANIEL, um homem trans passável que comenta sobre os pequenos privilégios da passabilidade, como por exemplo o acesso a empregos formais, o atrito com a cisgenerideade transfóbica e a fuga, em partes, da marginalização compulsória:

Ter passabilidade contudo não garante plena integração com os colegas de trabalho. A esse respeito, Daniel também relata que os outros funcionários da pizzaria onde trabalhava faziam constantemente comentários machistas e transfóbicos contra ele, inclusive cobrando atitudes machistas para legitimar sua masculinidade, dizendo frases como: “Você não gosta de futebol, então você não é homem”, “Você não gosta de carro, então você não é homem”, “Se você não canta as mulheres na rua, então você não é homem”. Segundo ele, os colegas o obrigavam a agir como eles para mostrar que ele também era homem. Zombavam inclusive da sua voz, dizendo que ele deveria “falar grosso” (como tinha iniciado a terapia hormonal com testosterona muito recentemente, sua voz ainda estava em transição). Apesar dos constantes assédios descritos acima, Daniel imagina sofrer menos discriminação se comparado a outros homens trans em situação distinta: *Você acha que sofre menos preconceito porque tem uma aparéncia de pessoa cis? D: Acho. Porque eu me comparo muito com os homens trans pré-t (pré-transição). Eles sofrem porque eles chegam e as pessoas não aceitam o nome deles. Já pegam e chamam no gênero feminino e isso é muito chato pra gente. Você ter que ficar reforçando que você é homem, isso vai desgastando. E eu nunca precisei fazer isso, eu nunca precisei reforçar, eu falava que era homem e pronto. Quem não conhecia, entendia. [...] Em todos os empregos que eu trabalhei, eu trabalhei com nome social. Mas foi igual eu falei pra você, eu sempre tive passabilidade. Se eu não tivesse essa passabilidade teria sido bem mais complicado. Eles com certeza teriam usado o meu nome de registro ou as piadas poderiam ser piores a ponto de um assédio sexual também como eu vejo relatos.* (*Entrevista realizada com: DANIEL*). (MARTINELLI; QUEIROZ; ARARUNA; MOTA. 2018. P. 360-361).

Ser parecida com mulheres cis não me torna imune de violências, misoginia, assassinatos, mas ser mulher trans e ser não-passável é inaceitável no *cistema* em que estamos inseridas.



Figura 28 – Todos os olhos / Passabilidade (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Todos os olhos / Passabilidade⁴⁸

De vez em quando todos os olhos se voltam pra mim, de lá de dentro da escuridão, esperando e querendo que eu seja um homem. Mas eu sou mulher.

Passabilidade é passar despercebida, significa "passar-se por". É um termo usado para se referir ao quanto um homem ou uma mulher trans "passam por" um homem ou uma mulher cis. É quando a pessoa trans possui características físicas parecidas com as características físicas de pessoas cis. Uma mulher trans baixinha, de voz aguda, rosto delicado e que usa roupas dentro do padrão socialmente aceito, é passável. Eu sou trans e não quero parecer ser cis. Alisei meus cabelos, pouco tempo atrás, e percebi que os olhares maldosos sobre o meu corpo trans, diminuíram. Não quero ser refém da chapinha, da maquiagem e não quero usar as roupas ridículas com babados e rendas que minhas primas cis usam, mas a passabilidade causa menos atrito direto com a sociedade transfóbica. A passabilidade me permite transitar por lugares públicos e acumular menos olhares transfóbicos e de extrema violência. A passabilidade não me impede de ser olhada

⁴⁸ Todos os Olhos / Passabilidade é um poema escrito por mim, Marina Silvério Travesti da Silva.

com ódio por mulheres cis e nem de ser assediada por homens cis héteros, afinal a misoginia existe e vivemos a cultura do estupro, da objetificação e da hiper sexualização feminina. A passabilidade me permite que eu não morra por ser trans, mas quando abro a boca e solto a minha voz grave e belíssima de Nina Simone, vai-se embora minha passabilidade que com tanto amor, cultivei. Outro dia, li um relato de um homem trans que dizia ter feito uma pesquisa com homens cis. A pesquisa era assim: ele mostrava fotos de mulheres cis mega bonitas para os homens cis e dizia que elas eram mulheres trans. Os homens cis no primeiro momento ficavam chocados com tamanha "passabilidade" das mulheres, mas alguns segundos depois já começavam a achar características ditas masculinas nessas mulheres cis bonitas. "Ahh, o queixo dessa daqui é grande demais! Essa outra tem um carão de cavalo. Essa daqui é alta demais e tem a testa muito grande." Moral da história e da pesquisa: a passabilidade te protege de ataques transfóbicos, mas está intimamente ligada com padrões de beleza e com o racismo estrutural e estruturante. Se uma mulher (cis ou trans) foge dos padrões estéticos pré-estabelecidos, ela atrai mais atenções para si e as reações da sociedade atenta, com os olhos vestidos de luneta, podem ser diversas. Ela pode ser fetichizada, pode sofrer ataques racistas e pode ser "descoberta" enquanto mulher trans e sofrer inúmeros ataques transfóbicos, sem contar que em relações líquidas, onde a mulher trans passável e talvez até operada, conhece alguém pelas redes sociais ou app de namoro, ela precisa se "assumir" trans (nasci com pênis) para o pretendente e viver todo esse processo fetichista, sigiloso e transfóbico que se vive ao se relacionar com pessoas alienadas, com medo de enfrentar a sociedade e preconceituosas. Eis a pergunta que faço ao universo. A passabilidade existe ou é somente uma ilusão? O que é passabilidade, se nem mesmo mulheres cis estão imunes a ela?

[...]

Os efeitos da Testosterona em um corpo humano, são irreversíveis, por isso muitas características físicas em um corpo de mulher trans, não podem ser modificadas apenas com o uso de hormônios, muitas vezes são necessários procedimentos cirúrgicos. O uso do hormônio estrogênio em um corpo que produz testosterona

não faz a voz grave se tornar aguda, não faz os ossos diminuírem (ou seja, não reduz o tamanho dos pés, ombros, braços e rosto) e não reduz o pomo de adão. Porém, o corpo de um homem trans, que produz estrogênio, quando passa a se masculinizar com hormônios e inicia o contato com a testosterona, seu corpo vivencia todas as mudanças irreversíveis que o corpo de uma mulher trans antes da hormonização, já vivenciou. Algumas dessas mudanças físicas⁴⁹ no corpo de um homem trans são:

- A voz aguda de um homem trans se torna grave;
- Pelos crescem no seu rosto (barba), corpo e podem desenvolver calvície;
- O clitóris aumenta ligeiramente de tamanho;
- Libido pode ser aumentada;
- Massa muscular aumenta;
- A menstruação pode parar, embora possa haver esporadicamente alguns sangramentos;
- Aparecimento de acne.

Repare, Legente, que as mudanças físicas em homens trans são exatamente o oposto das mudanças físicas de mulheres trans.

Mas por que a testosterona faz com que homens trans tenham mudanças físicas mais eficientes?

Por que homens trans geralmente são mais passáveis?

Por que as mudanças físicas em um corpo que produz estrogênio são reversíveis com o hormônio testosterona?

Por que as mudanças físicas em um corpo que produz testosterona são pouco reversíveis com o hormônio estrogênio e bloqueadores de testosterona?

[Resposta retirada do Grupo do facebook *Transgêneros e os Hormônios*]:

O⁵⁰ corpo biologicamente feminino é como se fosse o marco zero na

⁴⁹ As informações sobre as mudanças corporais em Homens trans, à partir do uso de hormônios, foram retiradas do site: Medium.com/Guia da Terapia Hormonal para pessoas Trans.

⁵⁰ Texto escrito por Emelly Rocha, travesti e administradora do grupo do facebook *Transgêneros e os Hormônios*. Todas as citações de pessoas trans participantes do grupo *Transgêneros e os Hormônios*, estão de acordo com as normas da ABNT e encontram-se nas Referências.

construção biológica, tanto é que o genital de um feto, durante a sua formação nas primeiras semanas, se parece com uma vagina, independente se é um feto que virá a ter pênis ou vagina. A influência cromossômica e hormonal é que vai fazer com que aquele genital, por exemplo, evolua para um pênis. O corpo feminino é menor que o masculino, o crânio feminino é menor, as cordas vocais são mais finas, praticamente todo o corpo feminino está em estágio inicial para uma possível modificação hormonal. É muito mais fácil você adicionar material do que remover matéria. Fazendo uma analogia meio idiota, é como se o corpo feminino fosse construído com um planejamento que comportasse todas, ou quase todas as modificações corporais sem ter que passar por modificações estruturais. Como se fosse construída uma casa térrea já com intenções de futuramente fazer um sobrado. Você vai poder continuar a construção sem ter que recomeçar parcialmente ou totalmente a construção por falta de planejamento. Em nós, mulheres trans, as mudanças causadas pela testosterona são irreversíveis, sem métodos cirúrgicos. O Estradiol, em corpos de homens trans, não causa mudanças irreversíveis que necessitem de processos cirúrgicos, com exceção da remoção de seios (Mamoplastia) e Faloplastia. (ROCHA, Emelly. 2020. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Historicamente é antiga a noção de que haveria uma diferença essencial entre homens e mulheres, pautadas pelos seus sexos biológicos, essa percepção, porém, modificou-se ao longo do tempo e das culturas. A concepção atual de há dois性es diferentes surgiu apenas no século XVIII, anteriormente prevalecia o monismo sexual, a ideia de que há um único sexo, com registros datados do século II, nos tratados de Galeno, para quem o sexo feminino era um subdesenvolvimento do sexo masculino, órgão genital feminino (vagina) seria um órgão genital masculino (pênis) incompleto, ou seja, entendia-se que mulheres eram homens imperfeitos (LAQUER, 2001 apud JESUS; ALVES. 2012. P. 9).

O grupo *Transgêneros e os Hormônios* é uma rede de apoio trans, onde pessoas trans brasileiras, residentes no mundo todo, fazem perguntas relativas à hormonização, automedicação de hormônios, vivências trans, retificação de documentos, procedimentos cirúrgicos, entre outras questões, e são respondidas também por pessoas trans, que compartilham suas experiências, dão dicas sobre os assuntos e comentam sobre fatos comuns para quem vive a transgerideade. O grupo é privado, ou seja, apenas pessoas trans com perfis verificados e que comprovem que são verdadeiros (não são aceitos fakes e nem pessoas cis) são aceitos para ter acesso às informações que são compartilhadas. Essa é uma boa oportunidade que encontrei para incluir você, Legente cis ou trans, nessas discussões, que até então, são restritas apenas a um grupo específico de pessoas⁵¹. Exponho apenas falas e questionamentos que não são depreciativos, que não ridicularizam pessoas trans, que denunciam situações recorrentes no universo trans e que estão em uma rede social

⁵¹ Optei por expor comentários que não difamam a imagem de nenhum dos membros do grupo. É uma forma que encontrei para dar voz a esse núcleo de pessoas trans desconhecidas, que estão interligadas virtualmente e que em sua maioria estão marginalizadas e à mercê da prostituição.

pública. Essas são algumas das perguntas e reflexões que são feitas no grupo do facebook *Transgêneros e os Hormônios*:

Sobre as dores de ser uma mulher trans/travesti vivendo em uma sociedade cisgênera.

Reflexão:

Dói ser Trans! Dói ser aquela figura que todos dão risada. Dói não conseguir um emprego pelo fato de ser trans. Dói implorar pelo uso do nome no qual me identifico. Dói entrar no banheiro que acho adequado ao meu gênero e me sentir insegura por poder ser colocada pra fora. Dói levar um "não" em público, mas um "sim" em privado porque o parceiro tem vergonha. Dói não namorar, afinal "Quem namora travego?". Dói ser chamada de ELE. Dói ser vista apenas como objeto de desejo. Dói ser rejeitada por ser a mulher que sou. Tudo isso dói, mas resisto e tenho orgulho de ser quem sou. Mesmo com todas essas dores, coloco o meu sorriso no rosto e sigo em frente. Dedico este texto para todas as Mulheres Trans e Homens Trans que mesmo depois de tantas porradas da vida ainda estão lá, firme e forte. (Autora Desconhecida. Publicado por Alice Gabrielly. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre a ridicularização de corpos travestis/transgêneros, ataques transfóbicos nas ruas e a violência estrutural oriunda da cisgenerideade.

Meninas trans NÃO-PASSÁVEIS, como vocês lidam com olhares, piadinhas e apontamento das pessoas na rua? Eu não aguento mais e penso em sair do país. Hoje passei por 5 caras que ficaram apontando pra mim e me encarando até eu virar a rua, só não fizeram piadinha porque eu também encarei e ainda levantei uma das sobrancelhas; mas confesso que morri de medo de soltarem uma piadinha porque eu já estava nervosa de tantos olhares e eu ia acabar retrucando, o que poderia gerar uma briga de 5 caras contra 1 travesti. É só eu passar por um casal ou grupo de pessoas que ficam apontando, ficam olhando com cara de deboche, isso quando não soltam piadinhas. Eu sinceramente não estou mais aguentando, quando nós pessoas trans NÃO-PASSÁVEIS falamos que pessoas trans PASSÁVEIS têm privilégios, esse é um deles. Não consigo ir pra lugar nenhum sem PARAR TUDO e todos ficarem me olhando como se eu fosse um bicho no zoológico. Desculpem o desabafo. (OLIVEIRA, Lívia. 2019. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre a deslegitimização da identidade de gênero e o desrespeito ao nome verdadeiro de uma pessoa trans.

Como vocês lidam quando alguém fala seu antigo nome (dead name) perto de outras pessoas? Estava trabalhando hoje com meu pai, tinham pedreiros no local e tal, e aí chegou um cara da igreja do meu pai, super escandaloso, me cumprimentando e falou o bendito nome na frente de todo mundo. Sinceramente, foi um tiro no cu. Vira e meche também aparece "parente" do cu do mundo e grita o antigo nome no meio da rua, eu não sei onde me enfiar, mas também não sei como corrigir. Tem alguma forma certa de agir nesses momentos? (LOPES, Igor. 2019. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Meninas, eu queria dividir uma dor minha com vocês e pedir sugestões. Eu sei que esse assunto é muito sensível pra muitas de nós e que várias meninas trans gostam de fingir que isso não existe porque de fato machuca, fere a autoestima e destrói a gente um pouquinho toda vez que acontece. Sei que algumas de vocês não passam por isso, mas sei que muitas passam e as vezes por conta da competitividade e rivalidade existente no meio trans feminino, onde sempre tem uma que quer se afirmar mais mulher que a outra, a gente acaba se sentindo um lixo por não ter acesso a todos os recursos e procedimentos estéticos que a "gata" teve. Eu me sinto muito mal comigo mesma e tenho a sensação de que sou um fracasso enquanto trans e enquanto mulher... Por isso eu queria perguntar como vocês fazem para manter a autoestima, mesmo quando as pessoas te tratam no masculino, quando você sai toda arrumada achando que tá arrasando e vem um idiota te chamando de "rapaz", "menino" ou "amigo"? (KARAM Olga. 2019. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre a transfobia proveniente de homens gays, dentro da própria comunidade LGBQ+, ou melhor, GGGGGGG+.

Por esses dias eu passei por algo muito chato. Discuti com o menino com quem eu dividia apartamento, pois eu o chamei de machista e preconceituoso. Ele não me respeitava como mulher, ficava sempre me chamando e se referindo a mim como se eu fosse um homem, algo que eu sei que não sou. Apesar dele ser gay, infelizmente agiu assim! A minha mãe estava junto comigo na hora do ocorrido. Ele gritava muito e foi então quando a minha mãe disse: *Aqui você não fica, minha filha!* Porque estou dizendo isso? A minha mãe é evangélica de uma igreja tradicional e não corta nem as pontas do cabelo, mas coloca o amor e o respeito em primeiro lugar. Mesmo ele sendo gay, não consegue entender o que é respeito, o que é ser uma mulher transexual. Agora estou na casa dela, morando eu e a minha maezinha querida. Sou grata pela mulher que sou, por tudo que vivi e por todo amor que me rodeia! (ZA Lui, Lui Za. 2017. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre a marginalidade compulsória, situações de vulnerabilidade, desemprego de pessoas trans em serviços formais e sobre as redes de apoio e transfetividades, onde pessoas trans e travestis se ajudam mutualmente.

Olá, sou uma mulher trans nascida em família cristã. Após a morte da minha mãe, às pressas arrumei um quarto pra morar. Sempre trabalhei em supermercados, faxina, Call Center e nem esses setores me aceitam mais. Devido à falta de dinheiro, estou me alimentando pouco e contrai anemia e déficit de vitaminas. Aqui no litoral paulista (São Vicente) praticamente não há empresa *transfriendly*. Estou magra, com queda de cabelo, tenho sido deboche na rua, só durmo com tarja preta e não, meus "pais" não podem me acolher. Eu sei que em São Paulo tem o programa *Transempregos*, mas eu não tenho onde ficar em São Paulo. Se você tem empatia e pode me ajudar antes que eu seja despejada, agradeço. (MARTINS, Lara. 2018. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre os assassinatos de pessoas trans, o ódio, a violência e a brutalidade da cisgeneride em relação à nossos corpos. Sobre Notas de Falecimento que noticiam mais mortes de pessoas trans, do que os próprios noticiários da TV e que noticiam as mortes, respeitando a identidade de gênero e o nome das pessoas.

Venho dar a triste notícia, que uma de nossas membras aqui do grupo Transgêneros e os Hormônios, Mayara Santos, veio a ser assassinada brutalmente à facadas na madrugada de ontem, trabalhando na rua (prostituição). Achei que deveriam saber. Tô super mal, estávamos tão próximas! (MORAES, Gabriela. 2015. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Mais uma de nós assassinada! Quando não é por preconceito é por esses canalhas aproveitadores. Descanse em paz mana Michelly Faiffer! (OLIVEIRA, Tiffany. 2019. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Olha meninas! Trans com 18 anos, assassinada pelo óleo! (vídeo em crack). Era da minha cidade, foi viajar para se "fazer" e hoje tá sendo velada! Há boatos que dizem que quando viram que ela iria morrer, ela foi jogada na rua! Fico na minha! Que deus à tenha, Karolayne Santos (DABEE, Cinthia. 2016. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Informando a todos, que a transexual Gaby, foi assassinada por um policial em Goiânia, simplesmente porque ele se incomodou com a roupa dela, mandou ela ir pra casa trocar de roupa, do contrário ele daria um tiro nela. Então ela no momento de raiva falou: Só *um tiro?* Dá *dois!* Ela trocou de roupa, voltou pra esquina (prostituição) e ele ficou de longe observando. Quando ela se afastou das outras meninas, ele jogou o farol da moto na cara dela e deu um primeiro tiro no meio do peito e outro no braço. Ela morreu na hora. Gente que pouco valor tem a vida no Brasil. E o pior é que esse é só mais um crime que vai ficar sem punição. Até quando, Senhor? (TAYLOR, Bruna. 2016. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Pela ignorância da humanidade mais uma de nós foi brutalmente assassinada. Não temos culpa da falta de capacidade de alguns seres humanos de raciocinar e poder compreender que porque "somos diferentes", de certa forma, merecemos receber apenas o ódio e que merecemos receber apenas sentimentos ruins. Todos os dias enfrentamos lutas, batalhas e a guerra nunca vai terminar. Nossas lutas são externas pra ter um lugar na sociedade e enfrentamos lutas contra nós mesmos. Talvez essa seja a pior luta, a mais difícil de ser travada... Eu sei, quase perdi pra ela uma vez. Rezo pra que um dia a sociedade seja menos intolerante e nos aceite, não somos menos por sermos trans ou travestis, TEMOS SENTIMENTOS E O DIREITO À VIDA! Descanse em paz, Jenifer Toledo. "Quando um de nós saída rota, todos sentimos". (RODRIGUES, Gabriel. 2016. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Amigas triste hoje você sair de sua casa e ter a notícia que duas amigas trans suas foram assassinadas brutalmente por cliente (prostituição). Uma observação: Meninas que estão tomando seus hormônios femininos para cada vez mais ficarem femininas e belíssimas. Tomem cuidados principalmente na sociedade que vivemos hoje, em 2017. Preconceituosos, infelizmente por sermos femininas, termos muitas cantadas, etc e tal. Não podemos nos iludir... Nesse mundo, querendo ou não, existem os transfóbicos, que depois que descobrem quem realmente somos, não nos

assumem à sociedade, querem viver em segredo, com medo da reputação deles. Nós trans temos que abrir nossa mente, não ser bobas e se iludir pelo belo rosto, corpo e acontecer o que aconteceu com minhas amigas. Um alerta: que todas juntas e unidas conseguiremos vencer essa barreira de transfóbicos. Desculpa amigas se meu momento de desabafo incomodou uma de vocês, precisava falar, porque, até quando vamos viver na sociedade com medo de ser feliz? (ALCÂNTARA, Thais, 2017. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

Sobre a luta armada, sobre a resistência e as Performances de Combates reais e necessários.

Saindo fora do assunto! Estava vendo o vídeo do assassinato da trans que foi espancada e carregada por um carrinho de mão, depois foi assassinada (Travesti Dandara). Fiquei triste, com raiva. Como é grande a sensação de impotência nessas horas. Eu voto pra vocês meninas trans andar armada com arma de fogo pra se defender. Nessas horas é o certo. Sinto muito se alguém não concordar comigo, mas eu voto pra andarmos armadas sim. #Trans Armada (SILVA, Lara. 2017. Grupo Transgêneros e os Hormônios).

[...]

Eu não saio de casa sem colocar minha arma de choque na bolsa. Fora ela, tenho uma mini faca corte laser e uma chave de fenda. Pra me defender, até um bico de pato de cabelo já virou arma na minha mão. Não faço máfia, sou super da paz, mas nessa era de transfobia eu não me arrisco sair de casa de mãos limpas! (BARYKOVA, Priscila, 2017. Grupo Transgêneros e os Hormônios).



Figura 29 – Marina Adams Crowley LaVey Klepoth (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

O grupo *Transgêneros e os Hormônios* é extremamente importante no processo de Transição de uma pessoa trans, porque as informações que circulam no grupo, dificilmente são encontradas em sites formais e “seguros”, o que ocorre é uma rede de compartilhamento de informações digitais/virtuais via internet.

Segundo Galindo et al. (2013), não obstante da existência de alguns poucos ambulatórios especializados em hormonioterapia trans em cidades brasileiras e do significativo marco legal que garante o acesso à hormonioterapia na rede de saúde, a internet continua sendo um espaço privilegiado para a troca e composição do que se nomeia de “regimes hormonais”, isto é, conjuntos de combinações e dosagens de fármacos que visam produzir novos contornos corporais e intensificar fluxos desejantes. (GALINDO, 2013 apud NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 36).

Pessoas trans mais velhas auxiliam pessoas trans mais jovens e no início da transição. Pessoas trans que não possuem condições financeiras para se hormonizar com acompanhamento médico, buscam conselhos de outras pessoas trans que também se automedicam e embora a prática não seja correta ou segura, ainda assim, é uma roda/rede de apoio. Mulheres apoiam financeiramente outras mulheres. Mulheres se tornam amigas e confidentes de outras mulheres, rompendo com as barreiras da misoginia estrutural e estruturante, que coloca mulheres, umas contra as outras. O grupo promove diálogos sobre as desestruturas CISTêmicas da nossa sociedade, sobre a marginalização compulsória, sobre a prostituição e os assassinatos de pessoas trans, sobre empregos e a falta deles e sobre as diversas reações da sociedade transfóbica quando se relacionam com uma travesti.

O grupo é uma forma de fazer com que pessoas trans se reconheçam em outras pessoas trans e se identifiquem com histórias e experiências semelhantes. Afinal, a sociedade cisgênera e transfóbica, reserva a nós trans e travestis, um tratamento similar, baseado no ódio, rejeição, ridicularização, deslegitimização de gênero, abandono e extermínio. O grupo me aproxima de pessoas que sofrem pelos mesmos motivos que eu sofro e que enfrentam as mesmas barreiras, diariamente.

As vezes tenho a sensação de que sou vista pela sociedade, como um extraterrestre, um ser de outro mundo, fadada a viver sozinha e ser constantemente agredida. Mas quando tenho a oportunidade de reconhecer através do grupo, que não estou sozinha nessa luta, que somos um grupo, que somos milhões de pessoas e que milhões de extraterrestres, na visão da sociedade, também resistem e lutam para existir, me sinto menos mal comigo mesma. Me sinto abraçada, acolhida e mais forte. Saber que

outras existências trans também brigam para que seus direitos sejam respeitados, arrasam e brilham, me motiva a continuar viva e batalhar para viver uma vida melhor, com trabalho digno e valorizado, sem amor covarde ou fetichista e com o apoio da minha família.

Mas nem sempre minha vida foi um pesadelo. Nem sempre eu fui a travesti estranha que rosna para as pessoas na rua e sente vontade de pular na cara delas. A vida já foi muito generosa comigo, quando eu ainda era lida como homem e minha sexualidade era lida como homossexual. Por mais que eu, Marina, sempre tenha existido dentro de mim, minhas vivências eram outras, minhas performances de gênero eram outras e meus privilégios de homem, eram inúmeros e outros.

Nunca me faltou emprego. Eu era branca, lida como um jovem gay cis discreto, tinha um ar de pessoa honesta, correta e respeitável. Era tímida, calada, educada e passiva. As pessoas cagavam e mijavam na minha boca, se quisessem. Eu era uma otária e sinto tanta raiva desse meu passado. Gosto de pensar que isso tudo aconteceu em outra vida, outra encarnação. Morri e renasci Marina, mas sou aquelas crianças que lembram certos episódios da vida passada.

Quando andava nas ruas, não chamava a atenção de ninguém, costumava pensar até que eu era meio invisível. Dificilmente, carros com homens héteros paravam ao meu lado e me faziam propostas indecentes, nem me ofereciam carona ou me encaravam como um pedaço de carne. Motoqueiros não buzinavam e também raramente me encaravam como um cachorro encara um frango assado. Mulheres, independente da sexualidade, eram minhas amigas, ao invés de serem misóginas comigo. Quando passávamos na mesma calçada, uma do lado da outra, elas não me olhavam com ódio ou faziam expressões de quem internamente se questiona, se a extraterrestre que ela acaba de avistar é homem ou mulher. Elas não vasculhavam meu corpo, com o olhar, na tentativa de encontrar qualquer resquício de masculinidade para sanarem suas dúvidas em relação à minha identidade. Elas nem sequer me olhavam. Eu era lida com um menino qualquer, andando pelas ruas, insignificante, entediante.

O ponto a que queremos chegar é: se uma pessoa transgênera é aquela que transciona gênero, o que define uma pessoa cisgênera? É aquela que não transciona gênero. Elementar. Mas o que quer dizer não transicionar gênero? Se não transicionar gênero significa identificar-se com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento – você nasceu com pau, é homem; nasceu com boceta, é mulher etc. –, desconfirmamos que estamos perdendo algo importante aqui. Essa identificação não é autoevidente. Não é sintomático que, nas

sociedades ditas tradicionais, uma série de ritos tenham como propósito justamente afirmar essa identificação? “Você é homem de verdade? Então aja assim, assado...” “Você não é uma mulher? Por que está agindo como um homem?” etc. Todos/as estamos acostumados/as com esse tipo de injunção, e com toda a opressão histórica que ela carrega. Politicamente, estamos totalmente do lado daqueles e daquelas que defendem que é preciso acabar com esses ritos urgentemente. Mas não é isso que pensaremos aqui. A reflexão proposta é: o que querem dizer esses ritos? Por que as sociedades tradicionais – patriarcas, machistas, cismodernistas e o escambau – por que elas têm essa necessidade absurda de afirmar uma correlação entre performance de gênero e órgão genital? A razão para isso, e este é o ponto, é que não existe, a rigor, correlação possível aí. Há uma espécie de verdade inconsciente nesses ritos – perversos e opressores como são: nenhum homem é um homem; nenhuma mulher é uma mulher. Há sempre uma lacuna entre o gênero que performamos e o nosso gênero, adiantemos, real. Daí a necessidade de reafirmar a constelação normativa dos gêneros, numa perspectiva tradicional: é a necessidade que surge no bojo da incapacidade de lidar com essa verdade, com a verdade de que o gênero, enquanto tal, é, por definição, um impasse. Em alguns debates, estamos perdendo a noção desse intervalo fundamental e constitutivo da experiência de gênero. (LEAL, D.; MOSTAZO, J. 2017. P. 1)

Nem sempre as pessoas percebiam minha orientação sexual. Era algo que eu conseguia esconder e quando não escondia, era lida com um “viadinho” bonzinho com cabelos bonitos, que não fazia mal nenhum à sociedade. E preservava os valores e crenças da comunidade, sendo discreta, não dando pinta, não sendo um mal exemplo e não incomodando ninguém. Eu só existia, tinha vivido plenamente poucas vezes, vagava pelo mundo, não sabia o que era sofrimento de verdade e não sentia ódio das pessoas. Que vida boa! Que saudade de ser bem-vinda na sociedade, de ter portas abertas, de ser olhada sem segundas, terceiras ou quartas intenções sexuais e de desprezo. Era bom não ter que carregar o peso que é ser mulher, o peso que a sociedade impõe sobre as mulheres e que impõe sobre mim.

Não ignoro neste texto a existência da homofobia. Homofobia existe, é crime e mata. Mata gays cis por se apaixonarem por outros gays cis, mata gays cis por se relacionarem com outros gays cis. Mata gays cis por causa da orientação sexual deles. Também não ignoro a violência contra a mulher. Mulheres cis e trans são assassinadas o tempo todo no Brasil. São assassinadas por serem mulheres. Também não ignoro o racismo estrutural e estruturante e os assassinatos de homens e mulheres negros cis, independente da sua sexualidade e trans. A vida não é fácil para nenhum grupo de pessoas minorizadas. Todos sofrem, todos enfrentam desafios, alguns com mais privilégios, outros com menos. Não escrevo aqui, que ser gay é mais fácil ou melhor do que ser trans. Apenas afirmo que, de acordo com minhas vivências: enquanto era lida como homem gay cis branca pobre, eu sentia que a vida

era menos sofrida, do que hoje, enquanto mulher trans branca pobre. Sentia que existiam menos complicações, menos barreiras, menos dor de cabeça, menos preocupação, menos olhares coercitivos, menos risadas e ridicularização, menos rejeição, menos vergonha, menos nojo, menos ódio, menos medo de ser assassinada.

No que tange às questões de gênero, nos assassinatos das travestis e das mulheres transexuais se verifica a mesma lógica das violências conjugais comuns em casais tradicionais, heteronormativos e pautados por relações machistas, caracterizadas pela agressão da mulher, por parte do homem, quando em uma situação de conflito, como uma estratégia de controle sobre o corpo feminino (BANDEIRA, 2009); além de desamparo aprendido e descrença das vítimas ante a inoperância das instituições sociais de suporte (SANTI, NAKANO & LETTIERE, 2010). As violações supracitadas, de forma geral, repetem o padrão dos crimes de ódio, motivados por preconceito contra alguma característica da pessoa agredida que a identifique como parte de um grupo discriminado, socialmente desprotegido, e caracterizados pela forma hedionda como são executados, com várias facadas, alvejamento sem aviso, apedrejamento (STOTZER, 2007), reiterando, desse modo, a violência genérica e a abjeção com que são tratadas as pessoas transexuais e as travestis no Brasil. (JESUS, 2013. P. 113).

Embora dentro de mim, habitasse um vazio e o desejo de ser quem eu sou. Ser gay cis era difícil e sofri muita homofobia, mas ser trans, dói. Dói viver em um mundo onde todos se colocam contra mim, onde sou vista como uma personagem engraçada. Dói lutar a cada segundo. Dói querer morrer, na esperança de que morrendo, as coisas melhorem. Dói não ter certeza alguma se a morte alivia ou não, o sofrimento. Dói ser quem você é e ter o mundo todo dizendo que você não é.

Neste subcapítulo *Hormonização e as Relações interpessoais / Trocas urbanas*. Eu travesti artista, Marina, tratei de assuntos biológicos no texto, do funcionamento da testosterona e do estrogênio em contato com o corpo humano. Falei e desmistifiquei informações sobre medicamentos e a Hormonização que fiz com acompanhamento médico do programa *Em cima do Salto* e que posteriormente, optei por interromper o acompanhamento e me automedicar com o auxílio do grupo do facebook *Transgêneros e os Hormônios*. Expus vários poemas, que são legendas das minhas ilustrações. Agora, para retratar melhor as relações interpessoais de uma travesti com o mundo, selecionei três pilares da sociedade cisgênera moderna e relato um pouco sobre seus olhares sobre o meu corpo e o quanto esses olhares diariamente podem ser corrosivos. Os três pilares binários da sociedade, que escolhi expor são: Homens Cis Heteros, Homens Cis Gays e Mulheres Cis de todas as sexualidades (hétero, lésbica, bi, pan...).

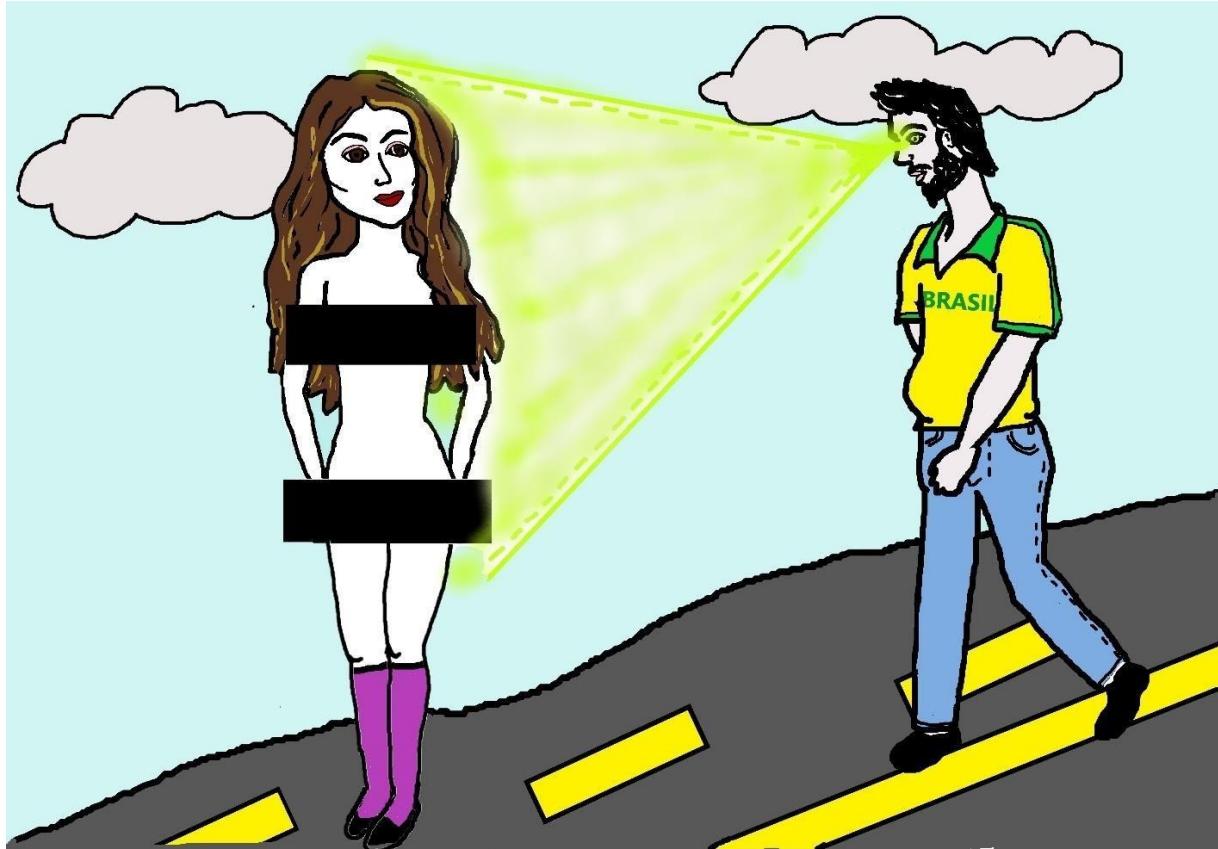


Figura 30 - O olhar de um Homem CIS Hétero sobre o meu corpo TRANSVESTI (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

O olhar de um Homem CIS Hétero sobre o meu corpo TRANSVESTI

O olhar de um homem cis hétero sobre o meu corpo trans é um olhar libidinoso. Carregado de luxúria e desejos reprimidos. "Como pode um viadinho mexer tanto com as minhas cabeças? PrincíPAUmente a cabeça de baixo?!" Ksado Ker, Hétero Sigilo, Ksado com Cis Ker TRANS, H x Trava na Brotheragem. O olhar de um homem cis hétero sobre o meu corpo trans é invasivo, indecente e inconveniente. É um olhar que despe minha alma, rasga as minhas roupas e me imagina em posições do kama sutra. O olhar de um homem cis hétero sobre o meu corpo trans faz o homem cis hétero questionar sua sexualidade ao desejar meu pênis de mulher e minha bunda de mulher em contato com o seu pênis de homem e seu corpo de homem. "Ainda continuo hétero se sinto tesão por uma MULHER trans?" O olhar de um homem cis hétero (caminhando nas ruas sozinho) sobre o meu corpo trans, é escancarado e espera que o meu olhar trans olhe de volta, e que corresponda com o olhar, afinal, [CONTÉM IRONIA] a TRAVESTY é o sexo fácil, é a permissividade em pessoa, a TRAVESTY sempre está pronta pra transar, a TRAVESTY quer um pau

para sentar a todo momento. O olhar de um homem cis hétero, (quando está com amigos cis héteros) sobre o meu corpo trans, é um olhar que vai em direção ao chão, um olhar para o nada, pois os amigos cis héteros podem imaginar que o homem cis hétero é gay ao desejar uma MULHER trans. O olhar de um homem cis hétero (quando está acompanhado de amigos cis héteros) sobre o meu corpo trans, é um olhar que me mata, estupra e arranca meu coração na tentativa de limar e calar seus desejos secretos inadmissíveis na lei do papai do céu, do padre, do pastor e do patrão.

Faça como ÉDIPPO e arranque seus olhos, homem cis hétero, pois a TRAVESTY está VIVA e está passando na sua rua, na porta da sua casa, na frente dos seus filhos, na cara da sua apática esposa cis e na porta do boteco onde você bebe pra me ver passar. Amém, deusa TRAVACA!



Figura 31 – O olhar de uma mulher cis sobre um corpo TRAVESTI (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

O olhar de uma Mulher CIS (Hétero, Lésbica, Bi, Pan) sobre o meu corpo TRANSVESTI

O olhar de uma mulher cis sobre o meu corpo trans é como um RAIO LASER. O seu olhar é fogo que me arde, bate e faz doer, que me mata e faz sentir. É um olhar que

me classifica como homem e me desclassifica de ser mulher, portadora da sagrada buceta esculpida pelo barro que deus cagou. O olhar de uma mulher cis sobre o meu corpo trans é de julgamento e coerção, é um olhar irônico, que zomba da minha cara e sente alívio quando descobre que sou travesti. É um olhar que investiga os vestígios da testosterona no meu corpo, que mira no volume entre as minhas pernas pra tentar achar um pinto. É bonita, que ódio! Ahhh mas é homem, é viado de saia querendo mijar nos banheiros onde mija a minha família, as minhas crianças! O olhar de uma mulher cis sobre o meu corpo trans é indiscreto e vira fofoca. Não sou misóginia, sou misântropa.



Figura 32 - O olhar de um Homem CIS Gay sobre o meu corpo TRANSVESTI (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

O olhar de um Homem CIS Gay sobre o meu corpo TRANSVESTI

Homens gays cis também são transfóbicos porque possuem a estranha mania de classificarem nós, mulheres trans e travestis, como homens gays montados. Não me chame de BIXA, caralho! Eu não sou BIXA, BIXA é você. Só chame por esse nome, quem é igual a você. Chame de BIXA outros gays e não as suas amigas trans e travestis. Por mais que elas aceitem ser chamadas assim, pode ser que elas não gostem e não se sintam à vontade para corrigir você. Se você chama de BIXA todas as pessoas, inclusive sua mãe, e possui dificuldades para tratar as pessoas pelos

seus nomes, sinto muito, mas não quero me relacionar com você. Aprenda a ter empatia, sensibilidade e respeito pelas pessoas. Chame uma mulher trans/travesti pelo NOME dela, chame ela de MIGA, chame ela de MULHER, chame ela de MARAVILHOSA, mas lembre-se sempre de tratá-la no feminino, afinal, ela não é homem, como você. Um dia fiz um show no campus Umuarama da UFU e um gay cis, que cursa biologia, teve a atitude nojenta e repugnante de me tratar no masculino inúmeras vezes, me chamou de VIADINHO, MIGO, e me perguntou se eu era MENINO ou MENINA perto de várias testemunhas. Tive que escutar isso de um homem gay cis que cursa biologia e que não é ignorante ou leigo nesses assuntos, até porque convive com outras mulheres trans/travestis na universidade. Ontem fiquei sabendo que o gay enrustido Miguel Falabella, numa entrevista no programa da Tatá Werneck, se referiu à nós, mulheres trans/travestis no masculino, dizendo frases do tipo: “O travesti” “Um homem que queria tirar o pênis” e outras barbaridades. Vi pessoas trans o defendendo e justificando esse deslize “pois ele era muito próximo da travesti Rogéria, que não tinha problemas em dizer seu dead name Astolfo e que não se importava se fosse tratada no masculino”. Mas já parou pra pensar que as vezes as mulheres trans/travestis são coniventes, aceitam e as vezes reproduzem esses xingamentos e esse tratamento no masculino, pois já perderam as forças e o fogo de lutar, já não possuem o sangue nos olhos para corrigir os machos escrotos e a sociedade transfóbica, já não possuem mais motivação para exigir que sejam tratadas no feminino, afinal, as coisas não mudam.

Se os próprios homens gays cis, líderes do movimento LGBQ+, ou melhor, GGGGGGG+, possuem essas atitudes escrotas, o que esperar de uma sociedade que nos mata e deslegitima nosso gênero diariamente? Não me chame de MEU FILHO. Não me chame de MIGO. Não me chame de VIADO. Não me chame de GAY. Não me chame de YAG. Nenhum desses nomes me representa. É muito triste pensar que essas coisas acontecem em pleno século XXI, no futuro em que estamos vivendo. E não espere que eu, Marina, te trate no feminino com frases clichês do tipo: “BIXA, a senhora é lacradora mesmo!” “Arrasou viada!” pois eu me recuso! Me trate com respeito primeiro, para que assim eu possa pensar se vou brincar ou não de fingir que você é mulherzinha lacradora.

Seja mais humano! RESPEITA AS TRAVESTI E AS MULHER TRANS! O recado tá dado, espero ter sido didática, porque na próxima vez não vou corrigir, vou chegar no

socão e na voadora. E lembre-se sempre: Se a carapuça servir, pega ela e enfia no seu cú!

Para finalizar o subcapítulo e para que não haja dúvidas sobre o quão corrosivo, desmotivador, desestimulante e triste, podem ser as trocas urbanas com a sociedade cisgênera transfóbica. Convido você, Legente, a passear comigo pela cidade de Uberlândia! Vamos rapidamente ao mercado, que fica à 800 metros da minha casa para comprar arroz, óleo de soja e um quilo de carne moída. Sim, sou carnívora! Mas regularmente tenho transitado pelo veganismo.

Abrimos a porta de casa e quando botamos o pé para fora, percebo que o vizinho transfóbico - que já me tratou no masculino e que deixamos de nos falar, porque tentei corrigí-lo, briguei, gritei e desisti de ensiná-lo a ter respeito - está parado na porta da casa dele. Passamos por ele, sem olhar na sua cara feia demoníaca. Sinto uma energia pesada vinda do seu olhar em minha direção e quase ouço seus pensamentos transfóbicos. Gosto de me preservar e embora ele seja uma pessoa insignificante, me entristece saber que ele teve o prazer e o privilégio de olhar meu corpo, elaborar pensamentos maldosos ou libidinosos e nos ridicularizar mentalmente, Legente.

Dobramos a esquina e passo a me sentir despida com os olhares dos homens pedestres acompanhados ou não, das suas esposas; dos homens ciclistas; dos homens motociclistas e dos homens automobilistas. Os homens que não me encaram com olhares assediadores certamente não me enxergaram, ou estão acompanhados de outros homens transfóbicos, perceberam rapidamente que sou trans e preferem não revelar aos outros seus desejos reprimidos e mal resolvidos.

Santos (2017) relata a sua própria vivência enquanto homem cisgênero casado com uma mulher transexual. Ele também descreve as dificuldades de assumir o relacionamento em função das normas sociais e dos estigmas transfóbicos. A questão da vergonha aparece novamente como uma imposição social a ser superada, e o fato dele conseguir suportar este “amor pesado”, segundo ele, diz respeito a sua “hombridade” e a necessidade de se manter inteiro. O que antes poderia ser visto como uma fraqueza e covardia, como mencionou Soares, para Santos, é sinal de coragem e resistência. *É muito difícil um homem cis assumir publicamente uma relação amorosa com uma transexual ou travesti (...) Hoje casado com uma transexual percebo os olhares, as falas, as discussões, os encantos e desencantos, o desrespeito, as cartas que são deixadas na mesa quando almoçamos em algum lugar, os olhares atravessados e cortantes quando estamos no transporte público, as cabeças desejantes, nas ruas, bares, nas buzinas dos carros, nos lugares e espaços. Noto com muito pesar que a transfobia recai sobre mim, e sentindo o peso disso tudo penso algo peculiar: a vergonha a ser suportada faz com que quase todos os homens cisgênero*

não assumam relacionamentos com trans. Amar se torna muito mais pesado, é uma escolha que vai depender muito de nossa hombridade. (...) A minha experiência é que amar uma transexual é algo que me mantém inteiro. Escolhi lutar na contramão. Minha concepção de masculinidade não se diminui e sim me fortalece, não por conta do meu esclarecimento, mas por conta da luta travada aos padrões e paradigmas sociais. Isso faz com que eu me sinta pronto para amar independente da forma. Gostaria de ser exemplo para outros homens cis. (...) O destino dos homens cis que sentem desejos reprimidos por travestis e transexuais será sempre o submundo, a não ser que encarem a luta LGBT como sua também. (SANTOS, 2017 apud BAGAGLI, 2017. P. 153-154).

Todas as mulheres que passam por nós, Legente, tanto as *novinhas gostosonas*, quanto as senhoras donas de casa, são misóginas, reparam minhas roupas e encaram meu corpo com olhar de julgamento e raiva. As mulheres idosas não costumam perceber tão rapidamente que sou trans. E os gays que encontramos nas ruas, assim como o vizinho, também lançam sobre nossos corpos energias pesadas, deslegitimam meu gênero com o olhar e tentam mostrar com pequenos gestos, que são mais femininos do que eu. Repare, Legente, que todas essas trocas urbanas hostis, são rápidas, mas suficientes para que eu consiga fazer uma leitura efetiva de como a sociedade reage quando cruza comigo nas ruas da cidade. Essas trocas urbanas acontecem em menos de um minuto: de repente a silhueta de alguém aponta no fim da calçada, vamos nos aproximando um em direção ao outro, nos encaramos de frente, passamos um do lado do outro e cada um segue seu caminho. Como dois cachorros que colhem o máximo de informações possíveis quando se cruzam, cheiram os cus um do outro, identificam a transgeneridade ou a cisgeneridade de cada um (SIM! Existem animais transgêneros), seguem seus rumos e continuam dando seu rolê ou não, as vezes decidem brigar entre si e optam pela violência/transfobia.

O antagonismo às mulheres transgêneras [...] é frequentemente expresso pela defesa de noções como “mulheres nascidas mulheres” (womyn-born-womyn23), mulheres de corpo feminino (female-bodied women) (HALBERSTAM, 2017, p. 107) ou ainda “mulheres-identificadas mulheres” (woman-identified women). Tais designações são utilizadas por mulheres cisgêneras para se diferenciarem de mulheres transgêneras, sustentando o implícito de que mulheres trans não seriam mulheres “nascidas mulheres” ou não teriam um corpo considerado feminino. (HALBERSTAM, 2017 apud BAGAGLI, 2019. P. 25-26).

Enfim, chegamos ao mercado! O segurança na porta me olha de cima à baixo e tenta entender se ofereço algum risco ao patrimônio privado, afinal, travestis são constantemente objetificadas e estão marginalizadas. Para o senso comum, nossos corpos roubam, matam e devem ser evitados e ignorados. Nossos corpos são o quarto

*de despejo*⁵², onde maridos despejam sigilosamente sua *porra* nos nossos orifícios e esposas despejam seus ódios alienados, guiados por crenças inexistentes e sem fundamento.

Entramos no mercado, damos o primeiro passo e todas, absolutamente todas, as pessoas que estão dentro dele olham para o meu corpo, simultaneamente. Você até se assusta com todo esse assédio, Legente, e comenta comigo sobre *o quanto as pessoas são invasivas e sem noção*. Dentro do mercado mais olhares libidinosos e carregados de ódio. Pego o arroz mais barato e você, Legente, pega o óleo mais barato, colocamos os produtos na cestinha e vamos para a fila do açougue comprar a carne moída. Na fila, algumas pessoas se afastam de mim e demonstram certo incômodo, passam a me olhar de soslaio e quando seus olhares encontram com meus olhos furiosos e meu semblante de travesti nervosa com a boca espumando de raiva, os olhares se recolhem e não acontece uma segunda tentativa de troca visual. A fila demora e quando finalmente chega a nossa vez de ser atendida, quem nos atende é o açougueiro mais bonitinho (padrão) entre os outros.

- Eu queria um quilo de carne moída, por favor! - Tento suavizar a voz o máximo que posso, para evitar constrangimentos e situações de violência.

Tarde demais, o açougueiro bonitinho percebeu que sou trans, encara os outros açougueiros com olhar de deboche e me pergunta:

- Mais alguma coisa moçx? - Ele pronuncia o pronome de tratamento de uma forma que não evidencia se está me tratando no masculino ou feminino.

Questiono educadamente:

- Você me chamou de MOÇO ou de MOÇA?

- Ele responde, surpreso com minha pergunta: MOÇA!

- Ahh sim, porque eu sou MOÇA mesmo, caso você não tenha percebido.

Saio da fila do açougue, arrependida por ter criado uma situação constrangedora, mas aliviada por ter questionado o açougueiro. Não conseguiria suportar a dúvida de não

⁵² Recomendo a leitura do livro Quarto de Despejo, da escritora cisgênera Carolina Maria de Jesus.

saber se ele me tratou no masculino ou feminino. Você, Legente, reclama que *já está com dor de cabeça e se irrita com o comportamento das pessoas*, diante de mim.

Vamos até o caixa, a atendente não nos cumprimenta e nos encara com olhar de nojo. Pago o valor das compras e saio como se tivesse me libertado de uma prisão sufocante com torturas físicas e psicológicas e tenho a impressão de que assim que saio do mercado, todas as pessoas fofocam sobre mim. Mas o passeio ainda não acabou, ainda precisamos andar 800 metros para voltar pra casa com nossas sacolas pesadas. Precisamos enfrentar mais olhares libidinosos e cruéis, carregar mais energias pesadas e sentir mais vontade de sair gritando e esmurrando o primeiro cisgênero escroto que passar. Como se manter lúcida? Como se manter intacta? Como não se abalar? Um simples olhar, todo dia, toda hora, todo o tempo, machuca, incomoda, corrói, agride e mata.

Essa é a minha vida, ou melhor, uma pequena parte dela. Enfrento esses pesadelos todos os dias, em inúmeras proporções e ainda não consegui criar estratégias para driblar esses episódios desagradáveis. Sigo lutando, enfrentando deus e o mundo, tentando ser didática, me isolando para evitar a fadiga, buscando me curar de todos os males e me empenhando, apesar dos pesares, em ser feliz por conseguir ser a mulher que sou.

❖ CAPÍTULO 2

O MANIFESTO TRANSGÊNERO



Figura 33 – BLA BLA BLA (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Travestis sempre existiram e sempre foram excluídas, marginalizadas e invisibilizadas. *Nós sempre estivemos no meio de vocês*^{53!}

O binarismo de gênero, ou seja, pregar uma padronização de que o gênero deve corresponder ao sexo biológico (quem nasce com pênis é homem) e que só existem dois gêneros (homem e mulher) é proposto em nosso “cistema” por ideias capitalistas em parceria com o cristianismo. Quando me refiro à palavra “cistema”, quero dizer que o sistema em que estamos inseridas na nossa sociedade ocidental é fundamentado em ideias cisgêneras. Leis e ideais pensados para alguns dos povos cis e feitos por alguns dos povos cis. O povo transgênero não tem voz e nem participação nas ideias políticas e sociais.

⁵³ Referência ao coro dos fiéis católicos que em missas respondem à fala do Padre: *O senhor esteja convosco!* com a frase: *Ele está no meio de nós!*

O capitalismo e cristianismo estão intimamente interligados, pois os objetivos da Igreja, sempre foram atingir mais fiéis e conquistar comunidades com o intuito de colonizar (catequizar) esses povos e se beneficiar financeiramente, já que dominavam a comunicação entre o sagrado/espiritual e o terreno/carnal. O padre/pastor, a presença masculina e patriarcal é o único intermediário entre o diálogo com o deus autoritário, onipresente e único salvador que irá libertar a todos do inferno que é a vida. Mesmo que esse inferno seja em partes causado por crenças em algo que não é real.



Figura 34 – DEUSA É UMA TRAVESTI, TRAVESTI É UMA DEUSA (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Era interessante para o cristianismo/capitalismo, em sua concepção, que as famílias e comunidades seguissem o modelo tradicional de binarismo de gênero, em uma propriedade privada, tributária e individualista composta por um pai (o cidadão de bem) provedor, o *macho-alfa* ativo e uma esposa submissa, obediente, zeladora da casa e das crianças. E todos são fiéis ao padre, pastor e ao patrão. No mundo competitivo cisgênero e patriarcal, feito para homens cis e por homens cis, as

mulheres cis estavam sempre em desvantagem. Se já não havia espaço e oportunidades para as mulheres cis, para outros tipos de pessoas, como por exemplo, as pessoas trans, que não seguiam esse determinado padrão imposto, havia menos espaço ainda. O que acontecia e o que acontece até a hoje é a marginalização desses povos, que são excluídos da sociedade, assassinados e não possuem sua identidade reconhecida e respeitada.

No que concerne ao debate das identidades de gênero, no entanto, "cis" surge apenas setenta anos após o termo que lhe faz oposição, "trans", este na década de vinte, aquele quase que na virada para o século XXI, e é compreensível a demora. Poucos são os registros sobreviventes de pessoas que, no passado remoto, reivindicaram uma existência outra que não a predita por seu genital. A verdade é que, numa sociedade profundamente cissexista, numa sociedade tão cissexista que sequer conseguisse enxergar o próprio cissexismo (de tão naturalizada que estava essa lei, de tão apagada que estava a sua origem, a sua razão), não haveria a menor possibilidade de pensarmos a existência material, concreta de pessoas trans. Por obra da violência transfóbica, que tem suas bases bem fincadas no sexismo, aquelas pessoas que ousassem afrontar essa lei seriam mortas ou teriam que voltar de imediato para o armário, dando a impressão falsa de que inexistiam ou de que desexistiram. Foi necessário o surgimento e fortalecimento do movimento feminista e, com ele, a transformação radical dos sentidos que a palavra "mulher" denota para, aos poucos, pessoas criadas para ser homem conseguirem começar a fazer legítima sua reivindicação de existir enquanto mulher e, hoje, pessoas criadas para ser mulher começarem a conseguir fazer com que seja razoável, aceitável a sua reivindicação de existir enquanto homem (o fato de só hoje a ideia de homem trans estar se tornando conhecida, inteligível diz muito sobre o que nossa sociedade reserva às pessoas criadas para ser mulher). (RODOVALHO, 2017. P. 365-366).

Levando em consideração que nossa colonização de exploração dos povos indígenas e posteriormente, dos povos negros é extremamente recente, é possível entender porque os resquícios dessas gerações são feridas ainda abertas em nossa cultura. Várias gerações reproduzindo crenças desumanas sem fundamentos e conceitos moralistas inventados pelos europeus para doutrinar esses povos.

Os indígenas, que para o europeu eram primitivos e menos evoluídos, antes da colonização lidavam com identidades de gênero de forma muito diferente do que é socialmente aceito em nossa cultura. Reconheciam de 3 a 5 gêneros diferentes e essas pessoas eram extremamente respeitadas pela comunidade e muitas vezes consideradas seres mais evoluídos que os outros, pois nasciam com o poder de lidar com as energias masculinas e femininas. Não devemos classificar os gêneros reconhecidos por indígenas como se fossem gêneros não-binários. De acordo com um post na rede social *Instagram*, da ativista travesti não-binária Ariel Travanás (@cisfóbica, 2020) nunca, jamais, podemos chamar a Identidade Two-Spirit de trans

não-binárie, essa identidade provém de povos indígenas exclusivamente. Catalogar uma identidade de origem indígena, como trans, é reforçar todo um processo colonizador branco.

Após a chegada dos Europeus ao continente americano, eles (os indígenas) foram obrigados a se adaptar a papéis padronizados de gênero. Até mesmo casamentos entre pessoas do mesmo gênero foram desfeitos, fazendo com que a aceitação dentro da própria comunidade indígena diminuisse. [...] A cultura Navajo reconhecia quatro gêneros: mulher feminina, mulher masculina, homem masculino, homem feminino. Embora antropólogos tenham tentado interpretar essas definições associando-as a pessoas homo ou bissexuais, há indícios de que essa seja uma leitura muito “ocidental” da ideia. A verdade é que para muitos povos da América do Norte, essas pessoas teriam realmente nascido com dois gêneros. Graças a isso, o termo “dois espíritos” foi adotado por membros da comunidade LGBT indígena durante um congresso em Winnipeg, no Canadá, em 1990. O termo é usado para se referir às pessoas que não se encaixam no gênero masculino ou feminino para a cultura de vários grupos indígenas. Além disso, existe uma diferença crucial na relação dos povos originários com essas pessoas, ao invés de serem isoladas, elas eram acolhidas pela comunidade e ganhavam papéis de respeito dentro do círculo social. Em alguns casos, as famílias delas eram até mesmo consideradas sortudas. Em muitas culturas as crianças também costumavam usar roupas neutras até que formassem sua identidade, permitindo lançar um olhar mais livre sobre sua identidade de gênero. Para o povo Dakota, por exemplo, era extremamente ofensivo esperar que uma pessoa agisse de acordo com um gênero com o qual não se identificava. (Site Hypeness, 2016).

Após traçar essa linha do tempo que apaga (não reconhece) a história e a cultura daqueles que são diferentes – todos são diferentes, todas as pessoas são específicas e nenhuma é universal - e que seguem outros padrões fora da normalidade imposta, encontro algumas das justificativas para tantos preconceitos e para quanto ódio às diferenças. São anos e anos de alienamento canônico, de conformismo e desinformação. Anos e anos em que conceitos meramente religiosos e sem fundamentos científicos são difundidos e aceitos pela população.

E por falar em ciência, os poucos e equivocados aprofundamentos científicos sobre a Transgeneridade - que não tem representantes cientistas trans, nem historiadores trans, nem antropólogos, nem pessoas influentes e ricas, capazes de fazer a diferença com leis e estatutos em prol da população trans – são extremamente aceitos pelo povo e servem como um apoio para justificar a normalidade, que está intrinsecamente ligada com a moral e os bons costumes pregados pelo cristianismo/capitalismo versus a “anormalidade degenerada”.



**Figura 35 – CRIANÇA TRANS EM BUSCA DE RESPEITO, SINCE 1994 (2019) – Ilustração Digital /
Marina Silvério**

Até pouco tempo, a Transgeneridade era classificada cientificamente como um tipo de Transtorno Mental. Pessoas Transgêneras eram vistas como portadoras de distúrbio psicológico, seres incapazes de aceitar as condições fenotípicas, com tendências à automutilação e autoextermínio de suas vidas. No novo livro de condições médicas, produzido pela OMS (Organização Mundial da Saúde), todas essas questões e seus impactos para a sociedade, foram reformuladas e repensadas por pessoas cisgêneras em “benefício” da população trans!!! Pouca coisa em 2020, século XXI, se modificou. As pessoas transexuais continuam sendo classificadas no:

CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) e serão realocadas do capítulo de "transtornos mentais de identidade de gênero" para "condições relativas à saúde sexual". Fontes da OMS declararam que a intenção foi afastar a concepção de que a transexualidade é uma doença e que precisa ser diagnosticada para tratamento. Mas que a manteve no CID para que alguns países continuassem a atender as demandas envolvendo a população trans na saúde. [...] Nesta atualização, o nome atribuído à população trans deixa de ser “transtornos de identidade de gênero” e passa a ser “incongruência de gênero” – alteração que muitas militantes discordaram e apontaram como eufemismo (tentativa de suavizar a outra palavra, mas que mantém significado semelhante). [...] Viviane (Viviane Vergueiro) afirma que o processo complexo de despatologização das identidades trans é mais complexo que a despatologização da homossexualidade, que ocorreu nos anos 90, devido às

demandas e especificidades da população trans e travestis. "As demandas por modificação corporal, por exemplo, não são questões que estão presentes de maneira tão marcante quanto nas comunidades não-hétero". [...] Jaqueline Gomes de Jesus também aponta que a discussão é mais complexa, pois além de estar discutindo gênero, refere-se a uma população invisibilizada e muitas vezes desumanizada em diversos espaços. "A campanha em relação a retirada da homossexualidade do CID envolveu uma série de acadêmicos e profissionais de saúde engajados nos movimentos sociais, e foi um dos principais responsáveis. As pessoas trans formam um número pequeno e raramente encontram em espaços de decisão profissional no ramo da saúde, da academia. Então precisamos ocupar outros espaços para criar outros discursos". (Site NLUCON, 2018).

Relacionando a fala de Amara Moira, quando ela comenta sobre a importância do fortalecimento do movimento feminista para que as mulheres cis pudessesem ter voz e lugar de decisão na sociedade, com a fala de Viviane Vergueiro e principalmente a de Jaqueline Gomes de Jesus sobre o processo da despatologização da homossexualidade nos anos 90 (quase 30 anos atrás) e sua retirada do CID, penso o quanto estamos atrasadas em relação a outros grupos não-héteros (LGB) e que são extremamente oprimidos também.

É fato que a retirada do sufixo ismo da homossexualidade reflete uma maior aceitação e naturalização de algo que até pouco tempo era um *bicho-de sete cabeças* para o povo. A mídia também tem papel decisivo nessa domesticação de tabus na cabeça da população - mesmo que as informações passadas sejam estereotipadas e nem sempre verdadeiras. Mas daqui a pouco, me delongarei um pouco mais sobre a mídia.

É necessário um fortalecimento do movimento transfeminista e é necessário que as pessoas saibam que o movimento transfeminista existe. E que pessoas transexuais existem. Mais e mais pessoas transexuais e travestis devem ocupar as universidades, de preferência as públicas. Mais e mais travestis devem escrever artigos e mostrar que às vezes é possível ter voz. Mais e mais universidades devem aderir ao sistema de cotas para pessoas transexuais e travestis, assim como na UFBA⁵⁴. E mais e mais travestis precisam estar inseridas na política, representando as pessoas trans nas tomadas de decisões para questões envolvendo a educação, a saúde, a marginalização e a falta de empregos formais, o que leva a maioria de nós a recorrer à prostituição. Só assim, minimamente, conseguiremos avançar na luta pelo

54 As informações sobre o Sistema de Cotas implementado pela UFBA, que acolhe pessoas trans, foram retiradas do site oficial da UFBA e o link está nas referências bibliográficas.

reconhecimento e respeito dessas identidades. Se infiltrando pelas frestas e brechas do *cistema*.



Figura 36 – DEUSA KALI MARINA DA SELVA (2018) – Ilustração Digital / Marina Silvério.

2.1 | O SACO



Figura 37 – Marina Magritte (2019) – Ilustração Digital e releitura da pintura *O Estupro*, de René Magritte / Marina Silvério.

Sou uma artista em constante estado de criação. Tudo o que vivo, todos os preconceitos, agressões, hostilidades e ofensas diárias, são mote e combustível para as minhas criações cênicas. E na verdade, pouco crio. Tento sempre reproduzir tudo de surreal que me acontece com toques de teatralidade, sensibilidade, originalidade e exagero, mas sou extremamente fiel aos detalhes e à verossimilhança das cenas da vida.

Uma dessas cenas, chama-se Transgênica e é uma intervenção, ou peça teatral, ou cena, ou performance - não sei ao certo como classificá-la – que narra alguns dos momentos marcantes da vida de uma travesti chamada Marina. Transgênica foi criada em 2017 e tem itinerância em apenas Uberlândia, ainda. O nome da peça é Transgênica, pois crio um paralelo entre a travesti transgênera e os alimentos transgênicos, principalmente a carne. A travesti transgênica na visão do povo representa a carne podre, mais barata do mercado, a carne de má qualidade, perecível, a carne sem dono, adulterada, hormonizada, a “carne de papelão”, a carne imprópria pra consumo, mas que TODOS consomem.

Na cena me relaciono com alguns objetos e entre eles está o SACO. O saco é de plástico, grande, preto e de lixo. Quando abrem-se as cortinas, estou dentro do saco e geralmente canto alguma canção que clame por justiça - gosto muito de Canto de Dor do grupo cis Os Tincoãs. A travesti presa, sufocada e gritando dentro de um saco de lixo, representa a visão da população sobre as trans e travestis, que são invisibilizadas, marginalizadas, esquecidas e tratadas como lixo. Lixos descartáveis e

podres, entulhos que devem ser removidos e se decompõem no “cistema” de higienização cisgênera cissexista.

O saco de lixo é um objeto cênico que tenho utilizado em outras cenas também, pois representa essa relação entre a oprimida e os opressores. Ele é uma referência do trabalho do artista visual Maxwell Rushton⁵⁵ que faz esculturas de gesso com formato idêntico ao de silhuetas de humanos e as coloca dentro de sacos plásticos de lixo. Após isso, ele as instala em diversas ruas das cidades, com o intuito de mostrar a existência dessas pessoas marginalizadas e oprimidas e a maneira como os “cidadãos de bem” se relacionam com elas. Seu foco é moradores de rua e não, travestis, mas graças à tradução intersemiótica, é possível transcrever e transcriar a arte.

Chegou o momento de falar sobre a mídia! A mídia é em grande parte a responsável por essa exclusão social dos transexuais e a grande responsável por disseminar conceitos errôneos sobre essa população. É fato que em alguns momentos na teledramaturgia ou mesmo em programas de televisão (alternativos e que a família tradicional brasileira e careta não assiste) os transexuais tenham alguma ou outra visibilidade. Mas sempre essa abordagem é passageira e sucinta, com conceitos que nem sempre são verdades. Ultimamente, falar sobre a luta de pessoas transexuais e também falar sobre o racismo, que assim como a transfobia é estrutural, está em voga, está na moda. É comercial, gera lucro (pink money) incluir minimamente assuntos dos povos “anormais”, para os povos “normais” nos quinze minutos de fama e destaque da mídia brasileira que influencia diretamente e aliena milhões de representantes do senso comum.

E a vida segue, nesse “National Geographic”, zoológico humano, onde humanos se divertem e se distraem enquanto riem e conhecem um pouco da vida desses outros seres humanos “extremamente diferentes”, as travestis. Todos os dias travestis e mulheres transexuais são assassinadas e não são lembradas no *Jornal Nacional* e nem no *Fantástico*. Vidas de pessoas Cis importam muito mais que vidas de pessoas Trans. Um exemplo é o destaque que a mídia, em específico a televisão, dá para

⁵⁵ As informações sobre o artista visual Maxwell Rushton e suas esculturas com silhuetas de moradores de rua, foram retiradas do site: Papo de Homem e o link do site está nas Referências Bibliográficas.

alguns assassinatos, que são lembrados e relembrados por anos a fio. E se a pessoa cis assassinada for burguesa, a mídia nunca mais se esquece dela. Suzane Von Richthofen, que matou os pais para ficar com a herança, é ícone nacional, meme das redes sociais; Isabela Nardoni - a criança atirada pela janela, do alto de um apartamento - filha de advogados e juízes ricos - gerou comoção nacional na novela da vida (e ainda gera) por anos; e por fim, Elisa Samúdio - a ex-namorada do goleiro Bruno do time Flamengo – que foi esquartejada e virou alimento de cachorros. Se o assassinato envolve futebol e dinheiro, o crime se torna inesquecível. Vale ressaltar que o goleiro Bruno já saiu da cadeia após cumpriu sua pena e voltou a ser goleiro, com total aceitação do povo. Ambos os crimes, contra pessoas trans ou cis, são chocantes e merecem respeito. O assunto que abordo é a não-comunicação pela mídia, sobre a morte de pessoas trans, e a preferência em comunicar e abordar por meses a morte de pessoas cis burguesas.

Os meios de comunicação propagam, todos os dias, os casos de agressão, violência, assassinatos, suicídios e tentativas de homicídio, todavia, deixam de mostrar, para além do real, as causas, consequências e possíveis soluções para o problema. Recusam, até mesmo às vítimas fatais, o simples direito ao nome social. Ou seja, nem mesmo após a morte, as pessoas trans têm sua privacidade, sua identidade e sua imagem aceitas. Não é necessário ser perito em gênero e sexualidade para reconhecer que mulheres trans e travestis devem ser tratadas como “elas”, e homens trans como “eles”. Temos pejorativos como “travas”; “travecos”; “macho-fêmea”; “é cilada”; “mulher de penca”; entre outros devem ser extintos dos jornais, rádios e programas de televisão. Existe a necessidade de maiores discussões acerca do papel da imprensa, em especial aos noticiários policiais exibidos em canais abertos no Brasil, ao abordar questões envolvendo a diversidade de gênero e a violência explícita que estão submetidxs. Conforme as matérias veiculadas em alguns veículos de comunicação, percebe-se que muitos profissionais se habilitam na graduação no “desrespeito a identidade de gênero” com excelentes notas nesta disciplina. (NOGUEIRA. CABRAL, 2018 p. 43).

2.2 | O PAU



Figura 38 – Cara de Pau (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Volto a falar sobre a chocante morte da travesti Dandara. Alguém se lembra? A mídia falou sobre? A mídia anualmente relembra desses assassinatos de pessoas trans tanto quanto qualquer outra morte? A morte de travestis choca o país? Choca o povo? Quem matou a travesti Dandara foi o povo. O cidadão e a cidadã de bem, transfóbicos.

Ainda nesse processo de desmontagem da peça Transgênica, que reflete minhas vivências enquanto artista e travesti numa sociedade transfóbica, que é transfóbica em partes, por causa do capitalismo/cristianismo – como escrevi acima - utilizei em cena outro objeto que a meu ver é tão simbólico e representativo, quanto o saco de lixo. O PAU.

O pau é de madeira e lembra um taco de basebol. O pau foi um dos principais objetos que homens cis usaram para matar a travesti Dandara, enquanto a transportavam em um “carrinho de mão”. O pau, em minha concepção também representa o órgão genital pênis. É uma analogia do patriarcado, representado por um grande pau, que cala e mata à pauladas. Mas vale lembrar, que conceitos como o falocentrismo, que dão a entender que o pênis representa exclusivamente o ser masculino, o homem, já estão defasados e em desuso, pois muitas mulheres trans possuem paus, pênis e são mulheres, representantes do feminino. O gênero está na cabeça e no corpo todo, na maneira como o corpo todo se identifica e não, em uma parte do corpo específica.

Assim como também a vagina não representa e contempla apenas as mulheres e o sagrado feminino. Homens trans possuem vagina e são homens.

Quando penso em um pau e um ser carregando esse pau a fim de matar, a imagem me remete aos neandertais, os homens das cavernas, os primitivos que carregavam paus nas costas – pedras e facas, outros principais objetos usados também nos crimes de transfobia - afim de se proteger do inimigo, para caçar e se alimentar dos mais fracos que ele. Seguindo essa imagem, nas primeiras apresentações de Transgênica, eu narrava um pouco da história de Marina (eu), contando sobre a população que a trata como homem e a enxerga (quando a enxerga) como uma aberração, sobre o desemprego, a necessidade de se prostituir para sobreviver e a relação entre a travesti e o sexo, que é sempre degenerado e proibido – é motivo de chacota e vergonha nacional se um homem hétero e cis for visto com uma travesti. Lê-se o caso Ronaldo Fenômeno, quando foi flagrado com travestis e depois deu inúmeras reportagens repugnantes e ensaiadas, onde chorava em rede nacional e se dizia arrependido por seus atos. Atos que fugiram da moral e dos bons costumes, aceitos pelo tribunal da população.

Araújo (*ibid.*) também cita o caso de um jogador de futebol famoso como um sintoma destes estigmas: o jogador teve que vir a público “explicar” o fato de ter se envolvido com travestis profissionais do sexo e manifestar o seu “arrependimento” e “vergonha”, pois havia sido “enganado”, o que é noticiado como um “escândalo” pela mídia. (ARAÚJO, 2015 apud BAGAGLI, 2017. P. 152).

Após narrar esses acontecimentos, que são verídicos, Marina é surpreendida por um homem, um predador assassino, que carrega um pau nas costas e a come (não no sentido sexual, mas a leitura do público é livre) arranca pedaços de pele, mastiga a carne transgênica e a corta com os dentes, garfo e faca. A peça se encerra, retratando a morte de mais uma travesti e se torna uma mera reprodução da verdade.

Em números absolutos o Brasil é campeão de assassinatos de pessoas trans no mundo, e em números relativos, considerando os números de assassinatos reportados por grupo de 1 milhão de pessoas, temos Honduras como o país mais violento para as pessoas trans e o Brasil passa a ocupar a 4^a posição. O índice de violência contra pessoas trans nas Américas pode ser considerado extremamente alto. [...] As pessoas trans e de gênero-diverso em todas as partes do mundo são vítimas de violência, como chantagens, agressões físicas e sexuais, até chegar aos assassinatos. Essas formas horríveis de violência muitas vezes não são relatadas, e pouca atenção é colocada nas causas subjacentes, como o ódio anti-trans, a transmisoginia, o racismo, a xenofobia e o ódio contra profissionais do sexo, além das condições econômicas precárias que as pessoas trans enfrentam em muitos contextos. Todos esses fatores expõem pessoas transgêneras, sobretudo, as

pessoas trans negras, migrantes e profissionais do sexo a altos níveis de violência. (FEDORKO; BERREDO, 2017 apud NOGUEIRA; CABRAL, 2018 p. 63).

Mas, pensando em um universo paralelo, onde a travesti deixa de ocupar o lugar da vítima submissa e indefesa e ocupa o lugar de ser humano que existe, tem voz, peso na sociedade e é capaz de se defender e possui aliados que a defendam, tenho modificado a cena Transgênica em minhas últimas apresentações.

Agora, em determinado momento da peça, numa pegada de Teatro Fórum, ordeno que as portas do Teatro sejam trancadas e comunico ao público que um deles, que me assiste, irá ser assassinado por mim, a travesti Marina. Seguindo a lógica do olho por olho, dente por dente e levando em consideração que todos os dias pessoas Cis matam pessoas Trans e nada acontece em termos de justiça, propago a ideia de que decidam entre eles, quem irá ser o salvador da pátria e irá se sacrificar para morrer pelas mãos da travesti sanguinária, vingativa e inimputável.

O objetivo não é propagar a violência, instigando pessoas trans a matarem e sim, voltar o olhar do público para a violência naturalizada e aceita que acontece diariamente com pessoas trans. Os crimes não são falados no noticiário, as pessoas que matam nem sempre são punidas e ainda o simples direito da identidade é negado e desrespeitado pela mídia quando se tratam de transexuais e travestis.

O público se prontifica e elege o cordeiro que irá se sacrificar, ou eu acabo escolhendo alguém. Acompanho essa pessoa até um lugar fechado que revele para o público apenas os pés daquele que se sacrificou e inicio uma sequência de pauladas cênicas, que vistas de longe são muito verídicas, enquanto canto minha música Seu olhar é Fogo (epígrafe). O ser que se sacrificou, torna-se ator da cena e seguindo algumas instruções discretas dadas por mim, grita e balança os pés como se sentisse muita dor. Até que se cala e finge de morto.

Mato em nome de todas que morreram (e morrem) e finalizo a cena citando Macbeth, de Shakespeare (1623), *A vida é só uma sombra: “uma péssima atriz” que se debate pelo palco, depois é esquecida.*

A cena Transgênica (só para baixinhos!) que é voltada para o público infanto-juvenil, aborda todas essas questões da transgenerideade e da relação da travesti com a sociedade, mas com um olhar mais sensível e lúdico. A adaptação não trata da

sexualidade da travesti Marina e não aborda o tema sexo. É falado exclusivamente das condições sociais excluidentes em que Marina e tantas outras estão inseridas e da relação direta e de confronto com o público, que representa a sociedade transfóbica, composta por Homem e Mulher Cisgêneros burgueses e pobres (independente de orientações sexuais: gay, lésbica, bi, hétero, pansexual). É retratada a maneira como esses homens e mulheres cis me ignoram, me encaram com olhar coercitivo, de espanto, de ódio e muitas vezes me agredem com risadas escrachadas, com gestos verbais e também não-verbais: como quando fui empurrada por um homem - neandertal que anda com pau - da vida real e chamada de “viadinho” enquanto caía no chão, ou quando dia desses, na porta de um bar lançaram uma bomba de estrondo ensurcedor, em minha direção, ou quando... ou...

Reforço a importância de que travestis e transexuais ocupem espaços que são nossos por direito e ocupem lugares de representatividade para as futuras gerações, lugares de tomada de decisão. Para que isso ocorra, precisamos lutar cada vez mais, bravamente, para que sejamos reconhecidas.



Figura 39 – CONTRAMÃO (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

2.3 | A PORRA



Figura 40 – Santa Sangre (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Desde o início da minha transição, tenho me questionado sobre quais os possíveis motivos para a sociedade agredir constantemente pessoas trans e travestis. A sociedade cisgênera agride verbalmente, fisicamente, ridiculariza, marginaliza e extermina pessoas trans e transgêneras.

Boa parte da sociedade cisgênera parece odiar e repugnar pessoas transgêneras. *E por que isso ocorre? Por que tenho a sensação real de que sou odiada por boa parte da população? Por que sou ridicularizada em programas de tv, rede sociais e na vida real, em geral? Por que corpos travestis e de mulheres trans são constantemente assassinados pela cisgeneridade? Por que corpos de mulheres trans e travestis estão marginalizados e não possuem os mesmos privilégios que a cisgeneridade? Por que tenho o meu gênero deslegitimado o tempo todo? Por que a cisgeneridade me classifica como homem, sendo homem e todo o significado que essa palavra e gênero carregam, uma invenção humana, assim como a biologia e a religião? Por que é errado ser “diferente” (eu não me vejo como uma pessoa diferente, sou normal como qualquer outro ser humano) e se opor aos padrões normativos vigentes, se todos somos diferentes?*

O corpo transvestigênero, talvez seja o único corpo, que é atacado público e diariamente por parte significativa da Igreja, pela mídia, pelo judiciário, pela

medicina, pela arte e ninguém fala nada. Ninguém reclama. Podem fazer qualquer história, de qualquer forma e jeito, pode fazer qualquer vídeo tirando sarro, pode ser peça de teatro, livros, TCCs, mestrados, doutorados, canais no youtube, portais, biografias e até em novelas das 9, que ninguém reclama. Pode chamar de qualquer coisa, pode erotizar, exotificar, tirar sarro, xingar e deixar nítido a vergonha que todos têm deste corpo. Pode chama-lo de violento, de bético, de doente, de anormal. Pode bater, expulsar de casa e até matar. Cansamos. Não pode mais não. Que estudo e conhecimento é esse que vocês obtiveram para contar algumas histórias sobre nós? Algumas beiram ao esdrúxulo. Não queremos mais isso não! Essas narrativas nos matam todos os dias. Agora estamos tomando as canetas, os teclados, os lápis de assalto. Estamos escrevendo nossas histórias, contando outras narrativas, inventando personagens como nós. Nós existimos na nossa Travaturgia. O meu Teatro pode ser de Rua ou das Ruas. E minha escrivivência é minha Transcestralidade. (CARVALHO, 2019. P. 213).

Todos estes questionamentos me motivaram a pesquisar sobre essa temática aqui nesta dissertação de mestrado, através de uma entrevista com pessoas trans. Esta dissertação busca a(s) provável(is) raiz(es) do ódio, do nojo e da ridicularização de pessoas trans por pessoas cis e também reúne algumas memórias performáticas, desmontagens de performances e peças teatrais que abordam vivências comuns em vidas trans. A entrevista é uma tentativa de sanar minhas dúvidas e comprovar minhas hipóteses, através de opiniões de outras pessoas trans e travestis que vivenciam situações semelhantes às situações que vivencio. *Quais os possíveis motivos para que a cisgeneridade reserve às pessoas trans e travestis, sentimentos como o ódio, o nojo e a ridicularização de nossos corpos? Por que não somos aceitas/acolhidas pela sociedade? Por que estamos excluídas e dificilmente somos contratadas em empregos formais? Por que não somos levadas a sério? Por que somos piada e alvo de chacotas por onde passamos?*

Tenho consciência de que essas são questões difíceis de sanar, são questionamentos que possuem respostas relativas, indefinidas, complexas e respostas diversas. Portanto, minha pesquisa tenta despretensiosamente colher opiniões de pessoas trans a respeito da possível origem desse tratamento preconceituoso que é destinado a nós. Caso eu optasse por entrevistar pessoas cis, as respostas também seriam diversas e extremamente interessantes de analisar. Certamente seriam respostas defensivas, neutras e que tentam pintar um conto-de-fadas onde todos os cisgêneros amam os transgêneros e todos vivem felizes para sempre!

A entrevista é uma forma de dar voz à um grupo de mulheres trans e travestis que estão no mesmo núcleo social que eu estou. É uma forma de ecoar minha opinião e minhas vivências, pois reúno um pequeno grupo de mulheres trans e travestis que

estão inseridas no mesmo contexto social que eu estou e que dificilmente vão pensar de uma forma diferente à minha. A entrevista é uma forma de aprender com a outra e com suas experiências. É uma forma de reconhecer a mim e as minhas teorias, através das teorias da outra. A entrevista é um atravessamento de ideias que fluem na mesma direção.

Optei por entrevistar pessoas transgêneras binárias mulheres trans e travestis que residem em Uberlândia ou em alguma cidade próxima do Triângulo Mineiro, que seja ou tenha sido estudante universitária na UFU e que seja artista com algum envolvimento com teatro ou música. Optei por entrevistar mulheres trans e travestis que ocupem os mesmos lugares que eu ocupo.

Eu e meu orientador Prof. Dr. Alexandre Molina, em tempos de quarentena e isolamento social, escrevemos à distância uma carta e ele a enviou pra diversas coordenadorias da UFU, na tentativa de localizarmos quem são as travestis e mulheres trans matriculadas na universidade e apurarmos quantas são essas alunas trans e travestis matriculadas (localização e quantidade). Até o fechamento deste texto, não obtivemos nenhuma resposta da UFU, mesmo que os e-mails tenham sido enviados com bastante antecedência.

Então, fiz uma pesquisa pelas redes sociais (facebook e instagram) com o intuito de encontrar essas pessoas trans estudantes da UFU. Dentre essas alunas, como disse anteriormente, optei por selecionar pessoas transgêneras binárias mulheres trans e travestis artistas da música ou da cena. Localizei através da pesquisa, apenas quatro mulheres trans e travestis artistas matriculadas na UFU e consegui contatar e entrevistar apenas três delas. As entrevistas completas encontram-se nos Apêndices desta pesquisa, na página 242.

As perguntas que foram feitas na entrevista, questionam as mulheres trans e travestis sobre a existência da transfobia; sobre o tratamento excludente da cisgenerideade carregado de ódio, nojo e ridicularização e os possíveis motivos para que isso aconteça; sobre o medo de ser agredida, estuprada e/ou assassinada quando saem às ruas; e sobre a relação dessas pessoas com a universidade federal, que é um lugar ocupado exclusivamente por pessoas cisgêneras e em sua maioria burguesas.



Figura 41 – REZA (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Analizando as respostas das três entrevistadas, é possível perceber que seus pensamentos são próximos e estão, de certa forma, interligados. Ambas já sofreram transfobia e vivenciam o preconceito oriundo de pessoas cisgêneras, carregado de ódio, nojo e ridicularização. Os possíveis motivos para esse tratamento excludente são diversos e complexos. Comparando à botânica, não existe um rizoma vertical que defina apenas um motivo para que pessoas trans sejam odiadas por pessoas cis. Existem inúmeras raízes (razões) compridas que partem desse rizoma e se cruzam, se ramificam, se trançam e interlaçam os motivos para que a sociedade cis, desde os primórdios dos tempos exclua e extinga pessoas trans. Eu concordo *em gênero, número e grau* com as opiniões das entrevistadas.

Para as entrevistadas, a sociedade cisgênera reserva à todas as pessoas transvestigêneres, sentimentos preconceituosos como ódio, ojeriza, ridicularização, exclusão e a busca pela raiz desse ódio, nojo e ridicularização de pessoas trans, por vezes pode ser nublada, confusa, mesmo estando certas da existência da transfobia diária. E por vezes os motivos e possíveis causas para essa transfobia, transcendem os tempos mais remotos e nos faz investigar através da nossa cultura/costumes o que leva o *cistema* transfóbico a ser como é. As respostas que determinam as possíveis origens e razões para a transfobia, se revelam nas religiões e no que elas pregam, no capitalismo, no patriarcado, nos meios de comunicação que influenciam a opinião do

povo, na ciência, medicina, psicologia e nas leis ou na falta delas.

As entrevistadas sentem medo de circular nas ruas, pois possivelmente podem ser assaltadas e/ou assassinadas por transfobia e por serem mulheres em uma sociedade misógina, machista e transfóbica. Ambas acreditam que ocupando o espaço universitário (um espaço tóxico e transfóbico) e que tendo acesso ao fazer artístico, suas relações com a sociedade se alteraram, assim como, suas posições diante de ataques transfóbicos. Reconhecem o privilégio de ser uma artista universitária - que contraria a prostituição e a marginalização compulsória - e o papel que devem exercer perante a sociedade, enquanto detentoras de vivências privilegiadas.

Todas as entrevistadas concordam com a existência da transfobia e de um *sistema* excludente e transfóbico, mas a entrevista (caso atingisse um número maior de entrevistadas, com opiniões mais divergentes entre si) poderia também expor pessoas trans e travestis que alegam nunca ter sofrido transfobia ou que não acreditam na existência dela e nas possíveis razões. Sayonara Nogueira e Euclides Cabral (2018), possuem uma pesquisa semelhante à minha e questionam pessoas trans e travestis, se já foram vítimas de transfobia.

Em relação se xs respondentes já foram vítimas de transfobia, 1539 responderam que sim e 372 disseram não. Os tipos de transfobia vividas mais citadas foram nesta ordem: agressão verbal, agressões físicas, agressões psicológicas, deslegitimização do gênero, não acesso ao mercado de trabalho, exclusão familiar, exclusão escolar, exclusão social, desrespeito ao uso do nome social, proibidx de usar o banheiro de acordo com gênero, demissão do trabalho após transição, desrespeitadx no serviço público de saúde, transfobia institucional, tentativa de homicídio, cyberbullying, proibidx de entrar em bares e boates, proibidx de se hospedar em hotel, proibidx de embarcar em avião por causa do nome social, cobrança de preço diferenciado na entrada de casas noturnas, estupro e estupro corretivo. (NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 39).

Como é possível perceber, um número significativo de pessoas trans e travestis afirmaram que nunca foram vítimas de transfobia, na pesquisa acima. A pesquisa entrevistou quase 2 mil pessoas e dessa forma é possível conhecer as opiniões e vivências de diversos núcleos sociais de pessoas trans e travestis, algumas certamente marginalizadas, sem acesso à educação, sem a percepção necessária e leitura do mundo que as rodeia, possivelmente passáveis, alienadas, etc. Não entendo/compreendo quais as possíveis razões para que uma pessoa trans não perceba ou não admita a existência da transfobia, sendo ela a meu ver, um preconceito que atinge todas as pessoas trans, até mesmo as pessoas trans mais

passáveis do universo. Acredito que nem mesmo a passabilidade em excesso neutraliza pessoas trans e travestis do preconceito. A transfobia sempre acontece. É como um fantasma obsessor que atormenta e segue transgêneros e travestis. Em algum momento a pessoa trans passável terá seu “segredo” revelado e enfrentará a ira da cisgeneridade. Não devemos nos curvar ao tratamento diferenciado que nos é reservado. Não devemos aceitar, nem relevar a transfobia. Não devemos romantizar ou suavizar a transfobia. Não devemos nos esquecer dos ataques transfóbicos que já sofremos e se possível devemos nos vingar de quem nos atacou. Não devemos ignorar a transfobia estrutural e estruturante. Não devemos ignorar os índices e dados relativos ao extermínio de mulheres trans/travestis e as tentativas de homicídio às pessoas trans, em geral.

Caso eu optasse por expandir o número de entrevistadas trans, certamente encontraria opiniões e vivências semelhantes às da pesquisa de Sayonara e Euclides (2018), mas preferi trazer à tona apenas pessoas com vivências parecidas e próximas às minhas.

Moral da história e da entrevista:

Com base nas informações que obtive através da opinião de três mulheres trans e travestis artistas, a transfobia é real e existente na vida de pessoas trans e pode se manifestar de diversas formas, desde ataques físicos e violentos à tratamentos diferenciados em instituições, deslegitimação de gênero, rejeição em relacionamentos, vergonha, abandono, ridicularização e até mesmo na negação da realidade a ponto de não processar a existência da transfobia em sua vida, etc. É importante ressaltar que esta entrevista, feita por mim, não comprova cientificamente, nada. E eu também não tenho a pretensão de comprovar nada. Sinto a transfobia diariamente e não preciso provar aqui e para a cisgeneridade que ela existe e o quanto sofre. A entrevista apenas reúne opiniões de mulheres trans e travestis em um contexto social semelhante ao meu e expomos nossas opiniões em boa parte, semelhantes. A entrevista reforça meu discurso sobre a transfobia estrutural, expondo discursos de artistas trans e travestis conscientes do mal que nos cerca.

De acordo com o meu pensamento, que está costurado com o pensamento das entrevistadas, podemos concluir que possivelmente a transfobia, o ódio, o nojo e a ridicularização de pessoas trans por pessoas cis, ocorre por alienações religiosas que

dominam e doutrinam os pensamentos da população através de crenças e mandamentos desumanos e sem fundamentos. É errado não seguir as leis divinas e sagradas, por isso ser trans é errado na visão religiosa e aquela que comete erros merece ser castigada, penalizada, excluída, encarcerada, extinta e quando morrer, queimaré no fogo do inferno por toda a eternidade; A raiz do ódio, nojo, da ridicularização de pessoas trans e travestis e da transfobia pode também ser caracterizada pela interferência da medicina no pensamento/senso comum. A medicina “readéqua” e padroniza corpos distintos, com órgãos sexuais distintos que nem mesmo são binários (intersexuais) e classifica pessoas transgêneras e seus parceiros sexuais e afetivos como portadores de patologias. A medicina classifica a mim e meu namorado como doentes mentais; Outra razão que possivelmente justifica o ódio, o nojo e a ridicularização de pessoas trans, está na mídia: nos meios de comunicação e nas redes sociais, que são instituições formadoras de opinião, que influenciam os pensamentos da população. A mídia tem papel determinante na orientação das pessoas sobre os fatos do cotidiano. Ela pode manipular ideias a seu favor e possivelmente, impregnar pensamentos conservadores na mente do povo.

A Transfobia acontece por milhões de fatores. Acontece porque a sociedade cisgênera ainda reproduz pensamentos alienantes e excludentes. Acontece por causa do machismo e da exacerbção do masculino. Por causa do patriarcado e do capitalismo, que ditam leis que visam o lucro dos dominantes, a padronização e a desvalorização do que é feminino. A Transfobia acontece porque vivemos uma vida guiada por conceitos ultrapassados, porque somos movidos à competição, onde o mais forte vence. A Transfobia simplesmente acontece. Transfobia existe. Inspiro e sofro transfobia. Expiro e sofro transfobia. Transfobia é crime.

❖ CAPÍTULO 3

PERFORMANCES DE COMBATE



Figura 42 – Mari.na.Metrópole (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Lembro-me como se fosse ontem das primeiras vezes que saí nas ruas da cidade de Uberlândia-MG, vestida com roupas femininas. - Mas roupas possuem gênero? Acredito que sim! Afinal, meu corpo desobediente sentiu na pele o impacto e alvoroço que uma simples saia e uma blusinha transada causavam quando em contato com minha *corpa* travesti desbravadora da selva de pedra urbana.

Os olhares maldosos, indiscretos e coercitivos da cisgeneridade atenta *com seus olhos nus ou vestidos de luneta*⁵⁶ me ridicularizavam e tentavam me trazer de volta à “lucidez”, de volta à normalidade cisheteronormativacristã.

A cisgeneridade é entendida por Vergueiro (2016) como um eixo que constitui uma matriz de práticas repetidas que todas as pessoas são impelidas para performar na produção de coerências e evidências acerca do sexo e também como “um conjunto de dispositivos de poder colonialistas sobre as diversidades corporais e de gênero, sendo tais dispositivos atravessados por outras formas de inferiorização, marginalização e colonização interseccionais” (p.72). O funcionamento desta matriz, argumenta Vergueiro (*ibid.*), exige com que certos tipos de identidade não possam existir ou então serem tidos como inviáveis. Desta forma, há uma relação intrínseca entre a produção de coerências por esta matriz cismutativa e a exclusão (constitutiva) das transgeneridades, relação esta que produz efeitos de

⁵⁶ Trecho da canção Mistério do Planeta, do grupo Novos Baianos.

abjeção e subalternidade sobre as identidades ininteligíveis. As contribuições teóricas de Vergueiro, que dialoga com Butler (2003), nos permitem compreender como a cismatividade e heteronormatividade se sustentam mutuamente em seus efeitos nas produções das identidades inteligíveis nos campos, respectivamente, da identidade de gênero e orientação sexual. (BAGAGLI, 2017. P. 145 e 146).

Estava evidente pra quem me “admirava” que eu já não era (e nunca fui) um boy gay peludo que numa tarde ensolarada de domingo botou uma saia colada no cu, passou um batom e saiu pra beber cerveja com os amigos falsos que hoje nem sequer lembram que eu existo. Enquanto caminhava, em cada encontro rápido com uma pessoa cismativa escrota/transfóbica que passava por mim, estava mais que explícito pra ela, que eu era uma travesti, uma mulher trans. Alguém travestida com roupas que não deveriam ser usadas por mim, um corpo portador dos famigerados cromossomos XY. Estava explícito que eu não estava brincando de ser uma personagem por três horas, pra chamar atenção, ganhar likes e depois me desmontar/desvencilhar do feminino e voltar a viver feliz com meus privilégios de homem cis, independente da minha sexualidade. Fodam-se os cromossomos, fodam-se as roupas e seus gêneros, fodam-se as instituições acadêmicas e religiosas, foda-se a biologia que só é conveniente e legitimada quando tenta escancrar os pecados que uma travesti comete quando afronta a palavra divina de dois mil anos atrás!

Na minha mente, eu dizia foda-se pra tudo, embora esse mantra não me ajudasse muito em relação às disforias do início da transição sem hormônios, nem ao medo de ser agredida, estuprada, assassinada ou mesmo em relação à minha própria insegurança e visão sobre mim, mas o mantra: “foda-se tudo!” me colocava em uma frágil bolha capaz de ser estourada a qualquer momento que me fazia ignorar minimamente todas essas violências e violações do meu livre arbítrio e alteridade enquanto ser humano, tão dona da terra e da minha vida quanto qualquer outra pessoa cis e tão capaz de ser uma pesquisadora, uma doutora burguesa como qualquer outra pessoa cis privilegiada, imune ao meu destino de prostituição e marginalização compulsórias.

Vale a pena resistir neste meio acadêmico podre e fedido, mais preocupado em desenhar querelinas pessoais que em debater conceitos e ideias de forma solidária, vale a pena porque eu sinto que este respaldo institucional potencializa minha voz trans* e me permite criticar mais efetivamente cismatividades, onde quer que elas estejam. E, neste meio tempo, seguimos na graça e segurança de mandar beijos críticos nos ombros para quem está incomodado, ao invés de feliz, com nossa presença trávica pelos corredores das torres de marfim colonizatórias. Talvez a academia, enfim, não seja um destino 'realista' para pessoas trans*, mas estou disposta

a continuar re+existindo. As resistências trans* estão somente começando. Estejam pre-pa-ra-das: elas virão de autoetnografias, de status de facebook, de postagens em blogs desconhecidos, de barracos contra cisnormatividades, das vozes que se levantam dos chãos onde nos acostumamos a morrer e resistir a torturas, agressões e suicídios, elas virão por todos os meios necessários às descolonizações de gênero. (VERGUEIRO, 2013. Publicação online).

Um simples passeio pela universidade, pelas ruas, pelos bares da cidade (*que hoje, início de 2020, em tempos de quarentena devido ao COVID-19 é algo inapropriado, pois podemos morrer por causa desse vírus, assim como outros milhares já morreram pelo mundo afora*) era como se fosse um passeio por uma horta familiar tradicional brasileira onde eu plantava e regava amor, aceitação, liberdade, autocuidado e autoconhecimento e só colhia pragas, destruição, infertilidade, aridez e podridão humana. Ir à uma simples padaria, ao supermercado, ou à universidade era e sempre foi tão turbulento como em tempos de isolamento social. Antes de sair de casa, me protegia com roupas e máscaras sociais que me trariam menos conflitos e infecções à minha carne e tratava de voltar logo para dentro de casa/casulo/casco onde estaria protegida do vírus mortal que é a cisgeneridade.

Então, como qualquer outra artista que se preze e que acredita que a *arte é uma garantia de sanidade*⁵⁷ essencial para a sobrevivência, decidi criar algo artístico em combate e em resposta a esses inúmeros ataques transfóbicos que sofria e sofro até hoje, anos depois do início da transição. Sinceramente, acredito que mesmo operada, com uma vagina esculpida por um cirurgião plástico e com 30 anos de transição nas costas, continuarei sofrendo ataques transfóbicos.

⁵⁷ Louise Bourgeois foi uma artista visual cisgênera francesa que criou no ano 2000 a obra “Art is a guaranty of sanity” e que está exposta no MoMA (Museu de Arte Moderna) em Nova York.



Figura 43 – Dragoa (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Passei a criar performances/ações que retratavam como em uma pintura, exatamente o que de pior a sociedade reservava à uma travesti. Criei performances/ações/cenas que a meu ver, combatiam todo o mal que o outro me causava. Arte/performances/ações/cenas que confrontavam os homens e mulheres do mal e escancaravam o quanto eles eram seres horripilantes, abomináveis, detestáveis, execráveis, lamentáveis, horrorosos, imorais, impróprios, tristes, apavorantes e aterrorizadores. Como em um teatro de bufão, tentava elucidar nesses combates artísticos os incômodos cotidianos desagradáveis que fazem o outro (cis) se reconhecer na sua própria maldade.

Já que no combate da vida real eu nunca tinha forças e aliados suficientes para ganhar, ao menos no combate artístico que retratava a vida real eu ganharia. Ao menos uma vez, eu sairia vitoriosa nessa competição injusta e cruel que é a vida real. Ao menos uma vez, eu Marina Marionete, seria a vencedora do reality show que é a vida real, comandado por papai do céu ventríloquo. Ao menos uma vez no show de

Truman⁵⁸, ou melhor, de Marina, eu tomaria as rédeas da situação e seria a motorista, a passageira, a cobradora, trocadora e motorneira⁵⁹ da minha vida real e exigiria/reclamaria através do combate artístico tudo aquilo que me é devido e de direito.

Ódio / Canção de Marina Silvério

Os hormônios me deixam com ódio, com vontade de matar o mundo.

Se eu tivesse uma arma, seria tiro pra todo lado. RUM PUM PUM PUM!

Eu atiraria na MULHER burguesa que me olha com cara de nojo, que acha que TRAVESTI é bagunça e fica me encarando, me encarando, me encarando...

Eu atiraria no HOMEM escroto, que me despe com o olhar ou mesmo no que me ignora e olha para o chão.

Eu atiraria no CASAL que vai feliz, eu ceifaria com a vida da VOVÓ e do VOVÔ que me julgam e que ficam sem graças quando eu falo:

- Olá! Nunca viram uma TRAVESTI nesses 187 anos de vida??

⁵⁸ The Truman Show é um filme norte-americano de 1998, com direção de Peter Weir.

⁵⁹ Referência à canção Vida de Artista, do cantor virginiano, cisgênero e amor da minha vida, Itamar Assumpção.

3.1 | CACTUS



Figura 44 – Ofélia de bruços, Ofélia Invertida (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Meu único irmão, Vinícius, três anos mais velho do que eu, é cisgênero e gay. É negro e um leonino bonzinho, por conta do ascendente em peixes. Já morou no Rio de Janeiro e atualmente mora em São Paulo. Nas férias ou datas comemorativas, eu e meus pais sempre íamos visitá-lo na cidade grande e ficávamos embasbacados com o caos da selva urbana de pedra, concreto e multidão. No Rio de Janeiro, além do calor insuportável, do sotaque *arraxxtado dox cariocax marrentoxx*, das praias maravilhosas e das paisagens inigualáveis, o que mais me chamava atenção era a quantidade de moradores de rua habitando a cidade, sendo engolidos pela *Dona Cidade* e engolindo/furtando/roubando turistas e nativos desatentos para minimamente tentar sobreviver e alimentar seus entes e vícios. A *cidade é uma estranha senhora, que hoje sorri e amanhã te devora*⁶⁰.

Quando saímos para passear, meu irmão era nosso guia turístico. Parecíamos bobos admirando e nos deliciando com as paisagens e táxis amarelos até então vistos apenas nas telenovelas. Andávamos de metrô, de trem, de ônibus, observávamos os inúmeros vendedores ambulantes que adentravam nesses meios de transportes e que

⁶⁰ Trecho da canção A Cidade Ideal, composta para o musical Os Saltimbancos (1977) pelo geminiano cisgênero rico e privilegiado desde que nasceu, Chico Buarque de Holanda.

vendiam desde petiscos e guloseimas à CDs gospel e agulhas e linhas para costura. Descíamos das conduções lotadas e seguindo duras recomendações do meu irmão guia, dávamos as mãos uns aos outros para não correr o risco de nos pertermos em meio às multidões e quando avistávamos possíveis moradores de rua, principalmente adolescentes, segurávamos firme as bolsas e celulares, pois a cidade grande queria usurpar nossos poucos e pobres bens de turistas mineiros. Denunciávamos com nossas ações/gestos corporais que não fazíamos parte da cidade maravilhosa. Éramos peixinhos de rio, visitando o mar soberano. Presenciei pessoas sendo roubadas pelas janelas dos ônibus, presenciei pessoas correndo atrás dos assaltantes logo após um roubo, corri de assaltantes que tentaram nos roubar e presenciei a marginalização compulsória de corpos em sua maioria negros, tentando subsistir e sobreviver. E em meio a todo esse caos e luta, “vencem” os *Brighellas e Arlecchinos*⁶¹ mais rápidos, mais espertos e mais inteligentes, “vencem” os que a barriga ronca mais alto e sempre “vence” a fissura⁶² do crack que berra e se descabela. Escrevo a palavra *vence* entre aspas pois estou sendo irônica. Não há vitória para quem está marginalizado, não há vitória e justiça reservada para os *Dalits*⁶³ brasileiros.

A cidadania corresponde a um atendimento às necessidades e potenciais das pessoas, a partir de um aparato de instituições e recursos públicos. Quando nos referimos à população negra brasileira, por exemplo, identificamos um grupo reconhecido como humano, após séculos de lutas individuais e coletivos, o qual, no entanto, não é tratado como cidadão, dada sua dificuldade em acessar bens sociais e instituições, em virtude do racismo institucional, fracamente enfrentado pelo Estado (JESUS, 2012). E sim, temos castas. Tal categoria sociológica, relacionada a sociedades estratificadas nas quais há grupos de pârias e exilados em seu bojo (BERGHE, 2000), aplica-se, em todo o seu hediondo esplendor, às condições de vida, no Brasil, da população em situação de rua, preponderantemente negra, e das travestis. (JESUS, 2016. P. 196).

⁶¹ Brighellas e Arlecchinos são personagens da *Commedia dell'arte*. Brighellas são os pobres trapaceiros e espertalhões, que enganam os ricos para se beneficiar e desfrutar dos prazeres reservados à burguesia e Arlecchinos são os pobres inocentes, bobalhões e engraçados, que fazem de tudo para conseguir se alimentar.

⁶² Fissura do crack é o desejo sobre-humano e incontrolável de usar a droga química. O crack age diretamente no sistema nervoso central e quando o usuário está em abstinência, a necessidade de fumá-lo é tão intensa, que faz com que o usuário roube entes queridos, mate inocentes e cometa diversas atrocidades a fim de estancar essa ferida, que é um problema social.

⁶³ Dalits, no sistema de castas indiano e hinduista, é o grupo de pessoas consideradas impuras, intocáveis. É a casta mais baixa, composta por pessoas extremamente oprimidas e marginalizadas.

Não há piedade, nem compaixão. Existem apenas medo, ódio, revolta e o desejo de que o mundo ou o deus fossem mais piedosos, humanos e menos capitalistas.

2012. Ouço vozes europeias que falam de apocalipse. Sobre todo o conjunto de crises, tragédias e ameaças que parecem pôr em risco sua “civilização”. Sobre os tantos sinais que indicam, sem equívoco, o “fim do mundo”. [...] Abduziram-nos aos seus laboratórios. Examinaram-nos. Escrutinizaram-nos. Estupraram-nos. Infectaram-nos com seus vírus. Só então, destruídas, fragmentadas e enfraquecidas, nomearam-nos: “sujas”, “primitivas”, “degeneradas”. Ensinaram-nos, então, sua religião, venderam-nos sua medicina, prometeram-nos salvação. Sobre os destroços de nossos corpos, construíram sua chamada “ciência”. O que fizeram conosco, já faziam em suas próprias terras. Aqui nos chamaram “índigenas”, lá chamaram-lhes “bruxas”. Não éramos iguais, não tínhamos a mesma história, nem as mesmas práticas, mas identificaram-nos perigosas, pecaminosas, irrationais. Precisavam dissociar nossos corpos das terras, aquelas que pretendiam ocupar e transformar em propriedade. [...] O sono tranquilo de meu corpo narra a violência daquelxs que não dormem para que eu possa estar ali: violência contra as tantas vidas criminalizadas, perigosas, monstruosas, degeneradas. Todes les que fracassaram em ser pacificamente assimilades pelo progresso. Corpas que morrem, em nome da segurança da minha corpa que dorme. (CABRAL, 2015. P. 19-21).

Refletia sobre toda essa situação inóspita e me imaginava sendo herdeira de pais evangélicos fanáticos extremamente conservadores, daqueles que expulsam as filhas travestis de suas casas pois preferem seguir as ordens do pastor e do livro de 2.000 anos maldito, quer dizer... mal escrito, quer dizer... “sagrado”. Pais que preferem perder o amor e a convivência com suas filhas travestis, a ter que enfrentar a sociedade e aceitá-las como elas são. Pais que preferem se abster da responsabilidade de cuidar de suas bebês até que a morte os separem. Graças à deusa *Travaca*, que sempre me guiou e me abençoou, nunca vivi situações assim, mas sei que elas são reais e se fossem reais na minha vida, meu futuro certamente seria parecido com o daquelas pessoas que eu via na visita à cidade grande. Eu seria mais uma *corpa* em meio à Cracolândia, me prostituindo e me drogando pra que minimamente conseguisse sentir algum prazer nessa vida de bosta e urina. E por falar em urina, as ruas da *cidade maravilhosa cheia de encantos mil* fediam creolina misturada com urina, que é jogada nos passeios e portas de estabelecimentos para mascarar o odor da urina dos moradores de rua, deitados nos passeios e que por pouco não eram pisoteados pelos cidadãos-de-bem ocupados com suas vidas, celulares e afazeres.

Se perguntarmos a travestis o que elas são, a resposta pode variar entre: 1) “sou mulher, né?”; 2) “ah, nasceu com pênis é homem, não tem o que fazer”

e 3) “nem mulher, nem homem, sou travesti”. Se fôssemos nos basear no que dizem, no que são capazes de dizer sobre si, seria impossível pensar maneira de localizá-las na sociedade, de definir-lhes um papel. Essa variação se dá, dentre outros motivos, porque não se cria ninguém, desde o berço, para ser travesti: o “não se nasce, torna-se” da Beauvoir assume um sentido todo particular em se tratando dessa categoria, pois não existe a opção “nascer” para nós, mas tão-somente a opção “tornar-se”. Faz diferença a travesti dizer- se “homem” ou dizer-se “mulher” diante das tantas violências a que estará sujeita? Deixará em algum dos casos de ser expulsa de casa, da escola, de ver as portas do mercado formal se fecharem, de encontrar na prostituição mais precária a quase que única possibilidade de subsistência, de ser brutalmente objetificada nas ruas, de ter sua expectativa de vida girando ao redor dos trinta e cinco anos? Não importa o que ela diga, nada será tão eloquente quanto o seu corpo em transmitir a mensagem do que ela é, do que ela não pode deixar de ser. “Homem” e “mulher” são palavras polissêmicas, palavras que comportam sentidos bastante divergentes, até contraditórios, fazendo-se então necessário todo um cuidado ao interpretá-las. (RODOVALHO, 2017. P. 370-371).

Em Uberlândia existem muitos moradores de rua e eles também dormem nos passeios, se protegem do frio com papelões, cobertas e jornais, mas a quantidade de pessoas nessa situação não se compara com a quantidade de pessoas jogadas ao leu como no Rio e em São Paulo. Aqueles inúmeros corpos caídos, marginalizados e ignorados pela sociedade, que poderiam inclusive ser corpos já mortos, sem vida, quase sendo pisoteados, em meio à paisagem estarrecedora, com cheiro de urina e creolina e o medo e a revolta e a injustiça. Aqueles corpos dormentes que poderiam ser o meu corpo estirado na sarjeta sonhando com migalhas e moedas para sanar minha fome e meu vício, me fizeram criar uma performance/cena/ação que nomeei CACTUS.

O nome Cactus se refere à planta cacto, que é extremamente resistente assim como as travestis e os moradores de rua tentam ser. Capazes de suportar temperaturas acima de 50º graus no chão quente e seco do deserto. Sobrevivem intactos e possuem suas próprias defesas: milhares de espinhos cortantes e prontos para ferir qualquer um que se aproximar, em meio ao ambiente inóspito em que estão estagnados e destinados a viver. Acumulam água em seus corpos, já que a água das chuvas não chega até eles como chega para as outras plantas. Sobrevivem com migalhas e gotículas de H₂O e ainda produzem flores femininas belíssimas que enfeitam seus troncos e que servem de alimento/amamento para quem se atreve a tocá-los. Os cactos possuem o formato fálico, assim como os pênis de mulheres trans e travestis. Os cactos são belos, grandiosos e raros, não se encontram em qualquer esquina, apenas nas esquinas específicas para a prostituição. Eu, Marina Travesti, sou como

um cacto, um pênis ambulante na visão da sociedade. Espinhenta, sólida, resistente, grandiosa, incomum, jovem verde e enfeitada com flores. Posso ser comida ou posso ser apenas admirada. Vivo em lugares impróprios e desacolhedores para a vida humana. Me contento com pouco e vivo sozinha, parada, não me movo, pois o *cistema* não foi feito pra que eu existisse. O *cistema* só funciona para pessoas cis. Sobrevivo porque sou teimosa, porque tenho medo de ir para o inferno, porque tenho medo que o inferno seja real e porque tenho medo que o inferno seja pior do que aqui (Será?! Acho difícil...). Sobrevivo com quase nenhuma chuva, muito sol quente na cabeça e transfobia diária todo dia. E escrevo a meu modo, sobre a minha vida e crio arte sobre as coisas que atravessam a minha vida e me identifico com a fala da artista trans Pêdra Costa, quando escreve:

A escrita que está aqui, é uma escrita fracassada e errada. Uma escrita conectada com a minha vida e minha experiencia. Um relato confessional. Um portugues escrito errado, sem acentos, que denuncia o limite do computador sem um teclado apropriado à língua portuguesa. Um texto que denuncia anos livre de uma escrita academica, onde nunca consegui me adestrar. Longe, mas talvez perto, das normas da ABNT. Uma experiencia borrada, onde a (im)posicao da "integracao" (Integration) é uma (im)possibilidade. É impossível deixar de ser o que se é. Só é possível somar, mas nem tudo. Uma soma filtrada. Nesse transito, muita coisa se quebra. Isso não é uma posicao de vítima, mas um lamento, uma melancolia póscolonial. Ao mesmo tempo, "Nuestra venganza es ser felices", como escrevem nos muros da cidade de La Paz, Mujeres Creando. (COSTA, 2013. Publicação online).

A performance/cena/ação/obra consistia no ato de permanecer deitada de bruços com a cara, coragem e corpo colados no chão, como na imagem do começo deste subcapítulo. Geralmente eu usava um vestido preto, em luto e respeito aos corpos desobedientes, marginalizados e esquecidos a quem eu me referia e segurava um vasinho de flores com um cacto de plástico plantado nele. Uma *cacta* espinhenta travesti, ambulante, plastificada, hormonizada, demonizada, hirta e estacada no chão, segurando outro cacto plástico, imóvel, sem vida, sem frutos, com aparência rígida, mas totalmente maleável e inofensivo diante da força que o *cistema* exerce sobre um corpo animalesco/humano em estado vegetativo e sem aliados.

Performei Cactus pela primeira vez em uma disciplina do mestrado: Tópicos Especiais em Criação e Composição em Artes Cênicas, ministrada pela profª. Drª. Daniella de Aguiar. Nessa disciplina aprendímos um pouco sobre a tradução intersemiótica e

sobre como nossa pesquisa de mestrado poderia ser traduzida de diversas outras formas artísticas, como por exemplo: a minha escrita poderia se tornar dança? Poderia se tornar uma história em quadrinhos? Poderia se tornar uma performance ou intervenção teatral? E investigávamos se aquelas traduções artísticas eram ou não traduções intersemióticas. Era a oportunidade perfeita para que eu criasse e testasse essas performances de combate que já assombravam meus pensamentos. Eu necessitava de vingança. Precisava de alguma forma, mesmo que artística, dar o troco na sociedade que só sabia me dar rasteiras e me deixar plantada no chão. Precisava combater e responder artisticamente e à altura, mesmo que a arte que eu produziria, atingisse um público que até então não havia me agredido, um público desconhecido e que talvez nem fosse transfóbico, mas eram seres habitantes da fechada e enquadrada sociedade cisgênera e isso já me bastava. Entre a transgeneridade e a cisgeneridade existem inúmeras *fronteiras* separativas, existe o preconceito, existe o ódio e o extermínio daquilo que não é compreendido ou aceito. Já que eu não conseguia quebrar as *fronteiras*, deveria enquanto artista, escancarar a existência delas. Escancarar tudo aquilo que me marginaliza e me coloca em um lugar patológico e distante da normatividade cisgênera. Eu precisava performar em linhas de *fronteira*:

Como performar em linhas de fronteira? [...] Tomando a performance como campo dialético de experimentação (SCHECHNER, 2006), artícuo que o agir em fronteira requer a irreversível reinvenção do pensamento. Pensamento da cena e pensamento da vida. E, ainda, por tencionar expedientes relacionais e por convocar a erupção dos aprendizados de convívio na cidade, procuro ressaltar que em linhas de fronteira precisamos topografar a pedagogia da cena. Se a noção de conflito leva, por vezes, à criação de aspirações utópicas ou articulações políticas irrefletidas, a performance topográfica, imbuída de caráter tectônico, desregulariza sistemas arraigados pela ação cênica. As iniciativas iludidas que encontram conforto na denominação “sem fronteiras” não dão conta de expressar e transformar os abismos e isolamentos que configuram as relações de indivíduos hoje. Desprovidas dos saberes marginais do *entre*, das liminaridades, dos contornos e do trânsito polinizador como ecodinâmicas antropológicas de existir em cena, as pedagogias “sem fronteiras” padecem sobre si mesmas porque carecem das geologias sociais que definem subjetividades a partir de nivelamento de terras. Ao contrário, por estar profundamente marcadas de uma veia econômica neoliberalista de livre circulação, as pedagogias “sem fronteiras” parecem deslizar sobre superfícies planas e culturas uniformes. Uma pedagogia marginal para a cena, por sua vez, ao se opor a esta perspectiva “sem fronteiras” assume o lugar fronteiriço do saber e se responsabiliza por exprimir toda qualidade dos terrenos urbano-cenográficos de sua ação. Prédios, calçadas, ruas, mas também asfaltos, tintas, placas, além de lugares que hostilizam/oprimem pessoas negras, mulheres, velhos/as, pessoas transgêneras e outros poucos que acolhem, etc. Assim, velhos questionamentos como “é a cidade que comporta o teatro ou o teatro que comporta a cidade?” não dão mais conta de indicar como as situações de liminaridade social se expressam em movimento. (LEAL, D. 2019. P. 26).

A professora Daniela deixava que pensássemos nas traduções artísticas da nossa pesquisa durante uma semana e passado esse tempo, apresentávamos nossos resultados para a turma que tinha além de mim, mais dois outros alunos (Anderson Ued e Marcelo Camargo) e explorávamos os espaços públicos da universidade (UFU), que tinha públicos diversos: os guardinhas, estudantes e professores transitando pelo campus, o vendedor de pipocas, os trabalhadores das lanchonetes, as funcionárias responsáveis pela limpeza da universidade, entre outras pessoas. Eu me diverti na disciplina, fiz bruxarias, plantei uma espada de lansã ou Santa Bárbara num espaço aberto e com grama próxima à nossa sala, cantei na porta das salas de alunos de cursos *caretas*, concentrados em seus estudos “ultra importantes e preciosos” e experimentei deitar, beijando o chão gelado e sujo de um dos lugares mais movimentados da UFU, próximo à biblioteca, onde pessoas adentram e saíam do campus Santa Mônica.

Combinamos que os outros dois alunos e a professora manteriam certa distância para que as pessoas não percebessem que se tratava de uma atividade da disciplina e ficariam responsáveis por cronometrar o tempo que propus que a performance duraria: exatos 15 minutos. E assim aconteceu. Deitei no chão, toda vestida de preto e permaneci estática segurando com o braço direito e estendido, um vaso com um cacto de plástico. Cuidei para que meus cabelos tapassem meu rosto e me religuei com o chão em uma experiência dolorosa que nunca pensei que passaria. Por mais que tentasse me manter parada, meu corpo tinha pequenos espasmos e pulsava em contato com toda aquela energia que só sentimos de leve nos pés, ao caminhar. Estava totalmente ansiosa, minhas mãos suavam, meu corpo tremia e estava crente que aqueles que passassem por mim e me vissem naquela posição/situação, não iriam interferir no experimento. Mas aconteceu o oposto.

Eu representava um corpo feminino caído de cara no chão, vulnerável, com um vestido curto mostrando minhas pernas e ninguém percebia que eu era travesti. Para todos os efeitos, era como se uma moça cis “indefesa” tivesse passado mal e caído de cara no chão. Não demorou muito para que as funcionárias da limpeza viessem tentar me socorrer, ouvi gritos e comentários distantes de pessoas dizendo: *Coitada! Ela caiu!* *O que aconteceu?!* E então sentia cutucões suaves em meu corpo acompanhados de

vozes preocupadas que tentavam me tirar daquela posição e perguntavam: *Moça, você está bem? Você precisa de ajuda?* Percebi que a performance estava tomando outros rumos. As pessoas que por ali passavam e viam meu corpo exposto e abandonado, estavam fazendo outras leituras a respeito do que eu lhes apresentava. Ninguém entendia que se tratava de uma performance e muito menos entendiam sobre o que ela se referia. Então, quando fui tocada pelas funcionárias da universidade, ocorreu-me o seguinte pensamento: gritar sobre quem eu era, sobre o que meu corpo ali representava e sobre o que aquela ação se referia. Ainda com o rosto colado no chão, gritei várias vezes nas várias vezes em que era socorrida pelo público. TODO DIA UMA TRAVESTI É ASSASSINADA! E rapidamente as pessoas entendiam a mensagem, deixavam meu corpo sozinho e seguiam seus caminhos, ou passavam a me observar de longe, formando uma pequena aglomeração e cientes que se tratava de algum experimento artístico de uma travesti.

Alguns ainda eram insistentes e talvez pensassem que meus gritos histéricos e revoltados se tratavam de algum delírio proveniente da queda e continuavam a tentar me socorrer e remover meu corpo daquele lugar. À contragosto, quebrava a *quarta parede*⁶⁴ da cena e informava que aquilo se tratava de uma performance e que me deixassem ali quieta e em paz, com os meus demônios das artes que me surravam. Ao fim de toda performance/cena/ação que atuo, sinto terríveis dores no corpo e tenho a sensação de que levei uma surra energética, como se os deuses ou anjos caídos do teatro tivessem sugado toda a minha energia ou como se eu tivesse emprestado toda a minha energia para parir algo TRANScendental. Mas não me importava com a surra que *Dionísio*⁶⁵ me dava, já estou acostumada a apanhar de palavras agressivas pro(feridas) por desconhecidos, apanhar de olhares violentos e dos olhares lascivos e assediadores. Isso é teatro, isso é fazer arte. São os ossos do ofício.

⁶⁴ Quarta parede é uma parede imaginária situada na frente do palco do teatro, através da qual a plateia assiste passiva à ação do mundo encenado.

⁶⁵ Dionísio é o deus grego da natureza, da fecundidade, da alegria, do vinho e do teatro. Inspirador da fertilidade, ele também é chamado de deus da libido e na mitologia romana, seu nome é Baco. Coincidentemente ou não, Dionísio, Hórus, Attis, Mithra, Krishna e outros deuses, assim como Jesus Cristo, nasceram em 25 de dezembro, de uma virgem, tiveram 12 apóstolos ou seguidores, foram crucificados, morreram por 3 dias e ressuscitaram no terceiro dia. Todas essas mitologias possuem episódios semelhantes, pois se referem ao ciclo solar. Tais deuses são a personificação do sol. Jesus é o SOL.

Quando o cronômetro marcou 15 minutos (que se referia ao fato de que a cada 15 minutos uma mulher foi agredida no ano de 2018 no Estado do Rio de Janeiro, lugar esse que me inspirou na concepção da performance) um dos alunos da disciplina se aproximou do meu corpo e senti novamente cutucões suaves que dessa vez me libertavam daquela posição desconfortável, da energia pesada que eu trocava com o chão e da temática cruel, injusta e real que eu trazia à tona. Corpos travestis marginalizados, desprotegidos, abandonados, constantemente agredidos, estuprados e futuramente assassinados ou vítimas do suicídio, outro problema social, assim como o crack, a prostituição, a fome, a miséria, a falta de oportunidades e de condições básicas para a sobrevivência, a falta de acesso à educação, principalmente ao ensino superior, a falta de acesso à empregos formais, a solidão amorosa, o abandono familiar, a violência e deslegitimação do gênero pela medicina, a violência das instituições religiosas, a ridicularização desses corpos pela mídia e a justiça e leis governamentais cegas, surdas e mudas para com esses grupos de seres humanos, tão humanos e tão importantes como qualquer outro ser humano.

Travestis e transgêneros [...] são consideradas corpos dissonantes. Não à toa, integram um dos grupos mais vulneráveis do país: são alvo de violência simbólica e física (incluindo o aparato repressivo do Estado); sofrem com baixa escolaridade se comparado à média brasileira de 10,1 anos (OBERVATÓRIO DO PNE, 2017), de modo que muitas não chegam aconcluir o Ensino Fundamental por não terem reconhecido seu nome social e por sofrerem humilhações na escola; têm pouco acesso ao mercado formal de trabalho (90% das travestis se prostituem, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, a maioria delas por falta de oportunidade). Por serem corpos marginalizados, suas vidas são menos enlutadas ou, em alguns casos, nem enlutadas são (BUTLER, 2015). Sua precariedade não é reconhecida: a expectativa de vida de pessoas travestis e transexuais é de 35 anos apenas, sendo que a da população brasileira é de 75,5 anos (BRASIL, 2016). A experiência colateral age aqui novamente: por terem sido construídos cultural e socialmente enquanto dissonantes, tais corpos não teriam importância. [...] Neste sentido, é importante ter em vista que alguns corpos encontram-se mais próximos do topo de uma escala de privilégios, pois se enquadram em certos ideais dominantes: homens cisgêneros, heterossexuais e brancos. Esse grupo tende a possuir vidas cuja precariedade é mais evidenciada, uma vez que suas vidas importam — diferentemente das de pessoas travestis e transexuais no Brasil, como indicam dados supracitados. Em outras palavras, a vida de algumas pessoas vale mais que de outras (BUTLER, 2015) e, quando essas vidas não “merecem” ser enlutadas, seus corpos dissonantes são violentados e, não raramente, abatidos, como — infelizmente — as estatísticas brasileiras insistem em comprovar. (MEDEIROS; PINHEIRO; MACEDO, 2017. P. 3-5).

Permaneci deitada mais alguns segundos, como numa apneia do sono, onde o cérebro ordena que o corpo desperte, mas o corpo rebelde se recusa a seguir tais ordens. Levantei aos poucos, deixando que o sangue voltasse a correr pelas veias como normalmente corre, com a sensação de que me desvencilhava de tiras de gesso secas, grudadas e arenosas, trincando, rachando e libertando meu corpo daquela masmorra em que me coloquei. Tinha em meus bolsos, alguns gizes de lousa e quando fiquei de pé, escrevi no chão onde deitei, a frase que tanto gritei quando tentavam me socorrer: TODO DIA UMA TRAVESTI É ASSASSINADA. Quando concebi a performance, pensei em pedir que alguém cercasse/rodeasse o formato do meu corpo caído no chão com o giz de lousa e que aquela imagem de um desenho de corpo caído e contorcido, comum em filmes norte-americanos nas cenas de assassinatos, permanecesse ali, até que a chuva, vassouras ou pegadas a apagassesem, mas desisti da ideia, achei muita óbvia e clichê. Escrever a frase sobre as mortes de travestis era mais objetivo, impactante e cortava mais profundamente a carne de quem lia. E aqueles que não haviam ainda entendido do que a performance se tratava, corriam e liam a mensagem que deixei e levavam junto de si inúmeros pensamentos sobre o que aqueles 15 minutos de apreciação de um corpo constantemente objetificado e desprezado tentava representar.

Um fato interessante, que posteriormente observamos quando a performance acabou e retornamos para a sala de aula, é que as pessoas que me abordaram e tentaram me socorrer, eram em sua maioria, mulheres, negros, gays e idosos. Talvez isso tenha sido apenas uma coincidência, mas acredito que não. Esse grupo de pessoas, mesmo que cisgêneros, costumam ser mais empáticos e sensíveis à dor humana. A universidade é repleta de *boys* héteros saudáveis, jovens, fortes e brancos, mas eles preferiram se abster de tentar entender o porquê um corpo feminino estava estrebuchado no chão, preferiram observar a cena estática de longe e talvez alimentar seus pensamentos sádicos e/ou libidinosos com aquilo que assistiam.

Quando a aula acabou, fiz questão de passar pelo lugar onde performei Cactus, li a frase que escrevi e que permanecia intacta, imaginei meu corpo estirado naquele chão e busquei visualizar a cena e ter a mesma sensação de quem assistiu meu corpo ali. Uma das particularidades do teatro é que nunca nos vemos em cena, apenas em fotografias, só o público consegue desfrutar totalmente das imagens que o corpo dos

atores produz.

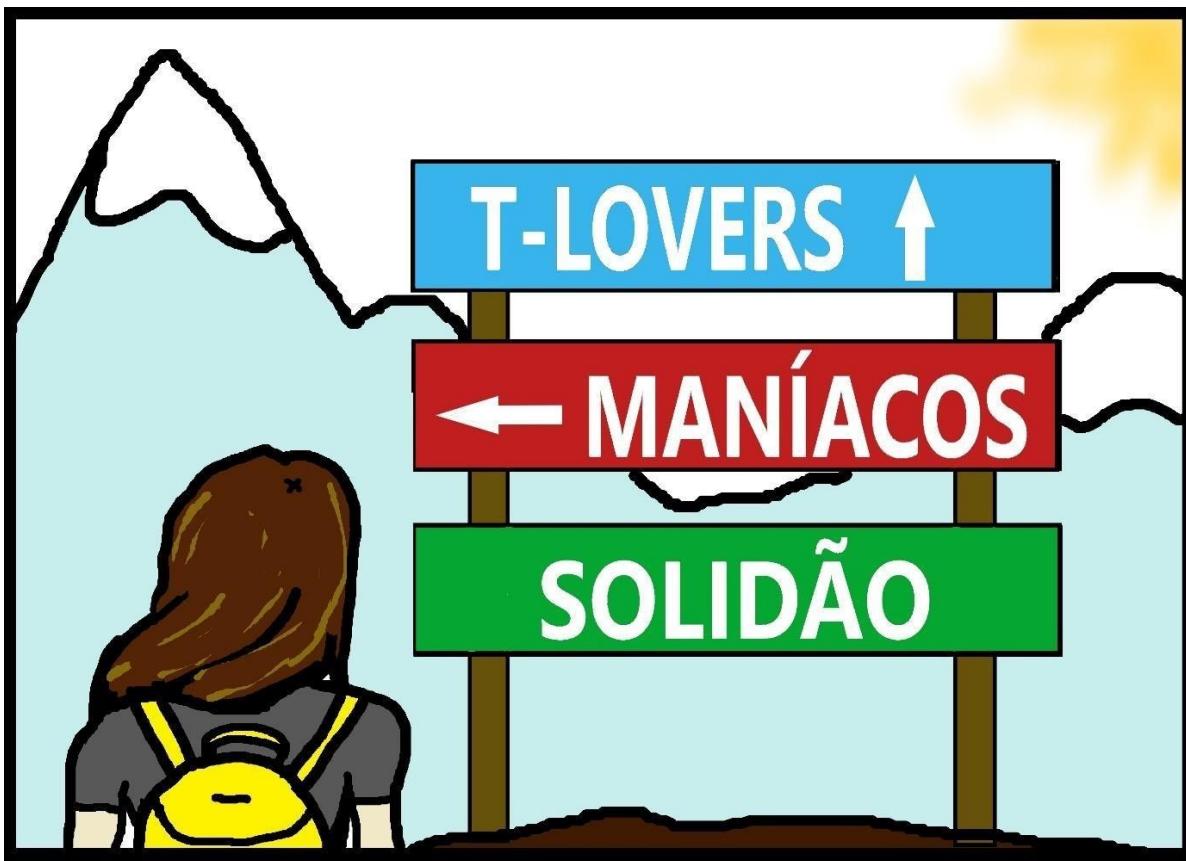


Figura 45 – O guia da Mochileira das Galáxias ou Trocas Urbanas e Relações Afetivas (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Permaneci no local inerte por alguns segundos, quando escuto alguém me chamar. Era um rosto conhecido, uma colega que cursava Direito, namorada do Pedro, um homem trans que também cursava Direito e que me ajudou com a papelada necessária para a retificação do meu nome Marina. Seu nome é Mariana e ela me contou que havia passado naquele local enquanto eu performava Cactus e me convidou para que eu fizesse novamente a performance naquele mesmo dia, no início da noite, em um evento que o pessoal do Direito estava organizando. Alguns alunos que cursavam Direito, eram engajados em questões LGBQs, possuíam um grupo de teatro chamado Artimanha, onde eu já havia feito algumas participações e naquela noite celebrariam a comunidade LGBQ+ e a comunidade Transvestigênero. Topei participar e naquele mesmo dia, horas depois, mesmo sentindo as dores das pancadas dionisíacas, performei novamente Cactus. Escolhi um lugar aberto para repousar meu corpo, próximo da lanchonete no bloco 3Q da UFU, que concentrava muitos alunos. Antes que o cronômetro marcasse os 15 minutos de duração da performance, fui abençoada com uma forte chuva que me molhou inteira e quase me afogava na enxurrada de água que tentava me empurrar e se represava no meu corpo

travesti. A tempestade divinaque me banhava trazia consigo uma dramaticidade tão grande, tão chocante e a meuver, todos os que me observavam se comoviam com aquela cena de novela que lhesproporcionei.

Tempos depois, passei a me relacionar com um ex-usuário de crack, que tentava constantemente se desvincular do vício e da maldita *pedra* ou *óleo*, como popularmente é conhecida. Mas o vício na substância (que é a própria personificação do *capeta*) é tão traiçoeiro, que vez ou outra ele me relatava que havia tido recaídas, após meses sem fumar. Ele me contava que já tinha conseguido permanecer por 2 anos, *limpo*, sem fumar, mas a abstinência era infinita e diariamente ele precisava se esforçar ao máximo e controlar/conversar com o seu sistema nervoso central para que não cometesse a desgraça de *pitar*. O crack e a cocaína, que são drogas irmãs, muito semelhantes na composição química, na minha opinião e na opinião dele, são as mais terríveis e destrutíveis drogas que o ser humano brasileiro está suscetível a usar. No Brasil não temos acesso às drogas derivadas do ópio, que possuem funções analgésicas como a metadona, morfina, heroína e que são tão destrutivas e viciantes quanto nossas drogas brasileiras. A diferença é que o crack atinge pessoas pobres e a cocaína atinge burgueses, que muitas vezes perdem seus bens e as condições financeiras de tanto adquirir o *pó* ou *raio* (nomes populares para a cocaína) e se enveredam no crack, que é mais barato. Com R\$ 4,00 aqui em Uberlândia já se consegue comprar uma pedrinha de crack nas biqueiras da vida e algumas biqueiras (nome popular para os pontos de venda de drogas) também trocam por drogas, alimentos e objetos que os usuários ganham de esmola dos cidadãos de bem, nem um pouco preocupados com os problemas sociais ou com a resolução deles.

Meu amigo segue firme e forte na luta contra o crack, que destrói a família do usuário e a possível vida, cheia de oportunidades e felicidades que ele poderia ter, mas não consegue levar essa vida adiante, porque é quase impossível se livrar do *grude* mental do vício que todo dia, toda hora atormenta os pensamentos dele. O crack transforma o usuário em um zumbi que desde o momento que acorda até o momento em que dorme, se é que dorme, só sabe pensar na droga e nas inúmeras maneiras de consegui-la, seja roubando, assaltando, furtando, enganando, mendigando,

esmolando e amolando a família tradicional brasileira quando freia o carro nos sinais vermelhos da cidade.

A performance Cactus havia sido concebida a partir de imagens que recolhi nas minhas visitas ao Rio de Janeiro, observando os inúmeros moradores de rua viciados em crack e a maneira como seus corpos dormentes e esquecidos eram ignorados pela sociedade e passei a pensar que minha aproximação com o ex-usuário em recuperação era um presente da Deusa Travaca. Precisávamos fazer uma parceria artística para que a performance alcançasse/atingisse o seu *nirvana* e tivesse a representatividade completa que eu tanto buscava e tentava me referir nas outras vezes que performei. Corpos marginalizados compulsoriamente, vivenciando problemas sociais, sobrevivendo em condições impróprias para a sobrevivência e constantemente ignorados, desprezados, desprivilegiados e ridicularizados pela cisgeneridez cristã malvada e congruente nas leis do papai do céu, do patrão, do papa, do padre e do pastor. Awoman⁶⁶!

Convidei meu amigo ex-usuário de crack para performar Cactus comigo e de imediato ele topou. Não havia tido nenhuma experiência com o teatro durante a infância e adolescência e confiou em mim essa primeira experiência. A performance passou a se chamar CACTUS E LATA e a ação que realizamos era a mesma. Permanecer deitados durante 15 minutos no chão de um local público e movimentado por transeuntes, mas dessa vez, eram dois corpos, um feminino e outro masculino, ambos de preto. Eu segurava o cacto de plástico e ele segurava uma lata de refrigerante semi-amassada, que é o objeto que geralmente usuários de crack utilizam para fumar a droga, quando não confeccionam seu próprio cachimbo. Eles fazem um pequeno furo na lateral da lata, tapam esse furo com cinzas de cigarro, colocam a pedra em cima do buraco e das cinzas e incineram a pedra de cor amarelada, que derrete e se transforma numa mistura gosmenta com as cinzas e produz uma fumaça que vai pra dentro da lata e é sugada pelo fumante no buraco/bocal onde normalmente bebemos o líquido que a lata abriga.

⁶⁶ Awoman é uma ressignificação da palavra cristã Amém, como se Amém se referisse ao patriarcado e Awoman ao feminino e ao Traviarcado.

O público quando avistava dois corpos caídos, próximos um do outro, lia rapidamente que o experimento não se tratava de uma queda de duas pessoas que esmagaram os rostos no chão e sim que aquilo era uma performance ou algo artístico. Mas mesmo assim, algumas pessoas que passaram por nossos corpos ainda nos tocavam e se preocupavam em saber do que se tratava. Era uma histeria coletiva? Eram pessoas criticando a sobrecarga da universidade e suas disciplinas impiedosas sobre o jovem burguês roqueiro deprimido e revoltado com a vida? O que diabos era aquilo? Guardinhas da universidade se aproximaram dos nossos corpos vulneráveis e senti o calor do motor das suas motos e a luz forte dos faróis. Novamente sentia cutucões, não tão suaves e escutava seus questionamentos se aquela atividade fazia parte de alguma disciplina e caso não fizesse, teríamos que nos retirar dali. Interrompi a voz de um deles gritando a frase clássica sobre os assassinatos de travestis e eles se retiraram e nos deixaram novamente sozinhos. Quando o celular despertou após os 15 minutos, escrevi TODO DIA UMA TRAVESTI É ASSASSINADA, enquanto observava um aglomerado de pessoas paradas tentando decifrar que corpos eram aqueles e o que comunicavam e o meu amigo escreveu TODO DIA UM USUÁRIO DE CRACK É MORTO OU SE MATA.

O ódio se manifesta em circunstâncias como as das execuções de “moradores de rua” (termo ironicamente perverso, por naturalizar a condição da vida na rua, tal como a dos “meninos de rua”) e das pessoas trans, principalmente as travestis e as mulheres trans. [...] O genocídio é uma prática ancestral no Brasil, que se perpetua num contexto democrático. Não bastam legislações humanistas se a nossa sociedade banaliza os direitos das pessoas. Crimes de ódio não ocorrem porque a sociedade os banaliza, eles surgem quando alguns indivíduos encontram, nessa sociedade que precariza a vida de determinados cidadãos, as condições ideais para expressarem, impunemente, o seu ódio. Remeto-me aqui a Judith Butler (2011), para quem a representação sobre determinados sujeitos impede o reconhecimento da alteridade e a identificação, gerando um desvinculo ético-moral que permite, até mesmo, a eliminação do outro. (JESUS, 2016. P. 196-197).

Não performamos outras vezes e aquela foi uma experiência única e muito gratificante. Fiquei feliz em lhe proporcionar aquele primeiro contato com o teatro/performance e feliz por ele também me proporcionar aquele momento de troca, conscientização e arte. A arte é educação, é a garantia de sanidade e de sobrevivência, a arte talvez seja uma das coisas mais importantes da vida, além da alimentação e da água. Não estou morta porque tenho medo do inferno, mas também porque sei que morta, não posso fazer arte e a arte é tudo pra mim. Sou como uma

zumbi que desde a hora que acorda, até a hora que dorme, se é que durmo, só penso em arte e em maneiras de poder calar a boca de quem só prolifera merda, e urina misturada com creolina. Sou a Marina da praia, o porto seguro que abarca e acolhe no corpo: medos, tristezas, frustrações, revolta, amor próprio e o desejo de justiça. E a arte é a minha âncora, que me mantém em terra firme e plantada no planeta Terra, mesmo que as ondas contrárias façam forças descomunais para que meu barco voe por entre os oceanos interdimensionais.

CACTUS é uma das minhas Performances de Combate aos pensamentos alienantes e transfóbicos da cisgenerideade. Agressiva como deve ser, chocante na medida certa, triste e dolorosa porque toca em feridas abertas e sociais. CACTUS e CACTUS E LATA são urgentes, relevantes e extremamente necessárias

3.2 | BALÉ DE LIXO



Figura 46 – Balé de Lixo (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Quando eu era criança, o quarto dos meus pais era o meu lugar favorito da nossa casa. Ele tinha uma janela que dava pra um jardim de inverno sem plantas, uma cama de casal gigante, comparada à minha e tinha um guarda-roupas de madeira, que tomava boa parte do espaço do quarto. Nele, minha mãe guardava além das suas roupas e do meu pai, alguns presentes que ganhou no seu casamento em 1990 e que até hoje, 2020, nunca usou. Guardava também uma boneca Mônica, da Turma da Mônica, que ganhou do seu pai quando ainda era criança. Ela ficava fechada numas sacolas plásticas e minha mãe nunca deixava que a tocássemos. Por ser muita velha, os cabelos da boneca já tinham caído da cabeça e davam a sensação de que estavam apodrecendo dentro das sacolas em que permanecia, extremamente vedada. Embora sua aparência fosse absurdamente horripilante, sonhava em brincar com aquela

Mônica. Eu era a Marina⁶⁷, precisava apenas da Magali, para que formássemos o clube das meninas. A boneca vive até hoje no meio dos presentes de casamento guardados e de outros relicários e como eu não podia brincar com ela e nunca desobedeci as ordens, com medo de não saber guardá-la exatamente como estava, me contentava com outra bonequinha, que minha mãe não se importava que brincasse. Era uma bailarina de caixinha de música, que ficava exposta na penteadeira do guarda-roupas. A mesma penteadeira em que pedi aos meus pais que permitissem que eu deixasse meus cabelos crescer, por volta dos 8 anos de idade. A bailarina era bastante frágil, bem pequena e magrinha, dos cabelos ruivos e saia de tela, que imitava um tecido. Seus braços e pernas eram maciços, não-maleáveis e permaneciam na 5^a posição do balé: braços estendidos para cima e a perna direita dobrada e apoiada sobre a perna esquerda. A caixinha de música era antiga, de cor vermelha, cinza e magnífica aos meus olhos de criança que tentava entender como aquela magia acontecia. Como a bailarina podia girar tão docemente e com tanta vida? Abria a caixinha e escutava a clássica música *Für Elise*, de Beethoven e passava horas do meu dia debruçada na penteadeira observando aquela dança quase hipnótica, robótica e sedutora. Me imaginava sendo aquela bailarina, girando com minha saia e sem nenhuma preocupação, apenas a preocupação de ser linda, feminina e exalar doçura. As vezes fechava a caixinha com a bailarina ainda girando e quando abria novamente, ela se levantava e voltava a girar porque o ímã dos seus pés permanecia ligado à placa giratória e eles eram os verdadeiros responsáveis por toda aquela bruxaria acontecer.

O tempo passou e o maleiro do guarda-roupas não aguentou o peso de tanta recordação guardada. Quebrou-se e partiu-se ao meio em cima da penteadeira. Tudo foi ao chão, mas nem tudo se espalhou. A Mônica ainda vive, como mencionei anteriormente, mas infelizmente a caixinha de música e a minha bailarina amiga de infância ficaram gravemente feridas, apesar de ainda sim, até hoje, funcionarem. Dizem que as coisas antigas são muito mais resistentes do que as que são fabricadas atualmente, ou talvez tenha sido o amor de uma vida toda, que depositei naqueles

⁶⁷ Marina é uma das personagens da Turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa. Ela tem os cabelos cacheados, é uma desenhista, pintora e apareceu pela primeira vez nos quadrinhos em 1995, um ano após o meu nascimento em 1994. A personagem Marina foi uma das minhas inspirações na escolha do meu nome, além da ligação do nome com o Mar.

objetos, que os protegeu. Não sei, só sei que mesmo aleijadinhos, ainda respiram.

Entorpecida por todas essas histórias nostálgicas, questionei minha mãe sobre o paradeiro da bailarina que tanto me fascinava e criei uma nova Performance de Combate, na mesma época em que criei CACTUS.

Eu, Marina, finalmente havia me tornado aquela bailarina quebrada, aos olhos da sociedade. Descartável para muitos, mas guardada entre sete *chaves* e com todo cuidado e amor do mundo no colo da minha mãe. Mesmo inútil pra muitos, eu ainda era importante para ela. Eu era a bailarina que girava e girava e girava e não saía do lugar, porque o *cistema* não foi feito para que eu existisse.

As bailarinas representam o ideal de feminilidade *cisheteronormativacristãcaucasianaeeuropéaburguesa* que uma mulher deve performar para que faça parte dos padrões vigentes e pré-estabelecidos. Elas são frágeis, brancas em sua maioria, magérrimas, leves, flexíveis, disciplinadas, obedientes à coreografia e à música, misóginas quando disputam entre si os melhores papéis e personagens no *ballet* e são submissas a um homem (o bailarino) que conduz seu corpo, o levanta e o lança para onde quiser.

Quantas agressões o corpo de uma bailarina ao longo da sua vida útil sofre? Quanta agressão e peso aquele corpo reserva às pontas/extremidades dos pés, seja vestido de sapatilha ou salto alto? O corpo de uma travesti também sofre inúmeras agressões para exalar feminilidade e delicadeza. Quantas agressões o corpo de uma travesti bailarina pobre sofre? Mas existem bailarinas pobres? Existem bailarinas travestis? Quantas agressões o corpo de uma bailarina travesti pobre que precisa rebolar, girar e se equilibrar na *corda bamba* da vida, para sobreviver, sofre?

nunca trombou transvestigêneres ao sol nunca provou a corpa nua nu ar não
si afetou com 1 delirium duro de viver só si afastou minha araca é o diabo
mesmo quando esperam que eu tombe mi afunde submersa na desgraça sou
humane tenho estrada dá-me lajo no escuro eu caminho e no claro eu
esqueço q na rua na avenida ou em casa eu quero + é passar longe mto longe
de vc sua pessoa sem graça seu brasileiro de bem uma mulher não tem
ninguém quase q consiga lhe filtrar assim ninguém nenhum alívio ou céu e
nem mesmo uma poesia alcança na rua dessa noite molhada com poder de
lhe abrir de provocar de lhe rasgar a pele lúcida tirar daqui a superfície mole
mole mole mescla bisca sem arrancar da carne o miolo sem raspar da pele o
limo no limite dessa estaca pouca batendo pontual sem ter por quê já de
manhã sem desabar no contato duma queda sem lugar onde enfim uma
mulher não se deixa ferir à toa quando caminha sabendo oq quer Sem
vergonha de feridas escalavradas q si podem esconder entre os dedos Nem
perigo de moral imaculada q não mais percorre os quintais de medos Nos

encontramos no início do século ainda escolhendo de melancolia a revolta
Caladas mesmo sem mordaça ou no máximo esperando do céu a força
silenciosa desabar Entre grades, sustos, cortes, sepulcros, o bico do fuzil é
um triste peito Enquanto na cabeça os espinhos grudam uma coroa que
desde manhã fura e sangra Aqui o sol não foi bem vindo na claridade de suas
velas, bússolas e iluminuras Si pelo ódio for chamada altas horas trash de
madrugada por falsos príncipes messias Há de estourar o rebanho em coro
rebatido no alvo em cheio a perfurar a má retina E onde tinha tudo pra gente
si afogar na lama engolindo detritos, nasceu uma nós. (TERRENA, 2019 apud
LEAL, D. 2019. P. 91-93).

Fui muito amiga de uma bailarina e ela me contava que a posição das mãos no balé, que não é nada natural e que esconde os dedões da mão, ocorre porque antigamente os reis e grandes autoridades, para quem as bailarinas dançavam, achavam os dedões da mão agressivos, rudes e grotescos demais diante de tanta delicadeza que elas deveriam emanar. Portanto os dedões deveriam sumir da mão daquela mulher feminina, leve, delicada, submissa, de movimentos suaves e vestida com roupas curtas que balançavam e agradavam as vistas de quem a assistia.

A mulher ideal, feminina, romântica, delicada, simétrica, harmônica, doce e passiva não poderia ser humana, seus movimentos deveriam se inspirar em animais graciosos como as aves: flamingos, cisnes; os felinos: gatos, seus saltos insonoros e sua flexibilidade exacerbada, entre outros animais. A mulher ideal e o corpo ideal, excluem os corpos marginalizados: os corpos negros, gordos, pobres e principalmente os corpos travestis. Se para uma mulher cis, dona de tetas fartas, de uma buceta feita por deus e de um útero fértil capaz de parir inúmeras crias e esculpido pelos anjos do senhor, já é difícil estar inclusa no padrão de feminilidade, imagine a dificuldade, o peso e a pressão que um corpo travesti, que nem mesmo é visto pela sociedade cis como um corpo feminino, sofre? Um corpo travesti com características físicas impostas pelo padrão de feminilidade e normalidade, ainda assim, não é um corpo padrão de mulher.

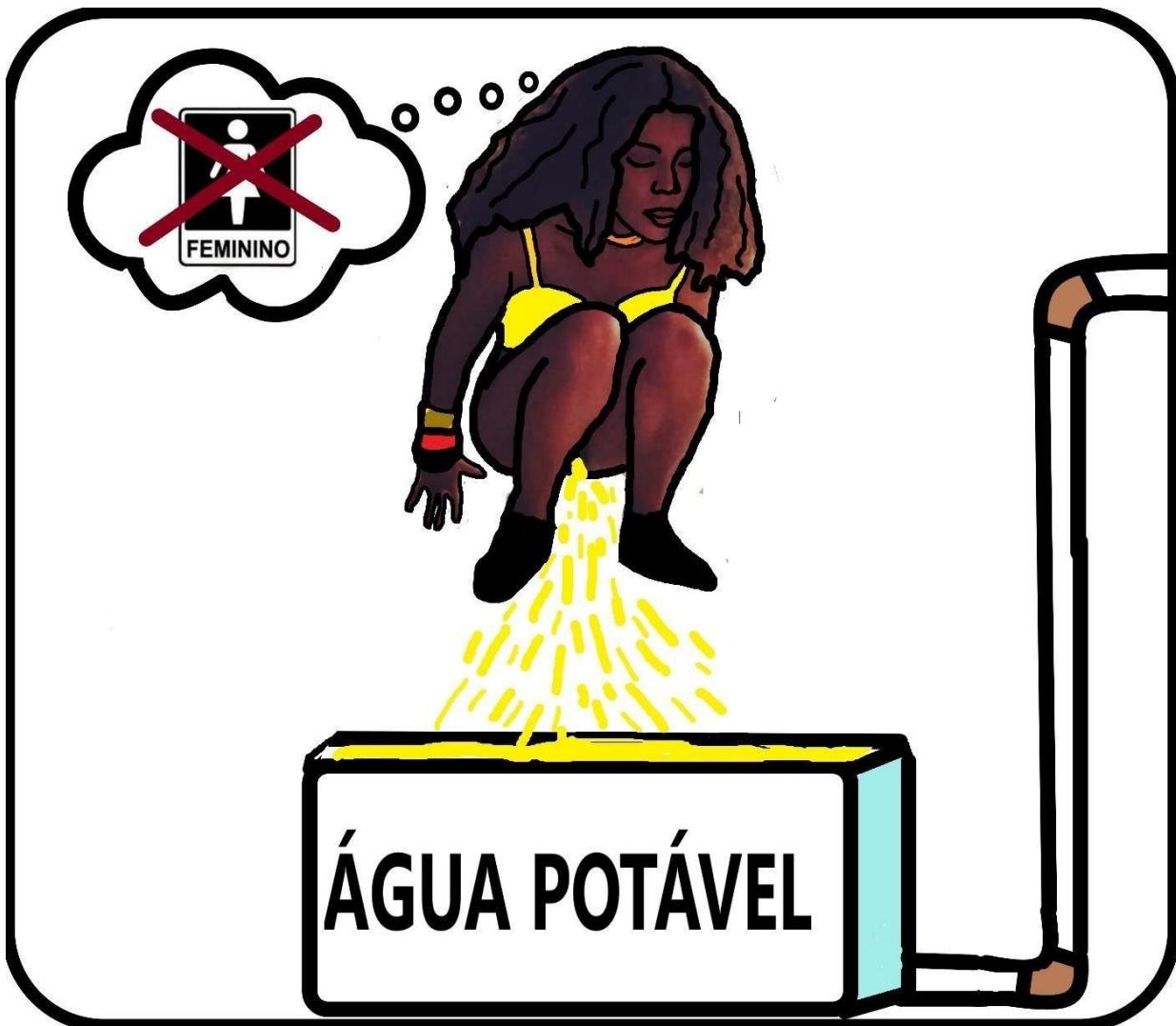


Figura 47 – ÁGUA POTÁVEL (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Eu, Marina, uma corpa travesti e de mulher, que busca e performa os ideais de feminilidade, nunca serei aos olhos da cisgeneride transfóbica, uma doce bailarina, intacta, sólida e indestrutível. Serei sempre a bailarina quebrada e sem direito a caixinha de música que toca música clássica europeia do Beethoven. A mim é reservado o lixo dos cisgêneros burgueses e pobres, que nem mesmo é produzido por mim. Sou a bailarina que dança no contêiner de lixo, nas caçambas e nos entulhos cortantes com cacos de vidro e carniça. Performo o preconceito que é despejado em mim diariamente e toda hora. Registro fotografias mentais que retratam as violências que vivo e escancaro fielmente e artisticamente todo o mal que reservam a mim. Não exagero, nem me vitimizo, pois já sou vítima. Apenas reproduzo a visão da cisgeneride transfóbica sobre o meu corpo. Se o balé é o ideal de graciosidade, feminilidade e relações/papéis sociais de gênero, eu danço o BALÉ DE LIXO e sempre caio, sempre danço, sempre torço o tornozelo e fico tonta de tanto girar e não sair do

lugar. BALÉ DE LIXO é a visão de uma travesti que busca o ideal de feminilidade inatingível e inalcançável até mesmo entre as mulheres cis, que são lidas como mulheres normais, congruentes e aceitas dentro do padrão *cisheteronormativocristãofétilcaucasianoeuropeuburguêscapitalista*.

No que se refere aos processos de gênero, inevitavelmente, a vertiginosa interrupção do capitalismo à guisa da insdisciplinaridade só pode se dar por propositividades corporais e narrativas que ao mesmo tempo que furam as hegemonias procuram perceber as dimensões visuais destes furos. Obstruções de luz à cismatidividade do capitalismo, desobediências de gênero contra o capitalCISmo. Ora, o que seria o capitaCISmo senão a máquina globalizada de produzir gênero a partir do órgão genital? O modo apressado e inconsequente com que o corpo humano se insere neste CIStema visa amparar mecanismos sofisticados e orquestrados de saber e de poder que se sustentam no gênero disciplinado. Gênero disciplinado é uma luz chapada, luz que não se assume, iluminação cênica naturalizada. Toda naturalização precisa de uma vigência normativa de continuidade temporal e isso se dá no vigor cismatativo da luz de gênero, que não se anuncia, que não se percebe, não se discerne. (LEAL D., 2018. P. 21).

Quero deixar claro que o padrão a que me refiro, é o padrão de feminilidade, fragilidade, *branquitude*, magreza, altura, elegância e finesse, um corpo *top model*. E me vejo pertencente a este grupo, pois o meu corpo se assemelha a essas características, mesmo não sendo inclusa nesse grupo porque sou vista como homem pela sociedade cis misógina, machista e transfóbica. Existem outros padrões de beleza feminina, por exemplo: o padrão da loira ou morena gostosona, bunduda, peituda, de cabelos lisos (loiros ou pretos) relando a bunda, cintura fina, short jeans enfiado no cu e tatuagens sexys ao longo do corpo. O corpo que está nas revistas, das atrizes de telenovelas, das *panicats*, da *Tiazinha* e da *Feiticeira*, o corpo da *nova loira do tchan*, fixado e almejado no imaginário popular através da mídia desde os anos 80. Existe também o corpo padrão da mulher negra, com tranças (que se aproximam mais da noção de cabelo liso, o padrão europeu) ou alisado, coxas roliças, pele brilhante e reluzente, o corpo da *mulata*⁶⁸ fogosa, pronta para o sexo quente, sigilosso e carnal, pronta para o samba e para *faxinar a casa*, o corpo da mulher negra que está sempre alta e soridente, o corpo da *Globeleza*, das passistas do carnaval, embora a maioria das passistas e mães/pais de santo de terreiros, sejam brancos. Mas isso já é assunto para outra discussão, outra dissertação de mestrado e não pretendo perder o foco. O padrão inalcançável e inatingível de feminilidade, fertilidade,

⁶⁸ Mulata é um termo racista e deriva-se da palavra MULA. Utilizo o termo para escancarar a visão racista estrutural e estruturante que a sociedade tem sobre corpos de mulheres negras cis ou trans.

graciosidade e leveza a que me refiro e me baseei na construção da performance, é o corpo da bailarina e que exala arte. O corpo que sempre almejei desde criança, quando me imaginava sendo a bailarina da caixinha de músicas da minha mãe e sonhava em ter os cabelos grandes iguais aos dela e em dançar balé. Mas acabei me contentando em aprender a tocar violão com medo da repressão dos meus pais, que descobririam até mesmo antes de mim, que algo estava errado com o meu corpo que deveria desejar jogar futebol, lutar e não dançar na ponta dos pés e girar meu tutu esvoaçante.

Então, certo dia, observando alguns reparos que estavam sendo feitos na UFU, deparei-me com várias caçambas cheias de entulhos, pedaços de concreto, cimento e outras estruturas sólidas de alvenaria. Além das caçambas, outros objetos que me chamavam a atenção nas ruas da cidade de Uberlândia e mesmo no campus da UFU, eram aqueles *containers* verdes de plástico, com rodinhas, que são usados pela prefeitura para armazenar/descartar lixos que os garis recolhem nas ruas e que também são utilizados pela população. Esses compartimentos de lixo não existem na cidade onde nasci, são novidades para a minha mente de universitária travesti forasteira. Portanto, sempre que me deparava com um, achava-os extremamente pertinentes e o fato de se assemelharem a uma caixinha com tampa em formato cúbico, foram os estopins para que eu vislumbrasse o nascimento da performance BALÉ DE LIXO.

Esses containers e caçambas eram a minha caixinha de música que ao ser aberta tocava Beethoven. Até pensei que a música que a lixeira ressonaria, poderia ser algum som mais periférico e brasileiro, talvez alguma canção da Linn da Quebrada ou de outras cantoras travestis, mas a meu ver, trocando a canção clássica e original por outra, perderia-se a ideia que a performance tentava imprimir. A maioria das pessoas já viram uma caixinha de músicas ou já ouviram falar e sabem que Für Elise é a música padrão desses objetos. Se eu excluísse esse signo sonoro, que liga imediatamente o ouvinte ao universo clássico e nostálgico de uma bailarina de caixinha de música, talvez a performance poderia ser passível de outras leituras. Portanto, mantive o som original tocado nas caixinhas e também mantive as roupas e postura de uma bailarina comum: vestido esvoaçante mostrando as pernas, coque alto nos cabelos e ponta de pé.

Eu usava um vestido de cor roxa, minha cor favorita, que me lembrava vestidos de debutantes, quando elas trocam o vestido longo por um mais curto para curtir sua festa à vontade. Sempre quis ser uma debutante, ter minha festa de 15 anos e dançar com meu pai e com meu príncipe encantado, mas esse também foi outro sonho que ainda não pude realizar. Talvez o realize quando fizer 30 anos, a idade do sucesso. Usava também uma meia calça arrastão que quebrava um pouco a noção de bailarinapuritana e me aproximava da marginalização a qual meu corpo está estagnado. Ligava uma dessas caixinhas de som conectada ao celular por *bluetooth*, que tocaria repetidamente Für Elise e escondia a caixinha dentro da caçamba, que foi o primeiro local onde decidi performar. O som ecoava a metros de distância e meu corpo de travesti de 1,80m com roupas cintilantes era extremamente chamativo e visual. A caçamba era sólida e resistente e tudo o que eu tinha que fazer era subir nela e girar em torno do meu eixo como a bailarina da caixinha da minha mãe fazia, mas na minha mente, aquela não estava sendo uma representação fiel que imaginei sobre o que seria o BALÉ DE LIXO. Entulhos de construção com concretos e ferros de alvenaria não são lixos fétidos e sujos descartados pelos cidadãos-de-bem cisgêneros. Senti que precisava migrar para os containers de lixo e me lambuzar/mergulhar em toda a porcaria que o povo descarta, dançando o meu ballet clássico cis europeu branco e elegante dentro de uma caixinha. Subia no container com algumas dificuldades e com medo que a caixa plástica apoiada em rodinhas, caísse com meu peso e me derrubasse no chão. Dentro do container, a sensação de pisar em sacos plásticos pretos de lixo, era oposta à sensação sólida e segura das caçambas. Os lixos eram moles, úmidos e por mais cheios que os containers estivessem, percebia que meu peso me fazia afundar para o chão/fundo da lixeira. Era como se estivesse presa numa areia movediça, nadando entre sacos plásticos e tentando me manter numa posição ereta, sob os montes de lixo.

Passei a desenvolver algumas estratégias para sustentar meu corpo e mantê-lo alto na mesma posição da bailarina que foi minha amiga na infância, a 5^a posição do balé: com os braços para cima e as mãos em arco quase se tocando e a perna direita dobrada e apoiada na perna esquerda, quando meu corpo não estava girando. Desci do container e percebi que dentro e fora dele haviam muitas caixas de papelão entulhadas e prontas para serem descartadas. Forrei toda a superfície da caixinha de música com os papelões, na tentativa de nivelar aquele solo repleto de sacos nada

estáveis e sustentáveis, subi novamente no container e passei a pisar nos papelões que também tinham a tendência de me afundar para o solo, mas eram um pouco mais seguros e mantinham meu corpo numa altura razoável. Foi necessário muito tônus corporal para permanecer nessa posição. Eu não havia me preparado anteriormente, nem ensaiado aquelas movimentação e não tinha noção de quão dolorosas elas poderiam ser. Girava em torno do meu eixo com os braços levantados, que à certa altura já estavam dormentes e tendiam a se abaixar, então me reorganizada e os levantava o mais alto que conseguia.

Basicamente a ação performática era essa: girar incansavelmente em cima/dentro do container/caixinha de música e quando parava para descansar meu corpo, abaixava os braços ainda em formato de arco, dobrava a perna direita e a apoiava na perna esquerda e tentava transparecer e transpirar o máximo de leveza, firmeza, elegância e graciosidade. Meus movimentos eram totalmente intuitivos, afinal nunca tive a oportunidade e privilégio de fazer balé clássico. (Existem travestis bailarinas pobres?) Eram movimentações que derivavam de imagens acumuladas na minha mente, fruto de apresentações artísticas que assisti e de filmes norte-americanos, como o clássico Cisne Negro⁶⁹ e até mesmo das inúmeras vezes em que *maratonei* os vídeos da Sagração da Primavera, Barbe Bleue, Cafe Müller, entre outros clássicos da Pina Bausch.

Os carros que passavam por mim, andavam lentamente e colhiam, sem freiar, o máximo de informações visuais que podiam. Alguns pedestres também me encaravam de frente (pleonasmo) e ficavam boquiabertos com a cena que presenciavam. Sacavam seus celulares, filmavam meu corpo de atriz bailarina monumento e depois partiam, com seus vídeos para postar nos *stories do instagram* ou bater punheta mais tarde.

⁶⁹ Cisne Negro ou Black Swan é um filme norte-americano de 2010, dirigido por Darren Aronofsky e estrelado pela atriz Natalie Portman.



Figura 48 – MARINA MEDUSA (2020) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Outros mais tímidos me observavam de longe e logo seguiam suas vidas e caminhos quando eu também os encarava. Algumas famílias “felizes” de cidadãos de bem, que passeavam com seus filhos e futuros bolsominions, deixavam as crianças se aproximar de mim, como se a performance na mentalidade rasa deles, fosse algum tipo de alusão à estátuas vivas ou mesmo à uma palhaça do lixo.

Naquele dia em especial, sentia tanto nojo e ódio quando me deparava com aquelas mães, pais e suas crias, que decidi não sorrir para ninguém. Fechava meu semblante e longe do campo de visão dos pais, *mostrava a língua* para as crianças e agradecia ironicamente aos pais, com os olhos, todo o mal que me causavam. Eu não estava feliz, não estava satisfeita com a condição de *dalit*, rainha do lixo, em que aquela e outras famílias felizes e tradicionais haviam me condicionado. Era por culpa deles que eu representava aquela realidade, que é real. Eles é que me classificavam como a bailarina do lixo, incapaz de ocupar o lugar “correto” e aprovado pela cisgenerideade, que eles ocupavam. A bailarina incapaz de ser “mulher de verdade” e desfrutar dos poucos e tão almejados privilégios que mulheres cis gozam. Meus movimentos eram graciosos e meu rosto era furioso. Não havia nada belo em uma bailarina travesti que

dança em cima do lixo.

No que se refere às mulheres transexuais e às travestis, é patente que, em nossa sociedade, elas não recebem o mesmo tratamento dado às mulheres cisgênero, popularmente tidas como mulheres “de verdade”, tampouco as mesmas oportunidades, de modo que as mulheres transexuais e as travestis, além de serem vitimadas pelo machismo, também o são por uma forma de sexism, de base legalbiologizante, que lhes nega o estatuto da feminilidade ou da “mulheridade”. Exemplo dessa discriminação cissexista é que: *Não se pode afirmar que há a mesma proliferação de discursos para proteção de travesti, transexual, gays e lésbicas se comparada à mulher cromossomaticamente XX [...]. Basta um rápido acesso à página eletrônica da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Lá encontramos inúmeros artigos, pesquisas, legislações, um disque 180 para denunciar violência contra as mulheres, campanhas. É inegável a proliferação de discursos sobre ‘a mulher’ nas últimas décadas [...], insistente e persistente produção da mulher hiper-real [...], responde mais a uma demanda de manutenção de determinadas posições de prestígio de feministas que operam seus modos operandi pela matriz heterossexual [...], o velho binarismo estruturalista nunca esteve tão e voga e tão poderoso como agora. Ele está no Estado, em suas políticas, está na militância (BENTO, 2011, p. 361-362).* (BENTO, 2011 apud JESUS; ALVES, 2012. P. 13).

Um aluno do curso de Teatro da UFU também passou por mim, sacou uma câmera profissional e fez vários registros da minha triste dança. Me fotografava entre árvores, de ângulos altos e baixos e quando se deu por satisfeito, guardou seu equipamento e também partiu. Uma mulher sentou no chão próxima a mim e permaneceu acompanhando cada movimentação até o fim da performance. Não queria que ela me visse descendo do container e me desvincilhando daquela personagem, que nem era personagem, era eu retratando eu mesma, naquelas péssimas condições, por culpa dela e do restante da sociedade cis. Mas ela não dava sinais de que se levantaria e meu corpo já estava exausto e pingando suor. Ser leve e delicada, demanda um esforço corporal tremendo.

Desci do container, me recompus e decretei finalizada aquela primeira experimentação de BALÉ DE LIXO. A mulher sentada no chão ainda me encarava e parecia querer conversar comigo. Achei que seria indelicado da minha parte não falar com ela, mesmo mostrando a língua para as crianças e fazendo *cara feia* para os pais.

Engoli meu orgulho, minha raiva e fui falar com a espectadora. Ela era uma mulher cis padrão, dos olhos claros e jovem, que esperava alguém com dois capacetes e próxima a uma moto. Nos cumprimentamos e passadas as formalidades, questionei: O que ela havia entendido sobre aquela ação? O que significavam aquelas imagens que ela assistiu por tanto tempo? (Performei BALÉ DE LIXO por quase 2 horas ininterruptas). Tive o desprazer de ouvir de seus lábios que ela achava que se tratava de alguma

cena sobre moradores de rua e pessoas que catam lixos nas ruas para sobreviver. A idiota, quer dizer... a mulher... não havia feito nenhuma relação da cena com o balé, ignorando mentalmente meu figurino, a trilha sonora e a movimentação de bailarina. E ainda, segundo ela, nem mesmo tinha percebido que eu era travesti, só percebeu naquele momento enquanto conversávamos. Tratei de encerrar o assunto, para que não começasse a ofendê-la, me despedi e fui embora completamente arrependida de ter ido conversar com ela. Fiquei decepcionada, pois na minha mente, qualquer pessoa entenderia a temática que eu tratava. Eu era uma travesti, tentando performar e alcançar o ápice do feminino através do balé, mas a mim, estava reservada a marginalidade compulsória do meu corpo desobediente, que na visão da sociedade, finge ser mulher. Para a sociedade cis, eu sou uma *piada*, uma atriz que brinca de ser o que não é e que obriga todos à minha volta a fingirem também, quando se relacionam comigo. Pensava com meus *botões*: Só me fodo quando tento estabelecer qualquer tipo de relação com a cisgenderidade mal acabada! Por que fui conversar com aquela *otária*? Agora me sinto insegura e uma péssima atriz bailarina, incapaz de expressar minhas ideias. Ou será que o problema estava na mulher, que não tinha entendido do que o experimento se tratava por falta de contato com a arte e por ter me achado passável? Mesmo que eu não tivesse conseguido transmitir exatamente o que eu queria, na leitura da mulher sobre a cena, não fugi da ideia de marginalidade. É impossível achar que todas as pessoas vão compreender ações performáticas da maneira exata que foram concebidas. O mundo é repleto de pessoas com mentalidades e vivências distintas, cada um entende aquilo que lhes é oferecido da maneira que enxergam a vida. E essa é a beleza da arte. Por que me incomodar com o fato dela não entender o que eu queria que ela entendesse? Meu corpo é marginalizado, objetificado, hipersexualizado e meu feminino para a sociedade cis é um falso feminino que merece ser descartado no lixo.

Performar é desordenar os meios de dominação conferindo-lhes ora o vazio de si (que já lhe é próprio), ora a abertura a inversões perceptivas e reposicionamento de lugar. Entra aí a redistribuição de privilégios da performance de gênero. Ao se constituir artisticamente, uma performance promove uma organização mediativa entre gênero e tecnologia. Explícitos ou não, conhecidos ou ignorados, estes processos sociais saltam sempre em quaisquer institucionalidades ou projetos. E, é preciso dizer, não cabe mais ignorá-los. Não é oportuno ao nosso tempo não explicitar criticamente os modos constitutivos nos quais nossas subjetividades se estruturam enquanto gênero, enquanto tecnologia, enquanto tecnologia de gênero. As tratativas estéticas que assumem-se enquanto corpo e que trazem a epicidade como traço de desnudamento dos processos sociais são de maior importância para nos exercitar caminhos de coralidade e de reciprocidade partilhada da

memória. (LEAL, D., 2018. P. 35).

A visão da mulher sobre BALÉ DE LIXO não estava tão diferente daquilo que eu tentava expressar, ela só não havia enxergado na performance, o balé, mas isso já não me importava e já nem mesmo me sentia arrependida de ter falado com ela. É importante receber *feedbacks*/retornos de pessoas desconhecidas e que não possuam contato com a arte. É importante fazer apresentações artísticas para não-hippie-ricos e escutar o que eles têm a dizer. Estou farta de me apresentar para esquerdo-machos e fêmeas burgueses e amantes das artes. Depois de conversar e ouvir meus *botões de boneca*, me senti contente de interagir com a mulher sentada, com as crianças que ficaram traumatizadas quando viram minha língua venenosa de cascavel e com os pais que foram fuzilados pelo meu olhar odioso de raio laser. É importante se libertar dos muros da universidade e despretensiosamente tentareducar uma sociedade cis que nem mesmo sabe o que significa ser cis. É importante escancarar a violência que sofro, por culpa deles. É necessário apontar quem são os vilões da história de terror que tem sido minha vida. É urgente pintar quadros artísticos e performáticos que retratem com a exatidão o preconceito e a visão da cisgenerideade sobre o meu corpo travesti. Por isso, criei BALÉ DE LIXO! Se pudesse, dançaria em cada lixeira que eu cruzo diariamente quando ocupo as ruas da cidade. Dançaria todas as vezes que me tratam no masculino, que me despem com o olhar ou que lançam olhares coercitivos, misóginos e que deslegitimam meu gênero. Essa é a função de BALÉ DE LIXO, CACTUS e CACTUS E LATA: é trazer à tona de uma forma quase bufônica, o quanto destrutiva pode ser a visão da cisgenerideade sobre um corpo travesti; o quanto nojenta e excludente são as relações interpessoais da cisgenerideade sobre um corpo travesti; o quanto agressivo é ser encarada como uma extraterrestre abominada por deus e o quanto triste é performar o feminino e se matar para exalar feminilidade, graciosidade, delicadeza, leveza, beleza, harmonia e nem mesmo ser considerada feminina.

Encerro meus relatos sobre BALÉ DE LIXO, citando a clichê e até mesmo infantil canção de Chico Buarque e Eduardo Lobo, composta em 1982, para o icônico e clássico álbum O Grande Circo Místico: **Ciranda da Bailarina**, que retrata a visão sobre esse corpo bailarino e feminino perfeito, sem defeitos, inefável, *não-humano*, padrão, cisgênero, branco/caucasiano, europeu, frágil, dócil e inalcançável para a cisgenerideade e para a transgenerideade.

Procurando bem	Medo de subir, gente
Todo mundo tem pereba	Medo de cair, gente
Marca de bexiga ou vacina	Medo de vertigem
E tem piriri, tem lombrigia, tem ameba	Quem não tem
Só a bailarina que não tem	Confessando bem
E não tem coceira	Todo mundo faz pecado <i>transfobia</i>
Verruga nem frieira	Logo assim que a missa termina
Nem falta de maneira	Todo mundo tem um primeiro namorado
Ela não tem	Só a bailarina que não tem):
Futucando bem	Sujo atrás da orelha
Todo mundo tem piolho	Bigode de groselha
Ou tem cheiro de creolina (e <i>urina</i>)	Calcinha um pouco velha
Todo mundo tem um irmão meio zarolho	Ela não tem
Só a bailarina que não tem	O padre também pode até ficar vermelho
Nem unha encardida	Se o vento levanta a batina
Nem dente com comida	Reparando bem, todo mundo tem pentelho
Nem casca de ferida	Só a bailarina que não tem
Ela não tem	Sala sem mobília
Não livra ninguém	Goteira na vasilha
Todo mundo tem remela	Problema na família
Quando acorda às seis da matina	Quem não tem
Teve escarlatina	Procurando bem
Ou tem febre amarela	Todo mundo tem.
Só a bailarina que não tem	



Figura 49 – CHUVA DETOX OU CHUVA INTERIOR – Ilustração Digital / Marina Silvério

3.3 | STAND UP



Figura 50 – PALHAÇA TRAVESTI (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

ME DÁ NOJO, RAIVA E VONTADE DE RIR,

QUANDO EU VEJO ALGUÉM ME ESNOBANDO

E ZOMBANDO DE MIM,

SÓ PORQUE EU SOU TRAVESTI.

A terceira Performance de Combate que decidi *desmontar* de forma escrita, é uma cena ou manifesto teatral, com duração de 25 minutos. Batizei o experimento com o nome Stand Up com Marina Silvério, ou apenas Stand Up.

A Cena foi criada em 2018, na mesma época em que criei CACTUS e BALÉ DE LIXO. Estava no auge da minha transição, tomando doses altíssimas de hormônios (estrogênio e bloqueador de testosterona), transformando e readequando meu corpo e sentindo um pouco mais de raiva, do que sinto atualmente, das injustiças que me cercam e da sociedade cisgênera transfóbica.

Certo dia, uma amiga me informou sobre alguns editais artísticos abertos para que eu me inscrevesse, que elegeriam e pagariam cachê às cenas selecionadas e que seriam apresentadas em festivais artísticos. Naquela época, estava apresentando muitas Performances e cenas de Teatro de Rua em feiras e praças da cidade de Uberlândia, com intuito de arrecadar alguns trocados, quando passava o *chapéu*⁷⁰ ao público. Mas as cenas para se inscrever nos editais, deveriam ser inéditas e com curta duração, cerca de 15 a 20 minutos. Então, tratei de escrever o Stand Up, me inscrevi nos editais e fui aprovada em todos. Eram os editais: Festival de Cenas Curtas, organizado pelo grupo de Teatro da Trupe de Truões de Uberlândia (MG), Mostra de Arte 6Tetas (MG), organizado por artistas überlandenses e realizado na UFU e o Festival Satyrianas (SP), organizado pelo grupo de Teatro Os Satyros e realizado na Praça da República, em São Paulo. Posteriormente, também apresentei Stand Up no Seminário de Direitos Culturais, realizado na UFU em 2019 e fui convidada pela professora Rafaela Costa, que assistiu minha apresentação no Seminário, para apresentá-la novamente à uma das suas turmas e discutir com os alunos questões básicas sobre a transgeneridade. A turma era de alunos do curso de Administração da UFU e ao fim da apresentação conversamos por mais de duas horas sobre questões comuns na minha vida travesti (pronomes de tratamento, sexualidade, binarismo de gênero, solidão amorosa, desemprego, transfobia, violência, etc). Os alunos “padrões cis” se mostravam extremamente interessados em aprender sobre transgeneridade enquanto me questionavam e sanavam suas dúvidas. Foi uma turnê de apresentações com experiências riquíssimas.

Há nove, oito anos atrás, quando ainda morava em Uberaba (MG), regularmente meu irmão mais velho, Vinícius, conseguia algumas cortesias de peças de teatro (com preços absurdos) no seu serviço e íamos ao Centro de Cultura José Maria Barra⁷¹, assistir “teatro de qualidade” e gratuito. Ele fazia estágio na TV Integração, que é o

⁷⁰ Passar o chapéu é uma prática ancestral que remonta as antigas organizações humanas, onde o artista serve ao público com sua arte, oferecendo fruição estética, reflexão ideológica, ampliação de consciência, além de promover o ganho de complexidade no repertório de experiências do seu receptor. E o público serve ao artista contribuindo financeiramente de forma espontânea com o quanto puder e o quanto quiser, retribuindo assim ao serviço prestado, podendo realiza-lo livremente de acordo com seu bolso e senso de comunidade.

⁷¹ Centro de Cultura José Maria Barra é um Teatro e Escola de Teatro, vinculados com o SESI e localizado em Uberaba (MG).

noticiário/jornal televisionado no Triângulo Mineiro de manhã e à noite. As companhias de teatro com suas peças caras e *atores globais*⁷², sempre iam até a TV Integração para dar entrevistas, convidar a população burguesa à ir ao Teatro assisti-los e distribuíam várias cortesias gratuitas entre os funcionários da TV, que certamente eram o único público pobre em meio à *burguesada* uberabense.

Essa talvez tenha sido a época em que mais frequentei o Teatro, antes da minha graduação. Eu ainda era muito ingênuo e quando assistíamos os atores globais, sentia-me extasiada em poder vê-los de perto e tirar fotos com aquelas *celebridades* lindas e glamourosas que pareciam seres irreais, vindos de um mundo extremamente distante, o mundo da televisão. (Graças à deusa, deixei de ser *tiete/lambe-botas* de artistas famosos e padrões e atualmente quando os vejo, sinto vontade de **vomitar** em suas caras maquiadas e seu sorriso falso). Mas nem sempre as peças que assistíamos eram boas e instigantes. Em Uberaba é muito comum e muito rentável o universo do Stand Up Comedy, da Comédia em pé. Casais brancos cis héteros normativos adoram ir ao teatro e assistir um otário sem-graça, famosinho e preconceituoso contar piadas racistas, gordofóbicas, machistas, homofóbicas, transfóbicas e rir desses grupos minorizados, escancarando seus privilégios e a falta de empatia com seres humanos fora do padrão capitalista pré-estabelecido de beleza, sexualidade e identidade. A cisgêneride adora debochar e ridicularizar pessoas fora desses padrões e quando seus hábitos vis são contestados e impugnados, a cisgêneride afirma que o mundo está “certinho demais”, o mundo está “politicamente correto” demais. Como é possível fazer humor, fazer o outro rir, se a *pobre cisgêneride* já não pode mais fazer piadas que ridicularizam e desumanizam corpos gordos, negros, corpos trans, pobres, dependentes químicos, corpos com deficiência física e corpos com orientações sexuais distintas da heteronormatividade cristã?

Além dessa invisibilidade que se constrói em cima da marginalização das pessoas trans, é muito comum que as pessoas transexuais só sejam lembradas num momento: para fazer piadas a respeito de sua identidade, o que é uma forma de manter a marginalização, principalmente em programas humorísticos veiculados em redes sociais como o YouTube. E esse processo de marginalização, discriminação e estigmatização se concretiza no nosso dia-a-dia, como o elevado número de assassinatos, tentativas de homicídio, suicídios e violação de direitos humanos, além de afirmar sexism, classismo, a LGBTfobia e o racismo. [...] Frase da militante Janaína Dutra: “A travesti é

⁷² Atores Globais são os atores da Rede Globo de Televisão.

uma ilha, cercada de violência, por todos os lados". Janaina conseguiu resumir nesta pequena citação a trajetória de visibilidade negativa das travestis na sociedade brasileira. (NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 76-77).

Pensando em todas essas questões, me propus a criar um Stand Up um pouco diferente desses que são comuns em Uberaba e que tanto assisti. O *STAND UP COM MARINA* propõe provocar no público, não somente a comédia, o HUMOR, (como nos Stand Ups comuns) mas também outras duas sensações: o NOJO e a RAIVA. Tento provocar no público cis transfóbico, de uma forma *bufônica*, justamente as sensações que reverberam em seus corpos, quando se deparam com um corpo travesti e escancaro através da cena o quão escrota a cisgeneridade é, por reservar a nós, tais sentimentos: o NOJO, a RAIVA e a VONTADE DE RIR. E posso afirmar com toda certeza que essas sensações, de fato, perpassam os corpos cis quando se relacionam com corpos trans, pois já vivenciei inúmeras vezes cenas da vida real, onde fui ridicularizada, fui motivo de chacota, hostilizada, agredida, menosprezada, descredibilizada e onde causei náuseas nos [contém extrema ironia] *cidadãos de bem* que seguem os propósitos divinos afim de não apodrecerem no fogo do inferno, por cometer blasfêmias, heresias e pecados capitalistas, assim como pessoas trans cometem.

Na cena STAND UP, sou a única atriz atuando, mas constantemente *quebro a quarta parede* e convido parte do público para me auxiliar em algumas proposições e jogos teatrais. A cena pode ser realizada em qualquer ambiente e não necessita de preparações cenográficas anteriores. O cenário são os objetos que utilizo e que geralmente ficam expostos no chão, ou estendo um varal de roupas (quando é possível e o palco permite essa intervenção) e exponho nesse varal todos os objetos que ao decorrer da cena me relacionarei. Os objetos cênicos são: uma camisa rosa com estampa de bolinhas amarelas, saia preta e branca, peruca de palhaça, nariz de palhaça, sacola plástica azul, casaco/terninho azul claro, uma bíblia "sagrada", um pano branco de 2m², lanterna, um pau de madeira grosso e pesado, moedas, um terço/rosário católico, um balde azul com água pela metade e a xerox da minha certidão de nascimento retificada com o meu nome Marina e sexo feminino. O figurino que uso é um macacão circense preto, colado no corpo.

A cena começa com uma música composta por mim, que canto e bato palmas de forma ritmada:

Me dá nojo (palma), **raiva** (palma) e **vontade** (palma) **de rir** (palma palma) repito 3 vezes.

Quando eu vejo alguém (palma) **me esnobando** (palma) e **zombando de mim** (palma) **só porque eu sou travesti.**

Após repetir por várias vezes a primeira estrofe da música, que é bem simples e fácil de decorar, comento com o público que a experiência que estão prestes a vivenciar é única, inusitada e não muito semelhante à de Stand Ups tradicionais, pois me desafio a provocar neles as três sensações: NOJO, RAIWA e VONTADE DE RIR/COMÉDIA. Peço que o público passe a cantar a canção e bater palmas comigo e inicio uma sequência de três esquetes ou cenas teatrais, onde interpreto três personagens distintas que serão as responsáveis por causar neles as três sensações. Na primeira esquete interpreto uma PALHAÇA TRAVESTI, que causará no público a VONTADE DE RIR, na segunda esquete interpreto uma POLÍTICA que causará a RAIWA e na terceira interpreto uma FREIRA que causará o NOJO. As três personagens representam a arte, o governo e a religião.



Figura 51 – HAHAHA / EVERY FUCKIN' DAY (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

Como se fosse um ritual, o público invoca a canção com palmas enquanto vou me caracterizando de PALHAÇA TRAVESTI para dar início à primeira esquete, responsável por provocar o riso. Vou me vestindo com a camisa rosa de bolinhas amarelas, a saia preta e branca, a peruca, o nariz de palhaça e vou modificando minha postura corporal, numa tentativa de imitar os clowns que vez ou outra, encontro e observo no bloco 3M, o bloco do curso de Teatro da UFU. Crio uma corcunda e balbucio palavras agudas e inexistentes e sou encarada pelo público sério e atento que começa a perceber que a cena não será tão engraçada, como imaginaram. A música sobre o nojo, raiva e vontade de rir é uma indução que faz com que eles assumam os sentimentos que reservam a uma travesti e mesmo aquelas pessoas que não são transfóbicas, seguindo minhas ordens e acompanhando o restante do público, batem palmas e gritam pra si mesmos à contra gosto, que sentem nojo, raiva e vontade de rir quando se deparam com uma travesti.

Me apresento a eles como uma Clown ou uma Palhaça travesti euento um pouco sobre minha vida: *Um dia, eu percebi que bastava sair na rua pra dar um passeio que as pessoas começavam a dar gargalhadas da minha cara. Elas riam do meu cabelo, da minha altura, da minha voz, do meu gogó, da minha roupa e então comecei a pensar: Por que eu não faço Stand Up Commedy, Comédia em pé? Se estiver vestida de palhaça, melhor ainda, aí é que as pessoas vão rir e eu posso lucrar com isso. Então riam! Agora tá permitido, agora pode rir, mostra como você me acha engraçada! Riam!! Tá fraco esse riso! Mostrem o quanto uma travesti é engraçada!*

Obviamente as pessoas não riem, pois entendem que na verdade a primeira esquete não é engraçada e não lhes provocará o riso, é uma tentativa de fazer com que o público entenda que corpos travestis constantemente são ridicularizados pela cisgeneridade, pelo simples fato de existirem e que a esquete se refere à uma travesti que tenta usar esses risos que lhe assombram ao seu favor, se vestindo de palhaça. Pois o correto é rir da palhaça e não da travesti. Não se deve rir de seres humanos minorizados e que só estão nessa situação de marginalização e falta de oportunidades, porque vivemos em uma sociedade extremamente transfóbica e que não é inclusiva em relação à corpos trans/travestis. A travesti é ridicularizada e encontra-se marginalizada por culpa da sociedade cis.

Como esperado, o público leva um *puxão de orelha* simbólico e não ri. Paire um constrangimento no ar, as pessoas ficam envergonhadas e sem imaginar o que o Stand Up ainda reserva a elas. E a Palhaça Travesti continua na busca de tentar provocar o riso naquelas pessoas e propõe uma nova ação corporal “engraçada”, um desfile de moda com direito à várias quedas na passarela. Peço que o público bata palmas e ainda vestida de palhaça, começo a desfilar imitando *top models* magras, ricas e me *esborracho* no chão. Levanto, volto a desfilar e novamente outra queda e mais outra queda e o público atônito, bate palmas e continua apático enquanto clamo que eles riam das minhas quedas, dos meus tropeços e das nossas diferenças sociais: *Dizem que o público vai ao circo para ver a trapezista travesti cair, né? Então, se vocês querem queda, se isso vai proporcionar mais risadas, vou dar queda pra vocês! Palmas, música de passarela!* (A palhaça travesti desfila e cai inúmeras vezes). *Vamos! Riam! Riam dos meus tropeços, das minhas desvantagens, dos meus tombos, dos meus privilégios inexistentes. Riam da travesti se esborrachando no chão. Vejam como sou engraçada!*

Nenhuma risada ecoa no ar. As palmas cessam e a Palhaça Travesti numa terceira e última tentativa, apela para a marginalização compulsória dos corpos travestis que precisam se prostituir para sobreviver (já que a sociedade cis dificilmente contrata pessoas trans/travestis para trabalharem em empregos formais) e provoca o público proondo e afirmando que se ainda não acharam graça das outras duas tentativas anteriores, certamente acharão engraçado uma Palhaça Travesti se *fudendo*, literalmente. Pego a sacola plástica azul, coloco na cabeça e cubro meu rosto, fico na posição de *quatro* (ajoelhada em quatro apoios) e levo estocadas imaginárias de um pênis/pau invisível que me come/fode. A posição também pode ser lida como se a travesti estivesse comendo alguma maricona invisível: *Se vocês ainda não acharam meu Stand Up engraçado, vocês certamente vão achar graça numa travesti se fudendo, uma travesti palhaça sendo fodida! Riam!! Riam da travesti que precisa se prostituir para sobreviver! Riam da travesti que dá o cú e come cus para não passar fome, porque empresas formais não contratam a Palhaça Travesti. Riam!! Por favor, riam de mim, só um pouquinho! Eu me preparei tanto! Não vão rir?? Por que não estão rindo? Isso tudo é tão engraçado!*

A sacola plástica representa o estereótipo no mundo da prostituição onde o que importa no ato sexual, é apenas o corpo de mulher da travesti objetificada. No sexo

pago não acontecem carícias, beijos, contato visual/olho no olho. O cliente escroto prefere chupar o cu da travesti, do que beijar a boca dela. Prefere colocar ou imaginar uma sacola na cabeça dela, na tentativa de ignorar seus reais sentimentos, de nojo, raiva e vontade de rir daquela que atiça e satisfaz suas necessidades sexuais. O cliente sente nojo, raiva e vontade de rir de si mesmo por sentir atração sexual e tesão por um corpo que é visto por ele, como sendo um corpo de homem. **Sou hétero e não consigo entender o porquê um viadinho/traveco pode mexer tanto com as minhas cabeças? PrinciPAUmente a cabeça de baixo⁷³!** E a Palhaça Travesti continua na movimentação de vai-e-vem imitando um sexo triste e selvagem e implorando que o público ria dela.

As pessoas trans em todas as partes do mundo são vítimas de violência, como chantagens, agressões físicas e sexuais, até chegar aos assassinatos. Essas formas horríveis muitas vezes não são relatadas, e pouca atenção é colocada nas causas subjacentes, como o ódio anti-trans, a transmisoginia, o racismo, a xenofobia, o ódio contra profissionais do sexo, além das condições econômicas precárias que as pessoas trans enfrentam em muitos contextos. Todos esses fatores expõem pessoas transgêneras, sobretudo, as pessoas trans negras, migrantes e profissionais do sexo a altos níveis de violência (FEDORKO; BERREDO, 2017). O trabalho sexual é uma realidade para muitas pessoas trans em todo o mundo, e os motivos para participar do trabalho sexual são tão múltiplos quanto entre os profissionais do sexo cis. Para muitas trabalhadoras do sexo, a escolha do trabalho sexual é um reflexo de opções de subsistência e de recursos financeiros limitados (FEDORKO; BERREDO, 2017). Todavia, estas pessoas enfrentam estigmas e discriminação intersectorial porque seu status de ser trans e trabalhadora sexual se junta a outros fatores influentes que incluem racismo, misoginia, capacitação, classismo e xenofobia. Muitos deles são impactados pela discriminação na habitação, vigilância elevada e falta de acesso à justiça, serviços de saúde e benefícios sociais, porque o trabalho sexual não é reconhecido como um trabalho em muitos países (FEDORKO; BERREDO, 2017 apud NOGUEIRA; CABRAL, 2018. P. 63).

Quando retiro a sacola plástica da cabeça, percebo que algumas pessoas que me observam estão boquiabertas com a cena que presenciaram, algumas estão emocionadas e outras claramente constrangidas. Assumo minha insatisfação por não ter conseguido fazer comédia e provocar o riso neles e direciono a cena para a segunda esquete. Peço que novamente cantem a primeira estrofe da canção Nojo, Raiva e Vontade de Rir e dessa vez percebo que as palmas são mais fracas e o canto das pessoas é extremamente baixo. O público já não quer participar e assumir o quão malvados/nojentos ele são e o quão doloroso é enxergar o sofrimento de uma travesti,

⁷³ Frase retirada do meu poema: *O olhar de um homem cis hétero sobre o meu corpo Transvesti*. Cap 1. (1.2 - Hormonização e as Relações afetivas / Trocas Urbanas). Página: 109.

que é causado justamente por aquele público e o restante da sociedade cis.

Enquanto invocam a canção, trazendo à tona um ritual deprimente de confissões sinceras, canto com eles e vou trocando o figurino. Me despeço das roupas da Palhaça Travesti e passo a vestir por cima do macacão circense, o terninho azul, prendo meus cabelos num *rabo de cavalo* e seguro firmemente a Bíblia contra o peito. Uma nova personagem surge, a Política e ela faz inúmeras referências ao nosso *despresidente Bolsobosta* (me recuso a escrever o nome daquele canalha demente no meu texto sagrado).

A Política passa a discursar sobre quem ela é e conta um pouco da sua história. Ela é uma ex-militar, evangélica e ao contrário de muitos outros políticos que governam o Brasil, ela é verdadeira. Ela assume todas as atrocidades que já fez e fará, enquanto governante. Assume sua falta de humanidade, de empatia, assume sua corrupção, assume seus crimes, roubos, desmatamento, sua inimputabilidade, o protecionismo de empresas privadas e do patrão e até mesmo incita o fato das eleições constantemente terem seus votos burlados/alterados e que por isso, mesmo que os eleitores não a elejam, ela continuará no poder, pois é beneficiada por nepotismos de familiares e aliados. E todas essas confissões partem de uma Política *milica* sincera/verdadeira, que se diz temente a deus e que invoca seu nome o tempo todo: *Aleluia! Aleluia irmãos, glória à Deus! Eu sou uma política, sou ex-militar, sou evangélica. Eu sou a Universal! Aleluia! Sentido, Descansar! Eu sou uma política diferente de todos, porque eu sou verdadeira. Eu só digo a verdade. Eu sou desonesta, sou uma ladra e vou roubar todos vocês. Eu vou foder com todos vocês. Vou queimar as florestas e vendê-las para os gringos, vou pegar todos os seus direitos e vou rasgar, em nome do Senhor Jesus. Porque eu sou uma política verdadeira que aprendi isso com a Bíblia e a Polícia. Em nome do senhor!! E não adianta você dizer: Ahh, é só a gente não votar em você. De qualquer forma eu vou estar lá, vou estar no poder. Tenho um tio que é senador e a minha família toda está no congresso.*

Depois desse testemunho que é quase uma fala de uma pastora e/ou um sermão policial, a Política propõe ao público, ainda fazendo referência à cultos evangélicos, que o público cuspa no balde azul com água pela metade, numa tentativa de capturar o testemunho daqueles que a assistem naquela congregação e de criar um diálogo entre as salivas, que acontece dentro do balde através das secreções que vão sendo

colhidas: *Então, caro eleitor, o seu voto eu já tenho, agora eu preciso da sua palavra! Me dá a sua palavra? Eu tenho aqui uma água ungida e eu peço que você me dê sua palavra, tira ela do seu íntimo, do seu âmago, cuspa aqui.* (Após colher os cuspes) já temos uma comunicação aqui e daqui a pouco, voltamos a falar dela.

O cuspe do público vai enchendo o balde e a intenção da Política é de ter contato com uma das coisas mais íntimas do ser humano: sua saliva, que sai do seu âmago, do seu interior e que pode representar a palavra de um apoiador e futuro eleitor. A saliva é a palavra que ainda não foi dita! Quando a Política arrecada o cuspe, é como se arrecadasse o dízimo das igrejas evangélicas, como se o público comungasse ao contrário, a hóstia da igreja católica e como se assinassem um tratado de fidelidade e aceitação das atrocidades que a personagem não se preocupou em esconder. Algumas pessoas da plateia se recusam a cuspir no balde e então encarecidamente peço que contribuam com a cena e com a atriz que está se acabando no palco afim de entretê-los e tratando de assuntos urgentes. Tento persuadir os que são tímidos e colher o máximo possível de saliva cisgênera repugnante. Digo que posteriormente voltaremos a falar sobre o balde com cuspes e imediatamente proponho uma outra ação, que será responsável por provocar nos espectadores o sentimento de RAIVA.

A Política promete ensinar e mostrar aos espectadores, como se fode um eleitor de forma sincera, verdadeira e dentro das leis do patrão, do papai do céu e do pastor, sem que isso gere alguma punição ou dano ao seu cargo. A Política solicita que quatro pessoas ocupem o palco e delega funções para elas. Duas pessoas de frente para o público, irão segurar e esticar o pano branco de 2m², uma outra pessoa se posicionará atrás do pano e irá segurar a lanterna ligada com a luz direcionada para ele e a quarta pessoa ficará entre o pano e a lanterna, criando assim um ambiente de Teatro de Sombras.

A Política se aproxima da quarta pessoa, que está parada sem saber o que está prestes a acontecer e apenas sua sombra é reproduzida ao público. Tenho em mãos algumas moedas e o pau grosso de madeira. Informo que as moedas são dinheiro público que roubei e as jogo no chão. Peço que a quarta pessoa, que tem sua sombra claramente refletida no pano, agache e fique de quatro para pegar as moedas e nesse momento, enfio cenicamente o pau grosso de madeira no seu cu. Por se tratar de um Teatro de sombras, basta aproximar o pau de madeira das nádegas da quarta pessoa,

para que a imagem refletida no pano demonstre que aquele eleitor está literalmente sendo fodido pela Política. Vou enfiando quase toda a extensão do pau de uma forma bem verídica e sussurro no ouvido da pessoa que está sendo fodida, que grite desesperadamente. Recebo de volta as moedas e as jogo novamente no chão recomeçando assim o ciclo didático de como foder um eleitor, através da sombra, com um pau grosso que entra cenicamente no cu daquele espectador/ator desconhecido e que gera uma imagem totalmente verídica, na tentativa de causar RAIVA no público. Apesar do público identificar claramente que tento reproduzir na cena, a realidade caótica e catastrófica em que nosso país se encontra, sendo conduzido por políticos abomináveis, a esquete não provoca raiva e sim, um riso constrangido e desconcertado. O público ri, de nervoso! Ri porque está sem graça, embaraçado e diria, até mesmo, perturbado.

Desfaço o Teatro de Sombras, peço que o restante do público aplauda as quatro pessoas que me auxiliaram na cena, agradeço a elas pela ajuda e peço que retornem aos seus lugares na plateia. Novamente comunico minha insatisfação por não ter conseguido estimular com sucesso o sentimento de Raiva naqueles corpos cisgêneros e parto em direção à terceira e última esquete, onde tento provocar o NOJO, interpretando uma Freira.

Para me caracterizar de Freira, o público canta pela terceira vez a música Nojo, Raiva e Vontade de rir, cada vez mais desmotivados e cientes das amarguras que uma travesti vingativa palhaça e política pode guardar no seu coração e no momento oportuno devolver *na mesma moeda*, todos os males e danos que a cisgeneride tem causado à pessoas *transvestis* durante séculos.

Me despeço do terninho azul, cubro minha cabeça e corpo com o pano de 2m², que passa a ser um manto santificado, posicionei o terço/rosário na testa, seguro contra o peito, a xerox da minha certidão de nascimento retificada e começo a cantar a clássica canção da cantora pop Madonna: *Like a Virgin*. Canto, rodopio e distribuo cópias da certidão entre o público e peço que a apalpem, vejam e leiam o que está escrito nela. Me aproximo de alguma mulher cis e peço que ela leia em voz alta o nome que está escrito na certidão:

- Ela responde: Marina Silvério da Silva.

- **Eu:** Sou eu, esse é o meu nome! E o que está escrito no sexo?
- **Ela responde:** Sexo Feminino!
- **Eu:** Feminino? E na sua certidão, o que está escrito na parte do sexo?
- **Ela responde:** Sexo Feminino.
- **Eu:** E você é homem ou mulher?
- **Ela responde:** Mulher!
- **Eu:** Então se o meu sexo é Feminino, isso quer dizer que eu também sou mulher. Não é verdade?
- **Ela responde:** Sim!

Pois bem, já que eu sou mulher, isso quer dizer que eu posso ser uma freira? Sim! Eu posso ser o que eu quiser. Ouvi dizer que as freiras se casam com Jesus e eu quero muito me casar! Eu estou pronta pra casar. Chamei, rezei, implorei e nunca encontrei Jesus. Só tenho encontrado “homens que consomem, só comem, fudeu e somem. Eu tô correndo de homens⁷⁴ assim! Mas hoje estou sentindo que ele pode estar aqui, no meio de nós, nessa plateia. Hoje eu vou me encontrar com Jesus!

A cena da Freira se refere à solidão amorosa de pessoas trans e a objetificação e erotização de corpos trans e travestis que são facilmente usados para fins sexuais e posteriormente descartados. A cisgenderidade heteronormativa, não quer se casar com uma travesti. A grande maioria dos Homens Cis Heterossexuais só querem se relacionar com travestis de forma sigilosa e secreta, para que não sejam lidos como homens gays, porque infelizmente travestis ainda são vistas pela sociedade como homens gays montados - “um homem com roupas femininas”.

Na medida em que o relacionamento afetivo com uma travesti ou mulher trans implica o questionamento (enquanto uma ameaça iminente) da heterossexualidade masculina, as interpretações sociais condicionam estes relacionamentos a serem vistos ora como vergonhosos, ora como motivos de interdições e denegações. Araújo (2015b), partindo de um exemplo de sua própria vivência, conta que a família de um namorado seu o expulsou de sua própria casa em virtude do seu relacionamento assumido com ela, que é travesti. Este caso mostra que a condição de estigma social que envolve as identidades trans é tamanha a ponto de atingir também pessoas cisgêneras

⁷⁴ Trecho da canção Mulher, da cantora travesti Linn da Quebrada, citada no subcapítulo 1.3.

que eventualmente se relacionem com pessoas trans. (ARAÚJO, 2015 apud BAGAGLI, 2017. P. 151-152).

É preciso ter coragem e muito *peito* para se assumir trans/travesti e sobreviver em uma sociedade cisgênera transfóbica com leis e mandamentos que acolhem apenas a cisgenerideade. Um homem cis hétero que se relacione abertamente/publicamente com uma travesti precisa ser muito bem resolvido em relação à sua sexualidade ao ponto de ignorar a opinião alheia que o condena como gay, por transar/namorar/casar com “outro gay”, na visão vil da sociedade *cisheteronormativa limitada cristã*. Mas afinal, qual o problema em ser visto como gay? / Por que a homossexualidade é tão demonizada pela heterossexualidade?

Resposta: Por causa da MISOGINIA (ódio contra e entre mulheres, ou seja, a desvalorização da mulher por ser mulher), por causa da MASCULINIDADE TÓXICA (masculinidade construída como violência, como não-sentimentalidade, virilidade) e por causa da HOMOFOBIA (ódio contra gays).

A MISOGINIA e HOMOFOBIA surgem do mesmo lugar, que é uma valoração exacerbada do macho/homem. É a ideia de que tudo o que foge do padrão macho, tem que morrer, tem que ser maltratado. A cultura da exacerbação de uma performance de masculinidade falsa e de uma performance de virilidade falsa é tão problemática, que virou ideologia até mesmo dentro da comunidade gay. Quando se abre um aplicativo de relacionamento gay, os próprios gays estão posando como heterossexuais, dominadores, viris, macho alfas e buscando semelhantes. A possibilidade de construção de que um ser humano é inferior porque nasceu com vagina, é a mesma ideia que vai ser lançada contra gays e que vai matá-los quando saírem nas ruas. Porque apesar de terem nascido com pênis, os gays muitas vezes se comportam ou tem trejeitos ou gostam das mesmas coisas que quem tem vagina, gosta. A estigmatização dentro da comunidade gay à figura dopassivo que vira chacota, vira chacota, pois se aproxima da figura da mulher. A figura do gay afeminado vira chacota pois se aproxima da figura da mulher. Na nossa cultura patriarcal, misógina, machista e capitalista: mulher é motivo de riso. A construção binária de papéis de gênero, onde o macho é valorizado e a mulher é degrada, desprezada e não tem valor, é a origem dos dois preconceitos: da MISOGINIA e da HOMOFOBIA. Quando uma pessoa LGBTQ+ não entende que a luta feminista é paralela à luta LGBTQ+, ela se torna um “macho escroto”, pois passa a reproduzir o pensamento dominante. O Brasil é um dos países que mais violenta e mata pessoas LGBTQ+, mas também é o país que mais agride e que mais mata mulheres (cis e trans) no planeta. Essas mulheres morrem pelas mãos dos seus companheiros, dos seus pais, dos seus “conges” – como diria Sérgio Moro – dentro das suas casas. Os dados são congruentes e eles têm a mesma origem.⁷⁵ (HUNTY, 2019. Canal do Youtube – Tempero Drag).

⁷⁵ Texto transcrito e parafraseado por mim, do canal do Youtube: Tempero Drag. A fala é da drag queen Rita Von Hunty (Guilherme Terreri Lima Pereira) no vídeo “Ai, Não Acredito!”.



Figura 52 – UNICÓRNIA (2019) – Ilustração Digital / Marina Silvério

A Freira quer se casar com Jesus, numa tentativa desesperada de fugir da solidão e da carência afetiva, porque já desistiu de tentar se relacionar com homens cis héteros machistas, com a masculinidade frágil/tóxica e que agem sempre da mesma forma: *comem, consomem, somem e fodem* com o psicológico, a autoestima e a autoaceitação de pessoas trans que ainda insistem em tentar se relacionar com essa masculinidade tóxica e cisgênera.

Em uma sociedade onde somos ridicularizadas e ao mesmo tempo hipersexualizadas, assumir relacionamento com uma de nós, sei que não é fácil. Lembro quando um ex namorado assumiu publicamente seu relacionamento comigo. Nossos amigos questionavam a orientação sexual dele e especulavam seu papel na cama comigo. E pra um homem hétero cisgênero, ser questionado sobre essas coisas é ferir seu orgulho e masculinidade. E verdade seja dita, ninguém gosta de passar por isso,

inclusive nós que somos transexuais. Infelizmente a sociedade pressupõe que homens que se relacionam com alguma de nós ou é bissexual ou é homossexual. Mas nunca passa na cabeça das pessoas que eles podem SIM ser heterossexuais. [...] Existem exceções de homens que assumem um relacionamento conosco! Que se sentem encorajados a enfrentar qualquer coisa pra estar junto. Conheço amigas que são casadas e são felizes. Mas como falei, são exceções. (ROXY, 2017 apud BAGAGLI, 2017. P. 153).

O mundo seria mais belo, quase um paraíso, se pessoas trans passassem a se relacionar afetivamente e sexualmente com outras pessoas trans. Transcentralizar⁷⁶ relações pode ser a alternativa para o fim dessas relações egoísticas, interesseiras, fetichizadas, sigilosas, covardes, machistas, misóginas, transfóbicas e com inúmeras outras questões internas mal resolvidas por parte da heteronormatividade.

A Freira desesperada para encontrar um *macho*, decide que deve se exibir para o público, pois está certa que a personificação de Jesus e de todo o amor que ele representa, irá se manifestar naquela plateia. Ela se mostra crente de que Jesus quando vir sua beleza e seu corpo puro de travesti pura, irá se assumir sendo o *Messias* e os dois enfim se casarão. Talvez o espírito de Jesus incorpore em algum dos homens da plateia ou talvez o espírito já esteja “no meio de nós”, mas enquanto ele não dá o ar da graça e se revela, ela tenta facilitar as coisas, ficando seminua e tomando um banho com a água cheia de cuspes nojentos e esverdeados que a Política anteriormente recolheu, na tentativa de adquirir aliados que defendam seu governo corrupto.

A Freira novamente canta uma canção, composta por mim e que já foi escrita anteriormente aqui no texto, na página 176. A canção se chama Ódio e fala das relações entre uma travesti, odiosa e hormonizada, com a sociedade e como agiria, caso tivesse uma arma. A travesti hormonizada e com ódio de tudo e todos, mataria a mulher burguesa que a encara e a desqualifica como mulher, mataria o homem escroto que despe ela com o olhar e o homem escroto que a ignora quando está acompanhado de outros homens escrotos, mataria o casal cis que passeia feliz pelas ruas esbanjando seus privilégios e mataria os idosos preconceituosos e conservadores que parecem, em todos os seus anos de vida, nunca terem cruzado/visto uma travesti. Enquanto canto a canção, eu Marina Freira Política e

⁷⁶ Relacionamentos transcentrados ou amor transcentrado refere-se à relações amorosas e afetivas em que ambos os parceiros (casal) ou mais parceiros (trisal, quadrisal, etc) são pessoas transgênero.

Palhaça Travesti, vou me molhando com a água extremamente nojenta e jogo o cuspe de todo o público na minha cara e no meu corpo. O público cospe em mim indiretamente.

Engano todos os que me assistem, dizendo que o cuspe seria usado para outra finalidade - a de selar um pacto político entre nós! E na verdade, eu estava mal intencionada o tempo todo, pois o cuspe foi recolhido para ser jogado no meu corpo e me banhar com toda a secreção cis nauseante, enquanto tento seduzir Jesus, para que ele apareça e finalmente nos casemos. Quando termino de cantar a canção sobre o ódio que sinto de cada uma daquelas pessoas a quem me apresento, despejo todo o líquido gosmento do balde, na minha cabeça, que vai desbravando cada parte seca da minha pele e molho o meu corpo inteiro, até a calcinha. A sensação de ter sido cuspida é deplorável, dolorosa, um cheiro de ovo cru domina meu nariz, minha pele fica pegajosa, grudenta e meu cabelo quando seca, fica com fios endurecidos. Algumas pessoas da plateia sentem ânsia de **vômito**, outras choram e outras permanecem paralisadas, pasmas e atônicas. Eu também sinto ânsias de **vômito**. A cena é um **vômito** na cara da cisgeneridade transfóbica, a cena é quase canibalista, é masoquista, sádica e antropofágica. Escancara meu ódio, nojo e vontade de rir de nervoso.

Os tópicos da Antropofagia e Antropoemia vão estar presentes para criticar a integração entre as culturas, no sentido de “ser o outro como eu sou é revolucionário” e revelar suas potências. A antropoemia – o **vômito** – interrompe a digestão e a evacuação: reverte a dialética ao não permitir que se faça a síntese⁷. LéviStrauss trouxe ambos os conceitos em seu livro Tristes Trópicos. Eu também trarei o livro que criou as primeiras fantasias coloniais sobre o Brasil que se chama Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil do alemão Hans Staden - e conta sua versão de como foi ser um cativeiro pela sociedade Tupinambá, com foco no “ritual canibal”. Esse livro foi escrito em 1557 e se tornou o primeiro best-seller do mundo. Em 1892 foi traduzido para a língua portuguesa e foi o material que inspirou Oswald de Andrade para escrever o Manifesto Antropofágico e, a partir daí, Pindorama passa a usar a potência antropofágica como forma de integração e fica conhecida mundialmente, filosoficamente e artisticamente. Não há como fugir da antropofagia mas há como contrapor com a antropoemia. Podemos dizer não e rejeitar outros conhecimentos impostos, como fizeram com Hans Staden ao não comerem ele e, consequentemente, não absorverem seus conhecimentos. Obviamente eu falo sobre esses temas em conexão com a minha biografia em conexão com a minha rede afetiva. Desde a infância, meus desejos e minha identidade borrada foram sujeitas a violência e isso se tornou a base da minha criação. Na minha jornada pessoal eu me identifico com três linhas de estudos e pesquisa: performance arte, descolonização e dissidências sexuais. Estas abordagens repercutem tanto na minha mente e no meu corpo, bem como na minha prática artística, de tal forma que eu não separo teoria da prática, e nem crítica do meu corpo. Meu corpo torna-se a arena para a manifestação do desejo, política e história. Ao

mesmo tempo o que me inspira é o fracasso e a insegurança. Eu nunca vou ser Judith Butler, mas estando mais próximo de Nízia Floresta, estou satisfeito com a tradução cultural que posso fazer de Butler e suas teorias, em uma infidelidade criativa que me surpreende. Talvez ser infiel é um forte caráter a ser explorado com mais insistência. (COSTA, 2016. P. 357 e 358).

Depois de me banhar e passar a feder baba inter-racial cisgênera, escolho o homem mais bonito da plateia e digo que ele é o meu Jesus. O homem mais bonito da plateia segue os padrões capitalistas de beleza, geralmente é branco, alto, possui barba e sabe que é bonito, portanto, se sente extremamente incomodado de ter que contracenar com a travesti que acaba de tomar um banho de cuspes. Insisto que ele ocupe o palco comigo e digo que embora ele ainda não tenha recebido o chamado divino e percebido que ele é meu Jesus, o meu prometido, nós iremos nos casar naquele exato momento. Pego em sua mão, mesmo que ele se mostre relutante e peço que o público entoe uma última vez a canção do Nojo, Raiva e Vontade de Rir, para que assim possamos dar início à cerimônia do nosso casório. De mãos dadas, peço que ele se posicione deitado próximo de alguma parede que cubra/esconda toda a extensão do seu corpo, deixando visível para o público, apenas suas pernas e pés.

A Freira cantora pega o pau de madeira grosso - que a Política usou para foder os eleitores - e começa a simular pauladas na cabeça e no corpo, escondido pela parede, do Jesus, como na peça Transgênica, que desmonta no subcapítulo 2.2. Sussurro em seu ouvido para que ele grite desesperadamente e chacoalhe as pernas, como se realmente estivesse recebendo pauladas na cara, garganta, peito, braços e enquanto descarrego todo o meu ódio (de forma muito verídica) no boyzinho padrão, canto uma última música - que também é uma composição minha e que também encontra-se aqui no texto, na Epígrafe e na desmontagem da peça Transgênica, no subcapítulo 2.2. A música, Seu Olhar é Fogo, fala sobre o olhar da cisgeneridade sobre um corpo travesti e que esse olhar bate, dói, queima, esmaga e estraçalha sem dó, nem piedade.

Depois de disferir inúmeras pancadas no Jesus (acompanhadas de seus gritos e pés se debatendo) que na realidade acertam o chão ou uma caixa de papelão, mas que são extremamente verossímeis para a plateia, pois eles não conseguem enxergar aonde acerto as pauladas, Jesus fica quieto. Seguindo as minhas ordens discretas, cesso as pancadas e Jesus finge ter morrido. Encarando o público, suada, cuspida, fedida, molhada e com muito nojo, raiva e vontade de rir de toda aquela cisgeneridade

demoníaca, grito o seguinte texto e deixo o palco, finalizando a peça teatral Stand Up:

Todo dia uma pessoa cis, mata uma pessoa trans. Todo dia uma pessoa como você (apontando para o público) mata uma pessoa como eu. “A vida é só uma sombra. É uma péssima atriz que grita e se debate pelo palco, mas depois é esquecida⁷⁷”. Eu também sinto NOJO, RAIWA e muita VONTADE DE RIR! HAHAHAHA

Quando o público percebe que toda a vivência teatral e as inúmeras informações que acabaram de atravessar e arrombar seus corpos, chegaram ao fim, demoram alguns segundos para retornarem à realidade, aplaudem emocionados e se mostrando gratos pela experiência, talvez inesquecível, que promovi. Peço que o Jesus *padrão* se levante, ressuscite e imediatamente, ao término da cena, vou embora para casa a fim de tomar um banho *bem tomado* e retirar toda a inhaca cis expelida por bocas imundas, que domina meu corpo.

Na peça Stand Up, quando eu deveria provocar o riso: provoco o constrangimento, o peso na consciência e o silêncio; quando deveria provocar a raiva: provoco o embaraço, um estupro cênico e o riso de nervoso; e quando deveria provocar o nojo: finalmente provoco o nojo, o **vômito** e escancaro todo o meu ódio e força ao descarregá-los em alguém por meio da vingança e da lei de Talião (olho por olho, dente por dente). Se a cisgêneridade mata pessoas trans diariamente, eu pessoa trans, também matarei a cisgêneridade, mesmo que cenicamente.

Na peça Stand Up, obrigo o público a gritar, repetir e assumir, através da canção ritualística e fúnebre (Nojo, Raiva e Vontade de Rir), todo o seu nojo, raiva e vontade de rir quando se deparam com uma travesti. Exijo que o público ria do meu corpo, das minhas quedas, fracassos e da minha marginalização compulsória que me obriga a apelar/ceder à prostituição para sobreviver. - Se constantemente sou alvo de chacotas e ridicularização pela cisgêneridade, qual o problema ou receio de rir da Palhaça Travesti naquele momento proposto por mim? No entanto, o público confrontado não ri.

Vivemos em uma sociedade que não nos comprehende enquanto normais.

⁷⁷ Trecho da peça teatral Macbeth, de William Shakespeare, parafraseado por mim, pois o texto original se refere à vida, no gênero masculino: “É um péssimo ator que se debate pelo palco, mas depois é esquecido”. O texto também já foi citado anteriormente na desmontagem da peça Transgênica, no subcapítulo 2.2.

Somos vistas enquanto doentes, bizarres, aberrações. Não nos é permitido pela sociedade cisnORMATIVA o reconhecimento enquanto pertencentes à categoria humana, pelo simples fato de que ousamos transcender os limites do gênero que nos foi atribuído devido à genitália com a qual nascemos. Nos fizeram, como com tantos outros grupos marginalizados, o Outro que delimita onde termina o Humano, o monstro embaixo da cama, o alvo da piada, da punheta, da porrada, da pistola. Porque somos a mosca na sopa, somos provas vivas de que um dos grandes pilares da sociedade capitalista ocidental, a inevitabilidade do gênero, a cisNORMATIVIDADE, a HETERONORMATIVIDADE, não passa de uma falácia. Querem que vivamos nas sombras, invisíveis, inofensivas, irrelevantes, para que não precisem admitir que existimos. (YU, 2017. P. 10).

Na peça Stand Up, num súbito de vingança, ridicularização e reprodução do machismo estrutural/masculinidade tóxica, que abominam qualquer ato homossexual, enfiou um pau de madeira no cu de um dos espectadores por diversas vezes e induziu que ele grite e gema de dor e prazer. Obrigo o público a assumir, que perante a lei, meu sexo é feminino e isso faz de mim, tão mulher quanto qualquer outra mulher cis ou trans.

Na peça Stand Up, obrigo que o público cis cuspa seus escarros íntimos e repugnantes no balde, depois tiro esse cuspe nojento que saiu das suas bocas e lanço no meu corpo, escancarando mesmo contra a vontade desse público, toda a podridão do ser humano cis nas suas relações diárias com uma travesti. A cisGENDERIDADE me obriga a me prostituir para sobreviver. A cisGENDERIDADE gargalha, ri e ridiculariza minhas vivências, rouba meus direitos, privilégios e oportunidades. A cisGENDERIDADE reserva às travestilidades, o lugar de indigentes invisíveis e *dalits* nessa sociedade patriarcal, machista e capitalista. A cisGENDERIDADE é moralista e usa um tapa-olho/antolho de cavalos, que reduz/limita sua visão de mundo e faz com que essa visão seja guiada e conduzida por meros conceitos religiosos controversos, duvidosos, preconceituosos e desumanos. A cisGENDERIDADE cospe em mim, pessoa trans/travesti diariamente.

(...) orientações pedagógicas sobre marcas e normas de gênero e sexualidade provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como (...) saberes dogmáticos, como a religião e a justiça; e outros dos saberes singulares, como a medicina, as demais ciências biológicas, a psicologia e etc. (GONÇALVES, 2015 apud BONASSI, 2017. P. 36).

A peça Stand Up foi a solução ideal e mais plausível que minha mente conseguiu criar, reproduzindo todos os males que sofro por causa do CIStema em que estou inserida, para que enfim, eu Marina Travesti Cisfóbica (transfobia reversa existe?) pudesse escancarar o meu NOJO, RAIWA e VONTADE DE RIR da cisGENDERIDADE mal acabada,

através da arte.

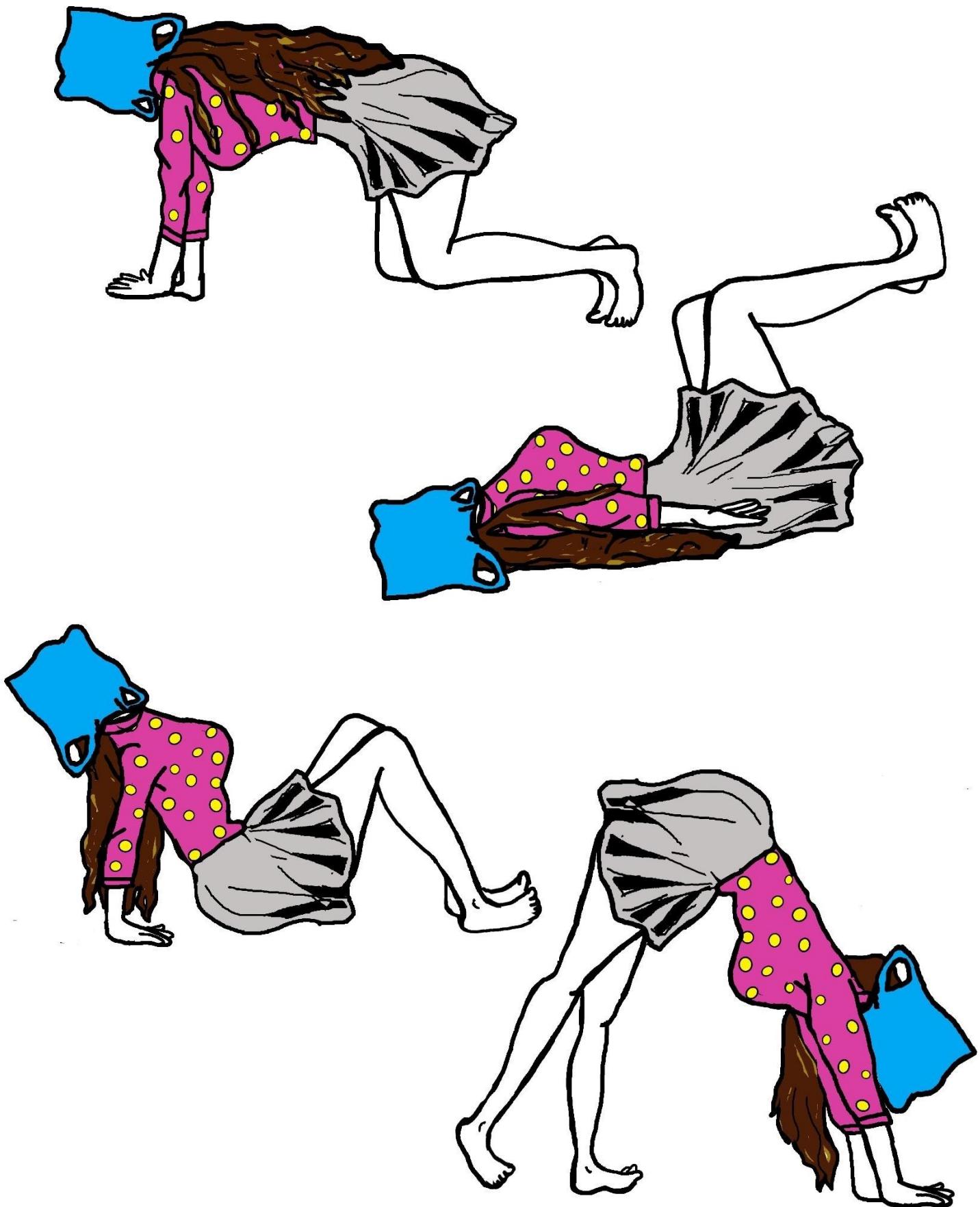


Figura 53 – CAMARÃOSUTRA vol.1,2,3 e 4 (2021) – Ilustração Digital / Marina Silvério

230

ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA ACADEMIA ULTRAPASSADA E ANTIQUADA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DAS RELIGIÕES DESUMANAS E CRUÉIS. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA ACADEMIA ULTRAPASSADA, ANTIQUADA E NEPOTISTA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DAS RELIGIÕES DESUMANAS E CRUÉIS. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA ACADEMIA ULTRAPASSADA, ANTIQUADA, NEPOTISTA E TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DAS RELIGIÕES DESUMANAS E CRUÉIS. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA ACADEMIA ULTRAPASSADA, ANTIQUADA E NEPOTISTA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DAS RELIGIÕES DESUMANAS E CRUÉIS. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA ACADEMIA ULTRAPASSADA E ANTIQUADA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DAS RELIGIÕES DESUMANAS E CRUÉIS. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DO PATRIARCADO, DO MACHISMO, DA MISOGINIA, DO CAPITALISMO E DA TRANSFOBIA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA DA CISGENERIDADE TRANSFÓBICA. ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO É UM VÔMITO NA CARA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a escrita desta dissertação de mestrado no final de 2018 e estou encerrando meus escritos no fim de maio de 2020. Foram quase 2 anos em um processo turbulento de motivação versus desmotivação do ato de escrever. Escrever esta dissertação exigiu de mim muita paciência, dedicação, inspiração, humor, poeticidade, crítica e claro, *duas xícaras de chá* de revolta e desejo de justiça. Me propus a manter essa escrita poética, com humor ácido, extremamente crítica e criativa ao longo da pesquisa e essa foi uma das minhas tantas dificuldades. Manter esses estados da mente ativados, para que o texto tivesse coerência e continuidade, que não fosse cansativo e que abraçasse a pessoa Legente, entregando tudo o que escrevo de *mão beijada*, mastigado, esmiuçado, de uma forma descritiva tão imagética que ler o meu texto é quase como assistir ele em uma plataforma audiovisual. Escrevi um texto extremamente didático, que narra as principais experiências e vivências da minha vida enquanto mulher trans travesti artista inconformada, que cria performances e cenas teatrais que abordam as transfobias que vivencio, a fim de educar, conscientizar a população cisgênera e apontar o quanto destrutivas podem ser suas atitudes, para com pessoas trans.

Reuni no meu texto, sobretudo, falas e citações de pessoas transgêneras brasileiras, em sua maioria mulheres trans e travestis. É possível encontrar na pesquisa três núcleos sociais de pessoas trans e travestis: O núcleo de educadoras, acadêmicas, doutoras e mestras trans e travestis, de diversas áreas do conhecimento (psicologia, literatura, teatro, filosofia, etc.); O núcleo de membras/amigas virtuais do grupo do facebook *Transgêneros e os Hormônios*, composto por mulheres trans e travestis extremamente marginalizadas e que, em sua grande parte, se prostituem pra sobreviver; E o núcleo de pessoas trans e travestis que entrevistei nos *Apêndices*, composto por mulheres trans inseridas em um contexto semelhante ao meu, residentes em Uberlândia e proximidades e que são artistas. As citações complementam o meu texto e criam uma teia de comunicações. A pesquisa se assemelha a uma Roda de Conversa formal, onde eu sou a mediadora e as outras pessoas trans arrematam minhas provocações, como numa costura de diálogos retalhados que formam um tecido textual de alta costura e relevância. Quando falo de passabilidade ou de performances ou de iluminação, lá vem Dodi Leal concluindo e

aprimorando e inovando minha fala; se falo de cisgeneridade, Viviane Vergueiro me interrompe e dá sua opinião sobre o termo, enquanto critica a academia; se falo de relacionamentos amorosos, Beatriz Bagagli me responde, citando outras autoras trans e contribuindo significativamente pra minha pesquisa; e se falo de assassinatos, Sayonara Nogueira, também residente em Uberlândia, e Bruna Benevides me enchem de dados e estatísticas geográficas e analíticas sobre o extermínio da população trans.

Pode-se dizer que esta dissertação de mestrado, foi uma parceria de pessoas trans, uma escrita em conjunto. Escrevemos juntas nossas histórias, narramos episódios da nossa vida e fomos didáticas com a cisgeneridade, na tentativa de escurecer o quanto “complexas” (ironia) são nossas existências. Eu fui a organizadora e curadora dessa obra, que escrevi sobre teatro, sobre desenho, sobre música e tratei de reunir tudo de mais importante que casava com meus escritos.

Durante a escrita me deparei com pesquisadoras trans que já tinham pesquisado coisas muito semelhantes ao que eu tentava pesquisar. Isso gerava em mim um alívio enorme, por ter a certeza que estava no caminho certo da pesquisa e por sentir que estou conectada a essas pesquisadoras. Temos a necessidade e urgência de explanar assuntos semelhantes. Me adentrei em uma caçada por citações trans e as encontrei em blogs desconhecidos, redes sociais, em referências de artigos, em entrevistas, nos meios mais remotos possíveis, pois não é fácil encontrar e reunir apenas pesquisadoras trans em um texto. Ainda estamos apagadas, marginalizadas e nossa escrita ainda é menosprezada, em relação à escrita de pessoas cis. Outro fator que me chamou a atenção enquanto buscava pelas citações, era a maneira como as citações cabiam em diversas passagens do texto. A mesma citação cabia no capítulo 1, no capítulo 2 e no capítulo 3, porque o texto não fugia da temática que me propus a abordar e as falas das pessoas trans se interligavam perfeitamente com a minha fala.

Esta pesquisa foi um desafio que tenho a honra de dizer que cumpri. Fiz a Desmontagem Escrita das performances Três Travestis, Transgênica, Cactus, Balé de lixo e Stand Up, criadas a partir de vivências transfóbicas, na intenção de combater e conscientizar a cisgenerideade sobre seus atos. Explanei questões biológicas sobre a Hormonização e sobre as relações interpessoais da sociedade quando cruza com uma travesti no sol do meio-dia. Narrei algumas experiências enquanto vocalista e co-

fundadora da banda travesti Transviadas e *soltai o verbo, botei a boca no trombone* e denunciei os abusos que sofro e já sofri. Denuncio nesta pesquisa o ódio, o nojo e a ridicularização à qual sou submetida diariamente, denuncio a violência, o desemprego, a transfobia estrutural e estruturante, a solidão amorosa e acadêmica, a sexualização e objetificação do feminino, a prostituição, a religião e suas ideias alienantes, a política e a falta de legislação voltada à pessoas trans e a patologização da medicina que insiste em me enxergar como homem e como doente mental, por ser trans/travesti.

Sou grata ao universo por ter conseguido construir/concretizar esse pensamento e por ter transformado ele em algo real. Retirei aquilo que estava no onírico, na mente e **vomitei** em um teclado de notebook todas as minhas angústias, revoltas, injustiças, medos e sonhos. Hoje já me sinto mestra, já sinto que sou uma corpa ocupante de um espaço que não foi feito para que eu ocupasse, sinto que transgrido, que hackeo o sistema e que todas as minhas lutas, me colocaram em uma posição privilegiada, apesar dos pesares.

Agora quero ser doutora e quiçá pós-doutora honoris causa burguesa, quero ser professora acadêmica artista e explorar assuntos inexplorados e esgotar desconstruções. Não quero mais ler autores cis brancos europeus, que tenho certeza que se me conhecessem, me odiariam por eu ser quem sou. Lerei os meus e as minhas, estudarei os meus e as minhas. Serei uma mestra hedonista que pesquisa o que é confortável, prazeroso e realmente importante de se pesquisar. Sou grata por poder compartilhar meu diário de histórias íntimas, tristes, injustas e algumas felizes. Sou grata pela gestação da minha escrita. Grata por ter sentido as dores do parto e por ter parido minha dissertação de mestrado. Awoman!

FIM.

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Orientação Sexual na Identidade de Gênero a partir da crítica da Heterossexualidade e Cisgeneridade como normas.** Revista Letras Escreve, v. 7, n. 1. Macapá. 2017. P. 145-156.
<https://doi.org/10.18468/letras.2017v7n1.p137-164>

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo.** Dissertação de Mestrado em Linguística, UNICAMP. 2019. P. 25-38.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero.** Dissertação de Mestrado em Psicologia - UFSC. Florianópolis, 2017. P. 36.

CABRAL, Raissa Éris Grimm. **Abrindo os códigos do tesão: Encantamentos de resistência entre o Transfeminismo pós-Pornográfico.** Tese de Doutorado em Psicologia – UFSC. Florianópolis, 2015. P. 15-21.

CARVALHO, Renata. **O Corpo Transvestigênero O Corpo Travesti - na Arte.** Revista Docência e Cibercultura, v. 3, n. 1. Rio de Janeiro. Jan/Abr. 2019. P. 213.
<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.41816>

COSTA, Pêdra. **The Kuir Sauvage.** Revista Concinnitas, v. 1, n. 28. Rio de Janeiro, 2016. P. 357-358.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Medicina: uma ciência maligna? Debate psicopolítico sobre estereótipos e fatos.** Revista Periódicus UFBA, v. 1, n. 5. 2016. P. 196-197. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17187>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência.** Revista Psico-USF, v. 18, n. 3. Bragança Paulista. 2013. P. 363. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300003>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio.** Revista História Agora. 2013. P. 113.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. **Feminismo Transgênero e movimento de mulheres transexuais.** Revista Cronos. Dossiê Trans-formações em gênero, v. 11. n. 2. 2012. P. 9-13.

LEAL, Dodi. **Iluminação cênica e desobediências de gênero.** Revista Aspas, v. 8, n. 1. 2018. P. 30. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v8i1p24-40>

LEAL, Dodi. **Luzvesti: Iluminação Cênica, Corpomídia e Desobediências de Gênero.** Editora Devires. 2018. P. 21-35.

LEAL, Dodi. **Teatra da Oprimida: Últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero.** CF Artes, Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB. 2019. P. 24 - 26 / 91-93.

LEAL, Dodi. MOSTAZO, João. **A desnaturalização da cisgeneride: impasses e performatividades.** Conferência Internacional SSEX BBOX. São Paulo. 2017. P. 1.

MARTINELLI, Fernanda; QUEIROZ, Taya; ARARUNA, Maria Léo; MOTA Bernardo. **Entre o Cisplay e a Passabilidade: Transfobia e Regulação dos Corpos Trans no Mercado de Trabalho.** Revista Latino Americana de Geografia e Gênero v. 9, n. 2. 2018. P. 360-361. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0019>

MEDEIROS, Ettore; PINHEIRO, Paula; MACEDO, Carolina. **transvestilidades à brasileira, Hábitos e Experiência Colateral: A Semiose que envolve o consumo de Pornografia SHEMALE e os assassinatos de pessoas Travestis e Transexuais.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis. 2017. P. 3-6.

MOMBAÇA, Jota. **Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada.** Revista Concinnitas, v. 1, n. 28. Rio de Janeiro, 2016. P. 344

NOGUEIRA, Sayonara. CABRAL, Euclides. Dossiê: **A carne mais barata do mercado.** Observatório Trans. Uberlândia-MG. 2018 p. 43 - 63.

RAMÍREZ, B. **Colonialidad e cis-normatividade. Entrevista con Viviane Vergueiro.** Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales III. 2014. P. 16.

RODOVALHO, Amara Moira. **O Cis pelo Trans (Cis by Trans).** Revista Estudos Feministas vol. 25 n.1. Florianópolis. Jan/Abr. 2017. P. 365-371.
<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>

TORRES, M. A. **A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas.** Revista Cronos, v. 11, n. 2, 29 nov. 2012. P. 55. – Entrevista de Marina Reidel.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneride como normatividade.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia. 2016. P. 37.

YU, Wendi. **É tudo nosso: Um relato trans a partir de relatos de pessoas trans no youtube.** Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação. Universidade Federal

da Bahia. 2017. P. 10.

❖ PUBLICAÇÕES ONLINE

BAGAGLI, Beatriz. **Sobre o termo Cisgênero, o equívoco da língua e o político na sigla LGBT.** Transfeminismo, 2014. P. 2. Publicação online. Disponível em: https://www.academia.edu/36358984/11._BAGAGLI_Beatriz._Sobre_o_termo_cisg%C3%AAnero_o_equ%C3%ADvoco_da_%C3%ADngua_e_o_pol%C3%ADtico_na_si_gla_LGBT..pdf. Acessado em: 25/05/2020.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. **Dossiê: Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais no Brasil em 2018.** Brasil, 2019. P. 13 e 14. Publicação online. Disponível em: https://drauziovarella.uol.com.br/wp-content/uploads/2019/09/2018_dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf. Acesso em: 19/05/2020.

COSTA, Pêdra. **O Corpo Nu, aqui, é o Corpo Imigrante.** Cena Queer, 2013. Publicação online. Disponível em: <http://cenaqueer.blogspot.com.br/2014/01/o-corpo-nu-aqui-eo-corpo-imigrante.html>. Acesso em 15/05/2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012. P. 16-17. Publicação online. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANCERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 19/05/2020.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um CU mestiço falar?** Medium. Natal, 2015. Publicação online. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 19/05/2020.

VERGUEIRO, Viviane. **De uma renúncia e de resistências trans anticoloniais.** Academia. Edu, 2013. Publicação online. Disponível em: https://www.academia.edu/4716637/De_uma_renuncia_e_de_resistencias_trans_anticoloniais. Acesso em 15/05/2020.

❖ FACEBOOK

ALCÂNTARA, Thais (Thaís Alcântara). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 11 de outubro de 2017. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1408971452553343/>. Acesso em 18/05/2020.

Autora Desconhecida. Publicado por GABRIELLY, Alice (Alice Gabrielly). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 5 de agosto de 2017. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1350095745107581/>. Acesso em 18/05/2020.

BARYKOVA, Priscila (Priscila Barkyova). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 18 de novembro de 2017. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1444125959037892/>. Acesso em 18/05/2020.

DABEE, Cinthia (Cinthia Dabee). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 10 de março de 2016. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/894197337364093/>. Acesso em: 18/05/2020.

KARAM Olga (Olga Karam). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 23 de agosto de 2019. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/2305305502919929/>. Acesso em 18/05/2020.

LOPES, Igor (Igor Lopes). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 8 de outubro de 2019. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/2389056847878127/>. Acesso em 18/05/2020.

MARTINS, Lara (Lara Martins). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 30 de agosto de 2018. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1774898189293999/>. Acesso em 18/05/2020.

MORAES, Gabriela (Gabriela Moraes). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 20 de junho de 2015. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/765448340238994/>. Acesso em 18/05/2020.

OLIVEIRA, Lívia (Lívia Oliveira). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 2 de outubro de 2019. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/2377434469040365/>. Acesso em: 18/05/2020.

OLIVEIRA, Tiffany (Tiffany Oliveira). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 18 de outubro de 2019. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/2408494445934367/>. Acesso em: 18/05/2020.

ROCHA, Emelly (Emelly Rocha). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 21 abr. 2020. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/search/?query=marco%200&epa=SEARCH_BOX. Acesso em 13/05/2020.

RODRIGUES, Gabriel (Gabriel Rodrigues). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 2 de novembro de 2016. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1067623846688107/>. Acesso em: 18/05/2020.²³⁸

SILVA, Lara (Lara Silva). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 4 de março de 2017. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1190616944388796/>. Acesso em: 18/05/2020.

TAYLOR, Bruna (Bruna Taylor). **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 31 de março de 2016. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/910686442381849/>. Acesso em: 18/05/2020.

ZA Lui, (Lui Za) **Grupo Transgêneros e os Hormônios.** Brasil, 13 de outubro de 2017. Facebook: transgêneroshormônios. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgeneroshormonios/permalink/1411248122325676/>. Acesso em: 18/05/2020.

❖ INSTAGRAM

TRAVANÁS, Ariel. @cisfóbica. **Processo colonizador Branco Ocidental.** Instagram. 13 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAIwAi0g0p8/>. Acesso em: 20/05/2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. @instadajaqueline. **15 de Maio: Dia do orgulho de ser Travesti e Transexual.** Instagram. 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAN2t50pHZw/>. Acesso em: 15/05/2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. @instadajaqueline. **As forças policiais durante a Ditadura Militar.** Instagram. 31 de março de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-a69NXJEVt/>. Acesso em: 18/05/2020

❖ CISSTAÇÕES

FUCHS, Angela Maria Silva. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas** / Angela Maria Silva Fuchs, Maira Nani França, Maria Salete de Freitas Pinheiro. – Uberlândia : EDUFU, 2013. 286 p. (Guia para Normalização de Publicações Técnico-Científicas).

LEAL, Mara; DIÉGUEZ, Ileana. **Desmontagens: Processos de pesquisa e criação nas artes da cena**. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro, 2018. P. 11-20.

❖ SITES

_____. **Antes de serem colonizados, índios norte-americanos reconheciam cinco gêneros.** Hypeness, 2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/07/antes-de-serem-colonizados-indios-norte-americanos-reconheciam-cinco-generos>. Acesso em 13/05/2020.

_____. **Bula Natifa (Estradiol) Libbs Farmacêutica Ltda.** Consulta Remédios, 2019. Disponível em: https://docs.google.com/gview?url=https://uploads.consultaremedios.com.br/drug_leaflet/Bula-Natifa-Paciente-Consulta-Remedios.pdf?1589302437&embedded=true. Acesso em: 16/05/2020.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **Cisgênero e Transgênero**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm>. Acesso em 13/05/2020.

CAMPOS, Marcela. **A Arte chocante de Maxwell Rushton: quando moradores de rua tornaram-se banais para nós**. Papo de Homem, 2016. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/maxwell-rushton-left-out-escultura-morador-rua>. Acesso em 14/05/2020.

CARRETERO, Nacho. **“Como esse cara me convenceu de que eu era tonta?” O abuso machista que ninguém parece ver**. El País Brasil, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/15/internacional/1505472042_655999.html. Acesso em: 15/05/2020.

_____. **Em Cima do Salto, Saúde, Educação e Cidadania**. Diretoria de Comunicação Social (DIRCO) UFU - Disponível em: historicodirco.ufu.br/content/“em-cima-do-salto-saude-educação-e-cidadania”-0. Acesso em 13/05/2020.

GONÇALVES, Fabiana Santos. **Testosterona**. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/hormônios/testosterona/>. Acesso em 13/05/2020.

_____. **Mansplaining, Manterrumping e Gaslighting. O que é? Onde vivem? Como se reproduzem?** EngajaMundo, 2017. Disponível em:

<https://www.engajamundo.org/2017/12/05/manerrupting-mansplaining-gaslighting-o-que-e-onde-vivem-como-se-reproduzem/>. Acesso em: 15/05/2020.

_____. **Manual de Comunicação LGBT.** Unaids, 2015.

Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em 13/05/2020.

MENA, Isabela. **Verbete Draft Feminismo nos negócios. O que é Bropriating?** Projeto Draft, 2017. Disponível em: <https://www.projetodraft.com/verbete-draft-feminismo-nos-negocios-o-que-e-bropriating/>. Acesso em: 15/05/2020.

_____. **Medicamentos com Estradiol.** Consulta Remédios, 2020. Disponível em: <https://consultaremedios.com.br/b/medicamentos-com-estradiol>. Acesso em 14/05/2020

_____. **OMS retira identidades Trans e Travestis do CID-11.** Nlucon. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2018/05/oms-retira-identidades-trans-e-travesti.html>. Acesso em 22/08/2019.

REIF, Laura. **Macho Palestrinha: Entenda o que é Mansplaining e Manerrupting.** AzMina, 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mansplaining-e-manerrupting-o-que-e-e-de-onde-vem-os-termos/>. Acesso em 15/05/2020.

RIBEIRO, Ana. **Ser enterrada como homem é história que se repete entre as Transexuais.** Igay, 2014. Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2014-11-27/ser-enterrada-como-homem-e-historia-que-se-repete-entre-as-transexuais.html>. Acesso em: 20/05/2020.

SANTOS, Ana Beatriz Ruppelt dos. **Guia da Terapia Hormonal para Pessoas Trans.** Medium, 2019. Disponível em: <https://medium.com/@coletivonb/guia-da-terapia-hormonal-para-pessoas-trans-cd5754fbc496>. Acesso em 14/05/2020

SANTOS, Helivania Sardinha dos. **Testosterona.** BiologiaNet. Disponível em: <https://www.biologianet.com/anatomia-fisiologia-animal/testosterona.htm>. Acesso em 13/05/2020.

_____. **Sistema de Cotas na pós-graduação é aprovado na UFBA.** UFBA, 2017. Disponível em: https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/sistema-de-cotas-na-p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-aprovado-na-ufba. Acesso em 15/05/2020.

STEIN, Thaís. **Mansplaining.** Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/mansplaining/>. Acesso em 15/05/2020.

_____. **Transexualidade.** Wikipédia, a Enciclopédia Livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Transexualidade&oldid=57850467>. Acesso

em 13/05/2020.

❖ YOUTUBE

HUNTY, Rita Von. **Ai, não acredito!** Vídeo (10:58 min). Publicado pelo canal Tempero Drag. Disponível em:
https://www.youtube.com/results?search_query=ai+n%C3%A3o+acredito+tempero+drag. Acesso em 10/05/2020.

APÊNDICES

❖ 2.3 – A PORRA. (ENTREVISTAS)

❖ ENTREVISTADA 1

1. Você já sofreu Transfobia?

Sim, com certeza! Todos os dias.

1.1 Caso se sinta à vontade, relate suas experiências em relação à Transfobia.

Quando eu vou no supermercado, quando eu vou em qualquer lugar, andando na rua. Em todos os sentidos. Já fui demitida de trabalhos, de bicos, por causa disso. Fui demitida de uma escola porque os alunos “reclamaram”, os pais “reclamaram”... dentro da própria universidade enquanto eu fazia mestrado. Em todos os lugares. A gente sente a transfobia em todos os lugares.

2. De acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), os assassinatos de mulheres trans e travestis aumentaram em 49% com o isolamento social. Em maio de 2020, o Brasil já contabiliza 65 assassinatos de mulheres trans e travestis. No mesmo período, tivemos ainda 12 suicídios, 22 tentativas de homicídio e 21 violações de direitos humanos⁷⁸ de pessoas trans e travestis. Considerando essas estatísticas, a partir de sua perspectiva, é possível afirmar que uma parcela da população cultiva e reserva para pessoas trans sentimentos como ódio, nojo/repulsa ou mesmo a ridicularização de nossos corpos?

Sim, completamente. O processo social referente às pessoas trans, mulheres trans principalmente, é perverso. Eu acho que existe sim um ódio, existe sim uma máscara que a sociedade usa e existem sim sentimentos repulsivos. A gente sabe que mesmo quando as pessoas, meio que “respeitam” o nome social da gente - nome social não, o nome da gente! – nossa existência e tal, a gente sabe que aquilo ali vem de um processo da boca. A gente não sabe como é que está dentro do coração. Então assim, são pessoas que respeitam um nome, respeitam um gênero, respeitam a forma de

⁷⁸ Os dados referentes aos assassinatos de mulheres trans e travestis, suicídios, tentativas de homicídio e violações dos direitos humanos de pessoas trans/travestis, foram retiradas do site oficial da ANTRA e do Catraca Livre. Os links encontram-se nas referências bibliográficas.

tratamento, mas jamais se relacionariam com você, jamais te empregariam, jamais... sabe? Então com certeza eu acho que existe ódio e repulsa. Talvez o ódio seja menor em algumas pessoas, existe apenas uma repulsa, eu acho que isso pode variar de pessoa pra pessoa, mas com certeza, existe.

2.1 A partir de sua experiência, qual(is) o(s) motivo(s) para que pessoas trans sejam odiadas, ridicularizadas e provoquem repulsa/nojo em algumas pessoas na sociedade?

É muito complexo pensar um motivo que leva as pessoas a odiarem pessoas trans. Eu acho que existe um “cistema” que opera contra corpos trans, sabe? Contra corpos que estejam fora do padrão. Eu acho que a sociedade em si, ela opera nesse sentido de normatizar e enquadrar corpos, gêneros, sexualidade, ela quer o tempo inteiro estabelecer padrões e existe uma padronização e uma formação política, social e econômica em torno disso. Eu não sei ao certo o motivo que leva as pessoas a odiarem corpos trans e a repulsarem corpos trans, mas eu sei que existe um “cistema” que opera em cima disso e que incentiva/fomenta esse tipo de discurso e essa violência à corpos que não se enquadram nesse padrão.

3. Você sente medo de ser agredida, estuprada e/ou assassinada quando sai de casa?

Sim. Em todos os momentos.

3.1 Você poderia comentar sobre essa sua sensação?

É óbvio que chegam alguns momentos, em que a gente meio que se acostuma a certos roteiros, né? Eu sou uma pessoa que anda muito a pé. Eu evito... quase nunca pego transporte público. Se eu tenho a possibilidade de chegar em outro bairro a pé, ir e voltar, eu vou. Até porque eu gosto de fazer isso. Eu percebi que eu mudei muito depois da minha transição, nesse processo, eu continuo fazendo esses caminhos, mas só durante o dia, eu tenho medo de fazer durante a noite, por exemplo. Existem determinados lugares que eu fico sempre pensando, sempre me pego pensando: Nossa, eu nunca estive em tal lugar, eu não sei como é que eu vou ser recebida, eu não sei como eu vou ser olhada e eu não sei se eu vou conseguir sair desse lugar. Aí eu acho que existem esses roteiros, que a gente sempre vai, padaria, farmácia, ou senão, no Umuarama, no centro, no Santa Mônica (bairros da cidade de Uberlândia) que são roteiros que a gente sempre faz, então a gente acaba ganhando uma

confiança de andar por aquele espaço, mas eu sempre me preocupo sim. Quando eu vou viajar, por exemplo, pra fora da cidade, pra uma outra cidade, eu fico pensando: Nossa, será que eu vou conseguir voltar viva? Senti muito esse medo quando eu fui pra São Paulo, eu ficava morrendo de medo de levar uma “lampadada” na cara. E é incrível como esse processo de violência, é Sul e Sudeste. Quando eu vou pro Nordeste eu me sinto mais aliviada, quando eu vou pra Salvador eu me sinto... é a minha terra natal também, né? Eu tive um pouco de medo quando eu fui pela primeira vez depois da minha transição, mas eu me senti muito à vontade, muito pelo contrário, eu não sentia medo de andar em espaço nenhum, eu me sentia, inclusive, ótima! Eu me sentia uma celebridade em Salvador, porque os homens mexem com as mulheres lá, de uma maneira muito forte. E os homens não me deixavam em paz! Não é uma ameaça, em alguns momentos eu ficava assim: SAI! – porque eles chegam tocando mesmo, mas eu não me sentia ameaçada, eu me sentia uma deusa lá. É bem diferente esse processo do nordeste pro Sudeste, no Sudeste eu tenho muito medo.

4. Você percebe algum tipo de transfobia e/ou violência em relação às pessoas trans no contexto universitário?

O lugar que eu mais percebo transfobia e violência é no contexto universitário e é descarada e mais perversa, porque ela é institucional, ela é entre colegas, entre pares, entre professores... o que é terrível. O ambiente institucional é muito tóxico, as pessoas acham que... se sentem no direito de entrar na sua existência, na sua vida e dizer o que elas pensam e reproduzir uma série de violências e discursos. E ainda se acham no direito de ter um discurso intelectual e ser mais que você. Seja ela, um professor, um mestre um doutor. Eu acho que o ambiente universitário, institucional, é um dos mais tóxicos que eu já vivi.

4.1 A sua relação com a sociedade se modificou, depois que você passou a ocupar o ambiente universitário?

Sim, me modificou muito, porque tipo assim... Eu vou contar uma história agora: O meu processo de transição foi no meio da universidade. Eu já tinha entrado na universidade, mas primeiramente, minha convivência modificou e minha relação com a sociedade modificou depois que eu entrei na universidade porque até eu entrar na universidade, eu era evangélica. Eu venho de Salvador pra Belo Horizonte, pra Santa Luzia pra fazer um curso dentro de uma igreja evangélica, aí eu fiz 2010, 2011 e em

2012 eu vim pra Uberlândia pra tentar fazer vestibular e aí como eu estava desgostosa, já não me sentia... já não me encaixava naquele espaço, eu queria sair da igreja, mas ainda fiquei em 2012 aqui em Uberlândia indo numa igreja e foi aí que eu percebi que realmente eu não era daquele ambiente. Quando eu entrei na universidade, eu queria expurgar, eu queria sair daquela vivência. Eu nasci na igreja, gente, eu nasci e passei 21 anos da minha vida trancada dentro da igreja evangélica, então eu não tive outro tipo de vivência, eu não tive nem chances de viver outra coisa. Então, quando entrei na universidade, eu queria beber, eu queria ir pra festas, eu queria me relacionar de uma outra maneira. Libertar aquela pessoa que tinha dentro de mim. A partir do momento que entro na universidade - isso já muda – que pra mim era um paraíso, mas eu sofria muitas coisas que eu não entendia o porquê, e eu não sabia. Eu reproduzia piadas machistas, transfóbicas, LGBQfóbicas, misóginas... eu era podre quando entrei na universidade. Podre! E aí eu vivi aquele processo, só que é um processo também... que eu falo que a universidade é um ambiente tóxico, mas em contrapartida também é um ambiente muito político, onde se discute muito sobre essa política. E aí, eu comecei a desconstruir, quando entrei na universidade passei a ter contato com gênero, na verdade, antes de entrar na universidade, tive um cursono seminário, inclusive, sobre gênero e sexualidade que eles lascaram um pau na Judith Butler e na Simone de Beauvoir, etc... e aí, me despertou já naquela época o interesse em trabalhar com isso, mas eu não tinha coragem eu não sabia de onde abordar e quando eu entrei na universidade, comecei a estudar especificamente, o gênero e a sexualidade e comecei a descobrir muitas coisas sobre mim e me libertare libertar meu corpo e a partir do momento que eu passo pela transição, que foi num momento muito conturbado da minha vida, foi já no mestrado, na entrada do mestrado, eu fiz a graduação inteira passando por processos no meu gênero e na minha sexualidade e quando eu me entendi como um corpo trans, que tudo fez sentido, aí eu comecei a entender todas as coisas que eu sofria na universidade e eu não entendia da onde vinha. Eu comecei a entender o que era racismo e eu já sofria racismo e transfobia antes desses processos estarem consolidados, mas eu não sabia que eram. E aí, quando eu me entendi como corpo trans, que a ficha caiu, que tudocaiu. Eu falei assim: Nossa, agora eu entendi quem eu sou, sabe? As cortinas, eu falo que as cortinas rosa e azul caem, né? A gente fala assim: Nossa, eu era travesti desde pequena, gente. Eu era uma mulher trans desde pequena. Desde pequena eu brincava com as minhas primas e colocava uma fronha no meu cabelo, porque eu era a única que não tinha

cabelo grande e eu queria... eu colocava saia, eu fazia... eu performava quando os meus pais não estavam em casa, eu era a diva do pop, então tipo assim, a minha convivência com... aí nesse processo de me reconhecer como corpo trans na universidade, modificou mais ainda a minha convivência com asociedade, porque aí eu começo a entender esses papéis políticos e de representação que eu preciso trazer isso pra minha arte e que eu preciso falar sobre isso porque é a minha vida. Na verdade, as pessoas falam assim: Ain, você milita! – Eu não estou militando, eu estou falando da minha vida. É óbvio que a militância é uma coisa que acontece. As pessoas acham que o discurso político é só pra militância, mas eu acho que no corpo trans, é vivência. A gente está falando da vida da gente. A gente tá falando do dia-a-dia e não tem como falar de outra coisa. Então eu preciso viver isso e eu preciso falar sobre isso na minha arte. Eu acho que teve muito mais peso na minha arte também, nas minhas considerações.

ENTREVISTA

❖ ENTREVISTADA 2

1. Você já sofreu Transfobia?

Sim. Nunca me agrediram fisicamente. Se bem que toda ofensa é sentida pelo coração, então não deixa de ser física. Já ouviu falar que muitas doenças do corpo são desencadeadas por sentimentos? Pois é. Sofro muito por transfobia velada. Como sou uma mulher trans "passável" acredito que isso me poupa de muitos desconfortos. A transfobia que mais sofro são em relacionamentos afetivos. Os homens cis héteros em sua maioria não estão preparados pra assumir vínculos com mulheres trans. E machuca muito essa transfobia afetiva.

1.1 Caso se sinta à vontade, relate suas experiências em relação à Transfobia.

Como eu disse, foram transfobias afetivas. Meu primeiro namorado vivi numa relação escondida. Isso há 10 anos atrás. Naquela época eu me permitia ser agredida, pois a sociedade era muito retrógrada e não tinha a militância que possuímos hoje. A agressão que eu falo é a de ter esse relacionamento totalmente escondido, que se visse esse namorado na rua fingíamos que não nos conhecíamos. Pois as pessoas não podiam vê-lo comigo, afinal na cabeça da grande parte social trans e travestis são homens vestidos de mulheres. Logo ele seria "bicha". Outras vezes senti interesse em outros caras e sentia que era recíproco, mas como sempre a repulsa e o medo da sociedade os fizeram sabotar a possibilidade de um afeto.

2. De acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), os assassinatos de mulheres trans e travestis aumentaram em 49% com o isolamento social. Em maio de 2020, o Brasil já contabiliza 65 assassinatos de mulheres trans e travestis. No mesmo período, tivemos ainda 12 suicídios, 22 tentativas de homicídio e 21 violações de direitos humanos⁷⁹ de pessoas trans e travestis. Considerando essas estatísticas, a partir de sua perspectiva, é possível afirmar que uma parcela da população cultiva e reserva para pessoas trans sentimentos como ódio, nojo/repulsa

⁷⁹ Os dados referentes aos assassinatos de mulheres trans e travestis, suicídios, tentativas de homicídio e violações dos direitos humanos de pessoas trans/travestis, foram retiradas do site oficial da ANTRA e do Catraca Livre. Os links encontram-se nas referências bibliográficas.

ou mesmo a ridicularização de nossos corpos?

Claro, reservam.

2.1 A partir de sua experiência, qual(is) o(s) motivo(s) para que pessoas trans sejam odiadas, ridicularizadas e provoquem repulsa/nojo em algumas pessoas na sociedade?

É um emaranhado de coisas. Desde o cristianismo Adão e Eva até desejos reprimidos, recalcamento da transexualidade em sua força natural/inata, falta de sensibilidade, alienação cultural, molde social normativo e o consentimento dessas pessoas em acredita-lo, escrotice inata (a pessoa nasceu escrota e assim vai morrer, mesmo com toda a informação e afirmações do mundo. Ela gosta de ser escrota e vela os fatos, pois de alguma forma isso agride sua integridade normativa), inveja da nossa potencialidade em transicionar e operar transformações no mundo e inveja da nossa aparência também (mulheres cis machistas e auto misóginas vivendo na eterna competição criada pela hierarquia do macho, onde seu único papel é ser a mais linda, gostosa, submissa e burra), falta de tato e de potencial psicológico pra poder ir além de pinto e buceta, destruindo a falácia que é generalizar e definir gênero por simples órgãos. Cristianismo, biologia ensinada de forma ultrapassada, cultura, cinema, novelas, Hollywood, padrões, casaizinhos cis héteros, contos de fadas, promessas sociais e aceitação do mundo retrógrado. Pessoas transfóbicas são e estão totalmente intrincadas na sua própria fisiologia humana que não os permitem elevar. Seus genes não formulam. A heterossexualidade cis normativa é burra.

3. Você sente medo de ser agredida, estuprada e/ou assassinada quando sai de casa?

Não, só tenho medo de ser assaltada.

3.1 Você poderia comentar sobre essa sua sensação?

Acredito que existe um medo maior morando em grandes cidades, metrópoles. Morar em Araguari me dá uma certa segurança sobre isso. Também sou muito caseira e estratégica. A noite, como é mais perigosa, não saio a pé. E se saio a pé tenho companhia. Meu medo não está vinculado a transfobia. Mas sim a maldade humana que pode ferir qualquer pessoa vulnerável numa rua escura e deserta.

4. Você percebe algum tipo de transfobia e/ou violência em relação às pessoas trans

no contexto universitário?

Sim. Essa ilusão de que universitário é gente massa e desconstruída já caiu por terra. É tanta gente pseudo intelectual no ambiente acadêmico que começa a ficar difícil a convivência. Sou aluna do curso de biologia da UFU, e mesmo com meu enorme carisma sagitariano, me pego notando a cultura cis normativa até mesmo nas pessoas que parecem as mais legais. Um homossexual no curso é mil vezes mais entendível que uma pessoa transvestigênere. Falta de conhecimento total, baseados em premissas culturais da marginalização e hipersexualização de nossos corpos. O espanto é grande pra muitos. Ver a gente ali ocupando aquele espaço. E eu fico pensando comigo mesma: "que que esse povo acha que a gente é? Que só pensamos em sexo? Não bem, perae que vou te mostrar da onde eu vim, caralho!" Kkk. Muitos até tentam entender uma coisa que nem deveria ser tão polêmica ali. Outros são só escrotos mesmos. Transfobia é crime. Talvez seja mais sutil no âmbito acadêmico devido a isso. E as festas do CC? Ali sim as transfobias afetivas e anulação dos nossos corpos gritam. Eu nem ligo, "de gente burra só quero vaias", como dizia Nelson Rodrigues.

4.1 A sua relação com a sociedade se modificou, depois que você passou a ocupar o ambiente universitário?

Sim, na sociedade capitalista valemos o que temos. Estar na faculdade traz uma roupagem diferenciada pra nós. É como se estando ali (pra sociedade crítica e interesseira) estamos pensando no nosso bem estar financeiro, na nossa evolução pessoal e social. Dá aos outros a sensação de que somos de respeito. É bom saber que nos mostramos mais empoderadas estudando. Porque realmente estamos. Estar na faculdade me trouxe contatos incríveis (como você Marina), pensamentos grandiosos, embates transformadores, visão de um futuro, coisa que pra nós era totalmente utópico afinal a maioria da população trans não passa dos 40. Eu gosto de estar ali. Estudar é algo prazeroso pra mim.

ENTREVISTA

❖ ENTREVISTADA 3

1. Você já sofreu Transfobia?

Sim, mulher! Com certeza. Se eu tenho uma certeza nessa vida, é de que eu vou sofrer transfobia alguma hora do dia.

1.1 Caso se sinta à vontade, relate suas experiências em relação à Transfobia.

Então, transfobia é uma coisa muito comum na vida de travestis, né? O preconceito. As pessoas são preconceituosas, são más, não dá pra sair confiando em todo mundo. Pra sofrer transfobia não precisa nem sair de casa. Eu sou de família evangélica e minha realidade era essa. Preconceito dentro de casa. Meus pais não me aceitavam de jeito nenhum! Agora as coisas já estão mais leves e a gente se dá um pouco melhor.

2. De acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), os assassinatos de mulheres trans e travestis aumentaram em 49% com o isolamento social. Em maio de 2020, o Brasil já contabiliza 65 assassinatos de mulheres trans e travestis. No mesmo período, tivemos ainda 12 suicídios, 22 tentativas de homicídio e 21 violações de direitos humanos⁸⁰ de pessoas trans e travestis. Considerando essas estatísticas, a partir de sua perspectiva, é possível afirmar que uma parcela da população cultiva e reserva para pessoas trans sentimentos como ódio, nojo/repulsa ou mesmo a ridicularização de nossos corpos?

Claro, mana! Com certeza!! Eu acho que as pessoas tem ódio, nojo, elas ridicularizam a gente e elas tem também inveja.

2.1 A partir de sua experiência, qual(is) o(s) motivo(s) para que pessoas trans sejam odiadas, ridicularizadas e provoquem repulsa/nojo em algumas pessoas na sociedade?

Inveja, eu acho. As pessoas têm inveja da nossa liberdade. Elas têm inveja da nossa

⁸⁰ Os dados referentes aos assassinatos de mulheres trans e travestis, suicídios, tentativas de homicídio e violações dos direitos humanos de pessoas trans/travestis, foram retiradas do site oficial da ANTRA e do Catraca Livre. Os links encontram-se nas referências bibliográficas.

coragem de dar a cara a tapa, de botar a cara no sol, de enfrentar a sociedade e quem for preciso pra ser feliz, pra ser quem a gente é. Acho também que o cristianismo tem um peso grande nisso tudo. O povo reproduz pensamentos burros e condenam a gente. E acho também que um desses motivos é a maneira como a gente é vista, como a gente é representada pra sociedade. Não temos visibilidade nenhuma e quando a gente tem, é tudo deturpado.

3. Você sente medo de ser agredida, estuprada e/ou assassinada quando sai de casa?

Sim, nunca fui roubada na rua e nem estuprada, nem nada disso, mas o medo fica na gente né? Porque mulher é totalmente estigmatizada quando tá na rua.

3.1 Você poderia comentar sobre essa sua sensação?

Nunca aconteceu nada comigo, mas eu sempre fico com essa paranóia que vai acontecer, então quando saio costumo pedir um uber, o que também é perigoso do mesmo jeito, porque você entra no carro de um estranho. Mas mesmo assim me sinto mais protegida. Por mais que eu tenha um corpo trans, não tenho hormônios masculinos mais, não consigo medir forças contra um homem, não é uma luta justa. A gente é mulher, não consegue competir com a força de um homem.

4. Você percebe algum tipo de transfobia e/ou violência em relação às pessoas trans no contexto universitário?

Sim, totalmente. A universidade é transfóbica, os professores são transfóbicos e burros, nem sabem o que é transexualidade e como lidar com uma aluna trans. Não que a gente mereça tratamento especial, mas a gente merece o mínimo... respeito! Os alunos, “colegas” de classe são um monte de pau no cu, são preconceituosos, são elitistas, racistas. Um bando de filhinhos de papai que querem formar panelinhas apenas com os que são iguais a eles. Foi muito difícil minha passagem pela universidade. Fui muito amiga de algumas meninas cis e de alguns meninos gays, mas me sentia muito sozinha.

4.1 A sua relação com a sociedade se modificou, depois que você passou a ocupar o ambiente universitário?

Mudou demais. Eu entrei na universidade já um pouco desconstruída, porque sou de cidade pequena e tinha um grupo de amigos que eram os “descolados”. Eu também

era descolada, emo, fumava maconha e me interessava por um monte de assuntos, pesquisava nas lan houses sobre transexualidade. Eu naturalmente já tentava ser uma pessoa pra frente do meu tempo e aí quando entrei na universidade foi um abraço! Entrei pros movimentos sociais, movimentos políticos, fiz disciplinas em vários cursos e troquei com muita gente interessante... nem todo mundo era transfóbico. Aprendi muito e aproveitei ao máximo as portas que a universidade abriu pra mim. Me desconstruí muito mais do que eu já era e passei a ser ativista, artivista. Corrijo as pessoas, tento ensinar na medida do possível. Sou outra depois que me formei.

ANEXOS

❖ 1.1 – TRÊS TRAVESTIS



Fotos dos ensaios da performance Três Travestis, que aconteciam dentro do antigo Restaurante Universitário da UFU. (Fotos: Arquivo pessoal).



Da esquerda para direita: Camila (vestida de preto), Fernanda (no meio) e Marina (eu).

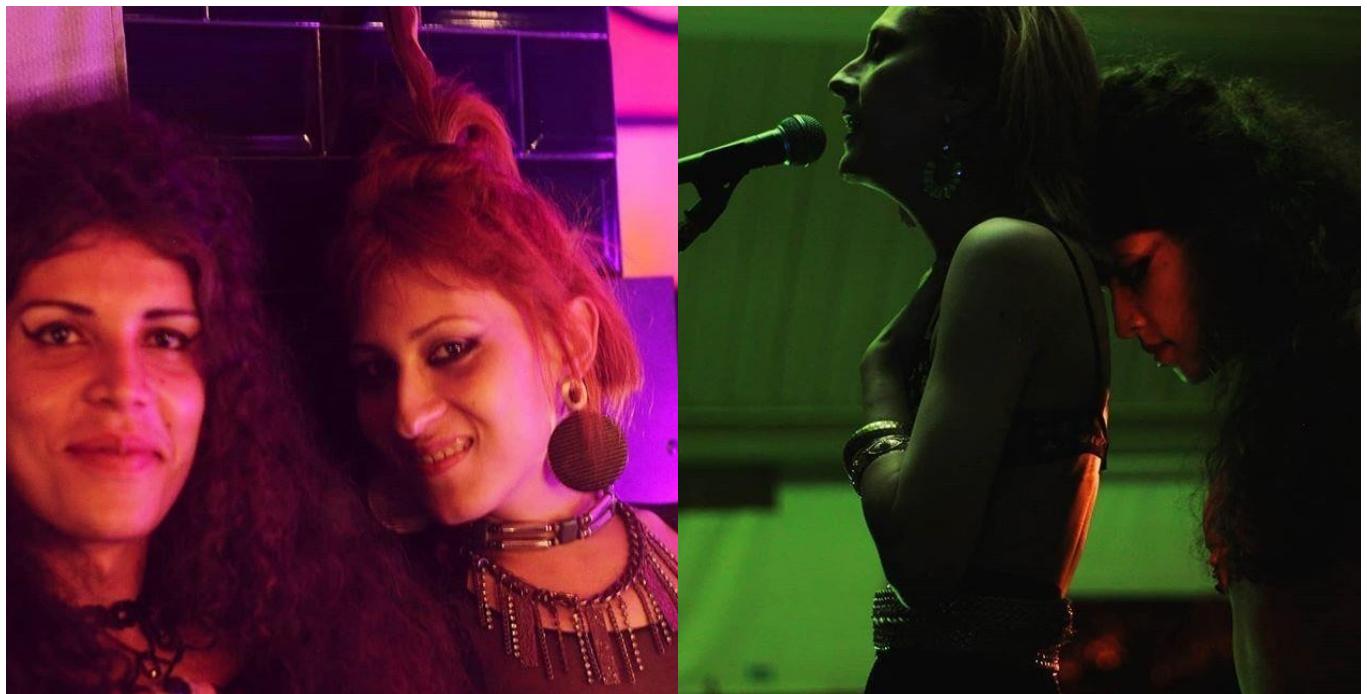


Fernanda de costas com uma camisola azul, na primeira apresentação de Três Travestis, na UFU.

❖ 1.2 – TRANSVIADAS



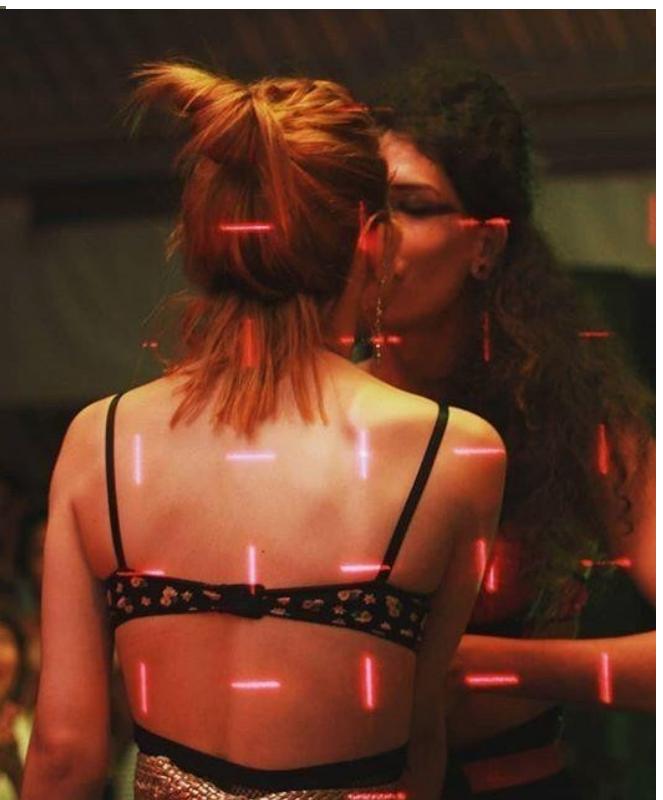
Andressa e Marina (eu) ensaiando minhas canções autorais na sua casa, no quartinho com dois pianos. (Foto/vídeo retirada do meu arquivo pessoal).



EU e Naessa, as Transviadas. (Fotos: Vinícius Souto e Thiago Crepaldi).



Shows da banda *TRANSVIADAS* no APIÁ e no Bloco 3M, o bloco do Teatro da UFU.



Shows do Dia Internacional da Mulher e no CC (Centro de Convivência) da UFU.
(Fotos: Arquivo pessoal).

❖ 2.1 – O SACO



Apresentação da peça teatral *Transgênica*, no Graça do Aché (UFU), Festival BAFRO.
(Fotos: Rubia Bernasci e Lucas Orsini).





Apresentação da Peça Teatral TRANSGÊNICA “SÓ PARA BAIXINHOS!”, na UFU.
(Foto: Arquivo pessoal)

❖ 2.2 – O PAU

Transgênica segurando o PAU no Festival BAFRO. (Fotos: Rubia Bernasci e Lucas Orsini).



Apresentação da peça teatral *Transgênica na Trupe de Truões* em Uberlândia. (Foto: Leandro Alves).

❖ 3.1 – CACTUS



Performance CACTUS. (Fotos: Anderson Ued).



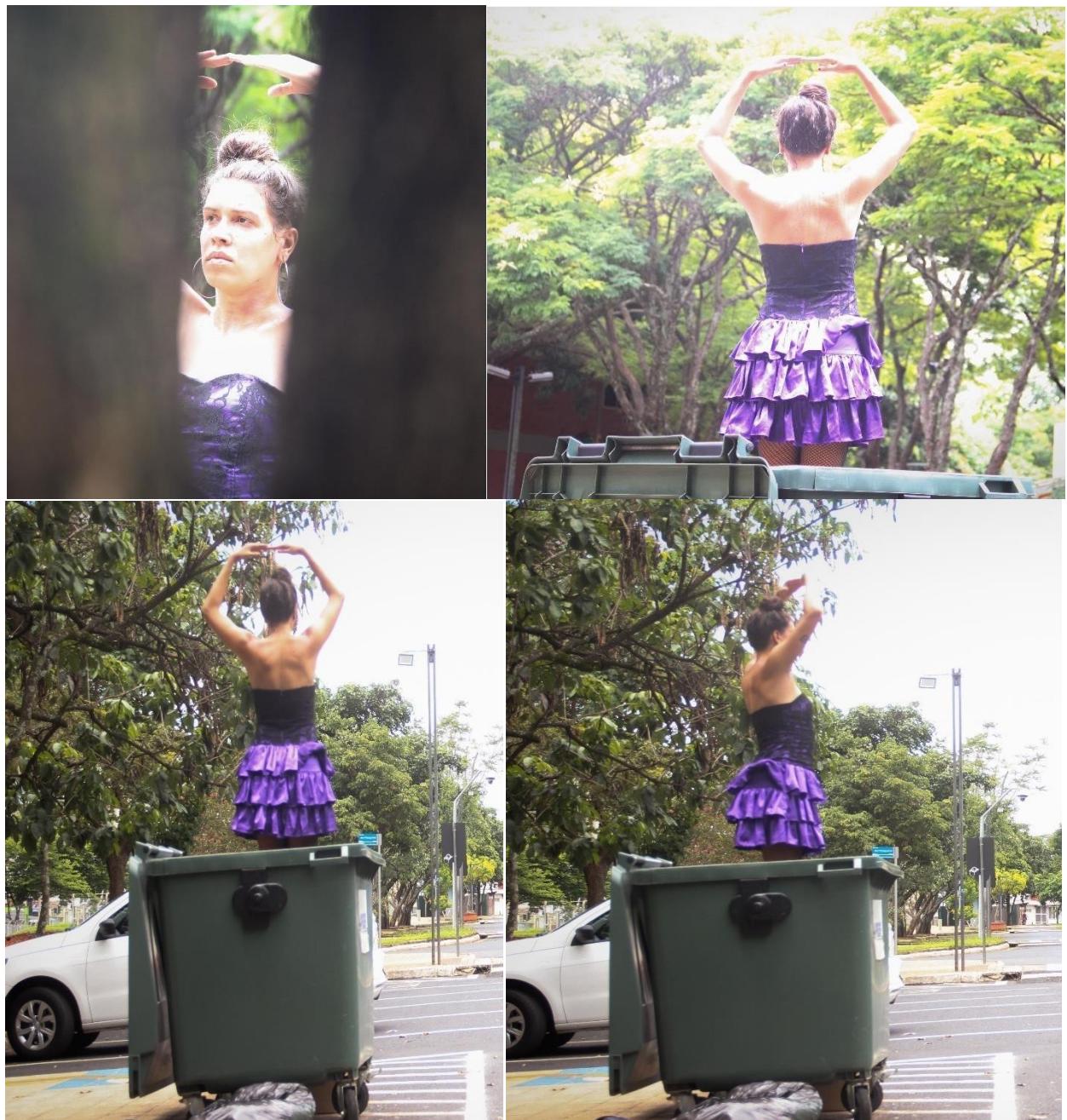
TODO DIA UMA TRAVESTI É ASSASSINADA.



TODO DIA UM USUÁRIO DE CRACK É MORTO OU SE MATA



PERFORMANCE CACTUS E LATA. (Fotos: Hallan Yêva e Gilberto Borges).

❖ 3.2 – BALÉ DE LIXO

Performance BALÉ DE LIXO. (Fotos: Luciano Pacchioni).

❖ 3.3 – STAND UP



De cima para baixo: PALHAÇA TRAVESTI e FREIRA. Apresentação de Stand Up em São Paulo, no Festival Satyrianas 2018. (Fotos: Rubia Bernasci).



Minha Certidão de Nascimento retificada. (Foto: Arquivo Pessoal).



PERFORMANCE STAND UP: PALHAÇA TRAVESTI e POLÍTICA. (Fotos: Rubia Bernasci).